

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório Profissional de Estágio

Ana Rita Rodrigues Martins Santos Filipe

Lisboa, agosto de 2012

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório Profissional de Estágio

Ana Rita Rodrigues Martins Santos Filipe

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação do Professor Doutor José Maria de Almeida

Lisboa, Agosto de 2012

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório Profissional de Estágio

Ana Rita Rodrigues Martins Santos Filipe

Lisboa, agosto de 2012

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório Profissional de Estágio

Ana Rita Rodrigues Martins Santos Filipe

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação do Professor Doutor José Maria de Almeida

Lisboa, Agosto de 2012



Escola Superior de Educação João de Deus

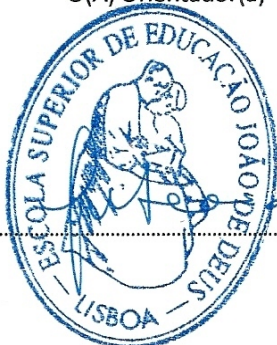
Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a) Jose Nave de Almeida,
tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a)
licenciado(a) Ame Rita Rodrigues Martins Saeto
40-12
realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) Educação Pré-
Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico considero que se trata
de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respectivo
Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 03 de agosto de 20 12

O(A) Orientador(a)



Agradecimentos

Índice Geral

Índice de Quadros.....	IX
------------------------	----

Índice de Figuras	X
-------------------------	---

Introdução	3
------------------	---

1. Identificação do local de estágio.....	3
2. Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional.....	4
3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional	4
4. Identificação do grupo de estágio profissional	5
5. Metodologia utilizada.....	5
6. Pertinência do estágio profissional	6
7. Cronograma do estágio profissional	7

CAPÍTULO 1 – Relatos diários

Descrição do capítulo.....	10
1.1. 1. ^a Secção – Bibe Encarnado.....	10
1.1.1. Caracterização da turma	10
1.1.2. Caracterização do espaço.....	10
1.1.3. Horário	11
1.1.4. Rotinas.....	11
1.1.5. Relatos e fundamentação teórica.....	13
1.2. 2. ^a Secção – Bibe Azul.....	22
1.2.1. Caracterização da turma	22
1.2.2. Caracterização do espaço.....	22
1.2.3. Horário	23
1.2.4. Rotinas.....	23
1.2.5. Relatos e fundamentação teórica.....	24
1.3. 3. ^a Secção – Bibe Amarelo.....	35
1.3.1. Caracterização da turma	35
1.3.2. Caracterização do espaço.....	36
1.3.3. Horário	37

1.3.4. Rotinas.....	37
1.3.5. Relatos e fundamentação teórica.....	38
1.4. 4. ^a Secção – Estágio Intensivo.....	47
1.4.1. Relatos e fundamentação teórica.....	48
1.5. 5. ^a Secção – 2.º Ano	49
1.5.1. Caracterização da turma	49
1.5.2. Caracterização do espaço.....	49
1.5.3. Horário	50
1.5.4. Rotinas.....	50
1.5.5. Relatos e fundamentação teórica.....	51
1.6. 6. ^a Secção – 1.º Ano	62
1.6.1. Caracterização da turma	62
1.6.2. Caracterização do espaço.....	62
1.6.3. Horário	63
1.6.4. Rotinas.....	63
1.6.5. Relatos e fundamentação teórica.....	64
1.7. 7. ^a Secção – 2.º Ano	74
1.7.1. Caracterização da turma	74
1.7.2. Caracterização do espaço.....	74
1.7.3. Horário	75
1.7.4. Rotinas.....	76
1.7.5. Relatos e fundamentação teórica.....	76
1.8. 8. ^a Secção – 4.º Ano	87
1.8.1. Caracterização da turma	87
1.8.2. Caracterização do espaço.....	87
1.8.3. Horário	88
1.8.4. Rotinas.....	88
1.8.5. Relatos e fundamentação teórica.....	88

CAPITULO 2 – Planificações

Descrição do capítulo.....	103
2.1. Fundamentação teórica.....	103
2.2. Planificações em quadro do Pré-Escolar.....	107
2.2.1. Planificação da área de Conhecimento do Mundo	107

2.2.2. Planificação do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	110
2.3. Planificações em quadro do 1.º Ciclo	112
2.3.1. Planificação da área curricular de Estudo do Meio	112
2.3.2. Planificação da área curricular de Matemática	114

CAPITULO 3 – Dispositivos de Avaliação

Descrição do capítulo.....	119
3.1. Fundamentação teórica.....	119
3.2. Dispositivo de avaliação da área de Conhecimento do Mundo.....	123
3.2.1. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	123
3.2.2. Grelha de critérios e cotações.....	123
3.2.3. Grelha de avaliação da atividade n.º 1	124
3.2.4. Descrição da grelha de avaliação	125
3.2.5. Apresentação dos resultados da atividade n.º 1 em gráfico	125
3.2.6. Análise do gráfico.....	125
3.3. Dispositivo de avaliação da área de Domínio da Matemática.....	126
3.3.1. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	126
3.3.2. Grelha de critérios e cotações.....	127
3.3.3. Grelha de avaliação da atividade n.º 2	128
3.3.4. Descrição da grelha de avaliação	129
3.3.5. Apresentação dos resultados da atividade n.º 2 em gráfico	129
3.3.6. Análise do gráfico.....	130
3.4. Dispositivo de avaliação da área de Língua Portuguesa	130
3.4.1. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	130
3.4.2. Grelha de critérios e cotações.....	131
3.4.3. Grelha de avaliação da atividade n.º 3	132
3.4.4. Descrição da grelha de avaliação	132
3.4.5. Apresentação dos resultados da atividade n.º 3 em gráfico	132
3.4.6. Análise do gráfico.....	134
3.5. Dispositivo de avaliação da área de Matemática	134
3.5.1. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	134
3.5.2. Grelha de critérios e cotações.....	136
3.5.3. Grelha de avaliação da atividade n.º 4	137
3.5.4. Descrição da grelha de avaliação	137

3.5.5.	Apresentação dos resultados da atividade n.º 4 em gráfico	138
3.5.6.	Análise do gráfico.....	138
Reflexão Final		139
1.	Considerações finais	141
2.	Limitações	142
3.	Novas Pesquisas.....	142
Referências bibliográficas		143
Anexos.....		151
Anexo A – Proposta de trabalho de Conhecimento do Mundo		153
Anexo B – Proposta de trabalho do Domínio da Matemática		155
Anexo C – Proposta de trabalho de Língua Portuguesa		157
Anexo D – Proposta de trabalho de Matemática		159

Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronogramas do estágio	7
Quadro 2 – Horário do Bibe Encarnado A	11
Quadro 3 – Horário do Bibe Azul A	23
Quadro 4 – Horário do Bibe Amarelo A	37
Quadro 5 – Horário do 2.º Ano A	50
Quadro 6 – Horário do 1.º Ano B	63
Quadro 7 – Horário do 2.º Ano A	75
Quadro 8 – Horário do 4.º Ano A	88
Quadro 9 – Planificação baseada no modelo T	106
Quadro 10 – Planificação da área de Conhecimento do Mundo	107
Quadro 11 – Planificação da área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	110
Quadro 12 – Planificação da área de Estudo do Meio	112
Quadro 13 – Planificação da área de Matemática	114
Quadro 14 – Escala de avaliação	122
Quadro 15 – Grelha de critérios e cotações da atividade n.º 1	123
Quadro 16 – Grelha de avaliação da atividade n.º 1	124
Quadro 17 – Grelha de critérios e cotações da atividade n.º 2	127
Quadro 18 – Grelha de avaliação da atividade n.º 2	128
Quadro 19 – Grelha de critérios e cotações da atividade n.º 3	131
Quadro 20 – Grelha de avaliação da atividade n.º 3	132
Quadro 21 – Grelha de critérios e cotações da atividade n.º 4	136
Quadro 22 – Grelha de avaliação da atividade n.º 4	137

Índice de Figuras

Figura 1 – Jardim-Escola João de Deus dos Olivais	4
Figura 2 – Sala de aula do Bibe Encarnado A.....	11
Figura 3 – Sala de aula do Bibe Azul A.....	23
Figura 4 – Sala de aula do Bibe Amarelo A.....	36
Figura 5 – Sala de aula do 2.º Ano A	50
Figura 6 – Sala de aula do 1.º Ano B	63
Figura 7 – Sala de aula do 2.º Ano A	75
Figura 8 – Sala de aula do 4.º Ano A	87
Figura 9 – Gráfico com o resultado da atividade n.º 1	125
Figura 10 – Gráfico com o resultado da atividade n.º 2	129
Figura 11 – Gráfico com o resultado da atividade n.º 3	133
Figura 12 – Gráfico com o resultado da atividade n.º 4	138

Introdução

Introdução

Este relatório de estágio foi realizado no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional I, do Mestrado em Pré-Escolar e 1.º Ciclo da Escola Superior de Educação João de Deus. A sua realização destina-se à conclusão do Mestrado acima referido.

O estágio praticado no decorrer deste mestrado foi realizado no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais e foi dividido em três períodos/semestres. O 1.º semestre decorreu no Pré-Escolar, entre 12 de outubro de 2010 e 25 de fevereiro de 2011.

Nesta escola, a cada faixa etária é atribuída uma cor de bibe diferente das outras, ou seja, a faixa etária dos três anos corresponde ao bibe amarelo, a faixa etária dos quatro anos corresponde ao bibe encarnado e a faixa etária dos cinco anos corresponde ao bibe azul.

O primeiro momento decorreu no bibe encarnado com a educadora cooperante Maria Louzeiro, o segundo foi realizado no bibe azul com a educadora cooperante Isabel Matos e o terceiro decorreu no bibe amarelo da educadora cooperante Ana Freire.

O 2.º e 3.º semestre compreenderam o estágio realizado no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Mais especificamente no 2.º ano da professora Sofia Guedes, no 1.º ano da professora Marta Gomes, no 2.º ano da professora Marta Gomes e, por último, no 4.º ano da professora Alice Neto.

1. Identificação do local de estágio

Este estágio foi realizado no Jardim-escola João de Deus dos Olivais, no período de 12 de outubro de 2010 a 27 de janeiro de 2012.

O estágio foi realizado às segundas, terças e sextas-feiras, das 9 horas às 13 horas, perfazendo um total de 12 horas por semana. Esta escola, localizada na parte ocidental de Lisboa, é composta por três salas de pré-escolar, oito salas de 1.º Ciclo, salão (utilizado pela faixa etária dos cinco anos), sala de informática, ginásio, gabinete de direção, sala de professores, refeitório e quatro casas-de-banho.

Nesta escola existem seis turmas de Pré-Escolar e oito turmas de 1.º Ciclo do Ensino Básico. O pessoal docente é composto por vinte e três pessoas e o pessoal não docente é composto por dezasseis pessoas.

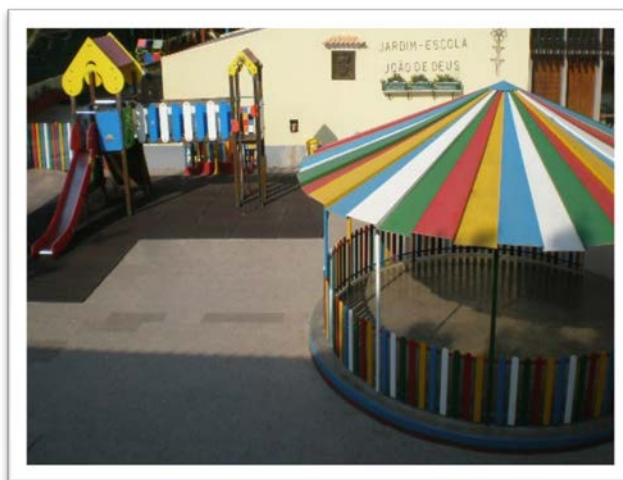


Figura 1 – Jardim-Escola João de Deus dos Olivais

2. Descrição da estrutura do relatório de estágio

Este relatório encontra-se dividido em três capítulos, introdução e reflexão final. Na introdução são abordados os seguintes aspetos: a identificação do local de estágio, a descrição da estrutura do relatório de estágio, a importância da elaboração do relatório de estágio profissional, a identificação do grupo de estágio, a metodologia utilizada e a pertinência do estágio profissional.

O primeiro capítulo está dividido por secções e cada uma diz respeito a momentos de estágio distintos. Em cada secção estão inseridos os relatos que dizem respeito a esse momento, realizados com base nas observações efetuadas devidamente fundamentadas.

No segundo capítulo, serão apresentadas algumas planificações de aulas lecionadas por mim, seguidas de fundamentação e explicação das metodologias utilizadas.

O terceiro capítulo engloba alguns dispositivos de avaliação que desenvolvi durante o estágio profissional. Concluo este relatório com uma reflexão sobre o mesmo e o meu percurso como estagiária.

3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional

A elaboração deste relatório de estágio profissional possui como principal objetivo permitir a conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e, consequentemente, a possibilidade de exercer a profissão que escolhi.

Para a realização deste relatório foi necessário registar diariamente as práticas observadas, de modo a possibilitar uma posterior reflexão sobre as mesmas.

Esta reflexão revelou-se de grande importância porque me permitiu tomar consciência dos aspetos positivos, bem como dos que há a melhorar.

Zeickner (1993, p. 17) defende que “o processo de compreensão e melhoria do seu ensino deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência”.

A pesquisa, essencial para o desenvolvimento deste trabalho, promoveu a aquisição de novos conhecimentos e conteúdos essenciais para a minha vida profissional como, por exemplo, estratégias e atitudes facilitadoras do processo de aprendizagem.

Concluo referindo que a realização deste relatório de estágio profissional foi essencial para que eu pudesse melhorar os meus conhecimentos sobre o exercício da docência e conferisse ainda mais importância à reflexão, essencial para um bom desempenho como professora.

4. Identificação do grupo de estágio

O grupo de estágio que integrei durante este mestrado foi constituído por mim e pelas minhas colegas Carolina Sousa e Marisa Ribeiro.

A relação que estabelecemos enquanto grupo foi de amizade, interajuda e companheirismo, permitindo que o período de estágio decorresse da melhor forma.

O facto de termos estabelecido uma boa relação como grupo, permitiu que pudéssemos realizar reflexões sobre as nossas aulas e o nosso desempenho, com o objetivo de melhorar a nossa capacidade como docentes.

5. Metodologia utilizada

As metodologias utilizadas para a elaboração deste relatório foram a observação e a análise documental.

O método da observação é, de acordo com Quivy e Campenhout (2003, p. 196), um dos mais eficazes e objetivos porque é o único método de investigação social que permite captar os comportamentos no momento em que são produzidos.

A observação é considerada direta quando “o próprio investigador procede diretamente à recolha de informações” e “apela diretamente ao seu sentido de observação” (Quivy e Campenhout, 2003, p. 115).

A observação direta é ainda composta pela observação participante e não participante. A observação que realizei é considerada participante visto que “consiste em estudar uma comunidade durante o período de tempo, participando na vida colectiva” (Quivy e Campenhout, 2003, p. 197).

O estágio realizado incluem a participação dos estagiários no dia a dia dos professores e alunos observados, possibilitando o registo da mesma.

Os registos recolhidos foram alvo de uma análise definida como análise documental. Esta metodologia, de acordo com Afonso (2005), “consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados com o objetivo de obter dados relevantes para responder às questões de investigação” (p. 88).

Concluo referindo que a elaboração deste relatório de estágio profissional foi realizada de acordo com as normas APA (American Psychological Association).

6. Pertinência do estágio profissional

O estágio profissional é definido por Severino (2007) como “a componente curricular da formação cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável” (p. 41)

A realização do estágio é de extrema importância porque permite que tenhamos a oportunidade de aliar a teoria à prática, ou seja, experimentar e assimilar tudo o que aprendemos na teoria.

Segundo Pacheco (1995), “os estagiários consideram o estágio de muita utilidade prática, permitindo-lhes uma integração na escola e a aquisição de um conhecimento prático relativamente aos alunos e de um conhecimento contextual que se prende com a planificação, com conteúdos do programa, com a aplicação das regras de avaliação” (p. 164).

Durante o estágio temos a possibilidade de integrar uma comunidade educativa e relacionarmo-nos com diferentes professores e alunos. Esta interação, com professores diferentes e mais experientes, permite a observação de diversas estratégias, as quais podemos ou não adotar.

Tal como referem Alonso e Roldão (2005, p. 36), “é no terreno que o professor tem a oportunidade única, e de grande utilidade para a sua formação, de se confrontar com o real”.

A possibilidade de lecionar diversas aulas permite experimentar e por em prática diversas estratégias. Os momentos de reflexão que se seguem a estas aulas possibilitam avaliar quais as melhores estratégias e procedimentos.

Nóvoa (1992) defende que “a formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas” (p. 20)

Desta forma, temos a possibilidade de avaliar o que podemos melhorar e quais as metodologias/meios mais eficazes para atingir os objetivos a que nos propomos para que no futuro nos tornemos melhores profissionais.

O estágio foi sempre alvo de uma supervisão realizada pelo professor titular de turma e pela equipa de supervisoras da Prática Pedagógica. Este processo é definido por Alarcão e Tavares (1987) como “o processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional” (p. 197)

Concluindo, todos os motivos anteriormente referidos salientam a importância da experiência prática na formação de professores, tornando-a talvez a componente mais importante desta formação.

7. Cronograma do estágio

Como já referi, o estágio profissional decorreu no período compreendido entre o dia 12 de outubro de 2010 e o dia 27 de janeiro de 2012.

O cronograma que se segue demonstra de que modo foi organizado este período de tempo e as cores dizem respeito ao bibe em que foi realizado o estágio.

Quadro 1 – Cronogramas do estágio

		2010												2011							
		outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro			março
Semanas		1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	5	1	2	3	4	1	2	3	1	
Atividades																					
Estágio																					
Aulas programadas																					
Aulas surpresa (supervisoras)																					
Reuniões na ESE																					
Seminário de Contato com a Realidade Educativa																					

		2011																								2012																			
		março					abril				maio				junho					julho	setembro					outubro				novembro				dezembro	janeiro				fevereiro						
Semanas		1	2	3	4	5	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	5	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	1	2	3	4	1	2	3		
Atividades																																													
Estágio																																													
Aulas programadas																																													
Aulas surpresa (supervisoras)																																													
Reuniões na ESE																																													
Prova Prática de Avaliação																																													

Capítulo 1 – Relatos diários

Descrição do capítulo

Este capítulo é composto pelos relatos diários elaborados no decorrer do Estágio Profissional.

Encontra-se dividido em oito secções, referentes aos momentos de estágio realizados. As três primeiras secções correspondem ao estágio realizado no Pré-Escolar, mais precisamente, ao Bibe Encarnado, Bibe Azul e Bibe Amarelo. A quarta secção corresponde à Semana de Contacto com a Realidade Educativa, que foi realizada também no Bibe Amarelo.

As restantes secções dizem respeito ao estágio realizado no 1.º Ciclo, de acordo com a seguinte ordem: 2.º ano, 1.º ano, 2.º ano e 4.º ano.

Cada secção é composta por uma pequena introdução onde é exposta a caracterização da turma e do espaço, o horário da turma e as suas rotinas. Seguem-se os relatos que se encontram devidamente fundamentados.

1.1. 1.ª Secção

Esta secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 12 de outubro de 2010 a 15 de novembro de 2010. O estágio foi realizado na sala do Bibe Encarnado A, com a Educadora Cooperante Maria Louzeiro.

1.1.1. Caraterização da turma

A turma do Bibe Encarnado A do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais é composta por 29 crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos.

1.1.2. Caraterização do espaço

O espaço utilizado por esta turma é o salão do Jardim-Escola. Este é um espaço amplo que é partilhado pelas duas turmas pertencentes à faixa etária dos quatro anos. O espaço é delimitado por um biombo onde são expostos alguns dos trabalhos das crianças.

A zona do salão utilizada pelo Bibe Encarnado A é composta por duas áreas. Uma das áreas compreende o cantinho da leitura e a outra é composta por quatro mesas octogonais. Este espaço possui ainda um armário com gavetas coloridas, uma para cada aluno, onde são guardados os respetivos trabalhos.

Numa das paredes está colocado um placar onde são expostos regularmente os trabalhos das crianças.



Figura 2 – Sala de aula do Bibe Encarnado A

1.1.3. Horário

Quadro 2 – Horário do Bibe Encarnado A

	<i>Segunda-feira</i>	<i>Terça-feira</i>	<i>Quarta-feira</i>	<i>Quinta-feira</i>	<i>Sexta-feira</i>
9h – 9h30	Canções de roda/Acolhimento				
9h30 - 10h	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática
10h – 10h30	Descobrir o que se sabe	Formação Cívica	Grafismos	Formação Cívica	Trabalhos de Grupo
10h30 - 11h	Recreio	Ginástica	Recreio	Partilha de Saberes	Recreio
11h - 11h30	Conhecimento do Mundo	Recreio	Conhecimento do Mundo	Ginástica	Conhecimento do Mundo
11h30 - 12h	Jogo de Roda/ Preparação para o Almoço				
12h – 12h30	Almoço				
12h30 – 14h30	Recreio Orientado e Recreio Livre				
14h30 - 15h	Expressão Dramática	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica	Atividades Gráficas	Descobertas dos pequenos cientistas
15h - 15h30	Área de Projeto	Expressão Plástica	Jogos de mesa/Plasticina e Modelagem		Estimulação à Leitura
15h30 – 16h	Dobragens/ Entrelaçamentos/ Enfiamentos/Harmónios	Atividades nos cantinhos/ Jogos de tapete	Picotagem/Contorno/ Rasgagem/Recorte/ Colagem	Jogos Tradicionais	Expressão Corporal
16h – 16h25	Lengalengas/Destrava línguas e Adivinhas	Expressão Dramática/ Biblioteca	Música	Rimas/Poesias	Reflexão Semanal
16h25 – 16h45	Lanche				
16h45 – 17h	Despedidas				

1.1.4. Rotinas

Como se pode constatar pela observação do horário de turma, existem algumas atividades que ocorrem de acordo com uma rotina.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997):

A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão. (p. 40)

Acolhimento

O acolhimento ocorre entre as 9h e as 9h30m. Durante este período de tempo as crianças desta faixa etária fazem uma roda no salão da escola com o objetivo de cantarem algumas canções escolhidas pelas próprias ou pelas educadoras. Estas canções são muitas vezes acompanhadas por gestos.

Zabalza (1998) defende que este é “um excelente momento para proporcionar às crianças oportunidades de realizar experiências-chave de desenvolvimento sócio emocional, representação, música, movimento, etc.” (p. 194)

Recreio

Nesta faixa etária o recreio da manhã ocorre entre as 10h30m e as 11h e é utilizado na maioria das vezes para que as crianças brinquem livremente. Durante este período de tempo as crianças fazem um pequeno lanche.

O segundo recreio tem lugar a seguir ao almoço, entre o 12h40 e as 14h30m, e pode ser ou não orientado por uma Educadora. Quando as condições atmosféricas não permitem o recreio no exterior este é realizado no ginásio.

Cordeiro (2008) descreve o recreio como “Brincadeira livre, imaginação, correria, possibilidade de fazer movimentos que estimulam a motricidade larga sem andar aos encontros aos móveis, contacto com a natureza.” (p. 373)

O mesmo autor (2008, p. 373) refere que este momento é muito importante e “representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em atividades lúdicas vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos.”

Higiene

As rotinas de higiene consistem na ida à casa de banho e ocorrem após o acolhimento, antes e após os recreios e antecedem também o almoço. Estes momentos são supervisionados pela educadora mas sem a intervenção da mesma, permitindo assim que as crianças desenvolvam a autonomia.

De acordo com Cordeiro (2008), ao realizar estas rotinas “sente-se o gosto em ser crescido e a responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo.” (p. 373)

Almoço

O almoço decorre no refeitório, entre as 12h e as 12h30. Ao acompanhar esta rotina constatei que as crianças desta faixa etária conseguem alimentar-se autonomamente.

Esta rotina, segundo Cordeiro (2008, p. 373) permite “passar implícitas noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo...”

1.1.5. Relatos diários

12 de outubro de 2010

No primeiro dia de estágio reunimos com a diretora da escola. Nessa reunião foi explicado ao grupo de estagiários como iria decorrer o semestre de estágio e foram dadas algumas informações sobre as rotinas e organização da escola.

Depois de fazermos uma visita pela escola a diretora acompanhou-nos à sala onde realizámos o primeiro momento de Prática Pedagógica.

A educadora já se encontrava a trabalhar com os alunos. Operacionalizava uma aula de Matemática utilizando o 3.º Dom de Froebel. As crianças realizavam construções já conhecidas e simultaneamente trabalhavam o cálculo mental através de situações propostas pela educadora. A par desta metodologia a docente contava uma história na qual inseria as perguntas que dirigia aos alunos.

No final da atividade, as crianças arrumaram o material de acordo com as regras estabelecidas e de forma autónoma colocaram as caixas no armário.

Inferências/Fundamentação Teórica

O 3.º Dom de Froebel é um material manipulável constituído por oito cubos de madeira que permite explorar noções matemáticas através da representação de construções.

Ao trabalhar com este material a educadora contou uma história na qual inseriu as construções e algumas situações problemáticas, esta metodologia tornou a aula muito mais estimulante para as crianças.

Segundo Caldeira (2009):

É mais apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de cálculo surjam justificados pela necessidade de resolver a situação posta naquele momento e naquela história. (p.241)

No final da aula, a educadora pediu aos alunos que arrumassem o seu material, esta prática se for regular permite que as crianças se tornem mais autónomas e responsáveis.

Tal como Abreu (1990) defende, “a autonomia dos alunos é um elemento essencial para a formação de indivíduos capazes de construir conhecimentos.” (p. 69)

Este autor também refere que “quando os materiais se encontram organizados e quando os alunos conhecem a sua localização, torna-se muito mais fácil ao professor propor e permitir atividades autónomas.” (p. 45)

15 de outubro de 2010

A manhã começou com a realização de uma roda, na qual as crianças de três e quatro anos cantaram algumas canções e posteriormente foram para as respectivas salas.

No domínio de Iniciação à Matemática, a educadora trabalhou alguns conceitos fazendo uso de um material alternativo: peças de roupa elaboradas em feltro. Com este material introduziu a noção de par, ao pedir a um dos alunos que colocasse num estendal duas meias da mesma cor e explicando que formavam um par de meias, também lembrou as sequências segundo a cor das peças de roupa e segundo o tipo.

De seguida, distribuiu uma peça de roupa por cada um dos alunos e foi pedindo para se levantarem segundo a peça de roupa que tinham. Colocou algumas perguntas como, por exemplo:

- Quantos meninos têm camisolas (ou uma das outras peças)?
- Se eu tirar uma camisola quantas ficam?

A educadora leu uma história e como habitualmente as crianças colocaram-se na posição que consideravam a mais confortável. A docente acendeu uma vela e apelou à imaginação pedindo às crianças que “entrassem” nas bolas de sabão (feitas por ela) para viajarem na história.

Inferências/Fundamentação Teórica

Gomes (1996, p. 37) é da opinião de que é fundamental realizar a “hora do conto”, de uma forma regular proporcionando assim o desenvolvimento do prazer de ler que numa primeira fase resulta do gosto pelas histórias.

É muito importante que exista o hábito de contar histórias a crianças desta faixa etária possibilitando desta forma, a aquisição do gosto pela leitura. O facto de as crianças gostarem ou não da história é um fator que vai influenciar o seu gosto pela leitura e é por isso que a escolha dos livros tem que ser feita com rigor.

Manzano (1988) defende que “levar a criança a entrar na aventura de ler é abri-la a mil possibilidades e oferecer-lhe a alternativa de pensar, de contemplar, de se aproximar do mundo de fantasia, da aventura, da realidade e do mistério.” (p. 13)

18 de outubro de 2010

Neste dia as crianças realizaram uma visita de estudo aos correios dos Olivais. Esta visita foi planeada pela educadora da sala com o objetivo de que as crianças pudessem perceber como funciona uma estação de correios e enviassem uma carta para os pais.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização de visitas de estudo permite que os meninos tenham contacto com o meio exterior à escola. Este contacto que se estabelece com a comunidade vai promover aprendizagens que não seriam possíveis no meio escolar.

Tal como pode ser lido nas Orientações Curriculares (1997, p. 40). “o espaço exterior do estabelecimento de educação pré-escolar é igualmente um espaço educativo. Pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merece a mesma atenção do educador que o espaço interior.”

Para Abreu (1990, p. 128), os conhecimentos obtidos através do contacto com a comunidade, contactos esses que são fomentados pelas visitas de estudo “deverão ser os pontos de referência e de extrapolação para um Conhecimento do Mundo.”

19 de outubro de 2010

Na área de Iniciação à Matemática a educadora contou uma história sobre o mundo do Cuisenaire. A docente recorre sempre a esta história quando utiliza o material Cuisenaire. Segundo a mesma, as peças deste material estão perdidas e cabe às crianças encontrá-las.

A educadora entregou um mapa a uma das crianças para que esta seguisse as instruções representadas e encontrasse a peça amarela deste material.

Posteriormente, já com as crianças sentadas nas mesas, a educadora pediu que colocassem as peças do Cuisenaire por ordem crescente (em relação aos seus valores e tamanhos) até à peça amarela.

Com o auxílio das crianças, e para relembrar o valor de cada peça, a educadora verificou quantas peças brancas correspondiam a cada uma das peças do Cuisenaire que já conheciam. Solicitou que os alunos fizessem corresponder às peças o número que representasse o seu valor.

Inferências/Fundamentação Teórica

O Cuisenaire, material utilizado pela educadora, é um material manipulável que permite desenvolver diversas noções matemáticas. Na faixa etária observada, este material foi utilizado para trabalhar as cores, os valores, os tamanhos e as relações existentes entre estas noções. Segundo Alsina (2004, citado por Caldeira, 2009), “as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas.” (p. 127)

A utilização de materiais diversos para além de estimular o interesse das crianças pelos conteúdos trabalhados facilita a aquisição de noções matemáticas como pode ser lido

nas Orientações Curriculares (1997), “a utilização de diferentes materiais dá à criança oportunidades para resolver problemas lógicos, quantitativos e espaciais.” (p. 75)

25 de outubro de 2010

A manhã foi lecionada pela minha colega de estágio Marisa Ribeiro. A Marisa iniciou com Conhecimento do Mundo e, nesta área, mostrou às crianças um modelo de uma língua gigante, a partir da qual explorou o conceito de papilas gustativas, demonstrou quais os sabores que estas reconhecem e as zonas relacionadas com cada sabor. Para concluir, realizou um jogo que tinha como objetivo o reconhecimento de alguns alimentos, o seu sabor e a zona que o reconhece.

No Domínio da Matemática, utilizou alguns alimentos para realizar cálculos e explorar alguns conteúdos como, por exemplo, a identificação e associação de algarismos, a simbologia da adição e a indicação da operação.

Realizou um jogo em equipas, no qual ganhava a equipa que em menos tempo conseguisse reunir as peças do seu puzzle, montar e reconhecer o alimento que nele estava representado.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a minha colega contou uma história tendo como ponto de partida um livro, apenas com ilustrações, que as crianças iam completando ao longo da mesma.

Como conclusão da sua aula fez uma breve alusão à alimentação saudável e não saudável.

Inferências/Fundamentação Teórica

A manhã de aulas relatada em cima foi da responsabilidade da minha colega de estágio Marisa Ribeiro. Considero importante salientar a postura da mesma, que esteve sempre calma e alegre, transmitindo estes sentimentos às crianças. Ao fazê-lo demonstrou o prazer de lecionar e motivou as crianças para a aula que estava a decorrer, tornando mais fácil a aquisição de conhecimentos.

Para Estanqueiro (2010), “o prazer de ensinar revela-se em certos sinais de comunicação: postura descontraída, tom de voz firme, ritmo de fala animado, gestos vivos, contato visual com os alunos, brilho nos olhos e bom humor.” (p. 32)

Apesar de a aula na sua generalidade ter corrido da melhor forma, foi na Área de Conhecimento do Mundo que a minha colega se mostrou mais entusiasta.

A mesma começou por realizar algumas perguntas aos alunos, tendo assim em conta os conhecimentos já adquiridos por estes. As Orientações Curriculares (1997) referem que “admitir que a criança desempenha um papel ativo na construção do seu

desenvolvimento e aprendizagem, supõe encará-la como sujeito e não como objeto do processo educativo.” (p. 21)

Desta forma a minha colega integrou os alunos no processo de aprendizagem que estava a decorrer.

26 de outubro de 2010

No início da manhã, as crianças fizeram a habitual roda das canções. Seguidamente a educadora levou as crianças para a sala e sentou-as em semicírculo no chão. Começou com o Domínio da Matemática e com o material blocos lógicos. Reviu as seguintes noções de conjunto universal, fronteira, interior e exterior do conjunto.

Depois, atribuiu um nome ao conjunto que continha círculos de espessuras diferentes mas cores e tamanhos iguais. Perguntou às crianças se ainda se recordavam do símbolo que representa a quantidade de elementos de um conjunto (cardinal), e apenas uma criança soube a resposta. Essa criança foi desenhar o símbolo no quadrado com o número correspondente à quantidade de elementos existentes no conjunto.

Posteriormente, a educadora esteve a rever com as crianças os atributos do material (cor, espessura, forma e tamanho) e, à medida que o fazia, desenhava no chão com giz colorido. Dado que as crianças já estavam a perder a concentração, a educadora optou por uma estratégia de retorno à calma fazendo um jogo. Este consistia no movimento das crianças quando a educadora alternava duas peças de cores iguais e de espessura diferente. Isto é, sempre que lhes era mostrada a peça de espessura grossa, as crianças davam um passo para trás e sempre que a peça era de espessura fina, as crianças davam um passo para a frente.

No final a educadora pediu para arrumarem, um de cada vez, os discos no cesto e para se irem vestir para a ginástica.

Inferências/Fundamentação Teórica

No Domínio da Matemática, a educadora optou por utilizar o material estruturado Blocos Lógicos. Este é um material que permite trabalhar diferentes conteúdos, nomeadamente a teoria de conjuntos, que foi o conteúdo lecionado pela educadora.

Zabalza (1998) defende que as crianças começam desde cedo a “reunir os objetos, agrupando-os de uma forma que tem muito a ver com as suas semelhanças e diferenças.” (p. 200)

O material em questão pode ser agrupado de diversas formas, de acordo com os seus atributos (cor, tamanho e espessura). Caldeira (2009) refere que “para que um conjunto seja formado é necessário que seja estabelecido o critério. Os elementos do

conjunto são analisados quanto aos seus atributos, isto é, tendo em atenção as suas características.” (p. 364)

É de salientar o facto da educadora, perante a agitação da turma, ter recorrido a uma estratégia de retorno à calma. Desta forma, a educadora conseguiu concentrar a atenção das crianças de maneira a conseguir abordar mais uma vez o conteúdo lecionado no Domínio da Matemática.

29 de outubro de 2010

Iniciei a aula com a área de Conhecimento do Mundo, teve como tema o Dia das Bruxas e para o abordar comecei por mostrar algumas imagens, em simultâneo relacionei as mesmas com as várias origens e tradições deste dia.

No Domínio da Matemática, com o auxílio de uma história e material relacionado com o tema, relembrei as noções de conjunto vazio, conjunto singular e cardinal.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita pedi às crianças que se colocassem na posição que considerassem mais confortável e expliquei que, a partir do momento em que eu dissesse a palavra mágica “Abracadabra”, tinham que estar em silêncio. Fiz a leitura, com a utilização de fantoches da história *A Bruxa Mimi* e interagi com as crianças durante a mesma.

Para terminar a aula, realizei uma proposta de trabalho de expressão plástica, que consistia em enfeitar uma máscara, que as crianças posteriormente levaram para casa.

Inferências/Fundamentação Teórica

A manhã foi concluída com um trabalho inserido na Área de Expressão Plástica. Foi dada às crianças a oportunidade de pintar livremente uma máscara relacionada com o tema da aula: o Dia das Bruxas. Estas atividades “tornam-se situações educativas quando implicam um forte envolvimento da criança que se traduz pelo prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho que considera acabado”. (Orientações Curriculares, 1997, p. 61)

Para Santos (1999, p. 44), “surge daqui uma íntima relação entre actividade lúdica e actividade expressiva” que permite que num ambiente de jardim de infância, seja promovido “um equilibrado desenvolvimento da personalidade da criança”.

Ao concluírem o trabalho informei as crianças de que poderiam levar as máscaras que tinham enfeitado para casa, situação que foi do agrado das mesmas, que desta forma poderiam mostrar aos pais o trabalho que tinham feito.

2 de novembro de 2010

As crianças sentaram-se em roda e a educadora conversou com todas elas, uma de cada vez, sobre as atividades ocorridas no fim de semana prolongado, durante o qual se celebrara o Dia das Bruxas.

Foram para a aula de ginástica e, depois de se vestirem foram para o recreio.

Inferências/Fundamentação Teórica

O período de tempo utilizado pela educadora para ouvir e dialogar com as crianças foi um momento que considere importante. Neste período foi visível o entusiasmo das crianças ao poderem partilhar algo que era importante para elas, e em simultâneo, sentir que a educadora estava atenta àquilo que era partilhado. A realização destes momentos é importante dado que permite às crianças desenvolverem a sua linguagem e a sua autoestima. Esta ideia é defendida pelas Orientações Curriculares (1997) ao referirem que “a capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar” (p. 66)

É tarefa da educadora criar oportunidades e condições para que as crianças adquiram um maior domínio da linguagem oral, sendo que este é um dos principais objetivos da educação pré-escolar.

5 de novembro de 2010

Esta manhã foi da minha responsabilidade e o tema que escolhi foram os primeiros-socorros. Sentei as crianças em semicírculo e iniciei a aula de Conhecimento do Mundo. Mostrei o conteúdo de uma mala de primeiros-socorros e expliquei a função de cada elemento/produto.

De seguida, a partir da exploração de algumas imagens, fiz a simulação de algumas situações, uma das crianças era o socorrista e a outra criança o paciente, e referi os procedimentos a efetuar perante cada situação.

No Domínio da Matemática utilizei material alternativo relacionado com o tema, a partir de uma história, pedi às crianças que realizassem algumas situações problemáticas nas quais trabalhei a subtração. Em simultâneo, trabalhei a associação número/quantidade e introduzi o sinal de subtração e a representação desta operação.

De seguida, realizei o Jogo da Memória, com imagens alusivas ao tema, no qual as crianças, por equipas, tinham que encontrar os cartões com a imagem igual, ganhava a equipa que conseguisse encontrar mais pares.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, fiz a leitura de uma história do autor António Torrado, em simultâneo, as crianças foram colocando as imagens da história pela ordem de acontecimentos.

Inferências/Fundamentação Teórica

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizei a dinamização de uma história do autor António Torrado. O educador deve “proporcionar ao público infantil um encontro gradual com a leitura literária” (Magalhães, 2008, p. 55), de forma a estimular precocemente o gosto pela leitura

A mesma autora defende que:

(...) a audição destes contos, lidos ou contados pelo Educador, pode ajudar a construir futuros leitores de narrativas, de quaisquer narrativas. As crianças de 3 a 6 anos que os escutam percebem o enredo – o que lhes dá segurança e torna a audição de histórias um acto gostoso; habituam-se a conviver com, e a aprender, noções como personagem, acção, espaço e tempo” (p. 63)

8 de novembro de 2010

A minha colega de estágio Marisa iniciou a manhã com o Domínio da Matemática. Com as crianças sentadas nos seus lugares, distribuiu o material (caixa com palhinhas e alguns bonecos), pediu às crianças, segundo as suas indicações que, construíssem uma casa com as palhinhas e, em simultâneo, trabalhou a orientação espacial. Reforçando a mesma, quando pediu que colocassem os bonecos segundo diversas orientações.

Na área de Conhecimento do Mundo, a Marisa desenvolveu o tema A Família e para o trabalhar utilizou uma árvore grande a partir da qual, contando uma história, reviu os graus de parentesco.

De seguida, já no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita contou uma história relacionada com o tema da área anterior.

Para concluir a manhã e consolidar o tema de Conhecimento do Mundo proporcionou uma pequena dramatização na qual as crianças apresentavam graus de parentesco entre si.

Inferências/Fundamentação Teórica

As palhinhas foram o material escolhido pela minha colega de estágio para lecionar o Domínio da Matemática. Este é considerado um material manipulável e “constituiu um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar aprendizagens diversas.” (Caldeira, 2009, p. 223)

O conteúdo explorado nesta aula foi a construção de figuras geométricas e a orientação espacial. Segundo a mesma autora, a utilização deste tipo de materiais

constituem “um estímulo para a aprendizagem da matemática, pois dão oportunidade de resolver problemas lógicos, quantitativos e espaciais” (p. 154).

9 de novembro de 2010

O Domínio da Matemática foi dado em conjunto com as minhas colegas de estágio Marisa e Carolina, trabalhámos com o 3.º Dom de Froebel. Comecei por rever as regras de manuseamento deste material e algumas das suas características.

De seguida, a partir de uma história, cada uma de nós realizou uma construção (muro baixo, mesa e cadeiras e o comboio) e alguns cálculos relacionados com as mesmas.

Depois do intervalo, a educadora utilizou um modelo do corpo humano, a partir do qual fez a revisão dos órgãos dos sentidos e explicou que o corpo humano é composto por ossos e órgãos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data saliento a forma como a educadora explorou a área de Conhecimento do Mundo. Esta área, de acordo com as Orientações Curriculares (1997) é tida como “uma sensibilização às ciências” e surge a partir da curiosidade da criança. Esta curiosidade foi estimulada pela educadora ao apresentar um modelo, de um tamanho considerável, do corpo humano.

Estas “oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo” (Orientações Curriculares, 1997, p. 79) promovem na criança o desejo de saber e de compreender.

12 de novembro de 2010

Esta manhã foi da responsabilidade da minha colega de estágio Carolina, que principiou com a área de Conhecimento do Mundo na qual, com o auxílio de um *powerpoint*, explorou diversos tipos de habitação (prédio, iglo, casa japonesa e palafita) e simulou com as crianças a construção de um iglo.

Realizou um jogo no exterior, no qual uma das crianças ficou no meio, de olhos vendados e as outras crianças fizeram um círculo à sua volta. As crianças que estavam na roda iam passando a bola até que a criança que estava no centro dissesse bomba, a criança que tinha a bola na altura da “explosão” trocava com a que estava no centro.

Já no Domínio da Matemática utilizou casas de diversos tamanhos, feitas de cartolina, para introduzir os conceitos de ordem crescente e decrescente e realizou alguns cálculos.

A Carolina terminou a manhã com uma história sobre a Lagoa das Sete Cidades que foi contada com o auxílio de um fantoche.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização do jogo foi o período da aula no qual as crianças se mostraram mais participativas. Este permitiu que as crianças libertassem alguma energia e interagissem entre si tendo noção que esta interação se baseava em regras pré-estabelecidas.

Zabalza (1998, p. 82) reconhece o jogo como o “modo natural que a criança usa para construir seus próprios modelos de conhecimento, de comportamento sócio-afetivo e de seleção de valores.

A realização do jogo é tida também como uma oportunidade na qual “a criança desenvolve espírito de grupo, conhecendo seus limites e potencialidades, bem como a dos seus colegas, podendo, assim, apropriar-se progressivamente da imagem global do seu corpo, conhecendo e identificando as suas diferentes partes.” (Rabinovich, 2007, p. 78)

1.2. 2.ª Secção

Esta secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 17 de novembro de 2010 a 7 de janeiro de 2011. O estágio foi realizado na sala do Bibe Azul A, com a Educadora Cooperante Isabel Matos.

1.2.1. Caraterização da turma

A turma do Bibe Azul A do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais é composta por 28 crianças, 16 do sexo feminino e 11 do sexo masculino. Quase todas as crianças têm 5 anos de idade.

1.2.2. Caraterização do espaço

A sala do Bibe Azul A possui duas portas, uma que dá acesso ao salão e outra que dá acesso ao espaço exterior. As mesas estão dispostas em duas filas.

Na parede para a qual estão direccionadas as mesas existem dois quadros de ardósia. Nessa e nas outras paredes são visíveis alguns elementos alusivos a conteúdos já abordados (esquemas e imagens) e também dois placares onde são afixados os trabalhos realizados pelos alunos.

Neste espaço existe uma estante onde estão arrumados os dossiês dos alunos e alguns materiais.



Figura 3 – Sala de aula do Bibe Azul A

1.2.3. Horário

Quadro 3 – Horário do Bibe Azul A

	<i>Segunda-feira</i>	<i>Terça-feira</i>	<i>Quarta-feira</i>	<i>Quinta-feira</i>	<i>Sexta-feira</i>
9h - 10h15	Iniciação à Matemática	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática
10h15 - 10h45	Recreio				
10h45 - 11h50	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática	Ed. Movimento 11h – 11h30 Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Música 11h15 – 12h	Iniciação à Leitura e Escrita
12h - 13h	Almoço				
13h – 14h	Recreio orientado e livre				
14h - 15h	Ditados Gráficos Desenho Série Dobragens Entrelaçamentos	Escrita e letras	Jogos Matemáticos Cidadania Área Projecto	Escrita e letras	Ed. Movimento 14h30 – 15h
15h - 16h30	Computadores 15h20 – 16h10	Conhecimento do Mundo Dinamização do tema	Inglês 15h30 – 16h30	Conhecimento do Mundo Dinamização do tema	Experiências Histórias Jogos
16h30	Lanche e Saída				

1.2.4. Rotinas

As rotinas realizadas pelo Bibe Azul apenas diferem das rotinas do Bibe Encarnado no que diz respeito ao acolhimento. Pelo que considerei importante descrever apenas esta rotina.

Acolhimento

A turma do Bibe Azul não participa na roda das canções. Estes permanecem no salão até às 9h, hora a que se dirigem à sala. Das 9h às 9h30 as crianças desta faixa etária terminam trabalhos em atraso.

1.2.5. Relatos diários

16 de novembro de 2010

A manhã teve início com a realização de algumas fichas inseridas no Domínio da Matemática, com o intuito de consolidar matéria dada anteriormente.

De seguida, a educadora distribuiu o material estruturado Cuisenaire e com o auxílio do mesmo lembrou as noções de par e ímpar e introduziu a noção de maior, menor e os respetivos símbolos.

Posteriormente, a educadora solicitou aos rapazes que construíssem a escada com as peças de valor ímpar e às raparigas que construíssem a escada com as peças de valor par e pediu que realizassem alguns cálculos mentais.

Inferências/Fundamentação Teórica

A educadora recorreu ao material estruturado Cuisenaire para lecionar o Domínio da Matemática.

Alsina (2004, citada por Caldeira, 2009) considera este material “especialmente adequado para aquisição progressiva das competências numéricas” visto constituir “um suporte para a imaginação dos números e das suas leis...” (p.126)

Com este material, a educadora trabalhou a noção de número e as relações estabelecidas entre estes. Para realizar as tarefas solicitadas pela educadora, as crianças tinham que possuir a capacidade de associar a peça ao valor representado pela mesma e conseguir classificar os números como pares ou ímpares.

Nesta faixa etária, “o sentido de número pode ser entendido como um processo no qual elas vão aprendendo a compreender os diferentes significados e utilizações dos números e a forma como estes estão interligados.” (Castro e Rodrigues, 2008, p. 11)

Caldeira afirma que (2009) “as crianças precisam ter o sentido de número, para o poder utilizar de forma diferente no mundo que as rodeia.” (p. 129)

19 de novembro de 2010

As crianças do bibe azul iniciaram a manhã com uma revisão de algumas lições da Cartilha Maternal de João de Deus. Para a realizar, a educadora colocou no quadro algumas palavras e realizou algumas perguntas relacionadas com as mesmas.

Posteriormente, solicitou a uma das crianças que distribuísse os cadernos de matemática pelos seus colegas e, em simultâneo, foi chamando grupos de alunos para a lição da Cartilha Maternal.

Ao regressarem do recreio, os alunos realizaram a avaliação de 3.º e 4.º Dons de Froebel, na qual tinham que realizar a construção da sala de estar (com o auxílio de uma imagem representativa da mesma), do quarto e da ponte baixa. Por último, os alunos aprenderam uma nova construção denominada ponte alta.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta faixa etária, as crianças aprendem a ler pelo Método de João de Deus, através da Cartilha Maternal.

Este método respeita o ritmo de aprendizagem de cada criança porque permite que as crianças aprendam as letras e desenvolvam a leitura de uma forma progressiva, ou seja, das lições mais fáceis para as mais complexas.

Viana e Teixeira (2002, p. 119) referem que “A importância da relação afetiva e o respeito pelos ritmos próprios de cada criança perpassa toda a obra pedagógica de João de Deus. Desenvolvendo um método que permitia “massificar” o acesso à leitura” nunca esquecendo a “necessidade da individualização” dado que cada criança segue a Cartilha de acordo com o seu ritmo.

22 de novembro de 2010

A educadora começou a manhã com o Domínio da Matemática, tendo explorado o material estruturado Blocos Lógicos. Para esta exploração, utilizou uma tabela de dupla entrada na qual os alunos tinham que colocar uma peça à sua escolha e, em seguida, assinalar com uma cruz os atributos correspondentes à mesma. Por vezes a educadora assinalou os atributos e os alunos tinham que associar a peça correta. Em seguida, realizaram um jogo que consistia em alterar um ou mais atributos, consoante o solicitado pelos colegas.

Ao regressarem à sala, a educadora solicitou, à vez, que os grupos fossem à Cartilha Maternal para iniciarem uma nova lição ou reverem a anterior. Os restantes alunos realizaram alguns exercícios de consolidação das lições da Cartilha aprendidas anteriormente.

Inferências/Fundamentação Teórica

O material Blocos Lógicos foi utilizado nesta data para a exploração do Domínio da Matemática. Damas *et al.* (2010) mencionam que “cada peça lógica tem quatro propriedades/valores referentes a quatro variáveis: forma, cor, espessura e tamanho. O uso

destas peças lógicas permite a realização de atividades aliciantes e diversificadas que ajudam a construir conceitos de lógica” (p. 13)

Tendo em conta os diferentes atributos destas peças a educadora solicitou que os alunos identificassem as mesmas com base em atributos assinalados previamente numa tabela de dupla entrada, estimulando assim o raciocínio lógico.

Canals (1992, citado por Caldeira, 2009) defende que “O raciocínio lógico-matemático inclui as capacidades de identificar, relacionar e operar e fornece as bases necessárias para se poder adquirir os conhecimentos matemáticos” (p. 364).

23 de novembro de 2010

Esta manhã teve início com as lições de Cartilha Maternal, por grupos.

No intervalo de tempo dedicado ao Domínio da Matemática, a educadora trabalhou com o material estruturado Calculadores Multibásicos. Começou por rever as regras de utilização do mesmo e realizou o jogo das bases. Os alunos realizaram uma ficha relativa ao Domínio da Matemática, na qual tinham um desenho com várias operações que tinham que resolver, sendo que, a cada resultado, correspondia uma cor.

Inferências/Fundamentação Teórica

O material utilizado pela educadora para lecionar o Domínio da Matemática foram os Calculadores Multibásicos. Os Calculadores Multibásicos são um material estruturado bastante apelativo que permite trabalhar diferentes conceitos.

Este material é constituído por “um conjunto de três placas de plástico com cinco orifícios cada uma, e um conjunto de cinquenta peças em seis cores diferentes” (Caldeira, 2009, p. 187) que encaixam umas nas outras e nos orifícios existentes nas placas.

Com este material a educadora realizou o jogo das bases, começando por bases menores até chegar à base dez. A mesma autora (2009, p. 201) refere que “no jogo de Base 10 a criança compreende e trabalha a leitura e escrita dos números no nosso sistema (decimal)”.

26 de novembro de 2010

Nesta manhã, foi solicitada, por parte das professoras orientadoras da Prática Pedagógica, uma aula surpresa à minha colega de estágio Carolina.

Foi-lhe pedido que realizasse a dinamização de uma lengalenga à sua escolha. Após ter escolhido a lengalenga “O rato roeu a rolha da garrafa do Rei da Rússia”, a estagiária selecionou algumas palavras, escreveu-as no quadro e realizou a sua leitura preparatória. De seguida, fez a revisão da lição do /r/ da Cartilha Maternal e iniciou a lição do /z/.

Terminada a aula da Carolina foi-me também solicitada uma aula surpresa no âmbito do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Foi-me pedido que, através de imagem, realizasse uma estimulação à leitura. A imagem consistia numa representação da personagem Gato das Botas e, para a exploração da mesma, salientei o facto de o animal estar vestido, ao contrário do que acontece na vida real.

Escrevi algumas palavras no quadro (luva e bota) e realizei, com as crianças, a leitura preparatória das mesmas. Para terminar, procedi à revisão da lição do /c/ da Cartilha Maternal de João de Deus.

Inferências/Fundamentação Teórica

Foi nesta data que lecionei a minha primeira aula surpresa. Estas aulas surgem no âmbito na Prática Pedagógica e têm como objetivo avaliar a capacidade dos estagiários de abordar um conteúdo não programado e de se adaptarem a condições imprevistas.

Após as aulas surpresa decorre sempre a reunião, durante a qual é feita a reflexão por parte do estagiário e, posteriormente, a avaliação por parte da equipa de Supervisão.

A Supervisão é definida por Alarcão e Tavares (2003) como “o processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional.” (p. 16)

29 de novembro de 2010

Esta manhã foi da responsabilidade da minha colega de estágio Marisa, que iniciou a sua aula com a área de Conhecimento do Mundo, na qual explorou, através de uma história, a roda dos alimentos fazendo referência aos vários setores que a constituem e à sua importância. Solicitou a participação das crianças para identificarem alguns dos elementos presentes na roda e para completarem a mesma com algumas imagens de alimentos, previamente colados no quadro. Esta área foi finalizada com uma proposta de trabalho na qual os alunos tinham que construir um puzzle da roda dos alimentos.

No período de tempo dedicado ao Domínio da Matemática, a estagiária solicitou que os alunos concretizassem, com o auxílio de imagens e algarismos móveis, algumas operações matemáticas e explorou ainda as relações de ordem entre números (maior, menor e igual).

De seguida, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, solicitou às crianças que associassem algumas palavras a imagens e construíssem frases com as mesmas. Realizou posteriormente a revisão da lição da lição do /g/ da Cartilha Maternal.

Inferências/Fundamentação Teórica

No Domínio da Matemática, a minha colega solicitou às crianças que representassem diferentes quantidades e que, posteriormente, associassem o número correto à quantidade representada e estabelecessem uma relação de ordem entre números.

Segundo Caldeira (2009), “devemos encorajar as crianças a pensarem sobre a quantidade, e é na fase entre os 4 e os 6 anos de idade, que elas demonstram interesse em contar objetos e comparar quantidades” (p. 401)

Para a realização desta atividade é essencial que as crianças tenham presente a noção de número.

As Orientações Curriculares (1997) referem que estas oportunidades “são fundamentais para que a criança vá construindo a noção de número, como correspondendo a uma série (número ordinal) ou uma hierarquia (número cardinal)” (p. 74).

30 de novembro de 2010

Iniciei a manhã com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, na qual solicitei aos alunos que, após a leitura da palavra, a associassem à imagem correta. De seguida, fiz a revisão da 15.^a lição da Cartilha Maternal, a lição do /c/, com um grupo de crianças.

Seguiu-se a área de Conhecimento do Mundo, nesta área fiz uma revisão dos constituintes das plantas com flor. Utilizei um placar, no qual fui construindo a imagem de uma planta e explorando a função de cada um dos seus constituintes; em simultâneo, cada criança construiu uma imagem semelhante à representada no quadro. Para concluir esta área, realizei uma atividade prática que consistia em plantar uma semente e que cada criança fosse responsável por cuidar da sua planta.

Para concluir a manhã, já no Domínio da Matemática, contei uma história durante a qual fui solicitando às crianças que realizassem diversos cálculos através dos quais trabalhei as noções de adição, subtração e divisão.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data saliento a área de Conhecimento do Mundo, na qual solicitei a colaboração das crianças para realizar uma atividade prática. Martins *et al.* (2009) defendem que “às crianças devem ser proporcionadas atividades de natureza diversa privilegiando as de cariz prático”

Esta atividade, realizada com grande entusiasmo por parte das crianças, consistiu em plantar uma semente e permitir que os alunos experimentassem e observassem o processo de germinação e o crescimento das suas plantas.

Os autores mencionados (2009) referem que:

No jardim de infância, devem vivenciar situações diversificadas que, por um lado, permitam alimentar a sua curiosidade e o seu interesse pela exploração do mundo que as rodeia e, por outro, proporcionar aprendizagens conceptuais, fomentando, simultaneamente, um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela ciência.
(p. 12)

A longo prazo, esta atividade permitiu também que as crianças se tornassem responsáveis por cuidar da sua planta e observar o seu desenvolvimento.

3 de dezembro de 2010

A minha colega de estágio Carolina iniciou a sua aula dizendo às crianças que iriam fazer uma viagem com destino aos Açores. Explicou que os Açores são um arquipélago e situou-o no mapa. Através de uma apresentação de *powerpoint* realçou algumas tradições do povo açoriano e mostrou alguns exemplares de alimentos tradicionais deste arquipélago.

No Domínio da Matemática, dividiu a turma em grupos, cada um representando uma das ilhas dos Açores, e distribuiu algarismos móveis e molas, que foram utilizados para a resolução de situações problemáticas.

A estagiária concluiu a manhã com a dinamização da leitura de algumas palavras e com a revisão da lição do /q/ da Cartilha Maternal.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero importante salientar o facto da minha colega de estágio Carolina ter levado as crianças a adquirir mais conhecimentos sobre uma região do nosso país que estes não conheciam. Ao abordar este tema, a estagiária conseguiu cativar os alunos e estimular a sua curiosidade.

Segundo as Orientações Curriculares (1997, p.79), a curiosidade é “fomentada e alargada na Educação Pré-Escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo.”

Durante este período de tempo, foi visível o entusiasmo da minha colega por abordar um conteúdo que dominava e no qual se sentia bastante à vontade.

Estanqueiro (2010, p. 31) defende que “a motivação dos professores condiciona a motivação dos alunos. Se um professor gosta de ensinar, poderá despertar, mais facilmente, o gosto de aprender.”

6 de dezembro de 2010

A minha colega de estágio Marisa deu início à sua aula com o Domínio da Matemática. Escolheu o material estruturado Calculadores Multibásicos para realizar o jogo das bases.

Na área de Conhecimento do Mundo, explorou o tema dos vulcões no qual mostrou o modelo de um vulcão, que utilizou para explicar constituição do mesmo. De seguida, referiu os diferentes tipos de erupção vulcânica e, para concluir esta temática, realizou uma experiência que consistiu em simular uma erupção.

Para terminar a sua manhã, fez a leitura preparatória de algumas palavras e reviu a 16.^a lição da Cartilha Maternal, a lição do /g/, com um grupo de crianças.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os vulcões foram o conteúdo explorado na área de Conhecimento do Mundo. Considero importante que as crianças tenham conhecimento destes aspetos da natureza dado que é algo que não é visível no seu dia a dia.

Tal como afirma Botelho (2009, p. 118), deve ser uma preocupação na Educação Pré-Escolar:

(...) proporcionar às crianças conhecimento do mundo, seja ele relativo ao seu mundo próximo que abarca o próprio contexto da sua sala de atividades, o espaço exterior o jardim de infância, físico e comunitário, ou um mundo mais distante que abarca o conhecimento e sensibilização a diferentes áreas científicas, o conhecimento de outras realidades, quer sejam elas naturais, sociais ou culturais.”

A realização da experiência permitiu que as crianças visualizassem o modo como ocorre uma erupção, o que lhes permite construir uma imagem mais concreta deste fenómeno. A realização de experiências, de acordo com as Orientações Curriculares (1997, p. 82), fomenta “uma atitude científica e experimental”.

7 de dezembro de 2010

Esta foi a data escolhida pela professora da sala para a minha segunda manhã de aulas, iniciada com a área de Conhecimento do Mundo, na qual distribui, a cada criança, um puzzle que tinha o intuito de levar as crianças a descobrir o tema da aula, a tartaruga.

Através de uma apresentação de *powerpoint*, realcei os aspetos mais importantes sobre este animal e as características que o inserem na classe dos répteis. De seguida, mostrei às crianças um exemplar deste animal.

No Domínio da Matemática, utilizei imagens de tartarugas, de diferentes cores e tamanhos, para trabalhar a teoria de conjuntos. Nesta área, solicitei aos alunos que representassem alguns conjuntos e que associassem à quantidade de elementos o número correto, em simultâneo relembrei os conceitos de cardinal, reunião, conjunto vazio, conjunto singular e o conjunto universal. Para concluir esta área e consolidar a matéria dada, distribui uma proposta de trabalho.

No período de tempo dedicado ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, fiz a leitura preparatória de três palavras e fiz a revisão, com um grupo de crianças, da lição do /r/.

Inferências/Fundamentação Teórica

O *powerpoint* foi o suporte a partir do qual realcei os aspetos mais importantes sobre a tartaruga. Este suporte informático permite que as crianças consigam observar com maior clareza imagens e que, através de esquemas, consigam estruturar o seu conhecimento e pensamento.

As atividades que são desenvolvidas com recurso a tecnologia devem ser consideradas como “novas oportunidades educativas (...) integradas num todo que lhes atribuirá e reforçará o seu sentido” (Amante, 2003, p. 140).

As Orientações Curriculares (1997) referem que as tecnologias de informação e comunicação “são formas de linguagem com que muitas crianças contactam diariamente”. O mesmo documento defende que “a utilização dos meios informáticos, a partir da educação pré-escolar, pode ser desencadeadora de variadas situações de aprendizagem” (p. 72).

Compete ao educador criar oportunidades em que as crianças tenham contacto com a tecnologia, nas quais exista uma interação entre a tecnologia e o ensino.

13 de dezembro de 2010

A organização desta manhã foi da responsabilidade da minha colega de estágio Carolina. No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, solicitou às crianças que lessem algumas palavras e que as utilizassem para construir uma frase. De seguida, fez a revisão do 1.º valor do /z/.

No Domínio da Matemática, a estagiária começou por contar uma pequena história, durante a qual solicitou às crianças a realização de contagens e de cálculos.

A transição para a área de Conhecimento do Mundo foi conseguida através de uma “magia”, na qual a Carolina fez aparecer um exemplar de um coelho, referindo as características deste animal e que estas o inseriam na classe dos mamíferos. Para concluir a manhã, a minha colega realizou com as crianças um origami, que representava a cabeça de um coelho. Este foi depois utilizado para a elaboração de um desenho relacionado com a aula.

Inferências/Fundamentação Teórica

Para lecionar a área de Conhecimento do Mundo, a minha colega recorreu ao exemplar de um coelho, a partir do qual fez referência às suas características, modo de vida e alimentação.

As crianças ficaram bastante motivadas com a presença deste animal. Borràs (2002) defende que “os elementos naturais atraem a atenção das crianças. Estimulam-nas a pôr em ação todas as estratégias de observação e permitem-lhe pôr à prova muitas das hipóteses que lhes foram apresentadas na aula.” (p. 345)

O mesmo autor refere que contacto com animais permite “desenvolver atitudes de proteção e manifestar responsabilidade através do cuidado que lhes proporcionam.” (p. 345)

14 de dezembro de 2010

As crianças realizaram algumas propostas de trabalho inseridas no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e, em simultâneo, reviam ou aprendiam uma nova lição na Cartilha Maternal. De seguida, os alunos coloriram um desenho relacionado com a época natalícia.

Ao regressarem do recreio, a educadora escolheu o material calculadores multibásicos, já conhecido pelos alunos, para explorar as combinações. As peças deste material representavam peças de roupa (saia e camisola) de uma determinada cor e os alunos tinham que descobrir de quantas formas diferentes podiam combinar as peças de roupa. Posteriormente, a educadora distribuiu uma folha na qual as crianças tinham que representar, através de um desenho, o exercício que tinham feito.

Inferências/Fundamentação Teórica

A proposta de trabalho realizada no âmbito do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita visava exercitar a escrita da letra bicuda, característica do Método João de Deus.

Deus (citado por Ruivo, 2009) refere que:

(...) o aspecto geral da escrita adoptada resulta da sua forma angulosa. Assim, cada traço – recto ou levemente curvo – permite que o aluno veja a letra por partes, proporcionando-lhe uma caligrafia consciente e equilibrada, o que não quer dizer que oportunamente se não arredonde a letra, ponto de partida para outra mais variada e mais perfeita.” (p. 129)

Esta caligrafia denominada letra bicuda é tida como uma fase de transição, com o intuito de facilitar a aprendizagem da escrita.

17 de dezembro de 2010

Este foi o último dia de aulas para as crianças e, por esse motivo, foi um dia diferente do habitual. A educadora contou a história *O Gato das Botas* e, posteriormente, os alunos coloriram alguns desenhos relacionados com a época natalícia. Nesta data, o período de tempo passado no recreio foi mais longo do que o usual.

Inferências/Fundamentação Teórica

A leitura de histórias permite, ao educador, desenvolver nos seus alunos uma série de capacidades como a atenção, a concentração e o vocabulário e estimular o gosto de ler.

Teberosky e Colomer (2003) refletem sobre a importância de contar histórias ao referirem ser de extrema importância “ler e contar histórias às crianças desde os primeiros anos de vida, estimulando nelas o gosto pela leitura, para que elas possam também adquirir os recursos necessários ao desenvolvimento da sua fantasia e criatividade.” (p. 18)

De seguida, como já referi, os alunos coloriram alguns desenhos relacionados com a época natalícia. Estas atividades, que ocorrem todos os anos, são consideradas importantes por Cordeiro (2008, p. 375), defendendo que estas “ajudam a criança a encontrar uma organização temporal, dando-lhes segurança”. O mesmo autor refere que “este género de atividade pressupõe quase sempre o domínio da expressão plástica e suas diferentes técnicas”.

3 de janeiro de 2011

No período de tempo dedicado ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, algumas das crianças realizaram propostas de trabalho enquanto as restantes realizavam a revisão de lições da Cartilha Maternal.

Após o recreio, a educadora recorreu ao material Calculadores Multibásicos para introduzir a representação de números. A mesma explicou que a peça amarela representava a ordem das unidades e que a peça verde representava a ordem das dezenas. Foi solicitando às crianças que escrevessem alguns números no quadro e que, de seguida, os representassem na placa.

Para finalizar, as crianças realizaram uma proposta de trabalho, com o intuito de desenhar a simetria de uma imagem.

Inferências/Fundamentação Teórica

Com o auxílio do material estruturado Calculadores Multibásicos, a educadora introduziu a leitura de números, mais especificamente a ordem das unidades e a ordem das dezenas.

As Normas para a Matemática (1991, citadas por Caldeira, 2007, p. 203) referem que “para perceberem as diferentes formas de utilização dos números no mundo real, as crianças precisam compreender os números (...) além disso, a compreensão do valor de posição é crucial para o trabalho posterior com os números e o cálculo”.

Para que os alunos consigam realizar a leitura de números é essencial que, anteriormente, a educadora tenha trabalhado o sentido de número. A mesma autora define o sentido de número como a “compreensão global e flexível dos números e operações, com o intuito de perceber os números e as suas relações e desenvolver estratégias eficazes para a sua aplicação no mundo que nos rodeia” (p. 203)

Ao adquirir o sentido de número, os alunos tornam-se capazes de compreender os “diversos significados e utilizações dos números e a forma como eles estão interligados” (p. 203).

4 de janeiro de 2011

A educadora reorganizou a sala de aula para que os alunos estivessem sentados em grupos de cinco ou seis. Distribuiu uma caixa com o material Cuisenaire a cada grupo e fez a revisão das cores e valores de cada peça.

De seguida, os alunos dedicaram-se ao jogo dos comboios, ou seja, para um determinada peça (estação) tinham que escolher duas ou mais peças iguais (carruagens) que representassem o mesmo valor, para que as carruagens não ultrapassassem o tamanho da estação. Para concluir esta área, a educadora solicitou às alunas que retirassem três peças e aos alunos que retirassem quatro peças e que fizessem a adição dos seus valores. Em simultâneo, foi perguntando a alguns dos alunos qual o valor total das suas peças.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, as crianças trabalharam na Cartilha Maternal e nos seus cadernos de escrita.

Inferências/Fundamentação Teórica

O Cuisenaire, material utilizado no Domínio da Matemática, “é formado por (...) barras ou peças coloridas. São prismas quadrangulares com 10 cores e dez comprimentos diferentes” (Caldeira, 2009, p. 128).

O jogo dos comboios, realizado com este material, é descrito por Caldeira (2009) da seguinte forma: “Pedimos à criança para colocar à sua frente na posição horizontal, uma determinada peça. Depois solicitamos que procure as diferentes possibilidades de formar comprimentos iguais ao da primeira peça, colocando outras em linha recta, unidas pelas extremidades.” (p. 137)

Este jogo tem o objetivo de levar as crianças a perceber que uma quantidade pode ser representada de diferentes formas a partir da associação de peças iguais ou diferentes.

7 de janeiro de 2011

A educadora fez a revisão das letras já aprendidas na Cartilha Maternal.

No período de tempo dedicado ao Domínio da Matemática, a educadora utilizou o material estruturado Calculadores Multibásicos e reviu a leitura de números, a operação da adição e os constituintes desta operação. Esta operação foi concretizada através de vários exercícios feitos com este material e também no quadro.

Inferências/Fundamentação Teórica

O material Calculadores Multibásicos facilita a aprendizagem da operação adição, na medida em que torna possível a contagem das peças, ou seja, a obtenção do total a partir do cálculo por contagem.

De acordo com Castro e Rodrigues (2008), “os primeiros cálculos que as crianças realizam são cálculos por contagem, apoiados em materiais que a facilitem” (p. 30). Os mesmos autores referem que “à medida que o seu universo numérico aumenta e as suas competências de contagem se desenvolvem, as crianças vão-se tornando progressivamente mais competentes, realizando cálculos mais complexos, utilizando estratégias de contagem flexíveis e inteligentes” (p. 31).

A utilização deste material permite exercitar a resolução de adições. Este treino permite que posteriormente os alunos consigam resolver esta operação sem a recorrer a materiais manipuláveis.

1.3. 3.ª Secção

Esta secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 10 de janeiro de 2011 a 18 de fevereiro de 2011. O estágio foi realizado na sala do Bibe Amarelo A, com a Educadora Cooperante Ana Freire.

1.3.1. Caracterização da turma

A turma do Bibe Amarelo A do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais é composta por 27 crianças, 14 do sexo masculino e 13 do sexo feminino. Todas estas crianças têm idades entre os 2/3 anos.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.3.2. Caraterização do espaço

A sala utilizada pelo Bibe Amarelo é partilhada pelas duas turmas, desta faixa etária, e a divisão da mesma é feita com o auxílio de um móvel. O espaço ocupado pelo Bibe Amarelo A é composto por duas zonas distintas, uma zona livre e outra ocupada com mesas.

A zona livre situa-se perto das janelas e é utilizada em momentos de Estimulação à Leitura ou de exploração de conteúdos de Conhecimento do Mundo. Neste local existem também alguns armários e uma estante com livros que representa o cantinho da leitura.

A restante área é preenchida por cinco mesas retangulares que são ocupadas por, aproximadamente, seis crianças cada.

As paredes da sala estão decoradas com trabalhos elaborados pelas crianças e com o quadro das presenças e dos chefes (material, comboio e bolachas).



Figura 4 – Sala de aula do Bibe Amarelo A

1.3.3. Horário

Quadro 4 – Horário do Bibe Amarelo A

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h – 9h30	Partilha de Saberes	Acolhimento/Canções de Roda		Partilha de Saberes	Acolhimento/Canções de Roda
9h30 - 10h	Área de Projeto: Estimulação à Leitura			Música 9h45 – 10h15	Área de Projeto: Estimulação à Leitura
10h - 10h30	Educação do Movimento	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática
10h30 - 11h	Partilha de Saberes	Proposta de Trabalho	Proposta de Trabalho	Proposta de Trabalho	Educação do Movimento
11h – 11h30	Recreio				
	Higiene/Preparação para o almoço				
12h – 12h30	Almoço				
12h30 - 14h30	Recreio (livre e orientado) /Hora da sesta				
14h30 - 15h	Higiene/Preparação da sala				
15h – 16h	Atividades de Arte Plástica/Desenvolvimento da motricidade fina/Jogos Orientados/Estimulação à Leitura/Aulas de Descoberta				
16h – 16h20	Higiene				
16h20 – 17h	Lanche/Saída				

1.3.4. Rotinas

As rotinas realizadas pelo Bibe Amarelo são as mesmas rotinas relatadas na no Bibe Encarnado, à exceção da sesta que é apenas realizada pelas crianças desta faixa etária. Deste modo, não considere relevante referi-las novamente.

Sesta

Após terminarem o almoço e irem à casa de banho, as crianças do Bibe Amarelo deslocam-se até a sua sala onde já se encontram os catres para a sesta. Tal como refere Cordeiro (2008), esta rotina “deve ser feita num ambiente calmo” (p. 373). A educadora deve estar consciente para o facto de algumas crianças já não necessitarem de realizar esta rotina, “arranjando alternativas para as que não querem” (p. 306), para que estas não incomodem os colegas.

Algumas das crianças desta faixa etária necessitam de objetos de transição para criar uma ligação entre a escola e casa, tornando este momento “tranquilo e securizante” (p. 373).

1.3.5. Relatos diários

10 de janeiro de 2011

Este foi o primeiro dia de estágio realizado no bibe amarelo. A educadora começou a manhã com a leitura da história *O capuchinho vermelho*, dinamizada com o auxílio de um fantoche. Ao terminar a história, a educadora “lançou” pozinhos mágicos para os meninos.

Posteriormente, as crianças tiveram aula de ginástica, ao que se seguiu o almoço e a sesta.

Inferências/Fundamentação Teórica

A educadora contou a história de uma forma bastante animada e realizando inflexões de voz, o que prendeu a atenção das crianças para a mesma.

Cury (2004) defende que “para contar histórias é necessário exercitar uma voz flutuante, teatralizada, que muda de tom durante a exposição. É preciso produzir gestos e reações capazes de expressar o que as informações lógicas não conseguem” (p. 133)

Este momento foi enriquecido com a utilização de um fantoche. O uso destes “bonecos” é referido nas Orientações Curriculares (1997) porque “facilitam a expressão e a comunicação através de “um outro”, servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos” (p. 60).

11 de janeiro de 2011

Esta manhã o bibe amarelo foi ao teatro Tivoli assistir à peça “BZZZ BZZZ BZZZ...A UNIÃO FAZ A FORÇA!”. Esta peça pretendia transmitir a importância da amizade através de uma história em que as personagens eram abelhas, beija-flores e formigas.

Inferências/Fundamentação Teórica

As visitas de estudo são por si só uma diversão para as crianças não só pela saída da escola, mas também porque são sempre algo de novo e diferente.

As visitas de estudo são, segundo Almeida (1998), “qualquer deslocação efectuada por alunos ao exterior do recinto escolar, independentemente da distância considerada, com objetivos educacionais mais amplos ao do mero convívio entre professores e alunos” (p. 51).

Nesta data, a visita de estudo compreendeu uma ida ao teatro. De acordo com Cordeiro (2009, p. 424), as crianças devem começar a frequentar o teatro por volta dos três anos, dado as suas variadas vantagens como, por exemplo, a “apreciação do teatro como experiência estética; progressiva consciencialização dos valores culturais e sociais”.

O mesmo autor refere que hoje em dia “existem inúmeras companhias de teatro portuguesas que, com frequência, levam à cena peças para crianças” possibilitando o contacto das crianças com esta forma de arte.

14 de janeiro de 2011

A manhã começou com uma rotina já conhecida pelas crianças, a chamada. Esta consiste em verificar se todos os alunos estão presentes e é feita a partir de um painel onde são visíveis as fotografias de todos os alunos.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a educadora leu a história *O Rato Renato diz mentiras*. Em seguida, as crianças foram para o ginásio onde estiveram a fazer alguns jogos.

A manhã foi concluída com a realização de uma reunião onde foram discutidas as aulas surpresa ocorridas durante a manhã.

Inferências/Fundamentação Teórica

A reunião que ocorre a seguir às aulas surpresa lecionadas pelos estagiários permite que haja uma reflexão sobre a aula dada. Durante esta reflexão o estagiário retrata a sua prestação e os professores supervisores, a partir de uma análise da aula dada, salientam os aspetos positivos e os aspetos a melhorar.

Segundo Zeichner (1993):

(...) os formadores de professores têm a obrigação de ajudar os futuros professores a interiorizarem, durante a formação inicial, a disposição e a capacidade de estudarem a maneira como ensinam e de a melhorar com o tempo, responsabilizando-se pelo seu próprio desenvolvimento profissional. (p. 17)

18 de janeiro de 2011

Esta manhã foi marcada pela visita do escritor António Torrado ao Jardim-Escola João de Deus do Olivais. Durante a sua visita, o autor contou algumas histórias e aproveitou para autografar os livros das crianças.

De seguida, as crianças regressaram à sala, realizaram as rotinas de higiene e foram almoçar.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data o autor António Torrado realizou uma visita ao Jardim-Escola.

Durante a visita, o autor contou algumas histórias de uma forma bastante dinâmica, o que fascinou as crianças.

De acordo com o Ministério da Educação (2008), “os encontros de crianças com os autores (...) podem ter um efeito muito positivo na aquisição ou consolidação do gosto pela leitura” (p. 15)

Este contacto com o autor foi bem aceite pelas crianças porque estas já estavam familiarizadas com alguns dos seus livros. O mesmo autor defende que “é aconselhável que o convidado seja autor de uma das obras trabalhadas, escolhendo-se preferencialmente entre as que suscitaram maior adesão das crianças” (p. 15).

21 de janeiro de 2011

A educadora começou por sentar as crianças no tapete e por contar uma história. De seguida, escolheu o material estruturado Cuisenaire para dar início ao Domínio da Matemática. Começou por explorar as características da caixa e construiu a escada com as peças, fazendo referência ao valor de cada uma e à importância da peça branca, visto que é esta peça que permite descobrir o valor de todas as outras.

Para se familiarizarem com este material, a educadora deixou que o explorassem livremente e que realizassem algumas construções.

Seguiu-se a aula de ginástica, as rotinas de higiene e o almoço.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta faixa etária, o material Cuisenaire é utilizado para identificar cores, tamanhos e a ordem das peças. Estas atividades permitem, de acordo com Caldeira (2009), “trabalhar a memória, a ordenação, o conceito da cor e do número” (p. 130).

A educadora salientou o valor da peça branca, dado que esta é considerada a peça padrão, a partir da qual se medem todas as outras. O valor de cada peça não foi abordado nesta aula, por este motivo, as crianças ao ordenarem as peças, fizeram-no apenas tendo em conta os tamanhos das mesmas.

A mesma autora refere que “as crianças ao ordenarem as peças por tamanhos e ao enumerarem as cores e valores numa escala ascendente ou descendente, podem consolidar as propriedades do número e até introduzir diversos conceitos.” (p. 132).

24 de janeiro de 2011

As professoras orientadoras da Prática Pedagógica fizeram uma visita ao Jardim-Escola e solicitaram aulas surpresa a alguns dos estagiários.

A educadora leu uma história e, posteriormente levou as crianças para a aula de ginástica.

Inferências/Fundamentação Teórica

Estas aulas, realizadas no âmbito da disciplina de Prática Pedagógica, têm com intuito avaliar de que modo o aluno estagiário leciona um tema e uma aula que não programou previamente. É importante que um professor saiba agir perante situações inesperadas porque estas ocorrem com frequência durante o seu percurso profissional.

As aulas surpresa são seguidas de uma reunião onde é feita uma reflexão sobre as mesmas. Zeichner (1993) defende que “o processo de compreensão e melhoria do seu ensino deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência” (p. 17).

25 de janeiro de 2011

Nesta manhã, foi solicitado à minha colega de estágio Carolina que desse uma aula surpresa com o material estruturado Blocos Lógicos. A mesma fez uma revisão das peças deste material fazendo referência às suas características.

Inferências/Fundamentação Teórica

Esta aula não correu da melhor forma porque, talvez devido ao visível nervosismo, a minha colega não conseguiu controlar corretamente o comportamento da turma, que não respondeu às solicitações da estagiária.

Com o decorrer da mesma, a minha colega ficou desanimada o que influenciou a sua prestação.

De acordo com Estanqueiro (2010), “é fundamental acreditar naquilo que se faz. Dando o seu melhor ao ensino, o professor dignifica o seu trabalho e influencia positivamente a motivação dos alunos”, favorecendo também a sua motivação.

28 de janeiro de 2011

Nesta data lecionei a minha 1.^a manhã de aulas no bibe amarelo. Comecei a aula com o Domínio da Matemática, no qual utilizei o material estruturado Blocos Lógicos e explorei os diferentes atributos do mesmo.

Na área de Conhecimento do Mundo, mostrei um modelo do planeta Terra a partir do qual expliquei que este era composto por vários continentes e na sua maioria por água. Em simultâneo, com o auxílio de uma apresentação de *powerpoint* com imagens, expliquei às crianças que o continente em que vivemos se denomina Europa e recorri às vivências das mesmas para dialogar sobre Portugal e a capital Lisboa.

Conclui a manhã de aulas com a leitura do livro *O monstro das festinhas*, da autora Carla Antunes.

Inferências/Fundamentação Teórica

A utilização de materiais manipuláveis é uma prática corrente nos Jardins-Escola João de Deus. Estes materiais facilitam e estimulam a aquisição, por parte da criança, de novos conhecimentos.

De acordo com Prado (citado por Caldeira, 2009, p.17), “os materiais didáticos, são instrumentos para a aprendizagem, pois são o meio através do qual a criança interage com o mundo exterior” e é esta interação que facilita o processo de aprendizagem.

O material utilizado no Domínio da Matemática foram os Blocos Lógicos, que permitem trabalhar diversos conceitos, entre eles, as cores, os tamanhos e as formas geométricas

De acordo com Moreira e Oliveira (2003), “os conceitos sobre as formas geométricas começam a formar-se durante o período pré-escolar e estabilizam por volta dos seis anos, sendo, por isso, oportuno trabalhar sobre formas entre os três e os seis anos de idade” (p. 45).

31 de janeiro de 2011

A manhã começou com a preparação das crianças para a aula de ginástica que se iria realizar mais tarde. A educadora pediu às crianças que se sentassem no tapete e contou uma história. Seguiu-se a aula de ginástica.

Ao regressarem, a educadora escolheu as palhinhas, material não estruturado, para dar a aula de Domínio da Matemática. Após a revisão das regras de comportamento, a educadora concretizou duas adições e, em simultâneo, alguns dos alunos foram ao quadro desenhar a quantidade de palhinhas pedida e associar o algarismo correto.

Inferências/Fundamentação Teórica

A educadora utilizou o material manipulativo já referido para trabalhar a contagem.

Castro e Rodrigues (2008) mencionam que “só através da criação de oportunidades em que se torne fundamental a contagem de objectos é que a criança vai sentindo a necessidade de conhecer os termos da contagem oral e relacionar os números.” (p. 17)

O facto de os alunos saberem a sequência numérica não quer dizer que tenham desenvolvido o sentido de número. Nesta atividade, a educadora promoveu a aquisição do sentido de número por parte das crianças.

A adição foi trabalhada de uma forma bastante simples. A educadora representou no quadro duas quantidades diferentes de palhinhas e ao solicitar a uma criança que as contasse de seguida, esta obteve o resultado da adição.

1 de fevereiro de 2011

Esta manhã foi lecionada pela estagiária Carolina. A minha colega começou por levar as crianças para a biblioteca, local onde leu o livro *Adivinha quanto gosto de ti*.

No Domínio da Matemática, escolheu o material estruturado 1.º Dom de Froebel para trabalhar as cores, a orientação espacial e a memória. Para concluir esta área, realizou um jogo que consistia em esconder uma das sete bolas e pedir a uma das crianças que, ao observar as bolas, identificasse a cor da bola escondida.

A seguir ao intervalo teve início a área de Conhecimento do Mundo. Nesta área as crianças tiveram que descobrir as peças de um puzzle e montá-lo, para descobrir qual o tema da aula. O tema da aula foi o movimento de translação, explorado através de uma representação deste movimento, com o auxílio de duas crianças escolhidas aleatoriamente.

Inferências/Fundamentação Teórica

O material utilizado pela minha colega Carolina para lecionar o Domínio da Matemática foi o 1.º Dom de Froebel. Este é um material “composto por seis pequenas bolas (...) nas seguintes cores vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Estas bolas estão dentro de uma caixa de madeira com a forma de um paralelepípedo” (Caldeira, 2009, p. 243).

Este material é essencialmente utilizado nesta faixa etária e permite trabalhar diferentes conteúdos e capacidades como, por exemplo, as cores, formas e desenvolver os sentidos e a lateralidade. Estes foram desenvolvidos ao longo da atividade realizada pela minha colega, na qual solicitou sempre a participação dos alunos para realizar tarefas como identificar as cores, colocar as bolas em lugares específicos e, por último, recordar onde estavam as peças escondidas e quais as suas cores.

4 de fevereiro de 2011

No início da manhã, as crianças ouviram uma história contada pela educadora e, de seguida, dirigiram-se para a aula de ginástica. Seguiu-se o recreio e o lanche da manhã.

Inferências/Fundamentação Teórica

Apesar de a aula de Ginástica não ter sido observada é de salientar a importância desta prática dado que, de acordo com Rabinovich (2007):

A Educação Física ocupa lugar importante entre as diferentes actividades inovadoras propostas às crianças da Educação Infantil, pois, actualmente, tais práticas possibilitam o desenvolvimento da cultura corporal, oferecendo oportunidades variadas, tais como: autonomia, segurança, domínio corporal e respeito às singularidades de cada criança (p. 27)

7 de fevereiro de 2011

Nesta data, pude assistir a uma aula programada e assistida pelas orientadoras da Prática Pedagógica. Esta aula foi lecionada pela estagiária Sara, no bibe azul A.

A estagiária começou com o Domínio da Matemática, na qual utilizou o material estruturado 3.º e 4.º Dons de Froebel, para realizar a construção da camioneta. De seguida, realizou uma situação problemática a partir de um material criado pela própria.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, fez a leitura preparatória de uma receita de batido de morango e, na Cartilha Maternal, fez a revisão da letra /m/. Concluiu a sua aula, na área de Conhecimento do Mundo, explorando as características do morango e mostrando o exemplar de um morangueiro.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os materiais utilizados no Domínio da Matemática foram o 3.º e o 4.º Dom de Froebel. A utilização conjunta destes dois materiais, de acordo com Caldeira (2009), permite “fazer construções e cálculos mais elaborados e complexos” (p. 277).

A construção realizada foi a camioneta, a partir da qual a estagiária partiu para uma situação problemática com um material manipulativo criado pela própria.

A mesma autora (2009, p. 15) defende que “o material manipulativo (...) constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem” através da manipulação de conceitos considerados abstratos.

8 de fevereiro de 2011

A minha colega de estágio Marisa iniciou a sua aula fazendo uma revisão dos atributos do material estruturado Blocos Lógicos. De seguida, solicitou a participação das crianças para, com as peças deste material, completarem um placar com uma imagem.

Na área de Conhecimento do Mundo explicou, através de uma história, o ciclo da água e realizou um trabalho de Expressão Plástica, que consistia em fazer a picotagem de gotas, que foram posteriormente utilizadas num móbile.

Na última área da manhã, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a estagiária fez a dinamização da leitura do livro *O patinho feio* e solicitou às crianças que, com imagens das personagens, completassem as ilustrações do livro.

Inferências/Fundamentação Teórica

Para concluir a área de Conhecimento do Mundo, a minha colega de estágio solicitou a participação das crianças para a elaboração de um projeto de expressão plástica, a construção de um móbile.

As crianças começaram por picotar algumas gotas de água, desenhadas pela estagiária em papel de lustro. Esta técnica implica o domínio da motricidade fina e permite desenvolver a responsabilidade no manuseamento do pico, utilizado nesta técnica.

A construção do móbile foi um projeto realizado com a participação de toda a turma. As Orientações Curriculares (1997) referem que “a interação das crianças durante as atividades de expressão plástica e a realização de trabalhos por duas ou mais crianças são (...) meios de diversificar as situações” (p. 64)

11 de fevereiro de 2011

A minha colega de estágio Carolina iniciou a sua manhã com o Domínio da Matemática, tendo escolhido o material não estruturado palhinhas para trabalhar a noção de número e a orientação espacial.

Na área seguinte, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a estagiária utilizou uma apresentação de *powerpoint* para contar a história *Dez numa cama*.

Concluiu a sua manhã com uma apresentação em *powerpoint*, a partir do qual fez a revisão do movimento de translação e explicou que é este movimento que origina as estações do ano, escolhendo depois dois alunos para representar o movimento de rotação e explicou que é este movimento que origina a alternância entre o dia e a noite.

Inferências/Fundamentação Teórica

A história *Dez numa cama* contada pela minha colega de estágio Carolina foi do agrado das crianças, que se mantiveram em silêncio e bastante concentradas no decorrer da mesma.

A estimulação à leitura é, de acordo com Gomes (2000), uma das responsabilidades do educador. Este autor defende que “continua a conhecer-se como insubstituível o papel dos educadores no desenvolvimento das competências de leitura e no incentivo ao gosto de ler” (p. 29)

As ilustrações do livro foram mostradas a partir de uma apresentação de *powerpoint* permitindo, desta forma, que todas as crianças as pudessem visualizar.

A importância da dimensão das imagens é salientada por Spodek e Saracho (1998) que referem que estas devem “ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças” (p. 335).

14 de fevereiro de 2011

Nesta data, lecionei a última manhã de aulas no bibe amarelo. Principiei com Domínio da Matemática, na qual contei uma história e, em simultâneo, solicitei aos alunos

que concretizassem, com o auxílio de imagens de astronautas, alguns cálculos que eram, posteriormente, representados no quadro.

Seguiu-se a área de Conhecimento do Mundo, que teve como principal objetivo explicar às crianças que vivemos no planeta Terra e que este se encontra no Sistema Solar. Solicitei a participação das crianças para a representação deste Sistema, em que cada aluno representava um planeta, no decorrer da qual fiz referência ao nome e a algumas características de cada um dos planetas.

Conclui a manhã lendo o livro *A que sabe a Lua*, tendo utilizado o suporte informático *powerpoint* para mostrar as ilustrações do mesmo.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Conhecimento do Mundo explorei o Sistema Solar, fazendo referência aos diferentes planetas que o constituem e ao Sol. Apesar de serem conceitos de difícil compreensão para esta faixa etária, as crianças demonstraram-se bastante atentas ao quererem participar no diálogo que estabeleci com as mesmas, fazendo várias perguntas.

Para concluir esta área e para que as crianças construíssem uma noção mais concreta do Sistema Solar, solicitei a participação das crianças para uma representação do mesmo. Algumas crianças vestiram os fatos dos planetas e do Sol e conforme eu ia chamando, estas deslocavam-se para a órbita do respetivo planeta.

Os autores Hohmann, Banet e Weikart (1984) defendem que:

(...) através da imitação as crianças em idade pré-escolar aprendem a representar com o seu próprio corpo e a sua própria voz aquilo que sabem sobre o mundo. A imitação é o início do «faz de conta» ou desempenho de papéis, em que as crianças integram uma série de imitações. (p.224)

15 de fevereiro de 2011

A estagiária Marisa lecionou, nesta data, a última manhã de aulas. Começou com o Domínio da Matemática, na qual utilizou o material estruturado Cuisenaire para fazer uma revisão dos valores das peças até à peça de valor cinco.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a minha colega leu a história *Sara, Tomé e o Boneco de Neve* exibindo, em simultâneo, as ilustrações do livro através de um *powerpoint*.

Concluiu a sua manhã com a área de Conhecimento do Mundo, na qual com o auxílio das crianças fez gelatina com o intuito de lhes mostrar os vários estados da água.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data é de salientar o modo como a minha colega de estágio Marisa demonstrou às crianças que a água pode existir em diferentes estados. Esta demonstração foi feita a partir da elaboração de uma gelatina.

Nas diferentes etapas desta receita, a água foi surgindo nos seus diferentes estados. Primeiro no estado líquido, ao ser adicionada ao pó da gelatina, depois em estado gasoso, quando estava ao lume, e por último em estado sólido, depois de a gelatina ser colocada no frigorífico.

Durante todo este processo, a minha colega foi solicitando a participação das crianças. Esta atitude estimula a aquisição de conhecimento por parte das crianças, aspeto que é defendido por Hohmann e Weikart (1997), ao referirem que “através da aprendizagem pela acção – viver experiências diretas e imediatas e retirar delas significado através da reflexão – as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo” (p. 5)

A realização de receitas é defendida por Felton-Collins e Peterson (1998) porque “proporciona a experiência na seriação ou compreensão de uma sequência de operações e acontecimentos (...) bem como na medição e compreensão das alterações que ocorrem na textura, dimensão, sabor” (p. 51)

18 de fevereiro de 2011

Esta foi a última manhã de estágio no bibe amarelo e no Pré-escolar. Durante este período de tempo os meninos tiveram aula de ginástica e posteriormente cerâmica.

Inferências/Fundamentação Teórica

A aula de cerâmica está inserida nas atividades extracurriculares e permite que os alunos tenham contacto com alguns materiais moldáveis. Segundo Sousa (2003, p. 255), a expressividade e criatividade natural das crianças é satisfeita “através da acção de modelar e de criar formas em materiais moldáveis”

O mesmo autor defende que com este tipo de atividades as crianças desenvolvem diversas capacidades e valores tais como “a ordem, a paciência, o asseio e a persistência” (p. 255).

1.4. 4.ª Secção

Esta secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 28 de fevereiro de 2011 a 4 de março de 2011 (semana de contacto com a realidade educativa). O

estágio foi realizado na sala do Bibe Amarelo A, a mesma da secção anterior, com a Educadora Cooperante Ana Freire.

1.4.1. Relato semanal

28 de fevereiro a 4 de março de 2011

Durante esta semana realizei a semana de Contacto com a Realidade Educativa, no bibe amarelo A.

Ao aproximar-se o Carnaval e a celebração do Dia do Pai, estes dias foram utilizados para a realização de atividades relacionadas com estas épocas festivas. As crianças decoraram algumas máscaras através da técnica digitinta, utilizando os dedos como carimbos para colorirem a máscara.

Seguiu-se a elaboração da prenda do Dia do Pai, que consistiu na decoração de uma moldura. As crianças fizeram um desenho a lápis na moldura e depois a educadora com a utilização de um pirógrafo gravou os desenhos na madeira.

As prendas depois de terminadas foram guardadas dentro de envelopes feitos a partir de folhas A3 que anteriormente tinham sido carimbadas, pelas crianças, com carimbos diversos.

Também durante este período de tempo, as crianças de ambos os bibe amarelo assistiram à dramatização de uma história feita pelos pais de um dos alunos. O último dia desta semana foi um dia de lazer no qual todas as crianças foram mascaradas.

Inferências/Fundamentação Teórica

As atividades relacionadas com o Carnaval são realizadas todos os anos e nas diferentes faixas etárias.

De acordo com Cordeiro (2008):

(...) as actividades temáticas são actividades que surgem todos os anos, e muito importantes, pois ajudam a criança a encontrar uma organização temporal, dando-lhes segurança. Este género de actividade pressupõe quase sempre o domínio da expressão plástica e as suas diferentes técnicas. (p. 375)

As atividades relacionadas com o Dia do Pai também se inserem neste tipo de atividades e, como é referido por Cordeiro (2008), restringiram-se essencialmente a atividades de Expressão Plástica.

Uma das técnicas utilizadas foi a digitinta, esta “é uma actividade de surpresa, dado que permite expandir enormemente a criatividade” (Cordeiro, 2008, p.373).

De acordo com o mesmo autor, “é uma boa oportunidade para desenvolver a motricidade grossa, através dos movimentos com os braços e mãos, e da motricidade fina, pelos movimentos com os dedos” (p.373).

Saliento o facto de os pais de um aluno se terem deslocado à escola para contar uma história. Marques (2001, p.28) defende que a colaboração entre os pais e a escola tem um impacto positivo na aprendizagem dos alunos. Esta interacção é também benéfica para os pais que, desta forma, melhoram as suas competências como educadores.

A história foi contada de uma forma bastante divertida e que implicou a colaboração de todos os alunos.

1.5. 5.ª Secção

Esta secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 14 de março de 2011 a 13 de maio de 2011. O estágio foi realizado na sala do 2.º Ano A, com a Professora Cooperante Sofia Guedes.

1.5.1. Caraterização da turma

A turma do 2.º Ano A do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais é composta por 29 crianças, 15 do sexo feminino e 14 o sexo masculino. Todas as crianças têm 7 anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

Existe apenas uma criança com dificuldades de aprendizagem e uma com alguns problemas comportamentais e de postura.

1.5.2. Caraterização do espaço

A sala destinada a esta turma possui duas portas, uma que dá acesso à biblioteca e outra que dá acesso ao exterior. As janelas são de grandes dimensões o que torna a sala bastante luminosa.

As mesas estão colocadas a pares e formam três filas. Estas estão direccionadas para um quadro de ardósia. Nas paredes são visíveis alguns quadros os esquemas alusivos a conteúdos temáticos já abordados. Numa das paredes estão colocados dois placares onde são colocados os trabalhos realizados pelos alunos.



Figura 5 – Sala de aula do 2.º Ano A

1.5.3. Horário

Quadro 5 – Horário do 2.º Ano A

	<i>Segunda-feira</i>	<i>Terça-feira</i>	<i>Quarta-feira</i>	<i>Quinta-feira</i>	<i>Sexta-feira</i>
9h - 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa
10h - 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h - 11h30	Recreio				
11h30 - 12h	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)
12h - 12h50	Matemática	Educação Física	Matemática	Língua Portuguesa	Estudo do Meio
13h - 14h30	Almoço				
14h30 - 15h20	Estudo do Meio	Língua Portuguesa	Formação Cívica	Expressão Plástica 14h30 - 15h45	Estudo Acompanhado
15h20 - 16h10	Área de Projecto	Inglês	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Arrumação de Trabalho
16h10 - 17h	Computadores	Estudo do Meio	Biblioteca	Música	Assembleia de Turma
17h	Lanche e Saída				

1.5.4. Rotinas

As rotinas realizadas pelo 2.º Ano, descritas em baixo, estão de acordo com as rotinas estabelecidas para o 1.º Ciclo do Jardim-Escola.

Zabalza (1998) reflete sobre a importância das rotinas, ao referir que estas “atuam como organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e

possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda, substituem a incerteza do futuro por um esquema fácil de assumir”. (p. 52)

Acolhimento

Este acontece no ginásio do Jardim-Escola até as 9h. Durante este período de tempo, as crianças que frequentam o 1.º Ciclo realizam alguns jogos e brincadeiras sob a orientação de um professor.

Hohmann e Weikart (1997) sustentam que “o tempo em grande grupo é importante porque dá às crianças um repertório de experiências comuns; constrói um sentido comunitário; encoraja a pertença ao grupo e a liderança”. (p. 409)

Higiene

As rotinas de higiene ocorrem antes e depois dos recreios e são sempre supervisionadas por um professor.

Recreio

O primeiro recreio ocorre entre as 11h e as 11h30 m. Neste período de tempo, as crianças fazem um pequeno lanche e brincam livremente.

Após o almoço, decorre o segundo recreio que pode ou não ser orientado pela professora.

Os autores Hohmann e Weikart (1997) defendem que:

(...) as brincadeiras de exterior levam a uma maior socialização, uma vez que os alunos se juntam para realizar o mesmo tipo de atividades, a uma representação criativa, a um desenvolvimento da linguagem e literacia, a uma iniciativa e a relações interpessoais, ao movimento, a música, a noção de espaço e de tempo. (p. 432)

1.5.5. Relatos diários

14 de março de 2011

Esta manhã teve início com a avaliação da leitura de números e a interpretação e análise de um pictograma, atividades inseridas na área curricular de Matemática.

Para concluir esta área, as crianças realizaram alguns exercícios sobre um pictograma dado pela professora.

Posteriormente, as crianças realizaram a cópia de um texto e um ditado.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização de ditados possibilita que o professor desenvolva nos seus alunos a ortografia e a caligrafia, a par da atenção e concentração.

Condemarín e Chadwick (1987) defendem que “o ditado favorece o aprendizado do vocabulário, proporciona uma prática ativa e estruturada na escrita de palavras em um contexto” (p. 184).

Este tipo de atividade é definido por Azevedo (2000), como uma atividade que envolve “uma atitude metalinguística, pois é necessário reestruturar de outra forma todo o saber linguístico até então adquirido. A transição da oralidade para a escrita não se faz de modo automático, nem o novo código se adquire de modo imediato” (p.42)

15 de março de 2011

A professora distribuiu uma proposta de trabalho de Língua Portuguesa que consistia em completar o poema “Alfabeto sem juízo” da autora Luísa Ducla Soares. De seguida, tendo o mesmo poema como modelo, os alunos criaram diferentes poemas.

Nesta data, os meninos receberam a visita da autora Maria Carolina Rosa. A autora leu alguns dos seus contos, respondeu às perguntas das crianças e, no final, autografou alguns livros.

Ao regressarem à sala, os alunos resolveram a prova de avaliação de situações problemáticas.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data, a professora optou por trabalhar o texto poético de uma forma que considere bastante positiva e estimulante. Começou por ler o poema “Alfabeto sem juízo” da autora Luísa Ducla Soares.

Franco (1999) refere que “é fundamental desenvolver iniciativas que confrontem as crianças com a linguagem poética, partindo (...) da relação sensorial com a realidade e do manuseio de textos que provoquem e alimentem a criatividade” (p. 70).

Após a leitura, desenvolveu uma atividade na qual os alunos tinham que criar poemas diferentes tendo com base o poema lido e não podendo alterar o início dos versos.

O mesmo autor defende que, por vezes, não é atribuída a estas atividades a devida importância e que é importante que o professor possa promover “a componente lúdica de que se podem investir certas atividades de prática da língua e de iniciação à poesia” (p. 61).

Para concluir esta atividade, alguns alunos tiveram a oportunidade de ler para a turma os poemas que tinham escrito. O autor referido anteriormente salienta a importância de alguns aspetos relacionados com esta exposição como, por exemplo:

O simples facto de tomarmos consciência da nossa voz – conhecer e apropriarmo-nos dos mecanismos que nos permitem modular os sons que produzimos e assumirmos o controlo dos seus efeitos nos que nos ouvem – e o podermos enfrentar a presença e atenção dos outros são elementos inestimáveis para o processo de descoberta do eu que influencia todo o desenvolvimento global da criança, fortalecendo de uma forma inequívoca a auto-estima, a confiança e a autonomia. (p. 70)

18 de março de 2011

A manhã teve início com a resolução de alguns trabalhos de Matemática que estavam em atraso.

Após o intervalo, os alunos assistiram a uma peça de teatro que tinha como tema a alimentação saudável e a amizade.

Já na sala, as crianças fizeram a leitura e interpretação de um texto e um ditado mudo.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data, saliento o facto de os alunos terem assistido a uma peça de teatro que realçou alguns conceitos importantes relacionados com a alimentação e a amizade.

O teatro na escola é definido por Sousa (2003), como um espetáculo que:

(...) no mesmo espaço de uma sala de teatro, com a sua plateia, palco e todo o seu equipamento – ou num espaço semelhante cedido pela escola, põe em cena (...) peças de teatro destinadas a proporcionar situações educacionais específicas aos diferentes escalões etários de um público infantil. (p. 82)

Ao transmitir a mensagem de uma forma lúdica esta é mais facilmente apreendida pelas crianças.

22 de março de 2011

A professora solicitou aos alunos que fizessem uma composição para a avaliação, primeiro no caderno de rascunho e só depois na folha da avaliação.

Ao regressarem do intervalo, as crianças resolveram alguns exercícios de Matemática e, de seguida, foram para a aula de ginástica. Durante este período de tempo, tivemos oportunidade de dialogar com a professora sobre as aulas que íamos lecionar.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero importante que os estagiários tenham oportunidade de dialogar com os professores titulares de turmas porque estes, como profissionais experientes, podem auxiliar-nos na preparação das nossas aulas e dar-nos mais segurança para a realização das mesmas.

Esta ideia é defendida por Neves (2007), que reflete sobre “a importância da cooperação entre todos os intervenientes diretos no exercício de supervisão, sendo necessário o permanente *feedback* dos supervisores para que o formando, integrado numa equipa de trabalho, vá descobrindo e desenvolvendo competências pessoais e profissionais” (p. 93).

25 de março de 2011

Os alunos realizaram avaliações de Estudo do Meio e de situações problemáticas. A professora começou por ler a prova de Estudo do Meio para que não existissem dúvidas durante a sua resolução.

Por sua vez, as situações problemáticas foram escritas no quadro e depois passadas para o papel e resolvidas.

Inferências/Fundamentação Teórica

A avaliação tem como objetivo “certificar as diversas aprendizagens e competências adquiridas pelo aluno” e “contribuir para melhorar a qualidade do sistema educativo, possibilitando a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento” (Despacho Normativo n.º 1/2005)

Os testes escritos são parte integrante da avaliação formativa. A avaliação formativa é definida, no mesmo despacho, como “a principal modalidade de avaliação do ensino básico”. Esta forma de avaliação permite que o professor obtenha “informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências” para que possa refletir e melhorar o seu método de trabalho.

28 de março de 2011

A minha colega de estágio Marisa iniciou a sua manhã de aulas com a área de Estudo do Meio. Nesta área, a minha colega apresentou um *powerpoint*, a partir do qual explicou quais os planetas que constituem o Sistema Solar e as características dos mesmos.

No intervalo de tempo dedicado à Língua Portuguesa, introduziu os conceitos de área vocabular e família de palavras.

Concluiu a sua manhã com a área de Matemática, na qual explicou a tabela de frequências, fazendo referência às regras de construção da mesma.

Inferências/Fundamentação Teórica

A área de Matemática foi aquela em que a minha colega teve uma melhor prestação. Durante este período de tempo solicitou a participação dos alunos para a construção de uma tabela de frequências e explicou as regras para a construção da mesma.

A realização deste tipo de tabela permite, de acordo com Ruas e Grosso (2004), que a análise de dados recolhidos “se faça de um modo mais eficiente” (p. 18).

A referida tabela foi elaborado com base em informações fornecidas pelas crianças da turma. Borràs (2001a, p. 334) considera importante que os alunos sejam incentivados a “recolher dados da realidade ou de fontes documentais para sua quantificação e classifica-

los e ordená-los” e que possam “realizar representações físicas e gráficas dos dados recolhidos e ordenados”.

Esta atividade foi do interesse das crianças porque o objeto de análise para a construção da tabela era a cor dos seus olhos.

1 de abril de 2011

Foi-me solicitado por uma das professoras orientadoras da Prática Pedagógica uma aula surpresa na área da Matemática com o material estruturado Cuisenaire. Esta teve como principal objetivo relembrar a representação e a leitura de números.

Inferências/Fundamentação Teórica

As aulas surpresa, parte integrante da disciplina de Prática Pedagógica, são seguidas de uma reunião realizada com os estagiários, as professoras titulares de turma e as professoras orientadoras da Prática Pedagógica.

As reuniões permitem que os alunos estagiários possam refletir sobre a sua prática e tomar conhecimento, após o diálogo com as supervisoras, de quais os aspetos em que se pode aperfeiçoar para se tornarem melhores docentes.

Tal como refere Zeichner (1993, p. 17):

(...) os formadores de professores têm a obrigação de ajudar os futuros professores a interiorizarem, durante a formação inicial, a disposição e a capacidade de estudarem a maneira como ensinam e de a melhorar com o tempo, responsabilizando-se pelo seu próprio desenvolvimento profissional.

É a partir desta reflexão que os futuros professores iniciam “o processo de compreensão e melhoria do seu ensino” (p. 17).

4 de abril de 2011

A minha colega de estágio Marisa lecionou nesta data a sua aula programada pela equipa da Prática Pedagógica. Iniciou com Língua Portuguesa, área na qual fez a leitura e interpretação do texto e explorou o grupo nominal e o grupo verbal.

Na área de Estudo do Meio, a partir de um planisfério incompleto, lembrou os diferentes continentes e oceanos que constituem o planeta Terra.

Concluiu com a área de Matemática, na qual trabalhou o conteúdo das frações com o material estruturado 5.º Dom de Froebel.

Inferências/Fundamentação Teórica

Para explorar o conteúdo de Matemática, as frações, a minha colega utilizou o 5.º Dom de Froebel.

Este material é composto por vinte e um cubos inteiros, três cubos partidos em dois meios e três cubos partidos em quatro meios. Devido à sua constituição, este material permite a exploração do conteúdo das frações de uma forma bastante acessível.

De acordo com Caldeira (2009, p. 302), “este material permite uma ampliação significativa dos conhecimentos das crianças sobre números racionais”.

Considero que este material poderia ter sido mais explorado pela minha colega, visto que o conteúdo da aula, frações, foi lecionado a partir de esquemas no quadro e não a partir do 5.º dom de Froebel, quando este permite trabalhar este conteúdo sem recurso a outros materiais.

5 de abril de 2011

Iniciei a aula com a área de Matemática, em que introduzi a noção de perímetro com o auxílio do material Geoplano. Comecei por explorar o material e explicar às crianças que o espaço existente entre dois “preguinhos” tinha a designação de unidade de comprimento. Solicitei às crianças que construíssem algumas figuras geométricas e que, com o auxílio de um fio de lã, medissem a linha fronteira da figura. De seguida, utilizaram uma régua para medir a lã, obtendo assim o perímetro da figura.

Na área seguinte, Língua Portuguesa, após a leitura e interpretação do texto “No museu dos comboios” relembrei algumas classes de palavras (determinantes, nomes e adjetivos) e, a partir de algumas frases, fiz a revisão dos grupos verbal e nominal.

Concluí a minha manhã de aulas com a área de Estudo do Meio, na qual solicitei aos alunos que a partir de letras móveis descobrissem qual o tema da aula: os meios de transporte. Dialoguei com as crianças sobre o tema e a partir dos seus conhecimentos e vivências preenchemos uma tabela com os diferentes meios de transporte, segundo o meio em que se deslocavam. Em simultâneo, solicitei a participação das crianças para que colocassem num cenário, previamente colocado no quadro, os diferentes meios de transporte nos meios em que estes se deslocavam.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Matemática utilizei, para introduzir o conceito de perímetro, o material estruturado Geoplano. Segundo Matos e Serrazina (1988, p. 14), este material possui como vantagens ser “um aparelho dinâmico, permitindo “desenhar” e “apagar” facilmente e possibilitando a aferição rápida de conjecturas” e possuir alguma mobilidade, o que permite “que os alunos se habituem a ver figuras em diversas posições”.

Comecei por dialogar com as crianças sobre alguns conceitos que considerei importantes para o conteúdo da aula e, de seguida, solicitei que construíssem algumas

figuras geométricas. Uma das figuras geométricas construídas foi o ponto de partida para a exploração do perímetro.

Este conteúdo foi trabalhado com recurso a um fio de lã e uma régua. Os alunos tinham como tarefa rodear a figura geométrica com o fio de lã e, de seguida, medir esse fio com a régua.

Devido ao facto de os alunos estarem com alguma dificuldade em medir o perímetro com o auxílio da lã, solicitei a colaboração de um aluno, que já tinha concluído a tarefa, para explicar aos colegas de que maneira tinha obtido o perímetro.

Alsina (2004, citada por Caldeira, 2009, p.411), menciona que é “importante fomentar a expressão oral e/ou gráfica acerca das acções realizadas pelas crianças e sobre as relações descobertas”. Desta forma, a restante turma compreendeu o que era pedido e realizou a tarefa na perfeição, não tendo dificuldade em realizar exercícios semelhantes, solicitados posteriormente.

8 de abril de 2011

Esta manhã foi da responsabilidade da minha colega de estágio Carolina. A minha colega iniciou a sua aula com uma simulação na qual os meninos eram cientistas da NASA. Na área de Língua Portuguesa, realizou a leitura e interpretação do texto e introduziu o conteúdo dos pronomes pessoais.

Na área de Matemática, introduziu o conceito de área através de um exercício no qual os alunos tinham que preencher um retângulo com quadrados de 1cm^2 .

A minha colega concluiu a sua manhã com a área de Estudo do Meio, na qual relembrou, a partir de um modelo, os movimentos de translação e de rotação.

Inferências/Fundamentação Teórica

Para introduzir o conceito de área, a minha colega de estágio Carolina utilizou um material elaborado por si que consistia em pequenos quadrados que foram utilizados para cobrir uma dada área (porta da nave espacial).

Considero que este material não tenha sido a escolha mais adequada visto se tratarem de quadrados demasiado pequenos que não se fixavam na área a cobrir. Por este motivo, os alunos demoraram bastante tempo para realizar esta tarefa, estando apenas a cobrir a área pretendida e não a adquirir a noção de área.

O material manipulativo, segundo Caldeira (2009, p. 15), “constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem.”. O seu uso tem como princípio básico “manipular objetos e “extrair” princípios matemáticos.

Por este motivo, é importante que como estagiários tenhamos consciência se os materiais que construímos vão ou não possibilitar a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos.

11, 12 e 15 de abril de 2011

Durante este período de tempo, devido às férias da Páscoa, as crianças não tiveram aulas, pelo que o tempo foi ocupado com várias atividades programadas e organizadas pelos estagiários.

Estas atividades englobaram jogos, *karaoke* e uma peça de teatro. Era da responsabilidade dos estagiários acompanhar os grupos de crianças nas diversas atividades.

Inferências/Fundamentação teórica

Estes foram dias de brincadeira para as crianças do Jardim-Escola. A preparação das mesmas e a elaboração dos materiais necessários requereu a colaboração de todos os estagiários

Spodek e Saracho (1998, p. 225) referem que “os professores quando planeiam uma brincadeira devem providenciar os recursos necessários” e “procurar meios de estimular o interesse e a imaginação das crianças” (p. 226).

O sucesso dos jogos e brincadeiras foi visível no entusiasmo e alegria das crianças ao participarem nos mesmos.

Jensen (2002) reforça esta ideia ao referir que “a maior parte das crianças aprecia os jogos de recreio” (p. 133).

2 de maio de 2011

No período de tempo destinado à área de Língua Portuguesa, os alunos realizaram uma composição.

Ao regressarem do intervalo, a professora escolheu o material Calculadores Multibásicos, para fazer alguns exercícios de leitura de números.

Inferências/ Fundamentação Teórica

Na área de Língua Portuguesa, a professora solicitou aos alunos a realização de uma composição.

Esta atividade é definida por Condemarín e Chadwick (1987) como um “processo de estruturar as palavras de acordo com um plano organizado, a fim de elaborar uma mensagem efetiva e geralmente gramatical, ou um trabalho artístico, quer seja oral ou escrito” (p. 209).

Para a realização da composição, a professora permitiu que os alunos escolhessem qual o tema da sua preferência de entre alguns temas escolhidos pela mesma. Deste modo a professora permitiu que os alunos fossem autónomos na escolha do tema e realização do trabalho.

Estanqueiro (2010) defende que “um dos objectivos essenciais da educação é promover a autonomia dos alunos no processo de aprendizagem” (p. 17).

3 de maio de 2011

A professora abordou pela primeira vez o infinitivo pessoal dos verbos.

Na área de Matemática, os alunos resolveram exercícios nos quais tinham que comparar números, utilizando os sinais de maior, menor e igual.

Posteriormente tiveram aula de ginástica.

Inferências/Fundamentação Teórica

A Educação Física (Expressão Físico-Motora) é parte constituinte do currículo para o 1.º ciclo do Ensino Básico e, por isso, está contemplada no horário desta turma.

Rabinovich (2007) salienta a importância desta prática ao referir que:

A Educação Física ocupa lugar importante entre as diferentes actividades inovadoras propostas às crianças da Educação Infantil, pois, actualmente, tais práticas possibilitam o desenvolvimento da cultura corporal, oferecendo oportunidades variadas, tais como: autonomia, segurança, domínio corporal e respeito às singularidades de cada criança. (p.27)

6 de maio de 2011

A minha colega de estágio Carolina começou a sua aula com um texto a partir do qual trabalhou o grupo móvel, fazendo referência às suas características.

Seguiu-se a área de Estudo do Meio, na qual foi abordada a classe das aves. A minha colega lembrou as características dos animais pertencentes a esta classe (bicos, penas e etc.), o seu habitat e o seu modo de reprodução. Concluiu esta área com uma experiência que tinha o objetivo de demonstrar as propriedades das cascas dos ovos.

Na área de Matemática, explicou a diferença entre circunferência e círculo e lembrou os conceitos de raio e diâmetro.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização de experiências permite estimular nas crianças o gosto por esta área de conhecimento e promover a aquisição de conhecimentos de uma forma interativa e lúdica.

A importância do envolvimento das crianças desta faixa etária em actividades deste tipo é salientada por Sá *et al.* (1996, citados por Martins *et al.*, 2007) ao referirem que:

(...) desde muito cedo, as crianças devem ser envolvidas em actividades práticas, laboratoriais e experimentais” para que possam “evoluir de um conhecimento manipulativo e meramente sensorial para o estabelecimento de relações de tipo causal e até para uma interpretação de tais relações. (p. 24)

Também Borràs (2001a) defende que é através da manipulação que se estrutura a aprendizagem, ou seja, que “para aprender é preciso tocar e experimentar, e só o podemos fazer com os elementos que estão ao nosso alcance” (p. 397).

A experiência que a minha colega realizou necessitava de materiais bastante acessíveis como ovos e vinagre, o que possibilitou que todas as crianças tivessem a oportunidade de a concretizar.

9 de maio de 2011

A minha colega Marisa começou a sua aula com a leitura de um texto sobre uma visita ao Jardim Zoológico. De seguida, solicitou a participação dos alunos para a interpretação do mesmo e abordou os constituintes da frase: sujeito e predicado.

Seguiu-se a área de Matemática, durante a qual utilizou o material estruturado Cuisenaire para concretizar o itinerário de uma menina até ao Jardim Zoológico.

Concluiu a sua aula com a área de Estudo do Meio, na qual simulou uma visita de estudo ao Jardim Zoológico, abordando as características de alguns animais aí existentes.

Inferências/Fundamentação Teórica

A leitura constitui uma prática diária para este ano de escolaridade e permite que os alunos desenvolvam e aperfeiçoem com mais eficácia esta capacidade.

Lopes (2006, p. 66) defende que “a leitura contribui para o enriquecimento do vocabulário e para a consolidação daquilo que já foi aprendido, reforçando (...) competências” e desenvolvendo o gosto pela leitura.

Nesta data, como a aula era da responsabilidade da minha colega de estágio Marisa, esta optou por fazer a leitura modelo do texto e só depois solicitou a leitura por parte das crianças.

Esta atitude é defendida por Borràs (2001a) que refere que “é aconselhável que (...) o docente leia primeiro o texto” dado que “o exemplo de uma boa leitura por parte do professor oferecerá estratégias claras a seguir pelo aluno (entoação, ritmo, ênfase e outras)” (p. 366).

A leitura é normalmente seguida de uma interpretação do texto, que permite que o professor perceba se os alunos conseguiram ou não perceber o texto.

10 de maio de 2011

Os alunos realizaram a avaliação sobre situações problemáticas.

Ao regressarem do intervalo, realizaram alguns exercícios de Matemática e depois tiveram aula de ginástica.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização de avaliações permite obter conclusões acerca do nível de conhecimento dos alunos sobre determinado conteúdo. O conteúdo avaliado nesta data foram as situações problemáticas.

Para Palhares *et al.* (2004, citados por Caldeira, 2009, p.106), os problemas são definidos como “uma situação para a qual não se dispõe, à partida de um procedimento que nos permita determinar a solução”. A mesma autora defende que a resolução de problemas é tida como um “conjunto de acções tomadas para resolver essa situação”.

As autoras Moreira e Oliveira (2003) consideram a resolução de problemas, “um meio de construção de conhecimento e, por isso, não deve ser entendida como mais um tópico a explorar, mas como um processo presente nas experiências a desenvolver com as crianças” (p. 62).

13 de maio de 2011

Iniciei a aula com a área de Estudo do Meio, em que expliquei o conceito de habitação. Referi que as habitações possuíam diferentes características consoante a zona do país onde se situavam, mostrei alguns exemplos de habitações típicas (Minho, Alentejo, Algarve e Madeira) e referi as vantagens de cada uma, de acordo com o local onde são edificadas.

Na área de Matemática, dividi os alunos em grupos e distribui a planta de uma casa a cada um. Os grupos tinham como função calcular as áreas das diferentes divisões e também de uma piscina, que depois tinham que colar no terreno da casa.

Conclui a aula com a área de Língua Portuguesa. Nesta área solicitei aos alunos que realizassem a leitura de um texto dramático, a partir do qual expliquei as características deste tipo de texto.

Após a explicação, os alunos fizeram a dramatização do texto utilizando adereços relacionados com o mesmo.

Inferências/Fundamentação Teórica

O conteúdo que explorei na área de Língua Portuguesa foi o texto dramático. As características deste tipo de texto foram transmitidas através de um esquema em *powerpoint*, para que fossem mais perceptíveis.

Estanqueiro (2010) defende que “uma exposição eficaz implica, entre outras condições, organização dos conteúdos, clareza de linguagem e recursos multimédia adequados” (p. 34).

Em simultâneo, dialoguei com os alunos sobre este conteúdo para ter uma melhor perceção dos conhecimentos dos mesmos. O autor (2010, p. 33) anteriormente referido considera que “o diálogo é considerado como a melhor estratégia de comunicação na sala de aula” e deve ser iniciado por uma exposição breve, dado que “quanto tempo menos o professor falar para os alunos, mais tempo lhe resta para falar com os alunos”.

A área de Língua Portuguesa foi concluída com uma pequena dramatização, realizada com a participação dos alunos. Com a realização desta atividade, os alunos demonstraram-se bastante motivados e alegres. Tal como o Ministério da Educação refere nas Metas de Aprendizagem, os alunos desta faixa etária devem ter oportunidade de explorar “as possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades”, “as possibilidades expressivas da voz” e participar “em práticas de jogo dramático, improvisação e representação”.

1.6. 6.ª Secção

Esta secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 16 de maio de 2011 a 5 de junho de 2011. O estágio foi realizado na sala do 1.º Ano B, com a Professora Cooperante Marta Gomes.

1.6.1. Caraterização da turma

A turma do 1.º Ano B do Jardim-escola João de Deus – Olivais é composta por vinte e sete crianças, onze do sexo feminino e dezasseis do sexo masculino. Todas as crianças têm seis anos de idade até ao dia 31 de dezembro de 2010.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.6.2. Caraterização do espaço

A sala do 1.º Ano B possui duas portas, uma de acesso ao exterior e outra de acesso ao salão do Jardim-Escola. As janelas são de grandes dimensões, o que confere muita luminosidade à sala.

As mesas existentes na sala estão dispostas em quatro filas e agrupadas em pares. Na parede para a qual as mesas estão viradas existem dois quadros de ardósia, entre os quais estão expostas as letras do alfabeto manuscrito.

Nas paredes são visíveis placares onde são afixados os trabalhos realizados pelos alunos.



Figura 6 – Sala do 1.º Ano B

1.6.3. Horário

Quadro 6 – Horário do 1.º Ano B

	<i>Segunda-feira</i>	<i>Terça-feira</i>	<i>Quarta-feira</i>	<i>Quinta-feira</i>	<i>Sexta-feira</i>
9h - 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h – 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h – 11h30	Recreio				
11h30 - 12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h – 12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Música	Educação Física
13h - 14h30	Almoço				
14h30 - 15h20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Área de Projecto	Computadores	Inglês
15h20 - 16h10	Estudo Acompanhado	Biblioteca	Formação Cívica	Expressão Plástica	Estudo do Meio
16h10 – 17h	Jogos de Matemática	Estudo Acompanhado	Estudo do Meio		Assembleia de Turma
17h	Lanche e Saida				

1.6.4. Rotinas

As rotinas realizadas pelo 1.º Ano estão de acordo com as rotinas estabelecidas para o 1.º Ciclo do Jardim-Escola.

1.6.5. Relatos diários

17 de maio de 2011

A manhã começou com a leitura, por parte das crianças, de alguns textos do livro de Língua Portuguesa. De seguida, a professora titular distribuiu uma proposta de trabalho, que consistia em construir frases simples e transformá-las em frases complexas.

Ao regressarem do intervalo, a professora leu a avaliação que tinha feito das cópias realizadas no dia anterior.

Posteriormente, os alunos realizaram algumas situações problemáticas explicadas pelas minhas colegas de estágio e por mim.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data, a professora leu a avaliação das cópias que os alunos tinham realizado no dia anterior. Considerei importante o facto de a docente dar os parabéns e elogiar os seus alunos, mesmo os que tinham tido alguns erros. Neste último caso, a professora reforçou que sabia que os seus alunos possuíam capacidade para corrigir os seus erros.

Agindo desta forma, a professora reforçou positivamente os seus alunos, motivando-os para atividades futuras.

Os autores Canavarro, Pereira e Pascoal (2001, p. 44) defendem que estes reforços promovem e consolidam o bom comportamento e “aumentam as probabilidades deste se manifestar novamente”.

Os mesmos autores referem que:

(...) o educador não deve partir do pressuposto que a criança tem o dever de se comportar bem e por isso não deve ser recompensada pelo seu bom desempenho. Os comportamentos adequados devem ser reforçados. O esforço é um instrumento fundamental da educação. (p. 44)

20 de maio de 2011

Nesta data, as crianças do 1.º A realizaram uma visita de estudo ao Mosteiro dos Jerónimos e à Torre de Belém. Em ambos os monumentos, a visita foi finalizada com histórias relacionadas com os descobrimentos.

Inferências/Fundamentação Teórica

As visitas de estudo são sempre um fator de alegria e entusiasmo por parte das crianças. A realização deste tipo de atividades permite aliar o ensino com o lúdico, porque promovem o processo de aprendizagem de uma forma não rotineira.

A importância destas saídas é salientada por Leal (2010), ao referir que:

(...) as saídas de estudo mostram (...) a utilidade do saber científico através de uma aprendizagem significativa. Torna-se tudo mais natural e fácil para os alunos quando algo lhes diz alguma coisa. Dando o conhecimento (...) através do exemplo do quotidiano torna a aprendizagem mais próxima e acessível” (p. 19).

Durante o decorrer desta visita os alunos demonstraram-se bastante atentos às explicações das guias e, por vezes, partilharam alguns dos seus conhecimentos sobre os monumentos visitados.

24 de maio de 2011

Iniciei a manhã com a área de Língua Portuguesa, em que solicitei aos alunos que lessem um texto. A partir do mesmo, realizei algumas perguntas de interpretação e relembrei o conceito de sílaba tónica.

De seguida, expliquei que, consoante a posição da sílaba tónica, as palavras podem ser classificadas como esdrúxulas, graves e agudas. Para concluir esta área solicitei às crianças que agrupassem, no quadro, algumas palavras de acordo com a posição da sílaba tónica.

Na área de Estudo do Meio, apresentei as várias etapas do ciclo da água fazendo referência aos seguintes fenómenos: evaporação, condensação, precipitação e infiltração. Referi também que a água se pode apresentar nos estados líquido, gasoso e sólido.

Para concluir a manhã, já na área de Matemática, utilizei o material estruturado Calculadores Multibásicos, para trabalhar a leitura de números.

Inferências/Fundamentação Teórica

O ciclo da água é um conteúdo abordado nos diferentes anos de escolaridade, embora com diferentes graus de complexidade. Para a abordagem deste conteúdo optei por envolver os alunos na atividade. Esta consistia em construir o ciclo da água, quer no quadro quer na mesa, com recurso a diversos materiais, em simultâneo à explicação.

O facto de ter abordado o tema, já familiar, de uma forma diferente e de ter envolvido os alunos nesta tarefa teve como consequência o aumento da atenção e a obtenção de um papel ativo, por parte dos alunos, o processo de aprendizagem.

Tal como o Ministério da Educação (2004) refere, “as aprendizagens diversificadas apontam para a vantagem, largamente conhecida, da utilização de recursos variados que permitam uma pluralidade de enfoques dos conteúdos abordados” (p. 23).

27 de maio de 2011

A professora iniciou a manhã com a leitura do texto “O coelho orelhudo”, após a qual solicitou às crianças que o lessem em voz alta e respondessem a algumas questões acerca do mesmo. De seguida, realizaram a cópia do referido texto e um ditado.

Foi solicitado, por uma das orientadoras de estágio, uma aula surpresa à minha colega Marisa. Esta aula, inserida na área de Matemática, teve como objetivo rever a leitura e representação de números com o material estruturado Calculadores Multibásicos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Língua Portuguesa, a professora optou por trabalhar o mesmo texto de diferentes formas. Primeiro solicitou aos alunos que realizassem a cópia do texto lido.

As autoras Condemarín e Chadwick (1987, p. 182) conferem importância à realização da cópia porque esta permite à criança conhecer as “características específicas da linguagem escrita”, “praticar as destrezas caligráficas” e “favorece a familiaridade da criança com diversas modalidades de estruturação das palavras nas frases e orações”.

De seguida, a docente realizou o ditado de uma parte do texto.

As autoras mencionadas em cima citam Gipe (1980) que considera que, em relação à cópia, o ditado “apresenta um maior nível de dificuldade para o aluno, devido a que este carece de representação gráfica do conteúdo: só tem sua representação auditivo-verbal”. (p.165)

Saliento o facto de a professora ter pedido em primeiro lugar a realização da cópia e só depois o ditado. Esta ordem de acontecimentos permitiu que o texto (oral e escrito) fosse do conhecimento dos alunos, o que permitiu que estes dessem menos erros.

A realização deste tipo de atividades permite que os alunos desenvolvam a caligrafia e a ortografia.

30 de maio de 2011

A minha colega de estágio Carolina lecionou nesta data a aula programada pela equipa da Prática Pedagógica. Começou por solicitar às crianças que lessem um texto que tinha como tema o coelho, posteriormente fez a leitura do mesmo e realizou algumas perguntas de interpretação.

Na área de Matemática, as crianças tinham que resolver situações problemáticas para conseguirem fazer corresponder cada peça do tangram ao espaço correspondente, de modo a construir a imagem de um coelho.

Concluiu com a área de Estudo do Meio, na qual fez uma “magia” para transformar a imagem do coelho, feita com o tangram, num coelho real. Ao mesmo tempo que foi percorrendo a sala para mostrar o coelho, referiu as características deste animal.

Inferências/Fundamentação Teórica

O material utilizado pela minha colega de estágio foi o tangram, este é composto por cinco triângulos, um quadrado e um paralelogramo

Santos (2008, citado por Caldeira, 2009) reflete sobre este material ao referir que o tangram:

(...) possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio. Cada vez mais presente nas aulas de matemática, as formas geométricas que o compõem, permitem que os professores vejam neste material a possibilidade de inúmeras explorações. (p. 391)

A Carolina utilizou o referido material para a construção da figura do coelho. Para além desta construção, este material é utilizado para a construção de diversas formas, tais como “figuras geométricas, animais, objectos e figuras abstractas” (Caldeira, 2009, p. 398)

31 de maio de 2011

A minha colega de estágio Marisa começou a manhã de aulas com a área de Língua Portuguesa. Distribuiu um texto sobre os movimentos do planeta Terra, solicitou às crianças que lessem o mesmo e realizou algumas perguntas de interpretação. O conteúdo explorado foi a família de palavras,

Na área de Matemática, a minha colega introduziu o conceito de hora e solicitou a algumas das crianças que fossem representar determinadas horas num relógio desenhado numa tela. Concluiu esta área com uma proposta de trabalho.

Na última área, Estudo do Meio, a Marisa lembrou os movimentos de rotação e de translação do nosso planeta. Para uma melhor compreensão dos alunos, utilizou uma maquete que representava estes movimentos.

Inferências/Fundamentação Teórica

O conteúdo explorado pela minha colega de estágio foi os movimentos do planeta Terra. Este conteúdo já era do conhecimento das crianças e, por esse motivo, já possuíam alguns conhecimentos sobre o mesmo.

É importante que o professor tenha em consideração os conhecimentos já adquiridos pelos seus alunos. Borràs (2001a) defende que “as crianças chegam à escola com um determinado nível de conhecimentos, adquiridos através da própria experiência (...) o meio social não lhes é desconhecido, apenas é necessário que lhes abramos novas fronteiras” (p. 395).

Durante a aula foi visível o interesse das crianças pelo tema, dado que apresentaram diversas questões.

Esta área foi concluída com uma pequena dramatização, na qual, três alunos representaram o planeta Terra, o Sol e a Lua.

O Ministério da Educação (2004), no documento da Organização Curricular e Programas, menciona que “a variedade e a riqueza de sugestões, a nível do imaginário, devem ser características das situações propostas para explorar as possibilidades expressivas do corpo” (p. 77).

3 de junho de 2011

A manhã começou com a habitual leitura individual de textos. Em seguida, realizaram uma proposta de trabalho em Língua Portuguesa, com o intuito de trabalhar os seguintes conteúdos: sinónimos e antónimos, tipos de frase, classe dos nomes e classificação quanto à sílaba tónica.

Ao regressarem do intervalo, a professora realizou revisões para a prova de avaliação que se iria realizar.

Posteriormente, os alunos dirigiram-se para a aula de ginástica.

Inferências/Fundamentação Teórica

Devido à realização de uma prova de avaliação no dia seguinte, a professora decidiu aproveitar para fazer a revisão dos conteúdos que seriam avaliados.

Esta prática foi de extrema importância porque permitiu que os alunos vissem esclarecidas as suas dúvidas, o que lhes conferiu mais segurança para a realização da mesma.

Ferreira e Santos (1994) defendem que a realização de revisões é “de extrema importância para a retenção de conteúdos adquiridos”.

Dado que estes alunos se encontram no 1.º ano de escolaridade, a realização de provas de avaliação é uma prática recente que pode dar origem a sentimentos de nervosismo e ansiedade. Por este motivo, considerei uma boa opção a professora ter feito a referida revisão.

6 de junho de 2011

As crianças realizaram a prova de avaliação de Língua Portuguesa

A minha colega de estágio Carolina iniciou a manhã de aulas com a área de Língua Portuguesa. Solicitou às crianças que lessem um texto criado por si chamado “O cravo Arco-íris” e fez a revisão de alguns conteúdos já lecionados pela professora titular da turma.

No período dedicado à área de Matemática, a estagiária Carolina pediu a participação dos alunos para a resolução de algumas situações problemáticas. Primeiro, com a utilização do material estruturado Calculadores Multibásicos e depois através de uma proposta de trabalho.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Matemática, a minha colega de estágio Carolina solicitou que os alunos realizassem algumas situações problemáticas com o material estruturado Calculadores Multibásicos.

Caldeira (2009) defende que “as crianças necessitam de uma grande quantidade de experiências informais com situações problemáticas e com a linguagem, antes do ensino explícito e do trabalho com símbolos, no domínio das operações” (p. 85).

Também Fonseca *et al.* (2008) sustentam esta ideia ao referir que “o educador/professor tem de lhes apresentar muitas situações problemáticas, não lhes dar resposta de imediato e deixá-los encontrar o caminho da resposta” (p. 66).

O material estruturado utilizado facilita a compreensão das operações necessárias para a resolução das situações problemáticas porque permite a concretização das mesmas de uma forma observável.

7 de junho de 2011

A minha aula assistida e programada pelas professoras orientadoras da Prática Pedagógica teve início com a leitura, por parte dos alunos, de um texto denominado “A reunião dos animais”. De seguida, fiz a leitura modelo do texto e realizei algumas perguntas de interpretação do mesmo.

Para que as crianças descobrissem qual o tema da área de Estudo do Meio distribuí um *puzzle* a cada um. Utilizei um *powerpoint* para explorar as principais características da rã e as diferentes fases de crescimento. Em simultâneo, mostrei exemplares deste animal nas diferentes fases de crescimento.

Conclui a minha aula com a área de Matemática, na qual distribui o material Cuisenaire, para que os alunos construíssem um itinerário da rã até aos restantes animais, ao mesmo tempo que este era construído no quadro.

Inferências/Fundamentação Teórica

A aula lecionada nesta data foi uma das aulas que mais me agradou lecionar, talvez pelo facto de eu me encontrar bastante motivada e ansiosa para a mesma.

Iniciei-a com a leitura do texto que tinha selecionado e solicitei a algumas crianças que o lessem em voz alta. A leitura, tal como defende Lopes (2006) “contribui (...) para o enriquecimento do vocabulário e para a consolidação daquilo que já foi aprendido” (p. 66)

A passagem desta área para a seguinte, Estudo do Meio, foi feita de uma forma subtil. Comecei por explicar que iríamos falar sobre um dos animais presente no texto e que, para descobrir qual seria, teriam que construir um puzzle que revelaria o animal em questão. Desta forma, pretendi que os alunos estivessem concentrados e empenhados na tarefa de revelar o animal, despoletando a sua motivação para a área seguinte.

De acordo com Custódio (2003, p. 1), “se conseguirmos criar (...) um ambiente propício ao «acto de adivinhar», o divertimento e a boa disposição reinarão de maus dados com a atenção, a concentração e a memorização”.

Na área de Estudo do Meio, explorei a classe dos anfíbios partindo do exemplo da rã. O tema foi abordado a partir de um diálogo com os alunos, no qual recorri aos seus conhecimentos sobre o assunto. Em simultâneo, permiti que os alunos observassem alguns exemplares deste animal nas suas diferentes fases de desenvolvimento.

Esta demonstração foi do agrado das crianças que, bastantes curiosas e atentas, observaram nestes animais as características que eu tinha referido anteriormente.

A área de Matemática foi também relacionada com a rã, dado que os alunos, com base nas minhas indicações tinham que construir um itinerário que a levasse aos outros animais.

O material utilizado para a elaboração do itinerário foi o Cuisenaire que, de acordo com Caldeira (2009), “foi concebido principalmente como instrumento de investigação e descoberta nas mãos dos alunos” (p. 127).

De acordo com Moreira e Oliveira (2003, citados por Caldeira, 2009, p.173), a descoberta de caminhos permite que as crianças desenvolvam a sua visualização espacial.

14 de junho de 2011

Este foi o dia escolhido para uma aula dos estagiários do 2.º ano. A estagiária Carla começou a aula, inserida na área de Estudo do Meio, com o visionamento de um filme a partir do qual abordou o conteúdo dos vulcões, fazendo referência aos constituintes do vulcão, tipos de lava e de erupção. Concluiu a sua aula com uma atividade experimental, que consistiu em simular uma erupção.

O estagiário Mário lecionou uma aula explorando o tema: os sismos. Começou por mostrar um vídeo que ilustrava um maremoto e introduziu as noções de maremoto e terramoto, fazendo referência aos termos hipocentro e epicentro. O estagiário realizou um simulacro, tendo referido anteriormente os cuidados a ter antes, durante e depois de um sismo.

Inferências/Fundamentação Teórica

Esta foi uma manhã ocupada na totalidade por aulas de estagiários. A realização destas aulas permite que, como futuros docentes, os estagiários tenham noção do que implica preparar e lecionar uma aula tendo em conta todos os fatores externos como o comportamento dos alunos e o interesse pelos conteúdos abordados.

Estas aulas estão inseridas no âmbito da disciplina de Prática Pedagógica. Esta é definida por Peterson (2003), como “uma actividade planificada, sistematizada, faseada e consciente que o aluno realiza sob a orientação do professor formador com vista à «aquisição de hábitos, habilidades e competências» conducentes ao exercício docente” (p. 67).

17 de junho de 2011

As crianças realizaram trabalhos de Expressão Plástica que tinham como objetivo esculpir uma barra de sabão azul e branco. Em simultâneo, eu e as minhas colegas de estágio auxiliámos a professora da sala a pintar os cenários para uma exposição a realizar no Jardim-Escola.

Inferências/Fundamentação Teórica

A Expressão Plástica é parte integrante do currículo elaborado pelo Ministério da Educação para o 1.º ciclo do Ensino Básico.

Segundo o Ministério da Educação (2004), “a manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade” (p. 89).

A atividade de Expressão Plástica consistiu em moldar e esculpir uma barra de sabão. As atividades de modelagem devem ser praticadas com frequência dado que, de acordo com o mesmo documento, “o prazer de ir dominando a plasticidade e a resistência dos materiais leva, progressivamente, os alunos a utilizá-los de forma pessoal, envolvendo-se numa actividade criadora” (p. 90).

Após a elaboração destes trabalhos, pude constatar que ficaram bastante originais, sendo todos expostos na sala de aula.

20 de junho de 2011

Comecei a aula a explicar às crianças que, neste dia, iam ser astronautas em treino e como tal iriam ter um “computador” (cartolina dobrada ao meio com uma mica colada) para trabalhar.

Na área de Língua Portuguesa, pedi a alguns alunos que fizessem a leitura de um texto e realizei algumas perguntas de interpretação do mesmo. Algumas das palavras do texto estavam a negrito e foi a partir das mesmas que expliquei a classe dos determinantes.

Seguiu-se a área de Estudo do Meio, na qual simulei uma viagem à Estação Espacial Internacional. A partir de uma apresentação de powerpoint mostrei algumas imagens desta estação às crianças e dialoguei sobre as principais características desta estação e quais as principais funções de um astronauta.

Concluí com a área de Matemática, na qual tinha que abordar as características de alguns sólidos geométricos (esfera, cone e cilindro). De modo a relacionar esta área com as restantes, expliquei que os sólidos eram objetos não identificados, que tinham sido encontrados no espaço, e os alunos, como astronautas, tinham que preencher um “relatório de investigação” no qual tinham que referir o nome e as características de cada sólido.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero que o conteúdo que explorei na área de Língua Portuguesa não foi feito da maneira mais correta. No decorrer da explicação tive perceção de que os alunos não estavam a compreender o conteúdo lecionado.

Em diálogo com a professora titular de turma percebi que poderia ter preparado os materiais para esta área de uma forma diferente e mais perceptível.

Cunha (2008, p. 81) considera importante que o professor ajude o estagiário a “extrair significado da sua experiência prática”

Quer os aspetos mencionados pelo professor sejam positivos ou negativos, a sua intenção é sempre que o aluno estagiário melhore a sua prestação em aulas futuras.

21 de junho de 2011

A estagiária Carolina iniciou a manhã de aulas com a área de Língua Portuguesa, na qual realizou uma composição coletiva, relacionada com o verão, a partir de três imagens exibidas numa apresentação de powerpoint.

Seguidamente realizaram uma experiência que consistia em desvendar, com anilina azul, uma mensagem escrita com uma vela.

A minha colega concluiu a sua aula com a área de Matemática, durante a qual solicitou aos alunos que realizassem algumas situações problemáticas inseridas numa história contada pela mesma.

Inferências/Fundamentação Teórica

A atividade realizada na área de Língua Portuguesa foi uma composição colectiva. Esta foi elaborada a partir de imagens visíveis numa apresentação de PowerPoint.

Esta atividade permitiu que os alunos expressassem livremente diversas ideias e opiniões com os colegas. De acordo com Fonseca (1992, citada por Azevedo, 2000), “antes de se chegar ao texto livre, é preciso criar condições para que se manifeste a necessidade de expressão pessoal” (p. 87).

A mesma autora (1992) defende que “antes da escrita individual deve vir a escrita colectiva, a reescrita, a escrita com motivações funcionais específicas, com um destinatário, com um objetivo e «a escrita com meio de aprendizagem, assumida por alunos e professor, como exercício, como treino, como simulação” (p. 87).

28 de junho de 2011

Nesta data, realizei com as crianças uma pequena atividade. Comecei por ler a história *O nabo gigante* a partir da qual fiz um ditado gráfico, corrigido no quadro com o auxílio dos alunos.

O tempo restante foi utilizado para ajudar a professora titular de turma a organizar alguns dossiês.

Inferências/Fundamentação Teórica

A história *O nabo gigante* é um conto tradicional russo recolhido por Alexis Tolstoi. Neste livro, é visível a abundância de ilustrações, que segundo Diogo (1994),

“possui um papel crucial, representando, num plano inicial, um importante factor de selecção e de definição do (des)gosto em face de uma obra, ou até de (des)motivação para a sua leitura” (p. 42).

Partindo da história, dei diversas indicações para que os alunos realizassem um ditado gráfico. Este consiste em desenhar alguns elementos na quantidade pedida e no local indicado. Esta atividade permite trabalhar a orientação espacial e também a noção de quantidade.

1, 4 e 8 de julho de 2011

Devido à aproximação do final do ano letivo, estes dias foram utilizados para que as crianças fizessem alguns jogos e pudessem brincar.

Inferências/Fundamentação Teórica

A brincadeira é uma atividade natural das crianças, que permite desenvolver diversas capacidades e destrezas.

De acordo com Cordeiro (2010):

(...) nos momentos de brincadeira livre, a criança (...) tem a oportunidade de escolher a atividade que mais lhe agrada. Estas tomadas de decisão vão fomentar a autonomia e uma crescente autoestima. A brincadeira livre é uma atividade rica e reveladora do empenho da criança, em construir a sua personalidade. (p. 376)

1.7. 7.ª Secção

Esta secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 27 de setembro de 2011 a 18 de novembro de 2011. O estágio foi realizado na sala do 2.º Ano A, com a Professora Cooperante Marta Gomes.

1.7.1. Caracterização da turma

A turma do 2.º Ano A do Jardim-escola João de Deus – Olivais é composta por vinte e nove crianças, doze do sexo feminino e dezassete do sexo masculino.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens. É um grupo muito agitado e alguns alunos revelam grandes dificuldades ao nível da concentração.

1.7.2. Caracterização do espaço

A sala destinada a esta turma possui duas portas, uma que dá acesso à biblioteca e outra que dá acesso ao exterior. As janelas são de grandes dimensões o que torna a sala bastante luminosa.

As mesas estão colocadas a pares e formam três filas. Estas estão direcionadas para um quadro de ardósia. Nas paredes são visíveis alguns quadros os esquemas alusivos a conteúdos temáticos já abordados.

Numa das paredes estão colocados dois placares onde são colocados os trabalhos realizados pelos alunos.



Figura 7 – Sala de aula do 2.º Ano A

1.7.3. Horário

Quadro 7 – Horário do 2.º Ano A

	<i>Segunda-feira</i>	<i>Terça-feira</i>	<i>Quarta-feira</i>	<i>Quinta-feira</i>	<i>Sexta-feira</i>
9h - 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa
10h – 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h – 11h30	Recreio				
11h30 - 12h	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)
12h – 12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Educação Física	Música	Estudo do Meio
13h - 14h30	Almoço				
14h30 - 15h20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Música	Estudo do Meio	Estudo do Meio
15h20 - 16h10	Educação Física	Experiências	Expressão Plástica 15h45 – 17h	Inglês 15h30 – 16h30	Estudo Acompanhado
16h10 – 17h	Formação Cívica	Biblioteca: No âmbito de Língua Portuguesa		Área Projeto	Assembleia de Turma
17h	Lanche e Saída				

1.7.4. Rotinas

As rotinas realizadas pelo 2.º Ano estão de acordo com as rotinas estabelecidas para o 1.º Ciclo do Jardim-Escola.

1.7.5. Relatos diários

27 de setembro de 2011

No início da manhã, a professora trabalhou a divisão através de um jogo e solicitou aos alunos que realizassem algumas divisões, no quadro e no lugar. Em seguida, realizaram algumas situações problemáticas e alguns terminaram trabalhos em atraso.

A seguir ao intervalo, a professora distribuiu algumas palavras pelos alunos com o intuito de que estes as agrupassem no quadro, de acordo com a posição da sílaba tônica. Explicou que, consoante a posição da sílaba tônica, damos o nome de esdrúxula, grave e aguda. Posteriormente registaram no caderno os conteúdos lecionados.

Inferências/Fundamentação Teórica

O algoritmo da divisão é algo que não é facilmente apreendido pelos alunos. Considerei a forma como a professora explicou esta operação bastante perceptível e acessível aos alunos.

A seguir à explicação, a professora solicitou aos alunos que resolvessem algumas divisões, proporcionando assim uma melhor compreensão do modo de resolução desta operação.

Segundo o Ministério da Educação (s.d.), no Currículo Nacional, “o domínio de um algoritmo, a utilização de uma fórmula (...) entre muitos outros procedimentos, são destrezas úteis que se adquirem com prática desde que não seja descurada a sua compreensão e a sua integração em experiências matemáticas significativas” (p. 56).

30 de setembro de 2011

A manhã teve início com a área curricular de Matemática. Nesta área, a professora lembrou os diferentes tipos de retas (reta, semi-reta e segmento de reta) registados de seguida no caderno, com o auxílio de uma régua.

Posteriormente, resolveram algumas questões e exercícios sobre esta temática e realizaram um desenho no qual tinham que utilizar figuras geométricas.

Na área de Língua Portuguesa, os alunos fizeram a leitura, interpretação e cópia de um texto.

Inferências/Fundamentação Teórica

De acordo com o Ministério da Educação (2004), as crianças que frequentam o 2.º ano de escolaridade devem ser capazes de “comparar as seguintes figuras planas: quadrado, rectângulo, triângulo e círculo” e “fazer composições com as figuras geométricas”.

Numa conjugação destes dois objetivos, a professora solicitou aos alunos que realizassem um desenho em que utilizassem as diferentes formas geométricas.

O mesmo documento, da autoria do Ministério da Educação, refere que “a utilização de materiais e instrumentos na construção e desenho de modelos geométricos permitirão muitas descobertas e desenvolverão as capacidades de relacionar, classificar e transformar” (p. 179).

Estas atividades, que permitem explorar o espaço e as formas, apelam “à criatividade e sentido estético das crianças e respondem à sua natural e progressiva procura de equilíbrio e harmonia” (Ministério da Educação, 2004, p. 179)

3 de outubro de 2011

A manhã começou com um breve diálogo sobre o fim de semana. De seguida, as crianças leram o texto “O lobo e a cabra” e realizaram, com o auxílio da professora, a interpretação do mesmo.

Na área de Matemática, as crianças realizaram alguns exercícios nos quais trabalharam as noções de dúzia, dezena e etc.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero importante salientar que a educadora utilizou algum tempo para dialogar com as crianças sobre as atividades do fim de semana. Estes momentos permitem o fortalecimento da relação entre professora e alunos para que estes sintam a atenção e importância dada ao que estão a relatar.

A importância destes momentos é realçada por Abrantes (2003), ao defender que estes permitem desenvolver, nos professores e alunos, “relações de grande abertura e proximidade, nas quais se partilham experiências e emoções e se investe intensamente” (p. 101). O mesmo autor (2003) defende que as relações estabelecidas entre o professor e os alunos possuem um papel decisivo no sentido que estes atribuem à escola.

4 de outubro de 2011

Algumas das crianças terminaram trabalhos em atraso e os restantes colegas realizaram uma proposta de trabalho de Língua Portuguesa sobre a frase, a não frase e a sílaba tónica.

Ao regressarem do intervalo, resolveram exercícios sobre os tipos de linhas e as distâncias.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta sala é perceptível que alguns dos alunos possuem algumas dificuldades de aprendizagem e, por esse motivo, necessitam de um acompanhamento mais rigoroso.

Tal como refere Pacheco (1999), “a personalização da aprendizagem requer do professor uma acomodação aos ritmos de aprendizagem dos alunos, tendo como pressuposto o seguinte: os alunos mais lentos necessitam de mais tempo para aprender” (p. 169).

A existência de estagiárias na sala é um fator positivo porque permite auxiliar a professora no apoio a estas crianças.

Neste data, eu e as minhas colegas ficámos sentadas perto de alguns destes alunos para os podermos ajudar na conclusão de alguns trabalhos em atraso.

7 de outubro de 2011

Com o meu auxílio e das minhas colegas, os alunos leram, individualmente, um texto do livro de Língua Portuguesa. Conforme acabavam de ler, iam terminar trabalhos que tinham em atraso.

Depois do intervalo, a professora fez a leitura de um texto e solicitou aos alunos que fizessem a cópia do mesmo; esta tinha como objetivo ser a avaliação de cópia. Posteriormente, fizeram um *origami* em forma de borboleta, o qual utilizaram para enfeitar a folha da cópia.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização de cópias é uma atividade que ocorre com alguma regularidade e é importante que os professores vão introduzindo diferentes aspetos para que esta não se torne um atividade monótona.

Nesta data, a professora solicitou aos alunos que, para enfeitar a folha da cópia, fizessem um *origami*. Este é definido por Robinson (1999), como “a arte de dobrar papel para produzir figuras abstractas ou decorativas que parecem reais” (p. 6). O *origami* construído pelas crianças foi uma borboleta, que posteriormente, colaram na

folha da cópia. Foi visível o gosto dos alunos ao observar o seu trabalho concluído e decorado.

10 de outubro de 2011

A professora iniciou com a área de Matemática, na qual utilizou o material estruturado Calculadores Multibásicos para trabalhar a representação e leitura de números. Por vezes, a professora solicitou a alguns dos alunos que ditassem números para os colegas representarem.

Após o intervalo, os alunos elaboraram uma composição a partir de uma sequência de imagens ordenada pelos mesmos.

Inferências/Fundamentação Teórica

A escrita é uma prática diária para as crianças desta faixa etária e, por este motivo, é dever do professor diversificar as atividades tornando-as mais interessantes e lúdicas. Nesta data, a professora distribuiu algumas imagens, a partir das quais os alunos deveriam escrever uma composição.

Cavacas *et al.* (1991) defendem que “a leitura de imagens é um processo simples, acessível a todos os indivíduos, já que não implica a inteligibilidade exigida pela língua mas apenas a percepção sensorial” (p. 126).

A tarefa de colocar por escrito o que as imagens relatavam tornou-se uma tarefa um pouco mais difícil para as crianças.

11 de outubro de 2011

As crianças terminaram trabalhos de Matemática em atraso e resolveram algumas operações matemáticas.

No período de tempo dedicado à área de Língua Portuguesa, a professora fez a revisão da classe dos nomes e distribuiu aos alunos uma proposta de trabalho sobre esta classe de palavras.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização de propostas de trabalho é uma prática a que a professora por vezes recorre para consolidar matéria dada. Este tipo de atividade permite, para além de exercitar o conteúdo abordado, desenvolver a linguagem escrita e a ortografia.

14 de outubro de 2011

A minha colega Marisa começou a aula com a área de Matemática, na qual construiu um pictograma. Explicou as regras para a construção do mesmo e solicitou

aos alunos que resolvessem algumas operações com o objetivo de descobrirem a quantidade de dentes apanhados pela fada dos dentes em cada semana.

Na área de Estudo do Meio, apresentou um *powerpoint*, a partir do qual abordou os dois tipos de dentição, os tipos de dentes e as suas funções. Para concluir esta área construiu um modelo de uma boca, com o auxílio das crianças.

A Marisa concluiu a manhã com a área de Língua Portuguesa. Solicitou aos alunos que lessem um texto que não tinha sinais de pontuação e a partir do mesmo explicou as funções dos diversos sinais de pontuação. Cada criança tinha a imagem de um sinal de pontuação, ou a sua definição, e era solicitada a sua participação durante a explicação.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Matemática, a estagiária Marisa explorou o pictograma. Este gráfico é definido por Grosso e Ruas (2000) como “um gráfico semelhante ao gráfico de barras, mas que utiliza imagens alusivas ao estudo que está a ser feito” (p. 38). O gráfico foi sendo construído com a colaboração dos alunos que, para saber a quantidade de dentes apanhados pela fada, tiveram que realizar alguns cálculos mentais.

Tal como refere o Ministério da Educação (2004), “no 1.º Ciclo dever ser dada especial importância ao cálculo mental. A criança deve habituar-se, desde o início, a considerá-lo como o primeiro dos recursos a utilizar para obter um resultado” (p. 171).

Na área de Língua Portuguesa, a minha colega fez a leitura de um texto sem pontuação para que os alunos tivessem a perceção da importância dos sinais de pontuação no texto.

A importância dos sinais de pontuação é salientada por Cavacas *et al.* (1991), que menciona que “a pontuação contribui para a eficácia da comunicação que se estabelece entre o autor e o leitor comum. Pontuar significa para o autor orientar a leitura que irá ser feita do seu texto” (p.254).

18 de outubro de 2011

A manhã teve início com a área de Matemática, na qual os alunos resolveram algumas situações problemáticas. Conforme terminavam, deslocavam-se ao quadro para resolver algumas operações. Ainda inserida nesta área, as crianças realizaram a avaliação de tabuadas.

Ao regressarem do intervalo, as crianças realizaram uma proposta de trabalho para consolidação de conteúdos de Língua Portuguesa.

Inferências/Fundamentação Teórica

O conhecimento da tabuada permite que os alunos consigam resolver com mais rapidez e eficácia as operações da divisão e da multiplicação, por esse motivo, é importante que este conteúdo seja trabalhado e avaliado com regularidade.

Se um conteúdo for abordado com regularidade, a aquisição do mesmo é facilitada. Esta ideia é confirmada por Marques (2001), que reforça que “a prática e o treino corresponde a uma metodologia essencial na consolidação dos conhecimentos, na aplicação de conhecimentos a novas situações e na superação das dificuldades de aprendizagem” (p. 104).

21 de outubro de 2011

Nesta manhã foi-me solicitada, pelas professoras orientadoras da Prática Pedagógica, uma aula surpresa. Esta teve como objetivo explicar a regra dos nove fora, utilizando o material estruturado Calculadores Multibásicos. Comecei por ditar dois números para que os alunos os representassem e realizassem a sua adição dos mesmos.

Expliquei aos alunos que, para verificar se a operação estava correta, teriam que fazer grupos de nove peças, independentemente da sua cor, e retirá-los.

A minha colega de estágio Marisa também lecionou uma aula surpresa, mas na área de Língua Portuguesa. Esta consistiu na leitura e interpretação de um texto.

Inferências/Fundamentação Teórica

Lecionei uma aula surpresa, solicitada por uma orientadora da Prática Pedagógica, que consistiu em explicar a regra dos nove na adição com o material Calculadores Multibásicos.

Esta regra consiste em retirar grupos de nove peças, quer das parcelas (em conjunto) como do total, até ser impossível formar grupos de nove peças. O resultado da operação é considerado correto se “a quantidade de peças que ficar na 1.^a e 2.^a placas, for a mesma do resultado” (Caldeira, 2009, p. 212)

Considero que nesta aula não obtive um bom desempenho porque cometi o erro de tomar como certo que os alunos já sabiam realizar esta prova. Por este motivo, comecei por explicar como se estivesse a rever e não a introduzir um novo conteúdo.

24 de outubro de 2011

A manhã teve início com a leitura do texto “A avó Agualela”. Os alunos responderam a algumas perguntas de interpretação e de conhecimento explícito da língua. Após o intervalo, a professora fez um ditado.

Já na área de Matemática, a professora realizou, recorrendo a material alternativo, revisões sobre as frações e solicitou às crianças que resolvessem alguns exercícios para a consolidação da matéria.

Inferências/Fundamentação Teórica

A leitura é uma prática que é realizada todos os dias ao início da manhã. Na maioria das vezes esta é feita de uma forma individualizada, ou seja, a professora, eu e as minhas colegas vamos circulando pela sala para ouvir a leitura de todos os alunos. Esta prática permite que se obtenha maior noção das dificuldades de cada aluno e permite também tirar algumas conclusões sobre o desenvolvimento desta competência.

Sim-Sim (2006) reflete sobre esta competência ao referir que “a leitura é uma competência que não se desenvolve espontaneamente, mas que requer uma aprendizagem consciente por parte de quem lê” (p. 141).

A mesma autora (2006) considera que “ensinar a ler deve ser uma das prioridades (...) de todos os docentes, na medida em que qualquer que seja a disciplina, a leitura vai sempre estar presente” (p. 99).

25 de outubro de 2011

As crianças realizaram a prova de avaliação de Língua Portuguesa e, ao terminarem, concluíram trabalhos em atraso.

Na área de Matemática, a professora utilizou o material estruturado Cuisenaire, para relembrar os seguintes conteúdos: leitura e representação de números. Trabalhou também as noções de dobro, metade, triplo e terça parte.

Os alunos realizaram uma proposta de trabalho que tinha como intuito utilizar as peças do Cuisenaire para desenhar uma simetria.

Inferências/Fundamentação Teórica

O material estruturado Cuisenaire, como já referi anteriormente, permite lecionar diversos conteúdos. Neste dia, este material foi utilizado pela professora para relembrar a leitura e representação de números.

A representação, com o Cuisenaire, de números superiores a dez unidades permite à criança, de acordo com Caldeira (2009), “compreender o conceito de número e o valor da posição no sistema indo-árabe de numeração” (p. 157).

Para concluir esta área, com recurso ao mesmo material, os alunos realizaram a simetria de algumas imagens. A realização de simetrias permite trabalhar a orientação espaço-temporal. De acordo com o Ministério da Educação (2004), as

crianças desta faixa etária devem ser capazes de “desenhar figuras simétricas (...) escolhendo um eixo de simetria” (p. 181).

28 de outubro de 2011

Nesta data lecionei durante a manhã no 2.º ano. Comecei com a área de Língua Portuguesa, após a leitura e interpretação do texto, introduzi as regras de translineação, através de um jogo. As crianças tinham que reconstruir frases retiradas do texto numa folha ampliada, previamente colada no quadro.

No período de tempo dedicado à área de Estudo do Meio apresentei um powerpoint e realizei uma exploração do mapa-mundo solicitando às crianças que identificassem o continente Europeu e Portugal. De seguida, coloquei no quadro um mapa de Portugal e abordei os seguintes temas: pontos cardeais, arquipélagos da Madeira e dos Açores e a localização de locais importantes (onde vivem, onde passam as férias e onde nasceram).

Concluí com a área de Matemática, solicitando às crianças que, com o material estruturado 5.º Dom de Froebel, realizassem a construção da casa. Com o auxílio de algarismos móveis, os alunos tiveram que realizar situações problemáticas ditadas por mim.

Inferências/Fundamentação Teórica

O material utilizado na área de Matemática, 5.º Dom de Froebel, como já referi anteriormente, possibilita a realização de diversas construções. A construção que solicitei aos alunos foi a da casa, bem conseguida pela maioria dos alunos.

A partir desta construção, solicitei aos alunos que resolvessem algumas situações problemáticas, com o recurso a algarismos móveis.

De acordo com o Ministério da Educação (s.d.), “os materiais manipuláveis de diversos tipos são, ao longo de toda a escolaridade, um recurso privilegiado como ponto de partida ou suporte de muitas tarefas escolares, em particular das que visam promover actividades de investigação e a comunicação matemática entre os alunos” (p. 57).

Estes materiais constituem um meio para atingir um fim, a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos.

31 de outubro de 2011

Devido a este ser um dia que antecipava um feriado, a professora titular da turma fez roulement e não esteve presente. Os alunos presentes neste dia foram colocados na sala do 2.º ano B com a respetiva professora titular.

Os alunos de ambas as turmas realizaram alguns exercícios dados pela professora e, à medida que terminavam, iam para o recreio.

Neste dia as crianças almoçaram um pouco mais cedo e voltaram para o recreio.

Inferências/Fundamentação Teórica

Como referi anteriormente, este foi um dia de roulement. Por este motivo, considero não ter observado práticas merecedoras de reflexão.

4 de novembro de 2011

A minha colega de estágio, Carolina, iniciou a aula com a área de Língua Portuguesa. Começou com a leitura de um texto relacionado com o dia das bruxas e fez algumas perguntas de interpretação. As perguntas de interpretação estavam escondidas na sala e foram descobertas através de um jogo.

Na área de Matemática, construiu um relógio, com o auxílio dos alunos, e explicou como ver as horas. Solicitou a alguns alunos que fossem representar no relógio determinadas horas, enquanto os colegas realizavam o mesmo exercício numa proposta de trabalho.

No período de tempo dedicado à área de Estudo do Meio, a minha colega relembrou a roda dos alimentos e os grupos constituintes da mesma. Para concluir, distribuiu uma proposta de trabalho na qual os alunos tinham que montar a roda dos alimentos a partir de recortes anteriormente distribuídos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula lecionada pela minha colega de estágio Carolina, a agitação da turma foi aumentando até se tornar difícil estabelecer a ordem. Penso que a minha colega a dado momento deveria ter interrompido a aula e reforçado a ideia de que as regras de comportamento da sala têm que ser cumpridas, referindo nomeadamente algumas delas.

A referência às regras de comportamentos, de acordo com Canedo (2002, citado por Pires, 2003), permite à criança “compreender a razão da existência das regras sociais, prevendo as consequências dos seus atos e permitindo ao aluno agir com independência e com responsabilidade” (p. 8).

Também Freitas e Freitas (2003) salientam a importância das regras ao mencionar que o professor deve “definir com rigor um conjunto de regras e ensinar os alunos a respeitá-las e cumpri-las (...) para que os resultados sejam os melhores” (p. 8)

8 de novembro de 2011

As crianças fizeram a descrição de uma imagem distribuída pela professora. De seguida, realizaram uma proposta de trabalho sobre o plural dos nomes.

Após o intervalo, a professora relembrou as noções de hora, minuto e segundo e relacionou-as. Referiu também os quartos de hora e que uma hora possuía quatro quartos de hora.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data, a professora optou por reforçar algumas noções (hora, minuto e segundo) que não ficaram bem explícitas na aula anterior. De seguida solicitou que, numa proposta de trabalho, os alunos representassem as horas a que realizam determinadas rotinas.

Estanqueiro (2010) defende que “os alunos aprendem melhor quando conseguem ligar os novos conteúdos às aprendizagens anteriores e à realidade concreta em que se inserem” (p. 34).

Considero esta uma prática positiva porque permite colmatar as lacunas de conhecimento dos alunos.

14 de novembro de 2011

Nesta data, eu e a minha colega de estágio Carolina lecionámos em conjunto. A área de Língua Portuguesa foi lecionada por mim e consistiu na leitura de um texto alusivo aos cinco sentidos e num jogo, semelhante ao jogo do bingo, com o intuito de rever os conteúdos de Conhecimento Explícito da Língua já lecionados.

Na área de Estudo do Meio, a minha colega Carolina relembrou os cinco sentidos e os órgãos sensoriais associados a cada sentido. De seguida, realizou um jogo no qual os alunos tinham que utilizar os órgãos dos sentidos para identificar sabores, sons e objetos.

Inferências/Fundamentação Teórica

A área de Língua Portuguesa, lecionada por mim, incluiu a leitura de um texto sobre os cinco sentidos e um jogo. Com este jogo, realizei uma revisão dos conteúdos desta área, lecionados anteriormente.

Ao realizar esta revisão sob a forma de um jogo pretendi que fosse feita de uma forma lúdica e que incentivasse os alunos a partilhar os seus conhecimentos. Spodek e Saracho (1998, p. 215) defendem que este tipo de brincadeiras possui como

principal objetivo a aprendizagem, ou seja, “servem um propósito pedagógico, ao mesmo tempo em que se mantém sua função de satisfação pessoal”.

Esta ideia é reforçada por Piaget (1971, citado por Neto, 2003), que refere que “o jogo, como processo de assimilação, tem uma função de exercitação e extensão do aprendido, bem como de consolidação de algo já experimentado” (p. 232).

15 de novembro de 2011

A minha colega de estágio Marisa lecionou uma aula na área de Matemática, na qual explorou as frações através de um material composto por cinco círculos, de cores diferentes, divididos de diferentes formas (inteiro, meios, terços, quartos e quintos).

Realizou alguns exercícios nos quais fez a revisão dos conceitos de numerador e de denominador e estabeleceu relações entre diferentes frações que representavam a mesma quantidade (frações equivalentes).

Concluiu com uma proposta de trabalho para consolidar o conteúdo dado e com um jogo de dominó.

Inferências/Fundamentação Teórica

O conteúdo explorado pela minha colega de estágio Marisa foi as frações. Explicado a partir de um material bem elaborado (círculos divididos de diferentes formas), a que todos os alunos tinham acesso.

Este material permitiu que as crianças percebessem com eficácia este conteúdo visto que tiveram a possibilidade de concretizar.

Para concluir a aula, a estagiária realizou um jogo semelhante ao dominó, no qual as peças representavam frações sob a forma de imagem e de expressão numérica. Apesar de ser um jogo bem pensado, não possibilitou um jogo contínuo dado que a determinada altura nenhum dos alunos tinham a peça que possibilitava continuar o jogo.

Ribeiro e Ribeiro (1990) salientam a importância do professor organizar o ensino e estabelecer “estratégias ou métodos, actividades ou situações de aprendizagem, seleccionando meios e materiais que facilitem a consecução dos objectivos em vista” (p. 433).

É importante que, como estagiários, verifiquemos se os materiais estão construídos de forma correta para que tudo corra conforme planeado.

1.8. 8.ª Secção

Esta secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 21 de novembro de 2011 a 27 de janeiro de 2012. O estágio foi realizado na sala do 4.º Ano A, com a Professora Cooperante Alice Neto.

1.8.1. Caraterização da turma

A turma do 4.º Ano A do Jardim-escola João de Deus – Olivais é composta por vinte e duas crianças, seis do sexo feminino e dezasseis do sexo masculino. Todos têm oito/nove anos de idade.

Esta turma está bem integrada na dinâmica do Jardim-escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.8.2. Caraterização do espaço

A sala do 4.º Ano está localizada no 1.º andar do Jardim-Escola. Esta possui uma porta que dá acesso às casas-de-banho e à escada de acesso ao exterior.

A maioria das mesas está agrupada a pares e formam quatro filas. Estas estão direccionadas para um quadro interativo. Na sala existe também um quadro de ardósia que não é utilizado regularmente.



Figura 8 – Sala de aula do 4.º Ano A

1.8.3. Horário

Quadro 8 – Horário do 4.º Ano A

	<i>Segunda-feira</i>	<i>Terça-feira</i>	<i>Quarta-feira</i>	<i>Quinta-feira</i>	<i>Sexta-feira</i>
9h - 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h - 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h - 11h30	Recreio				
11h30 - 12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h - 12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Experiências
13h - 14h30	Almoço				
14h30 - 15h20	Educação Física	História	Estudo do Meio	Música	Matemática
15h20 - 16h10	Expressão Plástica 15h45 - 17h	Biblioteca: No âmbito de Língua Portuguesa	Inglês 15h30 - 16h30	Estudo do Meio	Estudo Acompanhado
16h10 - 17h		Estudo do Meio	História	Área Projeto	Assembleia de Turma
17h	Lanche e Saída				

1.8.4. Rotinas

As rotinas realizadas pelo 4.º Ano estão de acordo com as rotinas estabelecidas para o 1.º Ciclo do Jardim-Escola.

1.8.5. Relatos diários

21 de novembro de 2011

A professora titular de turma lembrou os tipos de sujeito (simples, composto e nulo) através de um apontamento, escrito no quadro, que os alunos depois passaram para o caderno. De seguida, realizaram a leitura de um texto.

Ao regressarem do intervalo, a professora reuniu as duas turmas do 4.º ano para a atribuição de personagens para a festa de natal.

Inferências/Fundamentação Teórica

Ao iniciar o estágio nesta sala reparei que esta já possuía um quadro interativo. Este quadro permite uma série de potencialidades que permitem otimizar o ensino e aliá-lo às novas tecnologias.

As novas tecnologias são consideradas, por Mena *et al.* (1996, citados por Botelho, 2009), como “mais um recurso pedagógico, que o professor deve utilizar, pois

vai desenvolver uma nova linguagem (reúne informação gráfica, sonora, textual e visual) e um novo ambiente social”.

Este quadro permite aceder com facilidade a internet permitindo a realização de pesquisas ou o visionamento de imagens e filmes.

Por estes motivos, é importante que os professores façam recursos das novas tecnologias diariamente porque, tal como reforça Estanqueiro (2010), “um professor competente utiliza recursos variados, incluindo recursos multimédia para motivar os alunos e reforçar as suas mensagens” (p. 37).

22 de novembro de 2011

A manhã começou com a leitura e interpretação do texto “Nos jardins do mar”. A professora realizou algumas perguntas, nas quais fez a revisão de alguns conteúdos gramaticais: tipos e formas de frase, classificação quanto à sílaba tónica, classificação quanto ao número de sílabas, classe dos nomes, classe dos adjetivos e classe dos verbos.

Posteriormente, realizaram um ditado do texto lido anteriormente.

A professora ensinou como calcular o perímetro do círculo e fez referência à origem do .

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Matemática a professor introduziu um novo conteúdo: o perímetro do círculo. Durante a sua explicação, quando fez referência ao à origem do , um dos alunos demonstrou interesse em participar.

A professora permitiu que o aluno explicasse qual a origem do e o aluno em questão explicou corretamente a origem deste número.

A atitude da professora é valorizada por Estanqueiro (2010) que defende que “a participação dos alunos nas aulas aumenta o seu interesse”.

Esta ideia é defendida também por Morgado (1999) que refere que “a participação dos alunos nas aulas é algo fortemente valorizado e que importa potenciar em termos pedagógicos” (p. 42).

Foi visível a satisfação do aluno ao poder partilhar com os colegas os seus conhecimentos sobre este conteúdo.

25 de novembro de 2011

Visto que iam realizar a prova de avaliação de Língua Portuguesa, a professora fez revisões dos conteúdos nos quais os alunos sentiam mais dificuldades. Realizou também revisões dos conteúdos de Estudo do Meio e História de Portugal.

Após o intervalo, os alunos ensaiaram as canções para a festa de natal.

Inferências/Fundamentação Teórica

As canções estão sempre inseridas na festa de natal e, são ensaiadas pelas crianças, com frequência e com algum tempo de antecedência.

De acordo com o Ministério da Educação (2004):

A prática do canto constitui a base da expressão e educação musical no 1.º ciclo. É uma actividade de síntese na qual se vivem momentos de profunda riqueza e bem-estar, sendo a voz o instrumento primeiro que as crianças vão explorando. (p.66)

O envolvimento das crianças em práticas deste tipo permite, de acordo com Borràs (2001b), desenvolver a “capacidade de escutar; favorecer o desenvolvimento da memória e a sensibilidade (...) favorecer a capacidade criativa e imaginativa (...) desenvolver a capacidade de expressão e comunicação” (p. 530).

28 de novembro de 2011

Nesta data, os alunos realizaram a prova de avaliação de Língua Portuguesa. A professora titular de turma distribuiu a prova e fez a leitura da mesma. Em simultâneo, eu e as minhas colegas de estágio ajudámos nos preparativos para a festa de natal.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data, eu e as minhas colegas estivemos ocupadas a elaborar os fatos para a festa de natal e, por esse motivo, considero que não é relevante fundamentar esta prática.

2 de dezembro de 2011

Este foi um dia de roulement pelo que as duas turmas de 4.º ano estiveram juntas na sala do professor Hugo. O professor fez a revisão de alguns conteúdos de Matemática para a prova que se realizaria na semana seguinte.

No período de tempo dedicado ao Clube de Ciências, os alunos fizeram uma experiência relacionada com espelhos e lentes.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante o clube de ciências, o comportamento dos alunos não foi o mais correto e sendo sempre caracterizado por uma grande agitação e falta de respeito para com o professor responsável por esta área. Este facto levou a que o professor não conseguisse concluir a sua aula.

O professor responsável pela turma, ao regressar à sala, repreendeu os alunos de uma forma que eu não considere a mais correta. É certo que os professores devem repreender os seus alunos quando estes não se comportam corretamente mas não é necessário fazê-lo de uma forma demasiado brusca.

Esta ideia é reforçada por Estanqueiro (2010), referindo que “o professor deve repreender os comportamentos incorretos, com bom senso e coerência, de acordo com a situação” (p. 68).

Também Carter (1995, citado por Vieira, 2005) defende que “os professores devem responder ao comportamento inadequado dos alunos com um estilo assertivo, em vez de responderem passivamente ou de uma forma hostil” (p. 57).

5 de dezembro de 2011

Neste dia, teve lugar a realização da prova de avaliação de Matemática do 1.º período.

Após o intervalo, as crianças realizaram um exercício no qual tinham que situar uma ação no tempo e no espaço. No final da manhã, a professora realizou um ditado.

Inferências/Fundamentação Teórica

A atividade de Língua Portuguesa tinha como intuito elaborar um pequeno texto, no qual descrevessem a imagem que estavam a observar e a localizassem no tempo e no espaço.

De acordo com o Ministério da Educação (2004, p. 153), os alunos do 4.º ano de escolaridade devem ser capazes de “experimentar múltiplas situações que desenvolvam o gosto pela escrita” e “localizar a acção no tempo e no espaço”.

A atividade desenvolvida nesta data permitiu alcançar os objetivos acima referidos.

6 de dezembro de 2011

A professora fez a revisão do conteúdo de Matemática: números complexos e incomplexos.

Na área de Língua Portuguesa, realizaram a correção da prova de avaliação. Eu e as minhas colegas de estágio elaborámos alguns dos fatos para a festa de natal.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização da correção da prova permite que os alunos tenham melhor perceção dos seus erros e possam refletir sobre os mesmos.

Segundo Perrenoud (citado por Ferreira, 2007), o aluno ao pensar sobre aquilo que fez, “reflete sobre o porquê de o ter feito e sobre o caminho que está a seguir para que cumpra os critérios de avaliação estabelecidos, numa lógica de gestão própria dos seus projetos, dos seus progressos, das estratégias face às tarefas e aos obstáculos” (p. 108).

Também Estanqueiro (2010) aborda o tema da correção ao referir que esta “ajuda o aluno a identificar os seus progressos e as suas dificuldades” e a “verificar o que fez bem e o que fez mal” (p. 95).

9 de dezembro de 2011

Devido à aproximação da data da festa de natal, a manhã foi dedicada aos preparativos para a mesma.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data foi-me solicitado pela professora Manuela que, juntamente com outras estagiárias, embrulhássemos alguns presentes, a serem posteriormente oferecidos às crianças do Jardim-Escola na festa de natal.

Esta prática, apesar de não desenvolver nenhuma aprendizagem, permite que os estagiários tenham melhor perceção dos preparativos necessários para a realização da festa de natal

12 de dezembro de 2011

As crianças realizaram a avaliação de operações.

A seguir ao intervalo, a professora introduziu o conteúdo das interjeições e distribuiu uma proposta de trabalho para consolidação da matéria.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data, o conteúdo abordado na área de Língua Portuguesa foram as interjeições. Estas constituem uma classe de palavras que possuem a função de expressar emoções.

Após a explicação, os alunos tiveram oportunidade de realizar uma proposta de trabalho relacionada com o conteúdo abordado. Esta permitiu que os alunos consolidassem a matéria e que a professora tivesse a perceção do conhecimento adquirido pelos alunos.

13 de dezembro de 2011

Os alunos realizaram fichas de avaliação de Língua Portuguesa e de Matemática.

Nesta data, estive grande parte do tempo ausente da sala de aula, por estar a auxiliar nos preparativos para a peça de teatro que os alunos iriam representar na festa de natal

Inferências/Fundamentação Teórica

Este foi mais um dia em que me dediquei à preparação de alguns acessórios indispensáveis a festa de natal como, por exemplo, os cenários.

Com a aproximação da data da festa de natal, tornou-se visível o entusiasmo e ansiedade dos alunos. De acordo com Aguera (2008), “as festas e celebrações constituem atos extras, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a autoestima, a colaboração e a integração das crianças” (p. 73)

16 de dezembro de 2011

Devido a este ser o último dia de aulas antes das férias de natal, foi utilizado para o término de trabalhos em atraso. Os alunos sem trabalhos em atraso, realizaram uma cópia.

Inferências/Fundamentação Teórica

O clube das ciências constitui uma prática que ocorre todas as semanas. Durante o período de tempo ocupado por este clube, os alunos fazem diversas experiências e aprendem diferentes conteúdos, sempre orientados por um professor desta área.

O ensino das ciências permite, segundo Craidy e Kaercher (2001), “a interacção com diferentes materiais, a observação e o registo de muitos fenómenos, a elaboração de explicações (...) a construção de conhecimento e de valores pelas crianças” (p. 163).

Tal como refere o Ministério da Educação (s.d.), no currículo nacional, o professor é responsável por “proporcionar aos alunos oportunidades de se envolverem em aprendizagens significativas (...) que lhes permitam desenvolver capacidades instrumentais cada vez mais poderosas para compreender, explicar e actuar sobre o Meio de modo consciente e criativo” (p.62).

3 de janeiro de 2012

Os alunos iniciaram a manhã com a resolução de uma proposta de trabalho de revisão sobre os sólidos geométricos. A professora lembrou alguns conceitos que os alunos não recordavam.

De seguida, resolveram alguns exercícios sobre a área do triângulo e o perímetro do círculo.

Na área de Língua Portuguesa, a professora ensinou quais as regras para a elaboração de uma carta e solicitou aos alunos que escrevessem uma carta.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Língua Portuguesa, a professora explicou as regras utilizadas para escrever uma carta. Desta forma, permitiu que os alunos conhecessem um novo tipo de texto.

Colomer e Camps (2002, p. 68) defendem o contacto com diferentes tipos de texto permite desenvolver o conhecimento sobre as características do texto escrito e exercitar a habilidade de leitura.

Também o Ministério da Educação (2004) refere que as crianças desta faixa etária devem “experimentar diferentes tipos de escrita, com intenções comunicativas diversificadas, requeridos pela organização da vida escolar e pela concretização de projectos em curso” (p. 153).

6 de janeiro de 2012

No início da manhã, a estagiária Inês, da antiga licenciatura, realizou um ditado.

Posteriormente, os alunos realizaram a avaliação de composição. Esta foi feita com base numa imagem e em algumas palavras que, obrigatoriamente teriam que constar, na composição.

No período de tempo dedicado ao clube de ciências, os alunos responderam por escrito a um questionário sobre a Tapada de Mafra, local que iriam visitar na semana seguinte.

Inferências/Fundamentação Teórica

Ao distribuir o inquérito, o professor responsável por este clube, pretendia obter informações sobre os conhecimentos destas crianças sobre o local que iriam visitar e os animais que aí existem.

É importante que os professores se questionem sobre o que os seus alunos sabem ou não, para que estes possam partilhar os seus conhecimentos e ter um papel ativo na construção do seu saber.

9 de janeiro de 2012

A professora fez o ditado do texto “Uma árvore especial”. Ainda na área de Língua Portuguesa, os alunos leram o texto “De olhos no mar” e a professora elaborou algumas perguntas de interpretação.

No período dedicado à área de Matemática, as crianças fizeram a correção do trabalho de casa.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os conteúdos aprendidos na escola necessitam de ser exercitados e consolidados e, por este motivo, alguns professores enviam trabalhos para casa. Estes trabalhos possuem como principal objetivo permitir que os alunos interiorizem e consolidem os conteúdos abordados na sala de aula.

Rochetta (s.d., citado por Simões, 2006) confirma esta ideia ao referir que os trabalhos de casa permitem “reforçar, pela prática individual, aquilo que é aprendido na escola” e são “essenciais para a aquisição de hábitos de estudo” (p. 85).

Também Epstein (s.d., citado por Simões, 2006) reflete sobre a importância do trabalho de casa ao defender que “a aprendizagem não pode ser reduzida à simples receção de informação nas «aulas», pelo que se torna necessário rever em casa a matéria abordada, através de exercícios estimulantes e acessíveis” (p. 87).

10 de janeiro de 2012

Foi-me solicitado por parte de uma das professoras orientadoras da Prática Pedagógica uma aula surpresa na área de Língua Portuguesa. Esta tinha como objetivo relembrar a função sintática predicativo do sujeito. Comecei por pedir aos alunos que lessem um texto e fiz algumas perguntas de interpretação. De seguida, relembrei os tipos de verbos (principais, auxiliares e copulativos) e expliquei que os verbos copulativos exigiam o predicativo do sujeito para a frase fazer sentido. Solicitei a colaboração dos alunos para que ditassem algumas frases e fizessem a sua análise sintática, de modo a compreenderem em que situações é utilizado o predicativo do sujeito.

A minha colega de estágio, Carolina, também lecionou uma aula surpresa mas na área de Matemática. Esta aula teve como objetivo a resolução de situações problemáticas, propostas pela minha colega, a resolver com a divisão.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data lecionei a minha última aula surpresa. Estas aulas, como já referi anteriormente, fazem parte da disciplina de Prática Pedagógica e constituem momentos nos quais somos responsáveis pela turma o que permite antever o nosso futuro como docentes.

De acordo com Alarcão e Roldão (2008, p. 33) “a formação inicial e as perspectivas do exercício profissional futuro (...) constituem-se como momentos de consolidação ou aprofundamento das motivações para abraçar a profissão e de compreensão do que envolve ser professor”.

13 de janeiro de 2012

Os alunos realizaram a leitura e interpretação escrita do texto “O espantalho guardião”. Após o intervalo, decorreu o Clube de Ciências durante o qual os alunos aprenderam o que era um vulcão, os diferentes tipos de lava e de erupção. De seguida, o professor distribuiu alguns exemplares de rochas vulcânicas para que os alunos as pudessem observar.

A aula foi concluída com uma experiência que tinha como objetivo exemplificar uma erupção.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta turma, por aquilo que pude observar, a interpretação de textos é realizada oralmente. Nesta data, a professora adotou uma estratégia diferente e solicitou aos alunos que respondessem por escrito às questões do texto.

A linguagem escrita é uma competência essencial para o dia a dia, por este motivo o professor deve recorrer a atividades que permitam desenvolvê-la.

Este facto é reforçado por Sim-Sim (2007) que refere que “ a utilização da linguagem escrita é imprescindível na vida quotidiana. Torna-se, por isso, indispensável saber (...) escrever de forma eficiente para a realização de muitas atividades diárias” (p. 5).

16 de janeiro de 2012

A minha colega de estágio Marisa lecionou uma aula surpresa solicitada por uma professora orientadora da Prática Pedagógica. Esta tinha como objetivo introduzir a noção de perímetro, com o material estruturado Cuisenaire visto que este conteúdo era desconhecido dos alunos.

De seguida, dirigimo-nos à reunião onde iriam ser avaliadas as aulas surpresa da manhã. Esta ocupou o resto da manhã.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data, foi solicitado a minha colega de estágio Marisa que lecionasse uma aula surpresa com o objetivo de abordar o conceito de volume.

Talvez devido ao nervosismo, que este tipo de aulas provoca, a estagiária começou a aula de uma forma um pouco confusa e, no decorrer da mesma, não conseguiu direcionar os alunos de modo a alcançar o objetivo da aula.

Considero que esta aula não foi lecionada da melhor forma dado que, a estagiária em momento algum explicou o conceito de volume.

Após o término da aula tive oportunidade de dialogar com a minha colega sobre o seu desempenho, o que permitiu que refletisse sobre a aula e se apercebesse das suas falhas (Zeichner, 1993, p. 21).

17 de janeiro de 2012

A minha colega de estágio Carolina Sousa lecionou na área de Matemática com o material estruturado 5.º dom de Froebel. Começou por ensinar uma nova construção aos alunos, idealizada por si e, a partir da mesma, realizou algumas situações problemáticas.

A meio da aula, as crianças dirigiram-se ao ginásio para assistir a uma peça de teatro, com o tema a higiene oral e a alimentação equilibrada.

Ao regressarmos à sala, eu e as minhas colegas de estágio fomos chamadas para assistir a aulas surpresa que decorriam no 3.º ano.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data, saliento a prestação da minha colega de estágio Carolina na aula extra que lecionou. Esta aula, inserida na área de Matemática, consistiu na realização de duas construções realizadas com o 5.º dom e na resolução de situações problemáticas.

As construções realizadas com este material foram da autoria da minha colega, demonstrando criatividade da sua parte. Considero importante que o professor possua capacidades de modo a inovar as estratégias de ensino.

Reis (2008, p. 160) considera a criatividade “uma das principais capacidades que todo o ser humano possui e que deve ser fomentada, para enfrentar o imprevisto” e as suas necessidades futuras.

Durante toda a aula foi visível o entusiasmo e alegria da estagiária e o envolvimento e motivação dos alunos para realizar o que lhes era solicitado. A forma como decorreu esta aula levou a que os alunos estivessem totalmente envolvidos, demonstrando um comportamento correto e participativo.

20 de janeiro de 2012

Os alunos do 3.º e 4.º ano realizaram uma visita de estudo à Tapada Nacional de Mafra. Esta teve início com uma visita guiada, durante a qual o guia explicou alguns aspetos importantes sobre o local.

Depois do almoço, a visita foi concluída com uma caça ao tesouro, cujo objetivo era verificar se as crianças tinham apreendido as explicações dadas sobre a Tapada Nacional de Mafra.

Inferências/Fundamentação Teórica

Neste dia, os alunos do 3.º e do 4.º ano tiveram oportunidade de visitar a Tapada de Mafra, visita de estudo organizada pelo professor do clube de ciências.

As visitas de estudo são consideradas por Monteiro (1995) como “uma das estratégias que mais estimula os alunos, dado o carácter motivador que constitui a saída do espaço escolar” (p. 188).

Estas podem ocorrer em diversos locais como “parques naturais, zonas de paisagem protegida e locais classificados, jardins e parques urbanos (...) museus, monumentos (...) podendo por isso decorrer em locais abertos ou fechados” (Almeida, 1998, p. 51)

Monteiro (1995) refere também que este tipo de iniciativas “constitui uma situação de aprendizagem que favorece a aquisição de conhecimentos, proporciona o desenvolvimento de técnicas de trabalho, facilita a sociabilidade”

Os conhecimentos adquiridos durante esta visita foram avaliados de uma forma lúdica, através de um jogo, realizado por equipas, no qual os alunos tinham que responder a diversas questões e participar em algumas atividades.

O jogo foi motivador e levou a que as crianças demonstrassem um espírito de grupo, mais competitivo, em relação às outras equipas.

23 de janeiro de 2012

A Marisa iniciou a manhã de aulas com a área de Língua Portuguesa. Realizou a leitura e interpretação do texto. Introduziu as palavras homónimas através de um diálogo com os alunos.

Na área seguinte, a minha colega introduziu o conceito de volume a partir de uma experiência na qual colocou um cubo dentro de um recipiente com água e referiu que o espaço ocupado pelo cubo representava o seu volume. Os alunos tinham um cubo transparente, o qual preenchiam com cubos menores, para poderem calcular o volume do primeiro.

Na área de Estudo do Meio, ensinou que existem diferentes serras em Portugal. Através de cálculos simples, os alunos descobriram a altitude de cada serra e colocaram, num mapa as imagens das serras nos distritos corretos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero que a aula lecionada pela minha colega correu da melhor forma e que os materiais elaborados permitiram a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos embora deva salientar que, na área de Matemática, as palavras e os números não eram suficientemente visíveis.

Penso que a colega poderia ter recorrido ao quadro interativo, pelo simples facto de este permitir uma boa visualização por todos os alunos.

A observação das aulas de outras colegas permite uma reflexão sobre as suas práticas, considerando os seus aspetos positivos e negativos, com a finalidade de melhorar o desempenho.

A observação realizada, de acordo com Estrela (s.d., citado por Pacheco, 1995), permite “compreender e identificar fenómenos, aprender relações sequenciais e causais, ser sensível às reações dos alunos, pôr problemas e verificar soluções (...) situar-se criticamente face aos modelos existentes, realizar a síntese entre a teoria e a prática” (p. 142).

27 de janeiro de 2012

Iniciei a manhã de aulas com a área de Língua Portuguesa, na qual solicitei aos alunos que lessem o texto “A lenda da Serra da Estrela”. De seguida, pedi aos alunos que revelassem um código para descobrirem qual o tema da aula. Expliquei o que eram as palavras homógrafas e pedi às crianças que completassem e escrevessem algumas frases utilizando palavras homógrafas.

Na área seguinte, Matemática, relembrei as medidas de área e introduzi as medidas agrárias, fazendo referência às equivalências existentes entre estas medidas.

Concluí a aula da parte da tarde com a área de Estudo do Meio. Para esta área apresentei um *powerpoint* e dialoguei com as crianças sobre os diferentes tipos de relevo existentes em Portugal.

Inferências/Fundamentação Teórica

Esta foi a última aula que dei enquanto estagiária do 4.º ano e, na minha opinião, foi uma aula bem conseguida.

Esta aula foi sempre caracterizada por uma interação com os alunos, de modo a que estes estivessem sempre interessados e motivados. De acordo com Estanqueiro (2010), “dando o seu melhor ao ensino, o professor dignifica o seu trabalho e influencia positivamente a motivação dos alunos” (p. 32)

Na área de Matemática, deparei-me com o facto de um dos alunos não saber o significado de uma palavra, por este motivo, solicitei que o aluno consultasse o dicionário. Nesta faixa etária, os alunos já devem ser capazes de consultar o dicionário sem o auxílio do professor.

Estanqueiro (2010) defende que “é tarefa do professor oferecer instrumentos que permitam ao aluno assumir gradualmente a responsabilidade pela sua aprendizagem” (p. 18).

A minha aula foi interrompida para dar lugar ao Clube de Ciências. Neste dia, os alunos apresentaram, por grupos, experiências escolhidas por si. Considero que o trabalho em grupo favorece a cooperação, o respeito e a aquisição de regras de trabalho.

O autor (2010), anteriormente referido, defende que “num clima de cooperação, de partilha de saberes e experiências, todos ganham, aprendendo juntos e construindo relações de tolerância, respeito, confiança e apoio mútuo” (p. 22). Por estes motivos, é dever do professor promover atividades que requeiram o trabalho de grupo.

Capítulo 2 – Planificações

Descrição do capítulo

Este capítulo tem como objetivo abordar o tema da planificação. Comecei por elaborar uma fundamentação teórica sobre o tema em questão, fazendo referência à sua definição, importância e objetivos. Refleti também sobre o modelo T de planificação, devido a este ser o modelo de planificação utilizado por estagiários e docentes nos Jardins-Escola João de Deus.

Segue-se a apresentação de planos de aula, das diferentes áreas curriculares da Educação Pré-Escolar (Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Conhecimento do Mundo) e do 1.º Ciclo do Ensino Básico (Matemática e Estudo do Meio), devidamente fundamentados.

Os planos de aula destinados ao Pré-Escolar correspondem a uma aula lecionada ao Bibe Amarelo A, no dia 14 de fevereiro de 2011. Os restantes planos de aula são referentes a uma manhã de aulas lecionada no 2.º ano A, no dia 5 de abril de 2011.

2.1. Fundamentação teórica

Para Zabalza (1994), a planificação consiste em “converter uma ideia ou um propósito num curso de acção” (p. 47). De acordo com este autor, a ação do professor tem como base a planificação e é a partir desta que o docente desenvolve a sua atividade prática.

Por sua vez, Vilar (1998) defende que a planificação é um meio a partir do qual se otimiza a prática educativa. O mesmo autor refere também que:

(...) a planificação não pode ficar reduzida à formulação de uns tantos objetivos, enumeração e ordenação de determinados conteúdos programáticos, previsão de prazos, etc., processos que são, aliás indevidamente, muitas vezes assumidos como se fossem a própria planificação. (p. 5)

A planificação é uma atividade dos docentes e de acordo com Clark e Peterson (citados por Zabalza, 1994), esta pode ser tida como uma atividade mental interna do professor, na qual o centro das atenções está no pensamento do professor.

Para Zabalza (1994), a planificação tem como função principal “transformar e modificar o currículo para o adequar às características particulares de cada situação de ensino.” (p. 54).

Ao planificar, o docente reflete em alguns aspetos como, por exemplo, para quê ensinar e como o fazer. Deve também ponderar em como deve proceder para averiguar se houve ou não aprendizagem. Os autores Clark e Yinger (citados por

Zabalza, 1994, p. 48), referem que existem três razões pelas quais os professores planificam:

- Satisfazer as suas necessidades pessoais como, por exemplo, a ansiedade e a incerteza, de forma a ficarem mais confiantes no seu trabalho;
- Determinar os objetivos a alcançar para que possam saber quais os materiais e atividades que devem organizar e a sua duração;
- Organizar estratégias de atuação para descobrir a melhor forma de organizar os alunos, começar as atividades e realizar a avaliação.

Para Rey e Santamaría (citados por Vilar, 1998), a planificação pode ser definida consoante a sua duração, amplitude, âmbito e características. Ao definir a planificação segundo a sua duração, esta pode ser classificada da seguinte forma:

- Planificação a longo prazo: quando se destina a períodos superiores a cinco anos.
- Planificação a médio prazo: quando se destina a um período superior a um ano e inferior a cinco.
- Planificação a curto prazo: quando se destina a um período não superior a um ano.

Também Damião defende que as planificações podem ser de diversos tipos consoante os diferentes momentos do processo de ensino/aprendizagem. Para este autor, as planificações a longo prazo “têm como ponto de referência directa o programa e organizam longos períodos de ensino” (p. 64). É a partir das planificações a longo prazo que são estruturadas as planificações a médio prazo, que organizam períodos de média duração como, por exemplo, um período escolar.

Por fim, as planificações a curto prazo são estruturadas a partir das planificações a médio prazo e estruturam períodos de ensino de curta duração como, por exemplo, uma aula. Para que exista flexibilidade e uma evolução no decorrer da situação de ensino, os professores devem articular os diversos tipos de planos tal como referem Borko e Shavelson (citados por Damião, 1988)

Quando planificam, os professores dedicam a maior parte do tempo a decidir o que vão ensinar, preparar estratégias e atividades e dedicam uma menor parte do seu tempo aos objetivos da planificação.

De acordo com Vilar (1998, p. 15), a atividade de planificar não pode ser encarada como estática porque como constitui um instrumento que recai sobre a realidade não pode ser definitivo.

Para Zabalza (1994), os professores com menos experiência têm tendência a elaborar os seus planos com base em modelos já conhecidos e a fazê-lo de uma forma muito pormenorizada (planificações diárias) por outro lado os professores mais experientes dão mais importância à evolução do que aos resultados a obter no final de cada aula.

Os docentes ao planificar podem fazê-lo com base em diversos modelos de planificação. O modelo de planificação utilizado nos Jardins-Escola João de Deus é designado por Modelo T e foi desenvolvido pelo Dr. Martiniano Pérez.

De acordo com este autor (s.d.), o desenho curricular de aula possui como elementos básicos as capacidades/destrezas, os valores/ atitudes, os conteúdos e os procedimentos/métodos. É a disposição destes elementos que permite atribuir a este modelo a designação de Modelo T, conforme se pode observar no quadro x.

Pérez (s.d.) refere que este modelo tem a forma de um T duplo, no qual o primeiro T inclui os conteúdos (lado esquerdo) e os procedimentos/métodos (lado direito) e o segundo T engloba as capacidades/destrezas e os valores/atitudes.

Para Pérez os conteúdos ou conhecimentos englobam as unidades de aprendizagem que devem ser adquiridas ao longo do ano. Estes conhecimentos são transmitidos através de métodos ou procedimentos que são entendidos pelo autor como “formas de fazer, para serem aprendidas no curso escolar.” (p. 40)

O mesmo autor define ainda as capacidades como “objetivos fundamentais cognitivos que queremos desenvolver.” (p. 40). No que se refere aos valores estes são tidos como objetivos afetivos que também se pretendem desenvolver.

Desta forma, o mesmo autor refere que “de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar.” (p. 40).

Quadro 9 – *Planificação baseada no Modelo T*

Jardim-Escola João de Deus	
Plano de aula	
Faixa etária:	Nome:
Duração:	Ano:
Educadora:	Número:
Data:	
Conteúdos	Procedimentos/Métodos
Competências	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
Material:	

2.2. Planificações em quadro do Pré-escolar

2.2.1. Planificação da área de Conhecimento do Mundo

Quadro 10 – Planificação da área de Conhecimento do Mundo

Jardim-escola João de Deus – Olivais

Plano de Atividade

Faixa etária: 3 anos Duração: 30 minutos Educadora: Ana Freire Data: 14 de fevereiro de 2011	Estagiária: Ana Rita Filipe N.º 5 Turma: MPE1C
---	---

Área: Conhecimento do Mundo	
Conteúdos	Procedimentos
Sistema Solar	- Sentar as crianças em semicírculo; - Relembrar o tema trabalhado na aula anterior (planeta Terra); - Explorar uma imagem em que está representado o Sol e o Planeta Terra; - Explicar o que é o Sol e o Sistema Solar; - Representar, com o auxílio das crianças, o Sistema Solar e todos os seus Planetas.
Capacidades — Destrezas	Valores — Atitudes
Socialização Ser capaz de dialogar; Ser capaz de conviver. Expressão Oral Compreender; Expressar ideias.	Cooperação Saber colaborar; Saber partilhar. Respeito Saber ouvir; Saber conviver.
Material: Fatos de planetas.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem

(Este plano pode ser sujeito a alterações)

Este plano de aula baseia-se no Modelo T apresentado anteriormente. Esta planificação referente a uma aula da área de Conhecimento do Mundo ocorreu no dia 14 de fevereiro de 2011 e teve cerca de 30 minutos de duração. O principal conteúdo trabalhado foi o Sistema Solar.

Inferências/fundamentação teórica

Sentar as crianças em semicírculo

Optei por dispor as crianças em semicírculo para que todas pudessem observar o que iria acontecer naquele espaço.

Segundo as Orientações Curriculares (1997), o educador deve interrogar-se “sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização”. Ao organizar o espaço, o educador expressa as suas intenções educativas, ou seja, o que tenciona trabalhar ou explorar (p. 37).

Relembrar o tema trabalhado na aula anterior (planeta Terra)

Antes de iniciar a aula, aproveitei para apelar aos conhecimentos dos alunos sobre o planeta Terra, dado que este tema já tinha sido abordado por mim numa outra aula destinada a este bibe.

De acordo com as Orientações Curriculares (1997), o docente deve ter em conta os saberes que as crianças já possuem e utilizá-los como ponto de partida.

Explorar uma imagem em que está representado o Sol e o planeta Terra

Comecei por mostrar uma imagem, em *PowerPoint*, e solicitar às crianças que identificassem o que estava representado, e partilhando os seus conhecimentos sobre o Sol e o planeta Terra, com os restantes colegas.

A área de Conhecimento do Mundo é tida, nas Orientações Curriculares (1997, p. 80), como uma sensibilização às ciências que possui como objetivo introduzir “aspectos relativos a diferentes domínios do conhecimento humano” adequados a esta faixa etária.

A utilização do *PowerPoint* foi uma forma de captar a atenção das crianças utilizando os meios audiovisuais para tornar esta temática mais apelativa para as crianças. As novas tecnologias são formas de linguagem com as quais as crianças contactam diariamente e, por este motivo, a utilização dos meios informáticos pode ser, de acordo com as Orientações Curriculares, “desencadeadora de variadas situações de aprendizagem” (p. 72).

Explicar o que é o Sol e o Sistema Solar

Através de um diálogo com os alunos expliquei que o Sol é uma estrela de grandes dimensões que fornece luz e calor ao nosso planeta. Referi também que para além do planeta Terra existem outros planetas e que o conjunto de todos os planetas forma o Sistema Solar. Tal como está referido nas Orientações Curriculares (1997):

A capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre as crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar. (p. 66)

Representar, com o auxílio das crianças, o Sistema Solar e todos os seus planetas

Conforme fui referindo cada planeta e as suas características mais importantes, caracterizei alguns alunos com fatos que representavam os vários planetas. Para concluir esta área, dispus as crianças de maneira a que cada planeta estivesse na sua órbita e o Sol no meio, representando assim o Sistema Solar. Segundo as Orientações Curriculares (1997):

A expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com os outros que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais. Na interacção com outra ou outras crianças, em actividades de jogo simbólico, os diferentes parceiros tomam consciência das suas reacções, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não-verbal. (p. 70)

2.2.2. Planificação do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Quadro 11 – Planificação do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Jardim-escola João de Deus – Olivais

Plano de Atividade

Faixa etária: 3 anos Duração: 30 minutos Educadora: Ana Freire Data: 14 de fevereiro de 2011	Estagiária: Ana Rita Filipe N.º 5 Turma: MPE1C
---	---

Área: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	
Conteúdos	Procedimentos
• Estimulação à leitura	• Sentar as crianças em semicírculo; • Ler a história e dialogar com as crianças sobre a mesma.
Capacidades — Destrezas	Valores — Atitudes
• Expressão Oral Comunicar; Relacionar. • Socialização Compreender; Expressar ideias.	• Cooperação Saber colaborar; Saber partilhar. • Respeito Saber ouvir; Saber conviver.
Material: Fatos de planetas.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem

(Este plano pode ser sujeito a alterações)

Este plano de aula baseia-se no Modelo T apresentado anteriormente. Esta planificação referente a uma aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita ocorreu no dia 14 de fevereiro de 2011 e teve cerca de 30 minutos de duração.

Inferências/fundamentação teórica

Sentar as crianças em semicírculo

Optei por manter as crianças sentadas em semicírculo dado que ia contar uma história e esta foi a disposição que considerei mais correta para que todos pudessem observar as ilustrações do livro, que foram exibidas através de uma apresentação de powerpoint.

De acordo com as Orientações Curriculares (1997, p. 38), os docentes devem refletir permanentemente sobre a “funcionalidade e adequação do espaço e as potencialidades educativas dos materiais” de forma a adaptarem a organização da sala às necessidades da turma.

Ler a história e dialogar com as crianças sobre a mesma

Li a história *A que sabe a lua*, interagindo com as crianças ao realizar perguntas sobre a mesma, como por exemplo o que iria acontecer e quantos animais estavam presentes na ilustração. Terminei a história com um breve diálogo em que as crianças disseram que sabor podia ter a lua e se podíamos ou não alcançá-la.

Segundo Spodek e Saracho (1994), “ouvir histórias ajuda as crianças a desenvolverem padrões sofisticados de linguagem e as motiva a experimentarem com a sua própria linguagem oral e escrita” (p. 245).

2.3. Planificações em quadro do 1.º Ciclo do Ensino Básico

2.3.1. Planificação da área de Estudo do Meio

Quadro 12 – Planificação da área de Estudo do Meio

Jardim-escola João de Deus – Olivais

Plano de Atividade

Faixa etária: 6 anos	Estagiária: Ana Rita Filipe
Duração: 50 minutos	N.º 5
Professora: Marta Gomes	Turma: MPE1C
Data: 7 de junho de 2011	

Área: Estudo do Meio	
Conteúdos	Procedimentos
• Classe dos anfíbios - o A rã	- o Distribuir um puzzle por cada aluno para que descubram o animal que será o tema da aula. - o Apresentar um PowerPoint e dialogar com as crianças sobre as principais características deste animal. - o Mostrar alguns exemplares deste animal.
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
• Socialização Ser capaz de dialogar; Ser capaz de se relacionar. • Classificação Identificar; Distinguir.	• Tolerância Ser bom ouvinte; Ser capaz de compreender. • Cooperação Saber colaborar; Saber ser recetivo.
Material: puzzles, powerpoint e exemplares de rãs.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem

(Este plano pode ser sujeito a alterações)

Inferências/fundamentação teórica

Distribuir um puzzle por cada aluno para que descubram o animal que será o tema da aula

Comecei por distribuir, a cada aluno, um envelope que continha as peças de um puzzle. Ao montarem o puzzle, os alunos descobriram o tema da área de Estudo do Meio. Esta estratégia foi pensada com o intuito de estimular o interesse dos alunos para o tema da aula.

Segundo Roldão (1995), “aprender implica sempre estar interessado e aprender, haver alguma identificação afectiva de quem estuda com o tema de estudo, gerando-se uma genuína curiosidade que tem a ver com o significado que o assunto assume para o aluno.” (p. 33)

Apresentar um PowerPoint e dialogar com as crianças sobre as principais características deste animal

O PowerPoint foi o suporte informático a partir do qual explorei o conteúdo escolhido para esta aula, a rã. Recorri aos conhecimentos que as crianças já possuíam sobre o tema, visto ser um conteúdo de interesse para crianças desta faixa etária.

De acordo com o Programa do 1.º Ciclo, referido por Roldão, ao chegarem à escola as crianças “possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da vida” (p. 43). Estes saberes vão sendo adquiridos no contacto com o meio ambiente e é função do professor valorizar os mesmos para que os alunos possam realizar “aprendizagens posteriores mais complexas”.

Mostrar alguns exemplares deste animal

Durante a explicação, circulei pela sala e mostrei aos alunos frascos que continham exemplares vivos deste animal nas diversas fases de crescimento.

2.3.2. Planificação da área de Matemática

Quadro 13 – Planificação da área de Matemática

Jardim-escola João de Deus – Olivais

Plano de Atividade

Faixa etária: 6 anos Duração: 30 minutos Professora: Marta Gomes Data: 7 de junho de 2011	Estagiária: Ana Rita Filipe N.º 5 MPE1C
--	---

Área: Matemática	
Conteúdos	Procedimentos
- Itinerários - Cuisenaire	- Distribuir o material de matemática Cuisenaire. - Relembrar as regras de utilização deste material. - Distribuir uma proposta de trabalho. - Explicar que, de acordo com as minhas indicações, vão ter que construir um itinerário para que a rã chegue aos outros animais.
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
Raciocínio Lógico Ser capaz de relacionar; Ser capaz de aplicar. Classificação Observar; Concretizar.	Respeito Saber ouvir; Saber falar. Responsabilidade Ser empenhado; Ser cumpridor.
Material: Cuisenaire e folha com itinerário.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem

(Este plano pode ser sujeito a alterações)

Inferências/fundamentação teórica

Distribuir o material de matemática Cuisenaire

O material estruturado Cuisenaire foi o material seleccionado para a aula lecionada com base neste plano. Segundo Caldeira (2009, p. 126), este material é de “fácil manipulação e diferentes” permitindo assim “estimular a criatividade e a experimentação”.

Vale (2000, citada por Caldeira, 2009, p. 127) considera importante que os professores/educadores conheçam as potencialidades dos materiais manipulativos e refere que “a aprendizagem é mais eficaz, significativa e duradoura quando os alunos utilizam essas ferramentas, pois permite interagirem uns com os outros, reflectindo e comunicando entre si as suas experiências.”

Relembrar as regras de utilização deste material

Ao distribuir o material lembrei as regras essenciais ao manuseamento deste material como, por exemplo, só mexer nas peças quando solicitado por mim e não brincar com as mesmas.

Arends (1995) refere que “...as regras e os procedimentos para várias actividades da sala de aula devem ser ensinados aos alunos como qualquer outro tópico.” (p. 95)

Distribuir uma proposta de trabalho

A proposta de trabalho consistia numa folha quadriculada na qual, com as peças deste material, os alunos tinham que construir o itinerário.

Moreira e Oliveira (2003, citados por Caldeira, 2007, p. 173) referem que “quando a criança realiza tarefas (encontrar caminhos), está a treinar a sua capacidade de visualização espacial.”

Explicar que, de acordo com as minhas indicações, vão ter que construir um itinerário para que a rã chegue aos outros animais

A construção do itinerário foi feita peça a peça e os alunos iam descobrindo as mesmas ao resolverem cálculos mentais simples, ditados por mim.

Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação

Descrição do capítulo

Este capítulo centra-se na avaliação, um dos aspetos fundamentais do ensino, e tem início com a fundamentação teórica do tema. Esta fundamentação inclui a definição do conceito de avaliação, os diversos tipos de avaliação, a avaliação na Educação de Infância e no 1.º Ciclo do Ensino Básico e as suas finalidades.

Posteriormente encontram-se quatro dispositivos de avaliação aplicados no decorrer do estágio, dois referentes ao Pré-escolar e dois referentes ao 1.º Ciclo. As áreas curriculares do ensino Pré-Escolar são o Conhecimento do Mundo, o Domínio da Matemática e do 1.º Ciclo são a Língua Portuguesa e a Matemática.

Para cada dispositivo de avaliação foi realizada a descrição dos parâmetros e critérios referindo a cotação atribuída a cada um, sob a forma de um quadro. Os resultados de cada dispositivo surgem depois inseridos numa grelha de avaliação, a partir da qual foi elaborado um gráfico de resultados que permite concluir o desempenho do grupo na realização dessa atividade.

3.1. Fundamentação teórica

A avaliação é um elemento regulador da prática educativa que permite ao educador/professor recolher informações e tomar decisões adaptadas às necessidades e capacidades dos seus alunos.

De acordo com o Conselho Nacional de Educação, a avaliação tem como principal função “ajudar a detectar as dificuldades de aprendizagem, os desajustamentos no processo educativo e possibilitar que seja proporcionado a cada aluno o programa de estudos mais adequado.” (p. 31)

O Ministério da Educação, no Despacho Normativo n.º 1/2005, de 5 de janeiro, estabelece para a regulação da avaliação, os seguintes princípios:

- Consistência entre os processos de avaliação e as aprendizagens e competências pretendidas;
- Utilização de técnicas e instrumentos de avaliação diversos;
- Primazia da avaliação formativa com valorização dos processos de autoavaliação regulada e sua articulação com os momentos de avaliação sumativa;
- Valorização da evolução do aluno;
- Transparência e rigor do processo de avaliação, através da clarificação dos critérios adotados;
- Diversificação dos intervenientes no processo de avaliação.

De Landsheere (citado por Bartolomeis, 1999, p. 37) refere que a avaliação possui três funções:

- Função de prognóstico, porque permite ter conhecimento de quais são os conhecimentos dos alunos e se estes se encontram no nível ao nível pretendido;
- Função de mediação, porque possibilita um controle das aquisições e posteriormente uma avaliação dos progressos do aluno;
- Função de diagnóstico, porque faculta informação ao docente para que este saiba porque é que determinada aprendizagem não se realizou ou quais os conteúdos, materiais ou técnicas que o aluno não domina.

Dada a importância do conceito “avaliação” é importante referir o porquê de avaliar. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução.”

Brown *et al.* (2000, p. 31) referem que a realização da avaliação é justificada pelos seguintes motivos: motivar e classificar os alunos, possibilitar a progressão dos alunos, dar ao professor/educador uma perceção sobre o modo como ensina.

Sendo a avaliação um elemento integrante e regulador da prática educativa, pretende-se que com a sua realização sejam alcançados determinados objetivos ou finalidades. Estas finalidades são descritas na Circular n.º 4/2011 como sendo as seguintes:

- Contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação que permita ao educador regular a atividade educativa;
- Refletir sobre os efeitos da ação educativa de modo a estabelecer a progressão das aprendizagens;
- Recolher dados para monitorizar a eficácia das medidas educativas definidas no Programa Educativo Individual;
- Promover e acompanhar processos de aprendizagem, tendo em conta a realidade do grupo e de cada criança, favorecendo o desenvolvimento de competências e desempenhos;
- Envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta, que lhe permita tomar consciência dos progressos e das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando;

— Conhecer a criança e o seu contexto tendo em vista a adequação do processo educativo.

O processo de avaliação ocorre nos vários ciclos de ensino e, por isso, é adequado a especificidade de cada um.

Tal como pode ser lido na Circular n.º 4/2011, a avaliação na Educação Pré-Escolar é essencialmente formativa e ocorre de uma forma contínua. Esta tem como objetivo que o aluno tenha consciência dos conhecimentos que já adquiriu, das dificuldades que vai tendo e de como as vai ultrapassando.

A avaliação no Pré-Escolar é considerada uma tarefa complexa e uma das mais importantes no processo educativo da criança. Esta implica a recolha e a análise de toda a informação que o educador consiga recolher partindo de situações pedagógicas, com o objetivo de fazer escolhas que melhorem a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

De acordo com o Despacho n.º 50/2005, a avaliação no 1.º Ciclo do Ensino Básico é da responsabilidade do professor, do conselho de docentes, dos órgãos de gestão da escola e da administração educativa. Neste ciclo de ensino são adotados três tipos de avaliação: a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa.

Tal como refere o Despacho Normativo n.º 6/2010, de 19 de fevereiro, da autoria do Ministério da Educação:

A avaliação diagnóstica conduz à adoção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projeto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional. Pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo quando articulada com a avaliação formativa.

De acordo com o mesmo autor, esta forma de avaliação pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo em articulação com a avaliação formativa. A avaliação diagnóstica permite a adequação do projeto curricular de turma para que a integração escolar do aluno seja facilitada.

Por outro lado, a avaliação formativa, principal forma de avaliação do ensino básico, esta modalidade “assume carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem, recorrendo a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, de acordo com a natureza das aprendizagens e dos contextos em que ocorrem” (Despacho Normativo n.º 6/2010, de 19 de fevereiro).

A avaliação formativa permite a obtenção de informação acerca do desenvolvimento das aprendizagens com o intuito de melhorar os processos de trabalho. Esta é da responsabilidade de cada professor, em diálogo com os alunos e em colaboração com outros docentes.

Segundo o Despacho Normativo n.º 6/2010, de 19 de fevereiro, “a avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular”.

Ribeiro (1990, citada por Leite, p. 26) afirma que “a avaliação sumativa corresponde, pois, a um balanço final, a uma visão de conjunto relativamente a um todo sobre que, até aí, só haviam sido feitos juízos parcelares”

No 1.º Ciclo, a avaliação sumativa ocorre no final de cada período e no final de cada ano letivo e distingue-se dos dois tipos anteriormente referidos ao nível da intenção e dos objetivos. Este tipo de avaliação é da responsabilidade do professor titular de turma, em articulação com o conselho de docentes e tem como objetivo informar os alunos e os encarregados de educação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e tomar decisões sobre o percurso escolar do aluno.

Para os dispositivos de avaliação selecionados, foi utilizada uma escala baseada na escala de Likert. Esta permite que os alunos sejam avaliados quer qualitativamente quer quantitativamente.

Quadro 14 – Escala de avaliação

Avaliação qualitativa	Avaliação quantitativa
Fraco	0 a 2,9 valores
Insuficiente	3 a 4,9 valores
Suficiente	5 a 6,9 valores
Bom	7 a 8,9 valores
Muito Bom	9 a 10 valores

Concluindo, a avaliação é um processo indispensável ao ensino/aprendizagem porque é esta que o regula para que sejam feitas alterações e obtidas melhorias ao nível da aquisição de conteúdos e conhecimentos por parte dos alunos.

3.2. Dispositivo de avaliação de Conhecimento do Mundo

A proposta de trabalho de Conhecimento do Mundo (apresentada em anexo) foi realizada pelo Bibe Azul A, no dia 30 de novembro de 2010. A referida turma é composta por 27 alunos e estavam todos presentes na data de realização desta atividade.

3.2.1. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Identificação dos constituintes da planta: pretende-se que o aluno seja capaz de identificar e legendar corretamente os constituintes da planta (raiz, caule, folha, flor e fruto).

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Legendou corretamente cinco constituintes da planta.
- Legendou corretamente quatro constituintes da planta.
- Legendou corretamente três constituintes da planta.
- Legendou corretamente dois constituintes da planta.
- Não legendou corretamente nenhum dos constituintes da planta.

3.2.2. Grelha de critérios e cotações

Quadro 15 – Grelha de critérios e cotações da atividade n.º 1

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Identificação dos constituintes da planta	Legendou corretamente cinco constituintes da planta.	10	10
	Legendou corretamente quatro constituintes da planta.	8	
	Legendou corretamente três constituintes da planta.	6	
	Legendou corretamente dois constituintes da planta.	4	
	Legendou corretamente um constituinte da planta.	2	
	Não legendou corretamente nenhum dos constituintes da planta.	0	
TOTAL			10

3.2.3. Grelha de avaliação da atividade n.º 1

Quadro 16 – Grelha de avaliação da atividade n.º 1.

Questão:	1	Total
Parâmetros:	Identificação dos constituintes da planta	
Cotações:	10	
Número do aluno		
1	8	8
2	6	6
3	8	8
4	8	8
5	6	6
6	10	10
7	10	10
8	6	6
9	4	4
10	8	8
11	10	10
12	10	10
13	10	10
14	8	8
15	4	4
16	10	10
17	8	8
18	10	10
19	10	10
20	10	10
21	10	10
22	8	8
23	4	4
24	8	8
25	8	8
26	6	6
27	10	10
Média por questão:	8,1	8,1

3.2.4. Descrição da grelha de avaliação

A grelha de avaliação da atividade n.º 1 informa que, dos vinte e sete alunos que realizaram a atividade, três alunos obtiveram classificação negativa e vinte e quatro alunos obtiveram classificação positiva.

Esta proposta tinha como principal parâmetro a identificação dos constituintes da planta. Deste modo, através da observação da grelha é possível concluir que onze alunos identificaram os cinco constituintes da planta, nove alunos identificaram apenas quatro constituintes, quatro alunos identificaram três constituintes e três alunos identificaram apenas dois constituintes da planta.

3.2.5. Apresentação dos resultados da atividade n.º 1 em gráfico

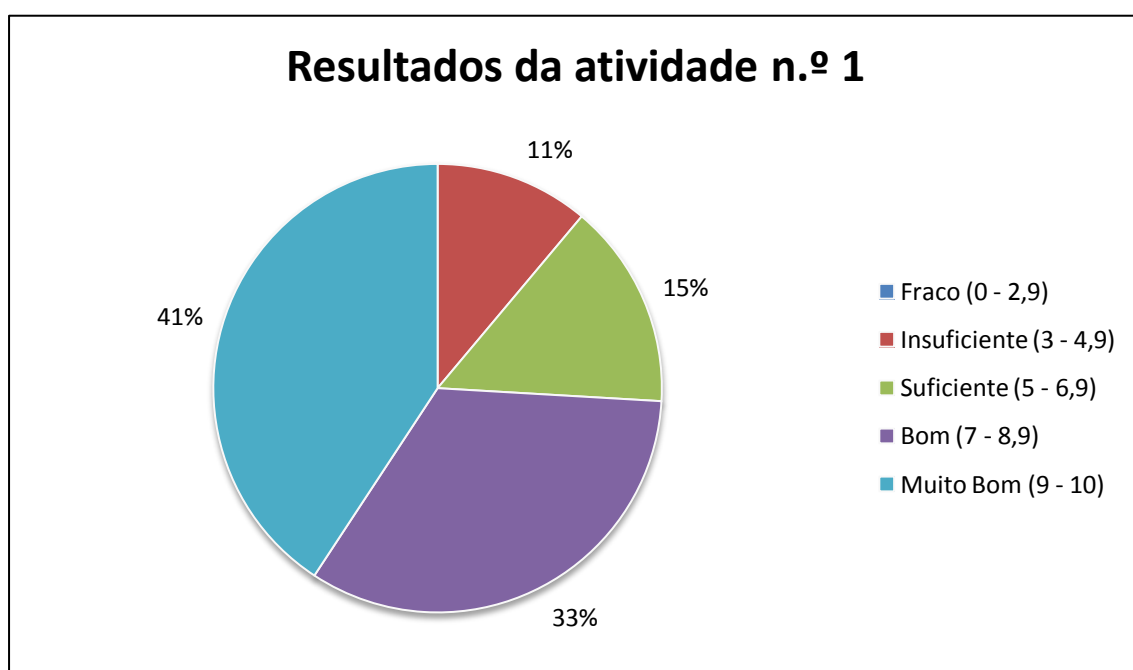


Figura 9 – Gráfico com o resultado da atividade n.º 1

3.3.6. Análise do gráfico dos resultados da atividade n.º 1

O gráfico de resultados da atividade n.º1 informa que de um total de vinte e sete alunos (100%), 41% tiveram Muito Bom, 33% tiveram Bom, 15% tiveram Suficiente e 11% dos alunos tiveram Insuficiente.

De modo a melhorar o desempenho dos alunos com classificação Insuficiente poderia relembrar os constituintes da planta e solicitar a colaboração dos alunos com mais dificuldades para legendar o esquema no quadro.

3.3. Dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

A proposta de trabalho do Domínio da Matemática foi realizada pelo Bibe Azul A, no dia 7 de dezembro de 2010. A referida turma é composta por 27 alunos e estavam todos presentes na data de realização desta atividade.

3.3.1. Descrição dos parâmetros e critérios

Identificação da noção de número: pretende-se que o aluno tenha a noção da quantidade que é representada por um determinado algarismo.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Desenhou quatro tartarugas;
- Desenhou três tartarugas;
- Desenhou duas tartarugas;
- Desenhou uma tartaruga;
- Não desenhou nenhuma tartaruga.

Orientação espacial: pretende-se que o aluno perceba os conceitos de exterior e interior. Foram estabelecidos os seguintes critérios:

Desenhou tartarugas no interior do lago

- Desenhou duas tartarugas;
- Desenhou uma tartaruga;
- Não desenhou nenhuma tartaruga.

Desenhou tartarugas no exterior do lago

- Desenhou duas tartarugas;
- Desenhou uma tartaruga;
- Não desenhou nenhuma tartaruga.

3.3.2. Grelha de critérios e cotações

Quadro 17 – Grelha de critérios e cotações da atividade n.º 2

Parâmetros	Critérios			Cotações
1. Identificação da noção de número	Desenhou cinco tartarugas.		5	5
	Desenhou quatro tartarugas.		4	
	Desenhou três tartarugas.		3	
	Desenhou duas tartarugas.		2	
	Desenhou uma tartaruga.		1	
	Não desenhou nenhuma tartaruga.		0	
2. Orientação espacial	Desenhou tartarugas no interior do lago	Desenhou duas tartarugas.	2	5
		Desenhou uma tartaruga.	1	
		Não desenhou nenhuma tartaruga.	0	
	Desenhou tartarugas no exterior do lago	Desenhou três tartarugas	3	
		Desenhou duas tartarugas.	2	
		Desenhou uma tartaruga.	1	
		Não desenhou nenhuma tartaruga.	0	
	TOTAL			10

3.3.3. Grelha de avaliação da atividade n.º 2

Quadro 18 – Grelha de avaliação da atividade n.º 2.

Questão: Parâmetros: Cotação:	1		Total
	Noção de número	Orientação espacial	
	5	5	10
Número do aluno			
1	4	4	8
2	5	5	10
3	4	4	8
4	5	5	10
5	3	3	6
6	5	5	10
7	5	5	10
8	5	5	10
9	5	5	10
10	5	5	10
11	2	2	4
12	4	4	8
13	3	3	6
14	4	4	8
15	5	5	10
16	4	4	8
17	2	2	4
18	4	4	8
19	5	5	10
20	5	5	10
21	5	5	10
22	5	5	10
23	3	3	6
24	5	5	10
25	1	1	2
26	3	3	6
27	5	5	10
Média por questão:	7,9		7,9

3.3.4. Descrição da grelha de avaliação da atividade n.º 2

A grelha de avaliação da atividade n.º 2 informa que, dos vinte e sete alunos que realizaram a atividade, três alunos obtiveram classificação negativa e vinte e quatro obtiveram classificação positiva.

Esta proposta tinha como parâmetros a identificação da noção de número e a orientação espacial. Deste modo, através da observação da grelha é possível concluir que, no 1.º parâmetro, catorze alunos desenharam cinco tartarugas, seis alunos desenharam quatro tartarugas, quatro alunos desenharam três tartarugas, dois alunos desenharam apenas duas tartarugas e apenas um aluno desenhou uma tartaruga.

No que diz respeito ao 2.º parâmetro, Orientação Espacial, catorze alunos desenharam duas tartarugas no interior e três tartarugas no exterior do lago, seis alunos desenharam duas tartarugas no interior e duas tartarugas no exterior do lago, quatro alunos desenharam duas tartarugas no interior e apenas uma no exterior do lago, dois alunos desenharam duas tartarugas no interior do lago e um aluno desenhou apenas uma tartaruga no exterior do lago.

3.3.5. Apresentação dos resultados da atividade n.º 2

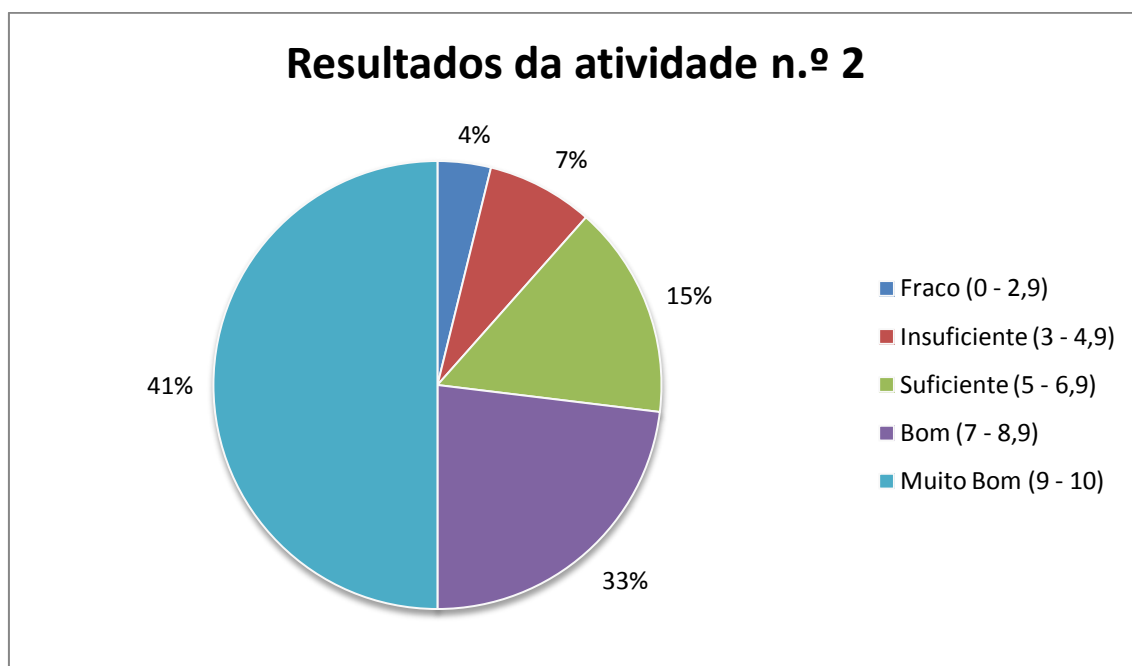


Figura 10 – Gráfico com o resultado da atividade n.º 2.

3.3.6. Análise do gráfico dos resultados da atividade n.º 2

O gráfico de resultados da atividade n.º 2 informa que de um total de vinte e sete alunos (100%), 41% tiveram Muito Bom, 33% tiveram Bom, 15% tiveram Suficiente, 7% tiveram Insuficiente e 4% dos alunos tiveram Fraco.

3.4. Dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa

A proposta de trabalho da área de Língua Portuguesa foi realizada pela turma 1.º B, no dia 24 de maio de 2011. A referida turma é composta por 27 alunos e estavam todos presentes na data de realização desta atividade.

3.4.1. Descrição dos parâmetros e critérios

Identificação da sílaba tónica: pretende-se que o aluno leia as palavras e circunde a sílaba tónica de cada uma.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Identifica a sílaba tónica em 6 palavras;
- Identifica a sílaba tónica em 5 palavras;
- Identifica a sílaba tónica em 4 palavras;
- Identifica a sílaba tónica em 3 palavras;
- Identifica a sílaba tónica em 2 palavras;
- Identifica a sílaba tónica em 1 palavra;
- Não identifica nenhuma sílaba tónica.

Classificação de palavras quanto à sílaba tónica: pretende-se que o aluno classifique as palavras de acordo com a posição da sílaba tónica (esdrúxula, grave ou aguda) e as escreva no local correto.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

Classifica como palavra esdrúxula

- Classifica corretamente 2 palavras;
- Classifica corretamente 1 palavra.

Classifica como palavra grave

- Classifica corretamente 2 palavras;
- Classifica corretamente 1 palavra.

Classifica como palavra aguda

- Classifica corretamente 2 palavras;
- Classifica corretamente 1 palavra.

3.4.2. Grelha de critérios e cotações

Quadro 19 – Grelha de critérios e cotações da atividade n.º 3

Parâmetros	Critérios			Cotações
1. Identificação da sílaba tônica	Identifica a sílaba tônica em 6/5 palavras.		4	4
	Identifica a sílaba tônica em 4/3 palavras.		3	
	Identifica a sílaba tônica em 2 palavras.		2	
	Identifica a sílaba tônica em 1 palavra.		1	
	Não identifica nenhuma sílaba tônica.		0	
2. Classificação de palavras quanto à posição da sílaba tônica	Classifica como palavra esdrúxula	Classifica corretamente 2 palavras.	2	6
		Classifica corretamente 1 palavras.	1	
		Classifica corretamente 0 palavras.	0	
	Classifica como palavra grave	Classifica corretamente 2 palavras.	2	
		Classifica corretamente 1 palavra.	1	
		Classifica corretamente 0 palavras.	0	
	Classifica como palavra aguda	Classifica corretamente 2 palavras.	2	
		Classifica corretamente 1 palavra.	1	
		Classifica corretamente 0 palavras.	0	
TOTAL				10

3.4.3. Grelha de avaliação da atividade n.º 3

Quadro 20 – Grelha de avaliação da atividade n.º 3.

	1		Total
	Identificação da sílaba tónica	Classificação de palavras quanto à posição da sílaba tónica	
	4	6	10
Número do aluno			
1	4	6	10
2	4	6	10
3	4	4	8
4	4	5	9
5	4	0	4
6	3	4	7
7	4	6	10
8	4	6	10
9	4	6	10
10	4	6	10
11	4	6	10
12	4	6	10
13	4	6	10
14	4	6	10
15	4	6	10
16	4	6	10
17	3	0	3
18	4	5	9
19	4	6	10
20	4	6	10
21	4	5	9
22	4	6	10
23	2	2	4
24	4	6	10
25	4	6	10
26	4	6	10
27	4	6	10
Média por questão:	9		9

3.4.4. Descrição da grelha de avaliação da atividade n.º 3

A grelha de avaliação da atividade n.º 3 informa que, dos vinte e sete alunos que realizaram a atividade, três alunos obtiveram classificação negativa e vinte e quatro alunos obtiveram classificação positiva.

Esta proposta tinha como parâmetros a identificação da sílaba tónica e a classificação de palavras quanto à sílaba tónica. Deste modo, através da observação da grelha é possível concluir que, no 1.º parâmetro, vinte e quatro alunos identificaram a sílaba tónica em 6/5 palavras, dois alunos identificaram a sílaba tónica em 4/3 palavras e apenas um aluno identificou a sílaba tónica numa palavra.

No que diz respeito ao 2.º parâmetro, dezanove alunos classificaram corretamente seis palavras, três alunos classificaram corretamente cinco palavras, dois alunos classificaram corretamente quatro palavras, um aluno classificou corretamente apenas duas palavras e dois alunos não classificaram corretamente nenhuma palavra

3.4.5. Apresentação dos resultados da atividade n.º 3 em gráfico

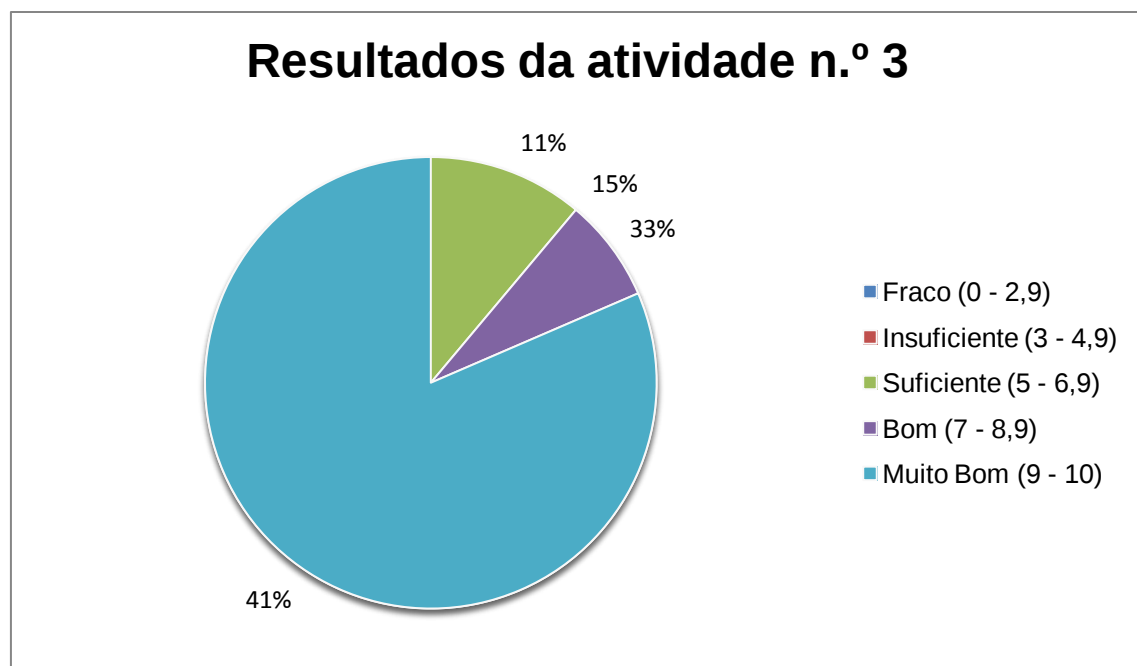


Figura 11 – Gráfico com o resultado da atividade n.º 3.

3.4.6. Análise do gráfico dos resultados da atividade n.º 3

O gráfico de resultados da atividade n.º 3 informa que de um total de vinte e sete alunos (100%), 41% tiveram Muito Bom, 33% tiveram Bom, 0% tiveram Suficiente e 11% dos alunos tiveram Insuficiente.

3.5. Dispositivo de avaliação de Matemática

A proposta de trabalho da área de Matemática foi realizada pela turma 1.º B, no dia 24 de maio de 2011. A referida turma é composta por 27 alunos e estavam todos presentes na data de realização desta atividade.

3.5.1. Descrição dos parâmetros e critérios

Conhece as ordens que constituem um número: pretende-se que o aluno seja capaz de identificar o algarismo de ordem 1.

- Identifica e pinta de verde o algarismo de ordem 1;
- Não identifica o algarismo de ordem 1.

Tem noção do valor do algarismo inserido no número: pretende-se que o aluno identifique os algarismos de maior valor absoluto e relativo.

- Identifica e pinta de amarelo o algarismo de maior valor absoluto;
- Não identifica o algarismo de maior valor absoluto;
- Identifica e pinta de azul o algarismo de maior valor relativo;
- Não identifica o algarismo de maior valor relativo.

Conhece as classes e as ordens que constituem um número: pretende-se que o aluno identifique os algarismos das unidades de milhares e das centenas de unidades.

- Identifica e pinta de encarnado o algarismo das unidades de milhares;
- Não identifica o algarismo das unidades de milhares;
- Identifica e pinta de cor de laranja o algarismo das centenas de unidades;
- Não identifica o algarismo das centenas de unidades.

Realiza a leitura do número por classes: pretende-se que o aluno seja capaz de realizar a leitura do número por classes.

- Refere duas classes que constituem o número;
- Refere uma classe que constituiu o número;
- Não refere nenhuma classe que constitui o número.

Realiza a leitura do número por ordens: pretende-se que o aluno seja capaz de realizar a leitura do número por ordens.

- Refere as cinco ordens que constituem o número;
- Refere apenas quatro ordens que constituem o número;
- Refere apenas três ordens que constituem o número;
- Refere apenas duas ordens que constituem o número;
- Refere apenas umas das ordens que constituem o número;
- Não refere nenhuma das ordens que constituem o número.

3.5.2. Grelha de critérios e cotações

Quadro 21 – Grelha de avaliação da atividade n.º 4.

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Identificação das ordens que constituem um número	Identifica e pinta de verde o algarismo de ordem 1.	1	1
	Não identifica o algarismo de ordem 1.	0	
2. Aplicação da noção do valor do algarismo inserido no número	Identifica e pinta de amarelo o algarismo de maior valor absoluto.	1	2
	Não identifica o algarismo de maior valor absoluto.	0	
	Identifica e pinta de azul o algarismo de maior valor relativo.	1	
	Não identifica o algarismo de maior valor relativo.	0	
3. Conhecimento das classes e as ordens que constituem um número	Identifica e pinta de encarnado o algarismo das unidades de milhares.	1	2
	Não identifica o algarismo das unidades de milhares.	0	
	Identifica e pinta de cor de laranja o algarismo das centenas de unidades	1	
	Não identifica o algarismo das centenas de unidades.	0	
4. Realização da leitura do número por classes	Refere duas classes que constituem o número.	2	2
	Refere uma classe que constitui o número.	1	
	Não refere nenhuma classe que constitui o número.	0	
5. Realização da leitura do número por ordens	Refere as cinco ordens que constituem o número.	3	3
	Refere apenas quatro ordens que constituem o número.	2.4	
	Refere apenas três ordens que constituem o número.	1.8	
	Refere apenas duas ordens que constituem o número.	1.2	
	Refere apenas uma das ordens que constituem o número.	0.6	
	Não refere nenhuma das ordens que constituem o número.	0	
TOTAL			10

3.5.3. Grelha de avaliação da atividade n.º 4

Quadro 22 – Grelha de avaliação da atividade n.º 4.

	Critérios					Total
	Identificação das ordens que constituem o número	Aplicação da noção de algarismo	Conhecimentos sobre as classes e ordens do número	Realização da leitura de números por classes	Realização da leitura de números por ordens	
	1	2	2	2	3	
Número do aluno						
1	1	1	2	2	3	10
2	1	2	2	0	0	5
3	0	2	2	2	3	9
4	1	2	2	2	3	10
5	1	2	2	2	3	10
6	1	0	2	2	3	8
7	1	2	2	2	3	10
8	1	2	2	2	3	10
9	1	2	2	2	3	10
10	1	2	2	2	3	10
11	1	2	2	0	0	5
12	1	0	2	2	3	8
13	1	2	2	2	3	10
14	0	0	0	2	3	5
15	1	2	2	2	3	10
16	1	2	1	0	3	7
17	1	1	2	2	3	9
18	1	2	2	2	3	10
19	1	2	2	0	0	5
20	1	2	1	2	3	9
21	1	1	2	2	3	9
22	1	2	2	2	3	10
23	1	2	2	2	3	10
24	1	2	2	2	3	10
25	1	2	2	2	0	7
26	1	2	2	2	3	10
27	1	2	2	2	3	10
Média por questão:	0.93	1.66	1.85	1.70	2.55	8.74

3.5.4. Descrição da grelha de avaliação da atividade n.º 4

A grelha de avaliação da atividade n.º 4 informa que, dos vinte e sete alunos que realizaram a atividade, vinte e sete alunos obtiveram classificação positiva.

Esta proposta tinha como parâmetros a identificação das ordens do número, a aplicação da noção de algarismo, os conhecimentos sobre as classes e ordens, a realização da leitura de números por classes e por ordens.

No 1.º parâmetro, vinte e cinco alunos identificaram o algarismo de ordem 1 e dois alunos não o identificaram. No 2.º parâmetro, vinte e um alunos identificaram os algarismos de maior valor absoluto e relativo, três alunos identificaram apenas um desses algarismos e três alunos não identificaram nenhum dos algarismos.

No 3.º parâmetro, vinte e quatro alunos identificaram o algarismo das unidades de milhares e o das centenas de unidades, dois alunos identificaram apenas um destes algarismo e um aluno não identificou nenhum dos algarismos.

No 4.º parâmetro, vinte e três alunos realizaram a leitura do número por classes e quatro alunos não realizaram a referida leitura.

Por último, no 5.º parâmetro, vinte e três alunos realizaram a leitura do número por classes e quatro alunos não realizaram a referida leitura.

3.5.5. Apresentação dos resultados da atividade n.º 4 em gráfico

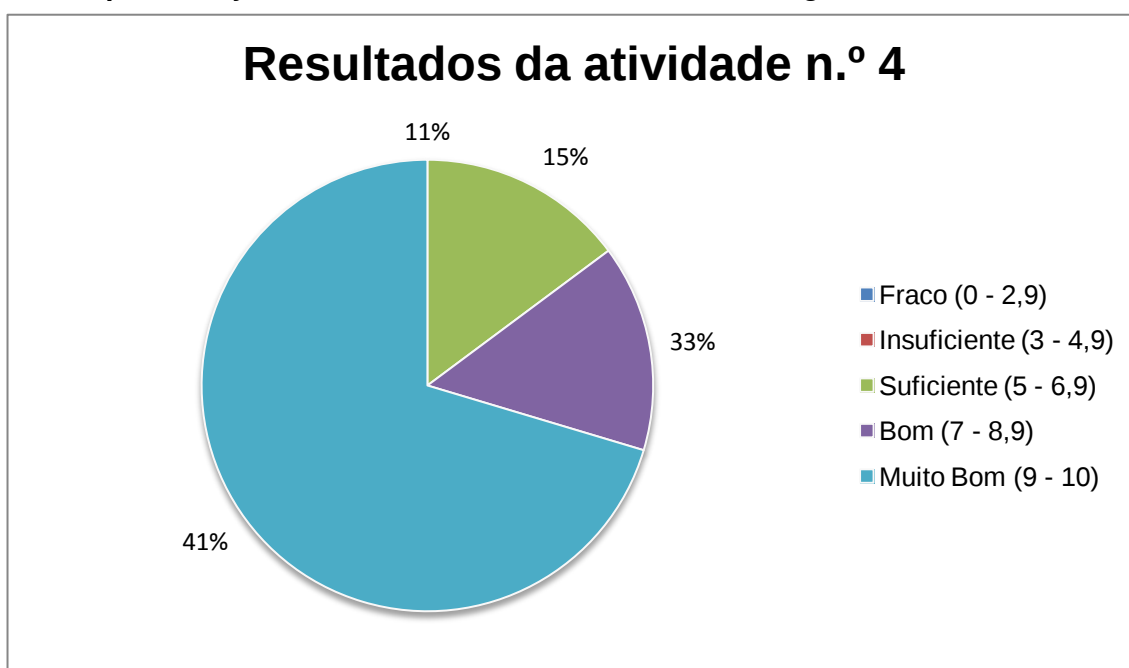


Figura 12 – Gráfico com o resultado da atividade n.º 4.

3.5.6. Análise do gráfico dos resultados da atividade n.º 4

O gráfico de resultados da atividade n.º 4 informa que de um total de vinte e sete alunos (100%), 41% tiveram Muito Bom, 33% tiveram Bom e 15% tiveram Suficiente.

Reflexão Final

1. Considerações Finais

Com a conclusão deste relatório chega ao final uma etapa da minha vida realizada na Escola Superior de Educação João de Deus.

Este percurso foi repleto de aprendizagens significativas que, como profissional, sempre terei em conta, e que como pessoa serão sempre bases de vida e princípios orientadores para o futuro.

O curso, que agora termino, permitiu-me aprofundar e adquirir novos conhecimentos e aplicá-los durante o estágio profissional. Da mesma forma o estágio profissional, exigido neste curso, proporcionou-me o contacto com crianças de diferentes faixas etárias e professores com diferentes métodos de ensino, o que me possibilitou conhecer diferentes realidades educativas.

A prática possui, sem dúvida, um papel de destaque, dado que é neste campo que, como estagiários, podemos experimentar a, tal como defende Loughram (s.d., citado por Flores e Simão, 2009), “se os alunos futuros professores sentirem genuinamente o que é ensinar e aprender através de experiências autênticas, há maior probabilidade de encararem a situação de uma forma (...) mais significativa” (p.27).

Com este curso aprendi, para além de todos os conteúdos teóricos, que existem diversas formas de ensinar e que estas podem constituir práticas estimulantes e motivadoras quer para os professores, quer para os próprios alunos.

Estas vivências, a par com a necessária reflexão sobre as mesmas, promovem a construção de saber e a aquisição de novas metodologias, assim como o melhoramento das já praticadas, devendo estas ser sempre acompanhadas, ao longo da vida profissional, de novas e enriquecedoras acções de formação quer na obtenção de novos conhecimentos e práticas profissionais, quer no âmbito do enriquecimento cultural e intelectual.

Concluo, referindo que a pesquisa, essencial para a redação deste relatório, e as experiências que vivi durante este curso, vão ser essenciais para o meu futuro como docente, por me terem fornecido meios e conhecimentos que me permitem proporcionar um ensino eficaz.

2. Limitações

Uma das limitações que considero importante referir é o facto de o estágio ser realizado sempre no período da manhã, o que impede a observação de algumas áreas curriculares como, por exemplo, História de Portugal. Por este motivo, os relatos são na sua maioria referentes a aulas de Língua Portuguesa ou Matemática.

O modo como é feito o empréstimo dos livros também não favorece a consulta dos mesmos, porque muitas vezes os livros não são devolvidos dentro do prazo o que impede a consulta dos mesmos por outros colegas. Penso que deveriam existir exemplares apenas para consulta, deste modo existia sempre a possibilidade de consultar os livros na escola.

Apesar de a Escola Superior de Educação possuir uma vasta e diversificada coleção de livros, houve algumas temáticas que exigiram a deslocação a outras bibliotecas.

3. Novas Pesquisas

Como professores é importante que tenhamos consciência da importância de nos mantermos atualizados e em constante pesquisa e formação. Com a conclusão desta etapa não pretendo terminar de estudar e de investir na minha formação porque um docente em constante pesquisa promove uma melhor aquisição de conhecimentos por parte dos seus alunos.

Uma área que prende a minha atenção e que tenciono estudar e aprofundar é a de Necessidades Educativas Especiais, porque cada vez mais, existem crianças com essas necessidades integradas no jardins de infância e nas escolas de 1.º Ciclo.

Considero que uma intervenção precoce nesta área, ao nível do Pré-Escolar, através de um acompanhamento próximo destas crianças, permitirá o desenvolvimento cognitivo das mesmas, bem como a integração das mesmas num ensino considerado eficaz e que lhes permita uma melhor vida futura.

Referências Bibliográficas

Abrantes, P. (2003). *Os sentidos da escola. Identidades juvenis e dinâmica de escolaridade*. Oeiras: Celta.

Abreu, I. & Sequeira, A. P. & Escoval, A. (1990). *Ideias e histórias. Contributos para uma educação participada*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: Editores ASA.

Aguera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância: actividades rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras.

Alarcão e Tavares (2003). *Supervisão da prática pedagógica – uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. (2.^a ed.). Coimbra: Edições Almedina.

Alarcão, I. e Roldão, M. (2008). *Supervisão – um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Lisboa, Mangualde: Edições Pedagogo. Almeida, A. (1998) *Visitas de estudo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Alonso, L., & Roldão, M. (Ed.). (2005). *Ser professor do 1.º ciclo: construindo a profissão*. Coimbra: Edições Almedina.

Arends, R. I. (1999). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw - Hill de Portugal Lda.

Azevedo, F. (2000). *Ensinar e aprender a escrever através e para além do erro*. Porto: Porto Editora.

Bartolomeis, F. (1999). *Avaliação e orientação: objectivos, instrumentos, métodos*. Lisboa: Horizonte.

Borràs, L. (2001a). *Os docentes do 1.º e do 2.º ciclos do ensino básico – áreas curriculares I – Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio*. Setúbal: Marina Editores.

Borràs, L. (2001b). *Os docentes do 1.º e do 2.º ciclos do ensino básico – áreas curriculares II – Educação Visual e Plástica, Educação Musical, Educação Física, Educação Cívica, Eixos Transversais*. Setúbal: Marina Editores.

Borràs, L. (2002). *Manual da educação infantil: recursos e técnicas para a formação no século XXI*. Setúbal: Marina Editores.

Botelho, A. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal*. Dissertação de Doutoramento inédita. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Braga, F. (2001). *Formação de professores e identidade profissional*. Coimbra: Tipografia Lousanense.

Brown, S., Race, P., & Smith, B. (2000). *Guia da avaliação*. Lisboa: Editorial Presença.

Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Canavarro, J. M. P.; Pereira, A. I. F. e Pascoal, P. (2001) *Diferenciação Pedagógica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Castro, J. e Rodrigues, M. (2008). *Sentido de número e organização de dados*. Lisboa: Ministério da Educação.

Colomer, T., & Camps, A. (2002). *Ensinar a ler ensinar a compreender*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.

Condemarín, M. e Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Artes Médicas

Cordeiro, M. (2009). *O livro da criança*. Lisboa: A esfera dos Livros.

Craidy, C., & Kaercher, G. (2001). *Educação infantil - Para que te quero?* Porto Alegre: Artmed Editora.

Cunha, A. C. (2008). *Ser professor – bases de uma sistematização teórica*. Braga. Casa do Professor

Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes - como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais: Pergaminho

Custódio, L. (2003). *Adivinhas no jardim-de-infância*. Porto: Ambar.

Damas, E. Oliveira, V. Nunes, R. & Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática: guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal.

Damião, M. H. (1996). *Pré, inter e pós acção. Planificação e avaliação em pedagogia*. Coimbra: Livraria Minerva Editora.

Despacho Normativo n.º1/2005, de 5 de janeiro.

Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação*. Lisboa: Editorial Presença.

Felton-Collins, V. Peterson, R. (1998). *Manual de Piaget para os professores e pais*. Lisboa: Instituto Piaget.

Ferreira, C. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Ferreira, M. e Santos, M. (1994). *Aprender a ensinar, ensinar a aprender*. Porto: Edições Afrontamento.

Fonseca, A., Silva, A., Guimarães, A., Novo, C., Rocha, D., Cardona, M., Pagarete, M. & Marques, P. (2008). *Aprender e ensinar no jardim-de-infância e na escola*. Chamusca: Edições Cosmos.

Franco, J. (1999). *A poesia como estratégia*. Porto: Campo das Letras.

Freitas, L., & Freitas, C. (2003). *Aprendizagem cooperativa*. Porto: Edições ASA.

Gomes, J. A. (1996). *Da nascente à voz. Contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Caminho.

Hohmann, M., Banet, B., Weikart, D. (1984). *A criança em acção*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian

Hohmann, M., Weikart, D. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens. Um guia para pais e educadores*. Porto: Asa Editores, S.A..

Lopes, J. (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em jardim-de-infância*. Porto: ASA Editores.

Magalhães, V. (2008). *A Promoção da Leitura Literária na Infância: Um Mundo de Verdura a não Perder*. In O. Sousa & A. Cardoso (ed.). *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais; p. 55-73.

Manzano, M. G. (1988). *A criança e a leitura*. Porto: Porto Editora.

Martins, I., Veiga, M., Teixeira, F., Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F., & Pereira, S. (2009). *Despertar para a ciência actividades dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: Ministério da Educação.

Matos, J. e Serrazina, L. (1988). *O geoplano na sala de aula*. Editora: Associação de Professora de Matemática.

Ministério da Educação (2008) *Orientações para actividades de leitura educação pré-escolar*. Mem Martins: Ministério da Educação

Ministério da Educação (2004). *Organização curricular e programas. Ensino básico – 1.º Ciclo* (4.ª ed.). Mem Martins: Ministério da Educação

Ministério da Educação (2002). *Currículo nacional do ensino básico – competências essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Monteiro, M. (1995). *Intercâmbios e visitas de estudo*. In A. D. Carvalho (Org.). *Novas metodologias em educação*. Porto: Porto Editora.

Moreira, D. & Oliveira, I. (2003) *Iniciação à matemática no jardim-de-infância*. Lisboa: Universidade Aberta.

Moreira, D., Oliveira, I. (2004). *O jogo e a matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.

Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Lisboa: Editorial Presença.

Neto, C. (2003). *Jogo & desenvolvimento da criança*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana Edições.

Nóvoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.

Pacheco, J. A. B. (1995). *Formação de professores*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.

Pérez, M. R. (s.d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem e de ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Peterson, P. D. (2003). *Professor do ensino básico – Perfil e formação*. Lisboa: Piaget.

Pires, J. P. (2003). *Educar para os valores*. Tese de Mestrado Inédita. Lisboa: Texto Editora.

Quivy, R. & Campenhout, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rabinovich, S. B. (2007). *O espaço do movimento na educação infantil. Formação e experiência profissional*. São Paulo: Phorte Editora.

Reis, M. P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de doutoramento inédita. Málaga: Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Ribeiro, A. C., & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação de ensino- aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Robinson, N. (1999). *Enciclopédia do origami*. Lisboa: Dinalivro.

Roldão, M. C. (1995). *Estudo do meio no 1.º ciclo. Fundamentos e estratégias*. Lisboa: Texto Editora.

Ruas, B. M. & Grosso, C. (2004). *Estatística e combinatória e probabilidades*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Ruivo, I. (2009). *Um novo olhar sobre o método da leitura João de Deus*. Tese de Doutoramento inédita. Universidade de Málaga. Departamento Didático da Língua e da Literatura da Faculdade de Ciências da Educação.

Santos, A. S. (1999). *Estudos de psicopedagogia e arte*. Lisboa: Livros Horizonte.

Severino, M. A. (2007). *Supervisão em educação de infância: supervisores e estilos de supervisão*. Évora: Editorial Novembro.

Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: ASA Editores.

Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação - música e artes plástica*. Lisboa: Instituto Piaget.

Spodek, B. & Saracho O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Teberosky, A., Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever - uma proposta construtiva*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Vieira, H. (2005). *A comunicação na sala de aula*. Lisboa: Presença.

Vilar, A. M. (1998). *O professor planificador* (3.ª ed.). Porto: Edições Asa.

Zabalza, M. A. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola* (2.ª ed.). Rio Tinto: Edições Asa.

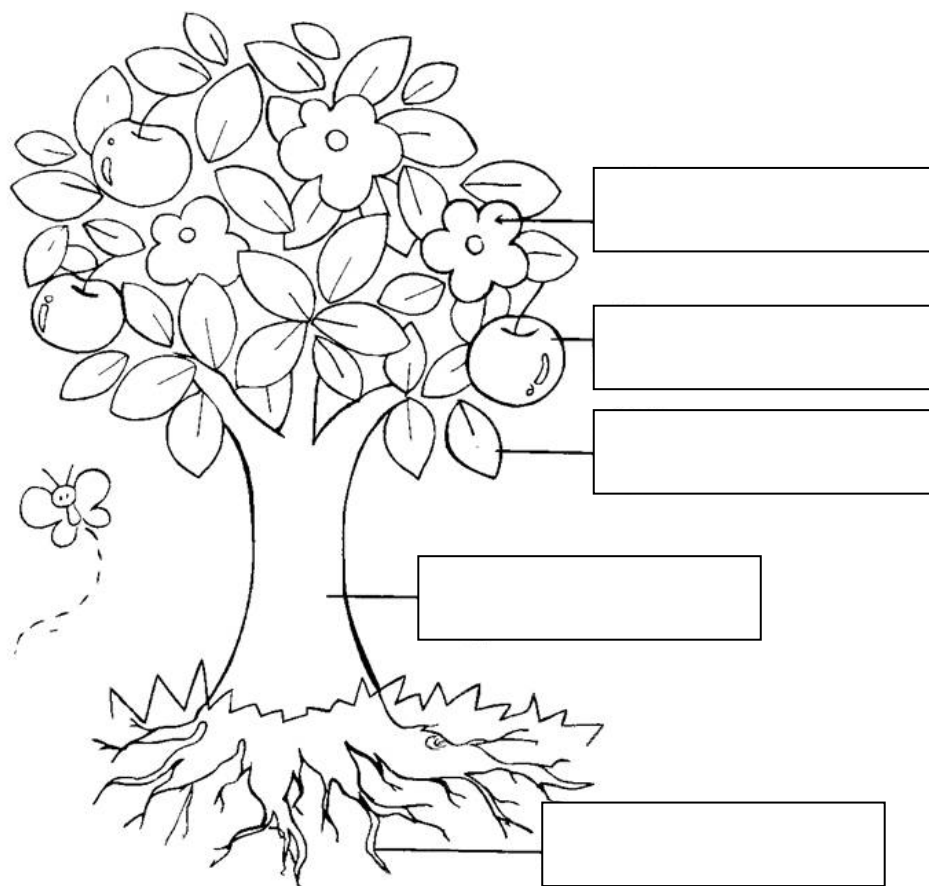
Zabalza, M. A. (1998). *Didáctica da educação infantil*. Rio Tinto: Edições Asa.

Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores. Ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

Anexo A – Proposta de trabalho de Conhecimento do Mundo

Conhecimento do Mundo

- o Faz a legenda das partes que constituem da planta



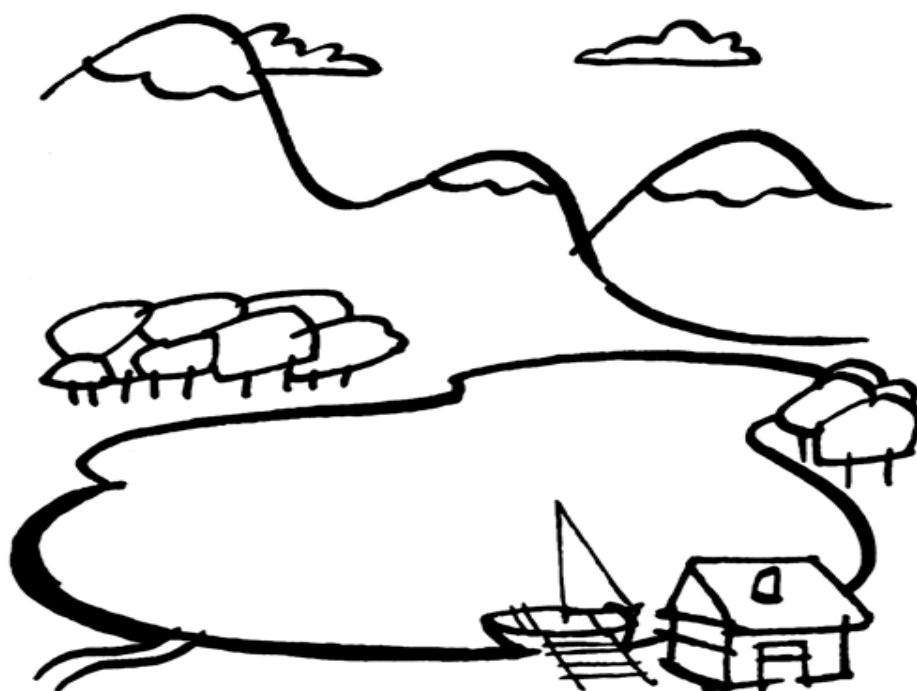
Nome: _____ Data: _____

Proposta de trabalho elaborada pela estagiária Ana Rita Filipe MPE1C

Anexo B – Proposta de trabalho do Domínio de Matemática

Matemática

- o Desenha três tartarugas no interior do lago e duas tartarugas no exterior do lago.



Nome: _____ Data: _____

Proposta de trabalho elaborada pela estagiária Ana Rita Filipe MPE1C

Anexo C – Proposta de trabalho de Língua Portuguesa

Nome: _____ Data: ____/____/____

Ex. 

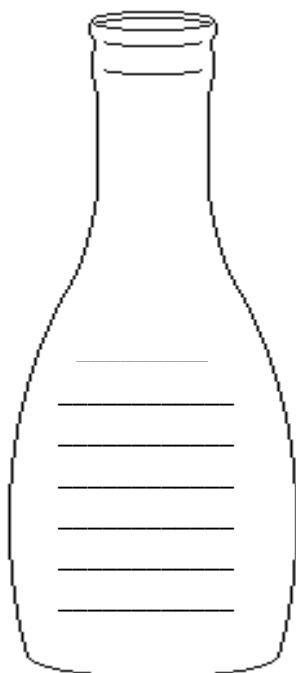
Antepenúltima sílaba

Esdrúxulas	Graves	Agudas
Palavras em que a sílaba tónica é a antepenúltima sílaba.	Palavras em que a sílaba tónica é a penúltima sílaba.	Palavras em que a sílaba tónica é a última sílaba.

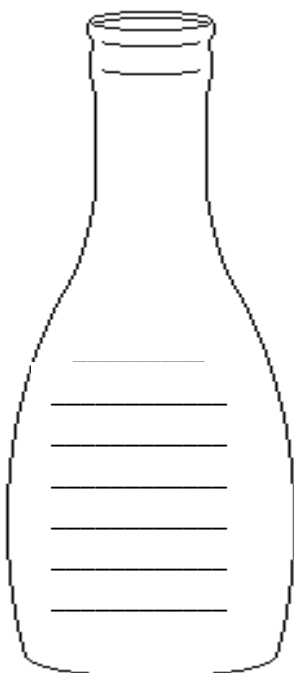
1. Escreve as seguintes palavras de acordo com o grupo a que pertencem.

salgada	sábado	fábrica	carteira	índice
verdade	livros	excursão	apareceu	sentar

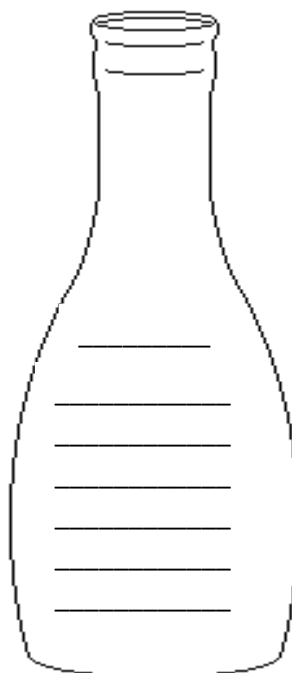
Esdrúxulas



Graves



Agudas



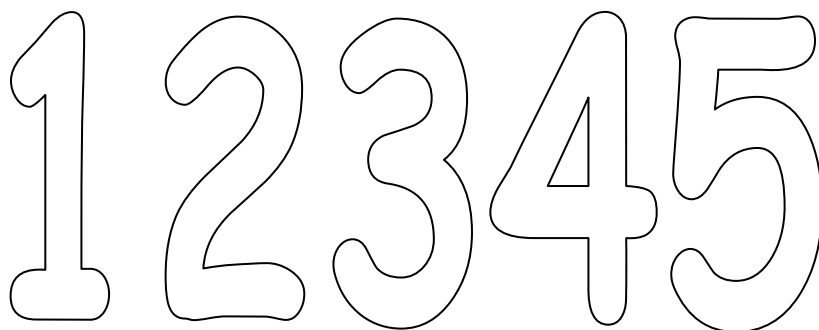
Anexo D – Proposta de trabalho de Matemática

Jardim-Escola João de Deus - Olivais
Proposta de trabalho - Matemática
1º Ano

Nome: _____ Data: ____/____/____

1. Pinta:

- De amarelo o algarismo de maior valor absoluto.
- De azul o algarismo de maior valor relativo.
- De verde o algarismo de ordem 1.
- De encarnado o algarismo das unidades de milhares.
- De cor-de-laranja o algarismo das centenas de unidades.



2. Escreve a leitura do número **12345**:

- Por classes: _____

- Por ordens: _____

Proposta de trabalho elaborada pela estagiária Ana Rita Filipe MPE1C

Introdução

Introdução

Este relatório de estágio foi realizado no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional I, do Mestrado em Pré-Escolar e 1.º Ciclo da Escola Superior de Educação João de Deus. A sua realização destina-se à conclusão do Mestrado acima referido.

O estágio praticado no decorrer deste mestrado foi realizado no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais e foi dividido em três períodos/semestres. O 1.º semestre decorreu no Pré-Escolar, entre 12 de outubro de 2010 e 25 de fevereiro de 2011.

Nesta escola, a cada faixa etária é atribuída uma cor de bibe diferente das outras, ou seja, a faixa etária dos três anos corresponde ao bibe amarelo, a faixa etária dos quatro anos corresponde ao bibe encarnado e a faixa etária dos cinco anos corresponde ao bibe azul.

O primeiro momento decorreu no bibe encarnado com a educadora cooperante Maria Louzeiro, o segundo foi realizado no bibe azul com a educadora cooperante Isabel Matos e o terceiro decorreu no bibe amarelo da educadora cooperante Ana Freire.

O 2.º e 3.º semestre compreenderam o estágio realizado no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Mais especificamente no 2.º ano da professora Sofia Guedes, no 1.º ano da professora Marta Gomes, no 2.º ano da professora Marta Gomes e, por último, no 4.º ano da professora Alice Neto.

1. Identificação do local de estágio

Este estágio foi realizado no Jardim-escola João de Deus dos Olivais, no período de 12 de outubro de 2010 a 27 de janeiro de 2012.

O estágio foi realizado às segundas, terças e sextas-feiras, das 9 horas às 13 horas, perfazendo um total de 12 horas por semana. Esta escola, localizada na parte ocidental de Lisboa, é composta por três salas de pré-escolar, oito salas de 1.º Ciclo, salão (utilizado pela faixa etária dos cinco anos), sala de informática, ginásio, gabinete de direção, sala de professores, refeitório e quatro casas-de-banho.

Nesta escola existem seis turmas de Pré-Escolar e oito turmas de 1.º Ciclo do Ensino Básico. O pessoal docente é composto por vinte e três pessoas e o pessoal não docente é composto por dezasseis pessoas.

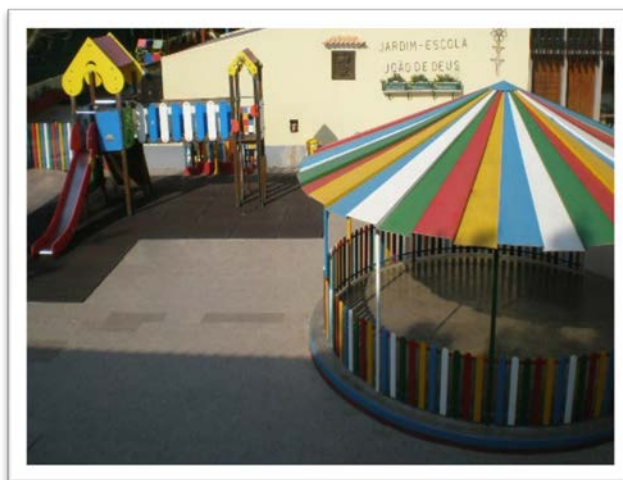


Figura 1 – Jardim-Escola João de Deus dos Olivais

2. Descrição da estrutura do relatório de estágio

Este relatório encontra-se dividido em três capítulos, introdução e reflexão final. Na introdução são abordados os seguintes aspetos: a identificação do local de estágio, a descrição da estrutura do relatório de estágio, a importância da elaboração do relatório de estágio profissional, a identificação do grupo de estágio, a metodologia utilizada e a pertinência do estágio profissional.

O primeiro capítulo está dividido por secções e cada uma diz respeito a momentos de estágio distintos. Em cada secção estão inseridos os relatos que dizem respeito a esse momento, realizados com base nas observações efetuadas devidamente fundamentadas.

No segundo capítulo, serão apresentadas algumas planificações de aulas lecionadas por mim, seguidas de fundamentação e explicação das metodologias utilizadas.

O terceiro capítulo engloba alguns dispositivos de avaliação que desenvolvi durante o estágio profissional. Concluo este relatório com uma reflexão sobre o mesmo e o meu percurso como estagiária.

3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional

A elaboração deste relatório de estágio profissional possui como principal objetivo permitir a conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e, consequentemente, a possibilidade de exercer a profissão que escolhi.

Para a realização deste relatório foi necessário registar diariamente as práticas observadas, de modo a possibilitar uma posterior reflexão sobre as mesmas.

Esta reflexão revelou-se de grande importância porque me permitiu tomar consciência dos aspetos positivos, bem como dos que há a melhorar.

Zeickner (1993, p. 17) defende que “o processo de compreensão e melhoria do seu ensino deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência”.

A pesquisa, essencial para o desenvolvimento deste trabalho, promoveu a aquisição de novos conhecimentos e conteúdos essenciais para a minha vida profissional como, por exemplo, estratégias e atitudes facilitadoras do processo de aprendizagem.

Concluo referindo que a realização deste relatório de estágio profissional foi essencial para que eu pudesse melhorar os meus conhecimentos sobre o exercício da docência e conferisse ainda mais importância à reflexão, essencial para um bom desempenho como professora.

4. Identificação do grupo de estágio

O grupo de estágio que integrei durante este mestrado foi constituído por mim e pelas minhas colegas Carolina Sousa e Marisa Ribeiro.

A relação que estabelecemos enquanto grupo foi de amizade, interajuda e companheirismo, permitindo que o período de estágio decorresse da melhor forma.

O facto de termos estabelecido uma boa relação como grupo, permitiu que pudéssemos realizar reflexões sobre as nossas aulas e o nosso desempenho, com o objetivo de melhorar a nossa capacidade como docentes.

5. Metodologia utilizada

As metodologias utilizadas para a elaboração deste relatório foram a observação e a análise documental.

O método da observação é, de acordo com Quivy e Campenhout (2003, p. 196), um dos mais eficazes e objetivos porque é o único método de investigação social que permite captar os comportamentos no momento em que são produzidos.

A observação é considerada direta quando “o próprio investigador procede diretamente à recolha de informações” e “apela diretamente ao seu sentido de observação” (Quivy e Campenhout, 2003, p. 115).

A observação direta é ainda composta pela observação participante e não participante. A observação que realizei é considerada participante visto que “consiste em estudar uma comunidade durante o período de tempo, participando na vida colectiva” (Quivy e Campenhout, 2003, p. 197).

O estágio realizado incluem a participação dos estagiários no dia a dia dos professores e alunos observados, possibilitando o registo da mesma.

Os registos recolhidos foram alvo de uma análise definida como análise documental. Esta metodologia, de acordo com Afonso (2005), “consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados com o objetivo de obter dados relevantes para responder às questões de investigação” (p. 88).

Concluo referindo que a elaboração deste relatório de estágio profissional foi realizada de acordo com as normas APA (American Psychological Association).

6. Pertinência do estágio profissional

O estágio profissional é definido por Severino (2007) como “a componente curricular da formação cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável” (p. 41)

A realização do estágio é de extrema importância porque permite que tenhamos a oportunidade de aliar a teoria à prática, ou seja, experimentar e assimilar tudo o que aprendemos na teoria.

Segundo Pacheco (1995), “os estagiários consideram o estágio de muita utilidade prática, permitindo-lhes uma integração na escola e a aquisição de um conhecimento prático relativamente aos alunos e de um conhecimento contextual que se prende com a planificação, com conteúdos do programa, com a aplicação das regras de avaliação” (p. 164).

Durante o estágio temos a possibilidade de integrar uma comunidade educativa e relacionarmo-nos com diferentes professores e alunos. Esta interação, com professores diferentes e mais experientes, permite a observação de diversas estratégias, as quais podemos ou não adotar.

Tal como referem Alonso e Roldão (2005, p. 36), “é no terreno que o professor tem a oportunidade única, e de grande utilidade para a sua formação, de se confrontar com o real”.

A possibilidade de lecionar diversas aulas permite experimentar e por em prática diversas estratégias. Os momentos de reflexão que se seguem a estas aulas possibilitam avaliar quais as melhores estratégias e procedimentos.

Nóvoa (1992) defende que “a formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas” (p. 20)

Desta forma, temos a possibilidade de avaliar o que podemos melhorar e quais as metodologias/meios mais eficazes para atingir os objetivos a que nos propomos para que no futuro nos tornemos melhores profissionais.

O estágio foi sempre alvo de uma supervisão realizada pelo professor titular de turma e pela equipa de supervisoras da Prática Pedagógica. Este processo é definido por Alarcão e Tavares (1987) como “o processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional” (p. 197)

Concluindo, todos os motivos anteriormente referidos salientam a importância da experiência prática na formação de professores, tornando-a talvez a componente mais importante desta formação.

7. Cronograma do estágio

Como já referi, o estágio profissional decorreu no período compreendido entre o dia 12 de outubro de 2010 e o dia 27 de janeiro de 2012.

O cronograma que se segue demonstra de que modo foi organizado este período de tempo e as cores dizem respeito ao bibe em que foi realizado o estágio.

Quadro 1 – Cronogramas do estágio

		2010												2011							
		outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro			março
Semanas		1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	5	1	2	3	4	1	2	3	1	
Atividades																					
Estágio																					
Aulas programadas																					
Aulas surpresa (supervisoras)																					
Reuniões na ESE																					
Seminário de Contato com a Realidade Educativa																					

		2011																								2012																		
		março					abril				maio				junho					julho	setembro					outubro				novembro				dezembro	janeiro				fevereiro					
Semanas		1	2	3	4	5	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	5	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	1	2	3	4	1	2	3	
Atividades																																												
Estágio																																												
Aulas programadas																																												
Aulas surpresa (supervisoras)																																												
Reuniões na ESE																																												
Prova Prática de Avaliação																																												

Capítulo 1 – Relatos diários

Descrição do capítulo

Este capítulo é composto pelos relatos diários elaborados no decorrer do Estágio Profissional.

Encontra-se dividido em oito secções, referentes aos momentos de estágio realizados. As três primeiras secções correspondem ao estágio realizado no Pré-Escolar, mais precisamente, ao Bibe Encarnado, Bibe Azul e Bibe Amarelo. A quarta secção corresponde à Semana de Contacto com a Realidade Educativa, que foi realizada também no Bibe Amarelo.

As restantes secções dizem respeito ao estágio realizado no 1.º Ciclo, de acordo com a seguinte ordem: 2.º ano, 1.º ano, 2.º ano e 4.º ano.

Cada secção é composta por uma pequena introdução onde é exposta a caracterização da turma e do espaço, o horário da turma e as suas rotinas. Seguem-se os relatos que se encontram devidamente fundamentados.

1.1. 1.ª Secção

Esta secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 12 de outubro de 2010 a 15 de novembro de 2010. O estágio foi realizado na sala do Bibe Encarnado A, com a Educadora Cooperante Maria Louzeiro.

1.1.1. Caraterização da turma

A turma do Bibe Encarnado A do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais é composta por 29 crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos.

1.1.2. Caraterização do espaço

O espaço utilizado por esta turma é o salão do Jardim-Escola. Este é um espaço amplo que é partilhado pelas duas turmas pertencentes à faixa etária dos quatro anos. O espaço é delimitado por um biombo onde são expostos alguns dos trabalhos das crianças.

A zona do salão utilizada pelo Bibe Encarnado A é composta por duas áreas. Uma das áreas compreende o cantinho da leitura e a outra é composta por quatro mesas octogonais. Este espaço possui ainda um armário com gavetas coloridas, uma para cada aluno, onde são guardados os respetivos trabalhos.

Numa das paredes está colocado um placar onde são expostos regularmente os trabalhos das crianças.



Figura 2 – Sala de aula do Bibe Encarnado A

1.1.3. Horário

Quadro 2 – Horário do Bibe Encarnado A

	<i>Segunda-feira</i>	<i>Terça-feira</i>	<i>Quarta-feira</i>	<i>Quinta-feira</i>	<i>Sexta-feira</i>
9h – 9h30	Canções de roda/Acolhimento				
9h30 – 10h	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática
10h – 10h30	Descobrir o que se sabe	Formação Cívica	Grafismos	Formação Cívica	Trabalhos de Grupo
10h30 – 11h	Recreio	Ginástica	Recreio	Partilha de Saberes	Recreio
11h – 11h30	Conhecimento do Mundo	Recreio	Conhecimento do Mundo	Ginástica	Conhecimento do Mundo
11h30 – 12h	Jogo de Roda/ Preparação para o Almoço				
12h – 12h30	Almoço				
12h30 – 14h30	Recreio Orientado e Recreio Livre				
14h30 – 15h	Expressão Dramática	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica	Atividades Gráficas	Descobertas dos pequenos cientistas
15h – 15h30	Área de Projeto	Expressão Plástica	Jogos de mesa/Plasticina e Modelagem		Estimulação à Leitura
15h30 – 16h	Dobragens/ Entrelaçamentos/ Enfiamentos/Harmónios	Atividades nos cantinhos/ Jogos de tapete	Picotagem/Contorno/ Rasgagem/Recorte/ Colagem	Jogos Tradicionais	Expressão Corporal
16h – 16h25	Lengalengas/Destrava línguas e Adivinhas	Expressão Dramática/ Biblioteca	Música	Rimas/Poesias	Reflexão Semanal
16h25 – 16h45	Lanche				
16h45 – 17h	Despedidas				

1.1.4. Rotinas

Como se pode constatar pela observação do horário de turma, existem algumas atividades que ocorrem de acordo com uma rotina.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997):

A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão. (p. 40)

Acolhimento

O acolhimento ocorre entre as 9h e as 9h30m. Durante este período de tempo as crianças desta faixa etária fazem uma roda no salão da escola com o objetivo de cantarem algumas canções escolhidas pelas próprias ou pelas educadoras. Estas canções são muitas vezes acompanhadas por gestos.

Zabalza (1998) defende que este é “um excelente momento para proporcionar às crianças oportunidades de realizar experiências-chave de desenvolvimento sócio emocional, representação, música, movimento, etc.” (p. 194)

Recreio

Nesta faixa etária o recreio da manhã ocorre entre as 10h30m e as 11h e é utilizado na maioria das vezes para que as crianças brinquem livremente. Durante este período de tempo as crianças fazem um pequeno lanche.

O segundo recreio tem lugar a seguir ao almoço, entre o 12h40 e as 14h30m, e pode ser ou não orientado por uma Educadora. Quando as condições atmosféricas não permitem o recreio no exterior este é realizado no ginásio.

Cordeiro (2008) descreve o recreio como “Brincadeira livre, imaginação, correria, possibilidade de fazer movimentos que estimulam a motricidade larga sem andar aos encontros aos móveis, contacto com a natureza.” (p. 373)

O mesmo autor (2008, p. 373) refere que este momento é muito importante e “representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em atividades lúdicas vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos.”

Higiene

As rotinas de higiene consistem na ida à casa de banho e ocorrem após o acolhimento, antes e após os recreios e antecedem também o almoço. Estes momentos são supervisionados pela educadora mas sem a intervenção da mesma, permitindo assim que as crianças desenvolvam a autonomia.

De acordo com Cordeiro (2008), ao realizar estas rotinas “sente-se o gosto em ser crescido e a responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo.” (p. 373)

Almoço

O almoço decorre no refeitório, entre as 12h e as 12h30. Ao acompanhar esta rotina constatei que as crianças desta faixa etária conseguem alimentar-se autonomamente.

Esta rotina, segundo Cordeiro (2008, p. 373) permite “passar implícitas noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo...”

1.1.5. Relatos diários

12 de outubro de 2010

No primeiro dia de estágio reunimos com a diretora da escola. Nessa reunião foi explicado ao grupo de estagiários como iria decorrer o semestre de estágio e foram dadas algumas informações sobre as rotinas e organização da escola.

Depois de fazermos uma visita pela escola a diretora acompanhou-nos à sala onde realizámos o primeiro momento de Prática Pedagógica.

A educadora já se encontrava a trabalhar com os alunos. Operacionalizava uma aula de Matemática utilizando o 3.º Dom de Froebel. As crianças realizavam construções já conhecidas e simultaneamente trabalhavam o cálculo mental através de situações propostas pela educadora. A par desta metodologia a docente contava uma história na qual inseria as perguntas que dirigia aos alunos.

No final da atividade, as crianças arrumaram o material de acordo com as regras estabelecidas e de forma autónoma colocaram as caixas no armário.

Inferências/Fundamentação Teórica

O 3.º Dom de Froebel é um material manipulável constituído por oito cubos de madeira que permite explorar noções matemáticas através da representação de construções.

Ao trabalhar com este material a educadora contou uma história na qual inseriu as construções e algumas situações problemáticas, esta metodologia tornou a aula muito mais estimulante para as crianças.

Segundo Caldeira (2009):

É mais apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de cálculo surjam justificados pela necessidade de resolver a situação posta naquele momento e naquela história. (p.241)

No final da aula, a educadora pediu aos alunos que arrumassem o seu material, esta prática se for regular permite que as crianças se tornem mais autónomas e responsáveis.

Tal como Abreu (1990) defende, “a autonomia dos alunos é um elemento essencial para a formação de indivíduos capazes de construir conhecimentos.” (p. 69)

Este autor também refere que “quando os materiais se encontram organizados e quando os alunos conhecem a sua localização, torna-se muito mais fácil ao professor propor e permitir atividades autónomas.” (p. 45)

15 de outubro de 2010

A manhã começou com a realização de uma roda, na qual as crianças de três e quatro anos cantaram algumas canções e posteriormente foram para as respectivas salas.

No domínio de Iniciação à Matemática, a educadora trabalhou alguns conceitos fazendo uso de um material alternativo: peças de roupa elaboradas em feltro. Com este material introduziu a noção de par, ao pedir a um dos alunos que colocasse num estendal duas meias da mesma cor e explicando que formavam um par de meias, também lembrou as sequências segundo a cor das peças de roupa e segundo o tipo.

De seguida, distribuiu uma peça de roupa por cada um dos alunos e foi pedindo para se levantarem segundo a peça de roupa que tinham. Colocou algumas perguntas como, por exemplo:

- Quantos meninos têm camisolas (ou uma das outras peças)?
- Se eu tirar uma camisola quantas ficam?

A educadora leu uma história e como habitualmente as crianças colocaram-se na posição que consideravam a mais confortável. A docente acendeu uma vela e apelou à imaginação pedindo às crianças que “entrassem” nas bolas de sabão (feitas por ela) para viajarem na história.

Inferências/Fundamentação Teórica

Gomes (1996, p. 37) é da opinião de que é fundamental realizar a “hora do conto”, de uma forma regular proporcionando assim o desenvolvimento do prazer de ler que numa primeira fase resulta do gosto pelas histórias.

É muito importante que exista o hábito de contar histórias a crianças desta faixa etária possibilitando desta forma, a aquisição do gosto pela leitura. O facto de as crianças gostarem ou não da história é um fator que vai influenciar o seu gosto pela leitura e é por isso que a escolha dos livros tem que ser feita com rigor.

Manzano (1988) defende que “levar a criança a entrar na aventura de ler é abri-la a mil possibilidades e oferecer-lhe a alternativa de pensar, de contemplar, de se aproximar do mundo de fantasia, da aventura, da realidade e do mistério.” (p. 13)

18 de outubro de 2010

Neste dia as crianças realizaram uma visita de estudo aos correios dos Olivais. Esta visita foi planeada pela educadora da sala com o objetivo de que as crianças pudessem perceber como funciona uma estação de correios e enviassem uma carta para os pais.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização de visitas de estudo permite que os meninos tenham contacto com o meio exterior à escola. Este contacto que se estabelece com a comunidade vai promover aprendizagens que não seriam possíveis no meio escolar.

Tal como pode ser lido nas Orientações Curriculares (1997, p. 40). “o espaço exterior do estabelecimento de educação pré-escolar é igualmente um espaço educativo. Pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merece a mesma atenção do educador que o espaço interior.”

Para Abreu (1990, p. 128), os conhecimentos obtidos através do contacto com a comunidade, contactos esses que são fomentados pelas visitas de estudo “deverão ser os pontos de referência e de extrapolação para um Conhecimento do Mundo.”

19 de outubro de 2010

Na área de Iniciação à Matemática a educadora contou uma história sobre o mundo do Cuisenaire. A docente recorre sempre a esta história quando utiliza o material Cuisenaire. Segundo a mesma, as peças deste material estão perdidas e cabe às crianças encontrá-las.

A educadora entregou um mapa a uma das crianças para que esta seguisse as instruções representadas e encontrasse a peça amarela deste material.

Posteriormente, já com as crianças sentadas nas mesas, a educadora pediu que colocassem as peças do Cuisenaire por ordem crescente (em relação aos seus valores e tamanhos) até à peça amarela.

Com o auxílio das crianças, e para relembrar o valor de cada peça, a educadora verificou quantas peças brancas correspondiam a cada uma das peças do Cuisenaire que já conheciam. Solicitou que os alunos fizessem corresponder às peças o número que representasse o seu valor.

Inferências/Fundamentação Teórica

O Cuisenaire, material utilizado pela educadora, é um material manipulável que permite desenvolver diversas noções matemáticas. Na faixa etária observada, este material foi utilizado para trabalhar as cores, os valores, os tamanhos e as relações existentes entre estas noções. Segundo Alsina (2004, citado por Caldeira, 2009), “as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas.” (p. 127)

A utilização de materiais diversos para além de estimular o interesse das crianças pelos conteúdos trabalhados facilita a aquisição de noções matemáticas como pode ser lido

nas Orientações Curriculares (1997), “a utilização de diferentes materiais dá à criança oportunidades para resolver problemas lógicos, quantitativos e espaciais.” (p. 75)

25 de outubro de 2010

A manhã foi lecionada pela minha colega de estágio Marisa Ribeiro. A Marisa iniciou com Conhecimento do Mundo e, nesta área, mostrou às crianças um modelo de uma língua gigante, a partir da qual explorou o conceito de papilas gustativas, demonstrou quais os sabores que estas reconhecem e as zonas relacionadas com cada sabor. Para concluir, realizou um jogo que tinha como objetivo o reconhecimento de alguns alimentos, o seu sabor e a zona que o reconhece.

No Domínio da Matemática, utilizou alguns alimentos para realizar cálculos e explorar alguns conteúdos como, por exemplo, a identificação e associação de algarismos, a simbologia da adição e a indicação da operação.

Realizou um jogo em equipas, no qual ganhava a equipa que em menos tempo conseguisse reunir as peças do seu puzzle, montar e reconhecer o alimento que nele estava representado.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a minha colega contou uma história tendo como ponto de partida um livro, apenas com ilustrações, que as crianças iam completando ao longo da mesma.

Como conclusão da sua aula fez uma breve alusão à alimentação saudável e não saudável.

Inferências/Fundamentação Teórica

A manhã de aulas relatada em cima foi da responsabilidade da minha colega de estágio Marisa Ribeiro. Considero importante salientar a postura da mesma, que esteve sempre calma e alegre, transmitindo estes sentimentos às crianças. Ao fazê-lo demonstrou o prazer de lecionar e motivou as crianças para a aula que estava a decorrer, tornando mais fácil a aquisição de conhecimentos.

Para Estanqueiro (2010), “o prazer de ensinar revela-se em certos sinais de comunicação: postura descontraída, tom de voz firme, ritmo de fala animado, gestos vivos, contato visual com os alunos, brilho nos olhos e bom humor.” (p. 32)

Apesar de a aula na sua generalidade ter corrido da melhor forma, foi na Área de Conhecimento do Mundo que a minha colega se mostrou mais entusiasta.

A mesma começou por realizar algumas perguntas aos alunos, tendo assim em conta os conhecimentos já adquiridos por estes. As Orientações Curriculares (1997) referem que “admitir que a criança desempenha um papel ativo na construção do seu

desenvolvimento e aprendizagem, supõe encará-la como sujeito e não como objeto do processo educativo.” (p. 21)

Desta forma a minha colega integrou os alunos no processo de aprendizagem que estava a decorrer.

26 de outubro de 2010

No início da manhã, as crianças fizeram a habitual roda das canções. Seguidamente a educadora levou as crianças para a sala e sentou-as em semicírculo no chão. Começou com o Domínio da Matemática e com o material blocos lógicos. Reviu as seguintes noções de conjunto universal, fronteira, interior e exterior do conjunto.

Depois, atribuiu um nome ao conjunto que continha círculos de espessuras diferentes mas cores e tamanhos iguais. Perguntou às crianças se ainda se recordavam do símbolo que representa a quantidade de elementos de um conjunto (cardinal), e apenas uma criança soube a resposta. Essa criança foi desenhar o símbolo no quadrado com o número correspondente à quantidade de elementos existentes no conjunto.

Posteriormente, a educadora esteve a rever com as crianças os atributos do material (cor, espessura, forma e tamanho) e, à medida que o fazia, desenhava no chão com giz colorido. Dado que as crianças já estavam a perder a concentração, a educadora optou por uma estratégia de retorno à calma fazendo um jogo. Este consistia no movimento das crianças quando a educadora alternava duas peças de cores iguais e de espessura diferente. Isto é, sempre que lhes era mostrada a peça de espessura grossa, as crianças davam um passo para trás e sempre que a peça era de espessura fina, as crianças davam um passo para a frente.

No final a educadora pediu para arrumarem, um de cada vez, os discos no cesto e para se irem vestir para a ginástica.

Inferências/Fundamentação Teórica

No Domínio da Matemática, a educadora optou por utilizar o material estruturado Blocos Lógicos. Este é um material que permite trabalhar diferentes conteúdos, nomeadamente a teoria de conjuntos, que foi o conteúdo lecionado pela educadora.

Zabalza (1998) defende que as crianças começam desde cedo a “reunir os objetos, agrupando-os de uma forma que tem muito a ver com as suas semelhanças e diferenças.” (p. 200)

O material em questão pode ser agrupado de diversas formas, de acordo com os seus atributos (cor, tamanho e espessura). Caldeira (2009) refere que “para que um conjunto seja formado é necessário que seja estabelecido o critério. Os elementos do

conjunto são analisados quanto aos seus atributos, isto é, tendo em atenção as suas características.” (p. 364)

É de salientar o facto da educadora, perante a agitação da turma, ter recorrido a uma estratégia de retorno à calma. Desta forma, a educadora conseguiu concentrar a atenção das crianças de maneira a conseguir abordar mais uma vez o conteúdo lecionado no Domínio da Matemática.

29 de outubro de 2010

Iniciei a aula com a área de Conhecimento do Mundo, teve como tema o Dia das Bruxas e para o abordar comecei por mostrar algumas imagens, em simultâneo relacionei as mesmas com as várias origens e tradições deste dia.

No Domínio da Matemática, com o auxílio de uma história e material relacionado com o tema, relembrei as noções de conjunto vazio, conjunto singular e cardinal.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita pedi às crianças que se colocassem na posição que considerassem mais confortável e expliquei que, a partir do momento em que eu dissesse a palavra mágica “Abracadabra”, tinham que estar em silêncio. Fiz a leitura, com a utilização de fantoches da história *A Bruxa Mimi* e interagi com as crianças durante a mesma.

Para terminar a aula, realizei uma proposta de trabalho de expressão plástica, que consistia em enfeitar uma máscara, que as crianças posteriormente levaram para casa.

Inferências/Fundamentação Teórica

A manhã foi concluída com um trabalho inserido na Área de Expressão Plástica. Foi dada às crianças a oportunidade de pintar livremente uma máscara relacionada com o tema da aula: o Dia das Bruxas. Estas atividades “tornam-se situações educativas quando implicam um forte envolvimento da criança que se traduz pelo prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho que considera acabado”. (Orientações Curriculares, 1997, p. 61)

Para Santos (1999, p. 44), “surge daqui uma íntima relação entre actividade lúdica e actividade expressiva” que permite que num ambiente de jardim de infância, seja promovido “um equilibrado desenvolvimento da personalidade da criança”.

Ao concluírem o trabalho informei as crianças de que poderiam levar as máscaras que tinham enfeitado para casa, situação que foi do agrado das mesmas, que desta forma poderiam mostrar aos pais o trabalho que tinham feito.

2 de novembro de 2010

As crianças sentaram-se em roda e a educadora conversou com todas elas, uma de cada vez, sobre as atividades ocorridas no fim de semana prolongado, durante o qual se celebrara o Dia das Bruxas.

Foram para a aula de ginástica e, depois de se vestirem foram para o recreio.

Inferências/Fundamentação Teórica

O período de tempo utilizado pela educadora para ouvir e dialogar com as crianças foi um momento que considere importante. Neste período foi visível o entusiasmo das crianças ao poderem partilhar algo que era importante para elas, e em simultâneo, sentir que a educadora estava atenta àquilo que era partilhado. A realização destes momentos é importante dado que permite às crianças desenvolverem a sua linguagem e a sua autoestima. Esta ideia é defendida pelas Orientações Curriculares (1997) ao referirem que “a capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar” (p. 66)

É tarefa da educadora criar oportunidades e condições para que as crianças adquiram um maior domínio da linguagem oral, sendo que este é um dos principais objetivos da educação pré-escolar.

5 de novembro de 2010

Esta manhã foi da minha responsabilidade e o tema que escolhi foram os primeiros-socorros. Sentei as crianças em semicírculo e iniciei a aula de Conhecimento do Mundo. Mostrei o conteúdo de uma mala de primeiros-socorros e expliquei a função de cada elemento/produto.

De seguida, a partir da exploração de algumas imagens, fiz a simulação de algumas situações, uma das crianças era o socorrista e a outra criança o paciente, e referi os procedimentos a efetuar perante cada situação.

No Domínio da Matemática utilizei material alternativo relacionado com o tema, a partir de uma história, pedi às crianças que realizassem algumas situações problemáticas nas quais trabalhei a subtração. Em simultâneo, trabalhei a associação número/quantidade e introduzi o sinal de subtração e a representação desta operação.

De seguida, realizei o Jogo da Memória, com imagens alusivas ao tema, no qual as crianças, por equipas, tinham que encontrar os cartões com a imagem igual, ganhava a equipa que conseguisse encontrar mais pares.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, fiz a leitura de uma história do autor António Torrado, em simultâneo, as crianças foram colocando as imagens da história pela ordem de acontecimentos.

Inferências/Fundamentação Teórica

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizei a dinamização de uma história do autor António Torrado. O educador deve “proporcionar ao público infantil um encontro gradual com a leitura literária” (Magalhães, 2008, p. 55), de forma a estimular precocemente o gosto pela leitura

A mesma autora defende que:

(...) a audição destes contos, lidos ou contados pelo Educador, pode ajudar a construir futuros leitores de narrativas, de quaisquer narrativas. As crianças de 3 a 6 anos que os escutam percebem o enredo – o que lhes dá segurança e torna a audição de histórias um acto gostoso; habituam-se a conviver com, e a aprender, noções como personagem, acção, espaço e tempo” (p. 63)

8 de novembro de 2010

A minha colega de estágio Marisa iniciou a manhã com o Domínio da Matemática. Com as crianças sentadas nos seus lugares, distribuiu o material (caixa com palhinhas e alguns bonecos), pediu às crianças, segundo as suas indicações que, construíssem uma casa com as palhinhas e, em simultâneo, trabalhou a orientação espacial. Reforçando a mesma, quando pediu que colocassem os bonecos segundo diversas orientações.

Na área de Conhecimento do Mundo, a Marisa desenvolveu o tema A Família e para o trabalhar utilizou uma árvore grande a partir da qual, contando uma história, reviu os graus de parentesco.

De seguida, já no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita contou uma história relacionada com o tema da área anterior.

Para concluir a manhã e consolidar o tema de Conhecimento do Mundo proporcionou uma pequena dramatização na qual as crianças apresentavam graus de parentesco entre si.

Inferências/Fundamentação Teórica

As palhinhas foram o material escolhido pela minha colega de estágio para lecionar o Domínio da Matemática. Este é considerado um material manipulável e “constituiu um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar aprendizagens diversas.” (Caldeira, 2009, p. 223)

O conteúdo explorado nesta aula foi a construção de figuras geométricas e a orientação espacial. Segundo a mesma autora, a utilização deste tipo de materiais

constituem “um estímulo para a aprendizagem da matemática, pois dão oportunidade de resolver problemas lógicos, quantitativos e espaciais” (p. 154).

9 de novembro de 2010

O Domínio da Matemática foi dado em conjunto com as minhas colegas de estágio Marisa e Carolina, trabalhámos com o 3.º Dom de Froebel. Comecei por rever as regras de manuseamento deste material e algumas das suas características.

De seguida, a partir de uma história, cada uma de nós realizou uma construção (muro baixo, mesa e cadeiras e o comboio) e alguns cálculos relacionados com as mesmas.

Depois do intervalo, a educadora utilizou um modelo do corpo humano, a partir do qual fez a revisão dos órgãos dos sentidos e explicou que o corpo humano é composto por ossos e órgãos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data saliento a forma como a educadora explorou a área de Conhecimento do Mundo. Esta área, de acordo com as Orientações Curriculares (1997) é tida como “uma sensibilização às ciências” e surge a partir da curiosidade da criança. Esta curiosidade foi estimulada pela educadora ao apresentar um modelo, de um tamanho considerável, do corpo humano.

Estas “oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo” (Orientações Curriculares, 1997, p. 79) promovem na criança o desejo de saber e de compreender.

12 de novembro de 2010

Esta manhã foi da responsabilidade da minha colega de estágio Carolina, que principiou com a área de Conhecimento do Mundo na qual, com o auxílio de um *powerpoint*, explorou diversos tipos de habitação (prédio, iglo, casa japonesa e palafita) e simulou com as crianças a construção de um iglo.

Realizou um jogo no exterior, no qual uma das crianças ficou no meio, de olhos vendados e as outras crianças fizeram um círculo à sua volta. As crianças que estavam na roda iam passando a bola até que a criança que estava no centro dissesse bomba, a criança que tinha a bola na altura da “explosão” trocava com a que estava no centro.

Já no Domínio da Matemática utilizou casas de diversos tamanhos, feitas de cartolina, para introduzir os conceitos de ordem crescente e decrescente e realizou alguns cálculos.

A Carolina terminou a manhã com uma história sobre a Lagoa das Sete Cidades que foi contada com o auxílio de um fantoche.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização do jogo foi o período da aula no qual as crianças se mostraram mais participativas. Este permitiu que as crianças libertassem alguma energia e interagissem entre si tendo noção que esta interação se baseava em regras pré-estabelecidas.

Zabalza (1998, p. 82) reconhece o jogo como o “modo natural que a criança usa para construir seus próprios modelos de conhecimento, de comportamento sócio-afetivo e de seleção de valores.

A realização do jogo é tida também como uma oportunidade na qual “a criança desenvolve espírito de grupo, conhecendo seus limites e potencialidades, bem como a dos seus colegas, podendo, assim, apropriar-se progressivamente da imagem global do seu corpo, conhecendo e identificando as suas diferentes partes.” (Rabinovich, 2007, p. 78)

1.2. 2.ª Secção

Esta secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 17 de novembro de 2010 a 7 de janeiro de 2011. O estágio foi realizado na sala do Bibe Azul A, com a Educadora Cooperante Isabel Matos.

1.2.1. Caraterização da turma

A turma do Bibe Azul A do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais é composta por 28 crianças, 16 do sexo feminino e 11 do sexo masculino. Quase todas as crianças têm 5 anos de idade.

1.2.2. Caraterização do espaço

A sala do Bibe Azul A possui duas portas, uma que dá acesso ao salão e outra que dá acesso ao espaço exterior. As mesas estão dispostas em duas filas.

Na parede para a qual estão direccionadas as mesas existem dois quadros de ardósia. Nessa e nas outras paredes são visíveis alguns elementos alusivos a conteúdos já abordados (esquemas e imagens) e também dois placares onde são afixados os trabalhos realizados pelos alunos.

Neste espaço existe uma estante onde estão arrumados os dossiês dos alunos e alguns materiais.



Figura 3 – Sala de aula do Bibe Azul A

1.2.3. Horário

Quadro 3 – Horário do Bibe Azul A

	<i>Segunda-feira</i>	<i>Terça-feira</i>	<i>Quarta-feira</i>	<i>Quinta-feira</i>	<i>Sexta-feira</i>
9h - 10h15	Iniciação à Matemática	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática
10h15 - 10h45	Recreio				
10h45 - 11h50	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática	Ed. Movimento 11h – 11h30 Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Música 11h15 – 12h	Iniciação à Leitura e Escrita
12h - 13h	Almoço				
13h – 14h	Recreio orientado e livre				
14h - 15h	Ditados Gráficos Desenho Série Dobragens Entrelaçamentos	Escrita e letras	Jogos Matemáticos Cidadania Área Projecto	Escrita e letras	Ed. Movimento 14h30 – 15h
15h - 16h30	Computadores 15h20 – 16h10	Conhecimento do Mundo Dinamização do tema	Inglês 15h30 – 16h30	Conhecimento do Mundo Dinamização do tema	Experiências Histórias Jogos
16h30	Lanche e Saída				

1.2.4. Rotinas

As rotinas realizadas pelo Bibe Azul apenas diferem das rotinas do Bibe Encarnado no que diz respeito ao acolhimento. Pelo que considerei importante descrever apenas esta rotina.

Acolhimento

A turma do Bibe Azul não participa na roda das canções. Estes permanecem no salão até às 9h, hora a que se dirigem à sala. Das 9h às 9h30 as crianças desta faixa etária terminam trabalhos em atraso.

1.2.5. Relatos diários

16 de novembro de 2010

A manhã teve início com a realização de algumas fichas inseridas no Domínio da Matemática, com o intuito de consolidar matéria dada anteriormente.

De seguida, a educadora distribuiu o material estruturado Cuisenaire e com o auxílio do mesmo lembrou as noções de par e ímpar e introduziu a noção de maior, menor e os respetivos símbolos.

Posteriormente, a educadora solicitou aos rapazes que construíssem a escada com as peças de valor ímpar e às raparigas que construíssem a escada com as peças de valor par e pediu que realizassem alguns cálculos mentais.

Inferências/Fundamentação Teórica

A educadora recorreu ao material estruturado Cuisenaire para lecionar o Domínio da Matemática.

Alsina (2004, citada por Caldeira, 2009) considera este material “especialmente adequado para aquisição progressiva das competências numéricas” visto constituir “um suporte para a imaginação dos números e das suas leis...” (p.126)

Com este material, a educadora trabalhou a noção de número e as relações estabelecidas entre estes. Para realizar as tarefas solicitadas pela educadora, as crianças tinham que possuir a capacidade de associar a peça ao valor representado pela mesma e conseguir classificar os números como pares ou ímpares.

Nesta faixa etária, “o sentido de número pode ser entendido como um processo no qual elas vão aprendendo a compreender os diferentes significados e utilizações dos números e a forma como estes estão interligados.” (Castro e Rodrigues, 2008, p. 11)

Caldeira afirma que (2009) “as crianças precisam ter o sentido de número, para o poder utilizar de forma diferente no mundo que as rodeia.” (p. 129)

19 de novembro de 2010

As crianças do bibe azul iniciaram a manhã com uma revisão de algumas lições da Cartilha Maternal de João de Deus. Para a realizar, a educadora colocou no quadro algumas palavras e realizou algumas perguntas relacionadas com as mesmas.

Posteriormente, solicitou a uma das crianças que distribuísse os cadernos de matemática pelos seus colegas e, em simultâneo, foi chamando grupos de alunos para a lição da Cartilha Maternal.

Ao regressarem do recreio, os alunos realizaram a avaliação de 3.º e 4.º Dons de Froebel, na qual tinham que realizar a construção da sala de estar (com o auxílio de uma imagem representativa da mesma), do quarto e da ponte baixa. Por último, os alunos aprenderam uma nova construção denominada ponte alta.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta faixa etária, as crianças aprendem a ler pelo Método de João de Deus, através da Cartilha Maternal.

Este método respeita o ritmo de aprendizagem de cada criança porque permite que as crianças aprendam as letras e desenvolvam a leitura de uma forma progressiva, ou seja, das lições mais fáceis para as mais complexas.

Viana e Teixeira (2002, p. 119) referem que “A importância da relação afetiva e o respeito pelos ritmos próprios de cada criança perpassa toda a obra pedagógica de João de Deus. Desenvolvendo um método que permitia “massificar” o acesso à leitura” nunca esquecendo a “necessidade da individualização” dado que cada criança segue a Cartilha de acordo com o seu ritmo.

22 de novembro de 2010

A educadora começou a manhã com o Domínio da Matemática, tendo explorado o material estruturado Blocos Lógicos. Para esta exploração, utilizou uma tabela de dupla entrada na qual os alunos tinham que colocar uma peça à sua escolha e, em seguida, assinalar com uma cruz os atributos correspondentes à mesma. Por vezes a educadora assinalou os atributos e os alunos tinham que associar a peça correta. Em seguida, realizaram um jogo que consistia em alterar um ou mais atributos, consoante o solicitado pelos colegas.

Ao regressarem à sala, a educadora solicitou, à vez, que os grupos fossem à Cartilha Maternal para iniciarem uma nova lição ou reverem a anterior. Os restantes alunos realizaram alguns exercícios de consolidação das lições da Cartilha aprendidas anteriormente.

Inferências/Fundamentação Teórica

O material Blocos Lógicos foi utilizado nesta data para a exploração do Domínio da Matemática. Damas *et al.* (2010) mencionam que “cada peça lógica tem quatro propriedades/valores referentes a quatro variáveis: forma, cor, espessura e tamanho. O uso

destas peças lógicas permite a realização de atividades aliciantes e diversificadas que ajudam a construir conceitos de lógica” (p. 13)

Tendo em conta os diferentes atributos destas peças a educadora solicitou que os alunos identificassem as mesmas com base em atributos assinalados previamente numa tabela de dupla entrada, estimulando assim o raciocínio lógico.

Canals (1992, citado por Caldeira, 2009) defende que “O raciocínio lógico-matemático inclui as capacidades de identificar, relacionar e operar e fornece as bases necessárias para se poder adquirir os conhecimentos matemáticos” (p. 364).

23 de novembro de 2010

Esta manhã teve início com as lições de Cartilha Maternal, por grupos.

No intervalo de tempo dedicado ao Domínio da Matemática, a educadora trabalhou com o material estruturado Calculadores Multibásicos. Começou por rever as regras de utilização do mesmo e realizou o jogo das bases. Os alunos realizaram uma ficha relativa ao Domínio da Matemática, na qual tinham um desenho com várias operações que tinham que resolver, sendo que, a cada resultado, correspondia uma cor.

Inferências/Fundamentação Teórica

O material utilizado pela educadora para lecionar o Domínio da Matemática foram os Calculadores Multibásicos. Os Calculadores Multibásicos são um material estruturado bastante apelativo que permite trabalhar diferentes conceitos.

Este material é constituído por “um conjunto de três placas de plástico com cinco orifícios cada uma, e um conjunto de cinquenta peças em seis cores diferentes” (Caldeira, 2009, p. 187) que encaixam umas nas outras e nos orifícios existentes nas placas.

Com este material a educadora realizou o jogo das bases, começando por bases menores até chegar à base dez. A mesma autora (2009, p. 201) refere que “no jogo de Base 10 a criança compreende e trabalha a leitura e escrita dos números no nosso sistema (decimal)”.

26 de novembro de 2010

Nesta manhã, foi solicitada, por parte das professoras orientadoras da Prática Pedagógica, uma aula surpresa à minha colega de estágio Carolina.

Foi-lhe pedido que realizasse a dinamização de uma lengalenga à sua escolha. Após ter escolhido a lengalenga “O rato roeu a rolha da garrafa do Rei da Rússia”, a estagiária selecionou algumas palavras, escreveu-as no quadro e realizou a sua leitura preparatória. De seguida, fez a revisão da lição do /r/ da Cartilha Maternal e iniciou a lição do /z/.

Terminada a aula da Carolina foi-me também solicitada uma aula surpresa no âmbito do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Foi-me pedido que, através de imagem, realizasse uma estimulação à leitura. A imagem consistia numa representação da personagem Gato das Botas e, para a exploração da mesma, salientei o facto de o animal estar vestido, ao contrário do que acontece na vida real.

Escrevi algumas palavras no quadro (luva e bota) e realizei, com as crianças, a leitura preparatória das mesmas. Para terminar, procedi à revisão da lição do /c/ da Cartilha Maternal de João de Deus.

Inferências/Fundamentação Teórica

Foi nesta data que lecionei a minha primeira aula surpresa. Estas aulas surgem no âmbito na Prática Pedagógica e têm como objetivo avaliar a capacidade dos estagiários de abordar um conteúdo não programado e de se adaptarem a condições imprevistas.

Após as aulas surpresa decorre sempre a reunião, durante a qual é feita a reflexão por parte do estagiário e, posteriormente, a avaliação por parte da equipa de Supervisão.

A Supervisão é definida por Alarcão e Tavares (2003) como “o processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional.” (p. 16)

29 de novembro de 2010

Esta manhã foi da responsabilidade da minha colega de estágio Marisa, que iniciou a sua aula com a área de Conhecimento do Mundo, na qual explorou, através de uma história, a roda dos alimentos fazendo referência aos vários setores que a constituem e à sua importância. Solicitou a participação das crianças para identificarem alguns dos elementos presentes na roda e para completarem a mesma com algumas imagens de alimentos, previamente colados no quadro. Esta área foi finalizada com uma proposta de trabalho na qual os alunos tinham que construir um puzzle da roda dos alimentos.

No período de tempo dedicado ao Domínio da Matemática, a estagiária solicitou que os alunos concretizassem, com o auxílio de imagens e algarismos móveis, algumas operações matemáticas e explorou ainda as relações de ordem entre números (maior, menor e igual).

De seguida, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, solicitou às crianças que associassem algumas palavras a imagens e construíssem frases com as mesmas. Realizou posteriormente a revisão da lição da lição do /g/ da Cartilha Maternal.

Inferências/Fundamentação Teórica

No Domínio da Matemática, a minha colega solicitou às crianças que representassem diferentes quantidades e que, posteriormente, associassem o número correto à quantidade representada e estabelecessem uma relação de ordem entre números.

Segundo Caldeira (2009), “devemos encorajar as crianças a pensarem sobre a quantidade, e é na fase entre os 4 e os 6 anos de idade, que elas demonstram interesse em contar objetos e comparar quantidades” (p. 401)

Para a realização desta atividade é essencial que as crianças tenham presente a noção de número.

As Orientações Curriculares (1997) referem que estas oportunidades “são fundamentais para que a criança vá construindo a noção de número, como correspondendo a uma série (número ordinal) ou uma hierarquia (número cardinal)” (p. 74).

30 de novembro de 2010

Iniciei a manhã com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, na qual solicitei aos alunos que, após a leitura da palavra, a associassem à imagem correta. De seguida, fiz a revisão da 15.^a lição da Cartilha Maternal, a lição do /c/, com um grupo de crianças.

Seguiu-se a área de Conhecimento do Mundo, nesta área fiz uma revisão dos constituintes das plantas com flor. Utilizei um placar, no qual fui construindo a imagem de uma planta e explorando a função de cada um dos seus constituintes; em simultâneo, cada criança construiu uma imagem semelhante à representada no quadro. Para concluir esta área, realizei uma atividade prática que consistia em plantar uma semente e que cada criança fosse responsável por cuidar da sua planta.

Para concluir a manhã, já no Domínio da Matemática, contei uma história durante a qual fui solicitando às crianças que realizassem diversos cálculos através dos quais trabalhei as noções de adição, subtração e divisão.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data saliento a área de Conhecimento do Mundo, na qual solicitei a colaboração das crianças para realizar uma atividade prática. Martins *et al.* (2009) defendem que “às crianças devem ser proporcionadas atividades de natureza diversa privilegiando as de cariz prático”

Esta atividade, realizada com grande entusiasmo por parte das crianças, consistiu em plantar uma semente e permitir que os alunos experimentassem e observassem o processo de germinação e o crescimento das suas plantas.

Os autores mencionados (2009) referem que:

No jardim de infância, devem vivenciar situações diversificadas que, por um lado, permitam alimentar a sua curiosidade e o seu interesse pela exploração do mundo que as rodeia e, por outro, proporcionar aprendizagens conceptuais, fomentando, simultaneamente, um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela ciência.
(p. 12)

A longo prazo, esta atividade permitiu também que as crianças se tornassem responsáveis por cuidar da sua planta e observar o seu desenvolvimento.

3 de dezembro de 2010

A minha colega de estágio Carolina iniciou a sua aula dizendo às crianças que iriam fazer uma viagem com destino aos Açores. Explicou que os Açores são um arquipélago e situou-o no mapa. Através de uma apresentação de *powerpoint* realçou algumas tradições do povo açoriano e mostrou alguns exemplares de alimentos tradicionais deste arquipélago.

No Domínio da Matemática, dividiu a turma em grupos, cada um representando uma das ilhas dos Açores, e distribuiu algarismos móveis e molas, que foram utilizados para a resolução de situações problemáticas.

A estagiária concluiu a manhã com a dinamização da leitura de algumas palavras e com a revisão da lição do /q/ da Cartilha Maternal.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero importante salientar o facto da minha colega de estágio Carolina ter levado as crianças a adquirir mais conhecimentos sobre uma região do nosso país que estes não conheciam. Ao abordar este tema, a estagiária conseguiu cativar os alunos e estimular a sua curiosidade.

Segundo as Orientações Curriculares (1997, p.79), a curiosidade é “fomentada e alargada na Educação Pré-Escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo.”

Durante este período de tempo, foi visível o entusiasmo da minha colega por abordar um conteúdo que dominava e no qual se sentia bastante à vontade.

Estanqueiro (2010, p. 31) defende que “a motivação dos professores condiciona a motivação dos alunos. Se um professor gosta de ensinar, poderá despertar, mais facilmente, o gosto de aprender.”

6 de dezembro de 2010

A minha colega de estágio Marisa deu início à sua aula com o Domínio da Matemática. Escolheu o material estruturado Calculadores Multibásicos para realizar o jogo das bases.

Na área de Conhecimento do Mundo, explorou o tema dos vulcões no qual mostrou o modelo de um vulcão, que utilizou para explicar constituição do mesmo. De seguida, referiu os diferentes tipos de erupção vulcânica e, para concluir esta temática, realizou uma experiência que consistiu em simular uma erupção.

Para terminar a sua manhã, fez a leitura preparatória de algumas palavras e reviu a 16.^a lição da Cartilha Maternal, a lição do /g/, com um grupo de crianças.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os vulcões foram o conteúdo explorado na área de Conhecimento do Mundo. Considero importante que as crianças tenham conhecimento destes aspetos da natureza dado que é algo que não é visível no seu dia a dia.

Tal com afirma Botelho (2009, p. 118), deve ser uma preocupação na Educação Pré-Escolar:

(...) proporcionar às crianças conhecimento do mundo, seja ele relativo ao seu mundo próximo que abarca o próprio contexto da sua sala de atividades, o espaço exterior o jardim de infância, físico e comunitário, ou um mundo mais distante que abarca o conhecimento e sensibilização a diferentes áreas científicas, o conhecimento de outras realidades, quer sejam elas naturais, sociais ou culturais.”

A realização da experiência permitiu que as crianças visualizassem o modo como ocorre uma erupção, o que lhes permite construir uma imagem mais concreta deste fenómeno. A realização de experiências, de acordo com as Orientações Curriculares (1997, p. 82), fomenta “uma atitude científica e experimental”.

7 de dezembro de 2010

Esta foi a data escolhida pela professora da sala para a minha segunda manhã de aulas, iniciada com a área de Conhecimento do Mundo, na qual distribui, a cada criança, um puzzle que tinha o intuito de levar as crianças a descobrir o tema da aula, a tartaruga.

Através de uma apresentação de *powerpoint*, realcei os aspetos mais importantes sobre este animal e as características que o inserem na classe dos répteis. De seguida, mostrei às crianças um exemplar deste animal.

No Domínio da Matemática, utilizei imagens de tartarugas, de diferentes cores e tamanhos, para trabalhar a teoria de conjuntos. Nesta área, solicitei aos alunos que representassem alguns conjuntos e que associassem à quantidade de elementos o número correto, em simultâneo relembrei os conceitos de cardinal, reunião, conjunto vazio, conjunto singular e o conjunto universal. Para concluir esta área e consolidar a matéria dada, distribui uma proposta de trabalho.

No período de tempo dedicado ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, fiz a leitura preparatória de três palavras e fiz a revisão, com um grupo de crianças, da lição do /r/.

Inferências/Fundamentação Teórica

O *powerpoint* foi o suporte a partir do qual realcei os aspetos mais importantes sobre a tartaruga. Este suporte informático permite que as crianças consigam observar com maior clareza imagens e que, através de esquemas, consigam estruturar o seu conhecimento e pensamento.

As atividades que são desenvolvidas com recurso a tecnologia devem ser consideradas como “novas oportunidades educativas (...) integradas num todo que lhes atribuirá e reforçará o seu sentido” (Amante, 2003, p. 140).

As Orientações Curriculares (1997) referem que as tecnologias de informação e comunicação “são formas de linguagem com que muitas crianças contactam diariamente”. O mesmo documento defende que “a utilização dos meios informáticos, a partir da educação pré-escolar, pode ser desencadeadora de variadas situações de aprendizagem” (p. 72).

Compete ao educador criar oportunidades em que as crianças tenham contacto com a tecnologia, nas quais exista uma interação entre a tecnologia e o ensino.

13 de dezembro de 2010

A organização desta manhã foi da responsabilidade da minha colega de estágio Carolina. No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, solicitou às crianças que lessem algumas palavras e que as utilizassem para construir uma frase. De seguida, fez a revisão do 1.º valor do /z/.

No Domínio da Matemática, a estagiária começou por contar uma pequena história, durante a qual solicitou às crianças a realização de contagens e de cálculos.

A transição para a área de Conhecimento do Mundo foi conseguida através de uma “magia”, na qual a Carolina fez aparecer um exemplar de um coelho, referindo as características deste animal e que estas o inseriam na classe dos mamíferos. Para concluir a manhã, a minha colega realizou com as crianças um origami, que representava a cabeça de um coelho. Este foi depois utilizado para a elaboração de um desenho relacionado com a aula.

Inferências/Fundamentação Teórica

Para lecionar a área de Conhecimento do Mundo, a minha colega recorreu ao exemplar de um coelho, a partir do qual fez referência às suas características, modo de vida e alimentação.

As crianças ficaram bastante motivadas com a presença deste animal. Borràs (2002) defende que “os elementos naturais atraem a atenção das crianças. Estimulam-nas a pôr em ação todas as estratégias de observação e permitem-lhe pôr à prova muitas das hipóteses que lhes foram apresentadas na aula.” (p. 345)

O mesmo autor refere que contacto com animais permite “desenvolver atitudes de proteção e manifestar responsabilidade através do cuidado que lhes proporcionam.” (p. 345)

14 de dezembro de 2010

As crianças realizaram algumas propostas de trabalho inseridas no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e, em simultâneo, reviam ou aprendiam uma nova lição na Cartilha Maternal. De seguida, os alunos coloriram um desenho relacionado com a época natalícia.

Ao regressarem do recreio, a educadora escolheu o material calculadores multibásicos, já conhecido pelos alunos, para explorar as combinações. As peças deste material representavam peças de roupa (saia e camisola) de uma determinada cor e os alunos tinham que descobrir de quantas formas diferentes podiam combinar as peças de roupa. Posteriormente, a educadora distribuiu uma folha na qual as crianças tinham que representar, através de um desenho, o exercício que tinham feito.

Inferências/Fundamentação Teórica

A proposta de trabalho realizada no âmbito do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita visava exercitar a escrita da letra bicuda, característica do Método João de Deus.

Deus (citado por Ruivo, 2009) refere que:

(...) o aspecto geral da escrita adoptada resulta da sua forma angulosa. Assim, cada traço – recto ou levemente curvo – permite que o aluno veja a letra por partes, proporcionando-lhe uma caligrafia consciente e equilibrada, o que não quer dizer que oportunamente se não arredonde a letra, ponto de partida para outra mais variada e mais perfeita.” (p. 129)

Esta caligrafia denominada letra bicuda é tida como uma fase de transição, com o intuito de facilitar a aprendizagem da escrita.

17 de dezembro de 2010

Este foi o último dia de aulas para as crianças e, por esse motivo, foi um dia diferente do habitual. A educadora contou a história *O Gato das Botas* e, posteriormente, os alunos coloriram alguns desenhos relacionados com a época natalícia. Nesta data, o período de tempo passado no recreio foi mais longo do que o usual.

Inferências/Fundamentação Teórica

A leitura de histórias permite, ao educador, desenvolver nos seus alunos uma série de capacidades como a atenção, a concentração e o vocabulário e estimular o gosto de ler.

Teberosky e Colomer (2003) refletem sobre a importância de contar histórias ao referirem ser de extrema importância “ler e contar histórias às crianças desde os primeiros anos de vida, estimulando nelas o gosto pela leitura, para que elas possam também adquirir os recursos necessários ao desenvolvimento da sua fantasia e criatividade.” (p. 18)

De seguida, como já referi, os alunos coloriram alguns desenhos relacionados com a época natalícia. Estas atividades, que ocorrem todos os anos, são consideradas importantes por Cordeiro (2008, p. 375), defendendo que estas “ajudam a criança a encontrar uma organização temporal, dando-lhes segurança”. O mesmo autor refere que “este género de atividade pressupõe quase sempre o domínio da expressão plástica e suas diferentes técnicas”.

3 de janeiro de 2011

No período de tempo dedicado ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, algumas das crianças realizaram propostas de trabalho enquanto as restantes realizavam a revisão de lições da Cartilha Maternal.

Após o recreio, a educadora recorreu ao material Calculadores Multibásicos para introduzir a representação de números. A mesma explicou que a peça amarela representava a ordem das unidades e que a peça verde representava a ordem das dezenas. Foi solicitando às crianças que escrevessem alguns números no quadro e que, de seguida, os representassem na placa.

Para finalizar, as crianças realizaram uma proposta de trabalho, com o intuito de desenhar a simetria de uma imagem.

Inferências/Fundamentação Teórica

Com o auxílio do material estruturado Calculadores Multibásicos, a educadora introduziu a leitura de números, mais especificamente a ordem das unidades e a ordem das dezenas.

As Normas para a Matemática (1991, citadas por Caldeira, 2007, p. 203) referem que “para perceberem as diferentes formas de utilização dos números no mundo real, as crianças precisam compreender os números (...) além disso, a compreensão do valor de posição é crucial para o trabalho posterior com os números e o cálculo”.

Para que os alunos consigam realizar a leitura de números é essencial que, anteriormente, a educadora tenha trabalhado o sentido de número. A mesma autora define o sentido de número como a “compreensão global e flexível dos números e operações, com o intuito de perceber os números e as suas relações e desenvolver estratégias eficazes para a sua aplicação no mundo que nos rodeia” (p. 203)

Ao adquirir o sentido de número, os alunos tornam-se capazes de compreender os “diversos significados e utilizações dos números e a forma como eles estão interligados” (p. 203).

4 de janeiro de 2011

A educadora reorganizou a sala de aula para que os alunos estivessem sentados em grupos de cinco ou seis. Distribuiu uma caixa com o material Cuisenaire a cada grupo e fez a revisão das cores e valores de cada peça.

De seguida, os alunos dedicaram-se ao jogo dos comboios, ou seja, para um determinada peça (estação) tinham que escolher duas ou mais peças iguais (carruagens) que representassem o mesmo valor, para que as carruagens não ultrapassassem o tamanho da estação. Para concluir esta área, a educadora solicitou às alunas que retirassem três peças e aos alunos que retirassem quatro peças e que fizessem a adição dos seus valores. Em simultâneo, foi perguntando a alguns dos alunos qual o valor total das suas peças.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, as crianças trabalharam na Cartilha Maternal e nos seus cadernos de escrita.

Inferências/Fundamentação Teórica

O Cuisenaire, material utilizado no Domínio da Matemática, “é formado por (...) barras ou peças coloridas. São prismas quadrangulares com 10 cores e dez comprimentos diferentes” (Caldeira, 2009, p. 128).

O jogo dos comboios, realizado com este material, é descrito por Caldeira (2009) da seguinte forma: “Pedimos à criança para colocar à sua frente na posição horizontal, uma determinada peça. Depois solicitamos que procure as diferentes possibilidades de formar comprimentos iguais ao da primeira peça, colocando outras em linha recta, unidas pelas extremidades.” (p. 137)

Este jogo tem o objetivo de levar as crianças a perceber que uma quantidade pode ser representada de diferentes formas a partir da associação de peças iguais ou diferentes.

7 de janeiro de 2011

A educadora fez a revisão das letras já aprendidas na Cartilha Maternal.

No período de tempo dedicado ao Domínio da Matemática, a educadora utilizou o material estruturado Calculadores Multibásicos e reviu a leitura de números, a operação da adição e os constituintes desta operação. Esta operação foi concretizada através de vários exercícios feitos com este material e também no quadro.

Inferências/Fundamentação Teórica

O material Calculadores Multibásicos facilita a aprendizagem da operação adição, na medida em que torna possível a contagem das peças, ou seja, a obtenção do total a partir do cálculo por contagem.

De acordo com Castro e Rodrigues (2008), “os primeiros cálculos que as crianças realizam são cálculos por contagem, apoiados em materiais que a facilitem” (p. 30). Os mesmos autores referem que “à medida que o seu universo numérico aumenta e as suas competências de contagem se desenvolvem, as crianças vão-se tornando progressivamente mais competentes, realizando cálculos mais complexos, utilizando estratégias de contagem flexíveis e inteligentes” (p. 31).

A utilização deste material permite exercitar a resolução de adições. Este treino permite que posteriormente os alunos consigam resolver esta operação sem a recorrer a materiais manipuláveis.

1.3. 3.ª Secção

Esta secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 10 de janeiro de 2011 a 18 de fevereiro de 2011. O estágio foi realizado na sala do Bibe Amarelo A, com a Educadora Cooperante Ana Freire.

1.3.1. Caracterização da turma

A turma do Bibe Amarelo A do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais é composta por 27 crianças, 14 do sexo masculino e 13 do sexo feminino. Todas estas crianças têm idades entre os 2/3 anos.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.3.2. Caraterização do espaço

A sala utilizada pelo Bibe Amarelo é partilhada pelas duas turmas, desta faixa etária, e a divisão da mesma é feita com o auxílio de um móvel. O espaço ocupado pelo Bibe Amarelo A é composto por duas zonas distintas, uma zona livre e outra ocupada com mesas.

A zona livre situa-se perto das janelas e é utilizada em momentos de Estimulação à Leitura ou de exploração de conteúdos de Conhecimento do Mundo. Neste local existem também alguns armários e uma estante com livros que representa o cantinho da leitura.

A restante área é preenchida por cinco mesas retangulares que são ocupadas por, aproximadamente, seis crianças cada.

As paredes da sala estão decoradas com trabalhos elaborados pelas crianças e com o quadro das presenças e dos chefes (material, comboio e bolachas).



Figura 4 – Sala de aula do Bibe Amarelo A

1.3.3. Horário

Quadro 4 – Horário do Bibe Amarelo A

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h – 9h30	Partilha de Saberes	Acolhimento/Canções de Roda		Partilha de Saberes	Acolhimento/Canções de Roda
9h30 - 10h	Área de Projeto: Estimulação à Leitura			Música 9h45 – 10h15	Área de Projeto: Estimulação à Leitura
10h - 10h30	Educação do Movimento	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática
10h30 - 11h	Partilha de Saberes	Proposta de Trabalho	Proposta de Trabalho	Proposta de Trabalho	Educação do Movimento
11h – 11h30	Recreio				
	Higiene/Preparação para o almoço				
12h – 12h30	Almoço				
12h30 - 14h30	Recreio (livre e orientado) /Hora da sesta				
14h30 - 15h	Higiene/Preparação da sala				
15h – 16h	Atividades de Arte Plástica/Desenvolvimento da motricidade fina/Jogos Orientados/Estimulação à Leitura/Aulas de Descoberta				
16h – 16h20	Higiene				
16h20 – 17h	Lanche/Saída				

1.3.4. Rotinas

As rotinas realizadas pelo Bibe Amarelo são as mesmas rotinas relatadas na no Bibe Encarnado, à exceção da sesta que é apenas realizada pelas crianças desta faixa etária. Deste modo, não considere relevante referi-las novamente.

Sesta

Após terminarem o almoço e irem à casa de banho, as crianças do Bibe Amarelo deslocam-se até a sua sala onde já se encontram os catres para a sesta. Tal como refere Cordeiro (2008), esta rotina “deve ser feita num ambiente calmo” (p. 373). A educadora deve estar consciente para o facto de algumas crianças já não necessitarem de realizar esta rotina, “arranjando alternativas para as que não querem” (p. 306), para que estas não incomodem os colegas.

Algumas das crianças desta faixa etária necessitam de objetos de transição para criar uma ligação entre a escola e casa, tornando este momento “tranquilo e securizante” (p. 373).

1.3.5. Relatos diários

10 de janeiro de 2011

Este foi o primeiro dia de estágio realizado no bibe amarelo. A educadora começou a manhã com a leitura da história *O capuchinho vermelho*, dinamizada com o auxílio de um fantoche. Ao terminar a história, a educadora “lançou” pozinhos mágicos para os meninos.

Posteriormente, as crianças tiveram aula de ginástica, ao que se seguiu o almoço e a sesta.

Inferências/Fundamentação Teórica

A educadora contou a história de uma forma bastante animada e realizando inflexões de voz, o que prendeu a atenção das crianças para a mesma.

Cury (2004) defende que “para contar histórias é necessário exercitar uma voz flutuante, teatralizada, que muda de tom durante a exposição. É preciso produzir gestos e reações capazes de expressar o que as informações lógicas não conseguem” (p. 133)

Este momento foi enriquecido com a utilização de um fantoche. O uso destes “bonecos” é referido nas Orientações Curriculares (1997) porque “facilitam a expressão e a comunicação através de “um outro”, servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos” (p. 60).

11 de janeiro de 2011

Esta manhã o bibe amarelo foi ao teatro Tivoli assistir à peça “BZZZ BZZZ BZZZ...A UNIÃO FAZ A FORÇA!”. Esta peça pretendia transmitir a importância da amizade através de uma história em que as personagens eram abelhas, beija-flores e formigas.

Inferências/Fundamentação Teórica

As visitas de estudo são por si só uma diversão para as crianças não só pela saída da escola, mas também porque são sempre algo de novo e diferente.

As visitas de estudo são, segundo Almeida (1998), “qualquer deslocação efectuada por alunos ao exterior do recinto escolar, independentemente da distância considerada, com objetivos educacionais mais amplos ao do mero convívio entre professores e alunos” (p. 51).

Nesta data, a visita de estudo compreendeu uma ida ao teatro. De acordo com Cordeiro (2009, p. 424), as crianças devem começar a frequentar o teatro por volta dos três anos, dado as suas variadas vantagens como, por exemplo, a “apreciação do teatro como experiência estética; progressiva consciencialização dos valores culturais e sociais”.

O mesmo autor refere que hoje em dia “existem inúmeras companhias de teatro portuguesas que, com frequência, levam à cena peças para crianças” possibilitando o contacto das crianças com esta forma de arte.

14 de janeiro de 2011

A manhã começou com uma rotina já conhecida pelas crianças, a chamada. Esta consiste em verificar se todos os alunos estão presentes e é feita a partir de um painel onde são visíveis as fotografias de todos os alunos.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a educadora leu a história *O Rato Renato diz mentiras*. Em seguida, as crianças foram para o ginásio onde estiveram a fazer alguns jogos.

A manhã foi concluída com a realização de uma reunião onde foram discutidas as aulas surpresa ocorridas durante a manhã.

Inferências/Fundamentação Teórica

A reunião que ocorre a seguir às aulas surpresa lecionadas pelos estagiários permite que haja uma reflexão sobre a aula dada. Durante esta reflexão o estagiário retrata a sua prestação e os professores supervisores, a partir de uma análise da aula dada, salientam os aspetos positivos e os aspetos a melhorar.

Segundo Zeichner (1993):

(...) os formadores de professores têm a obrigação de ajudar os futuros professores a interiorizarem, durante a formação inicial, a disposição e a capacidade de estudarem a maneira como ensinam e de a melhorar com o tempo, responsabilizando-se pelo seu próprio desenvolvimento profissional. (p. 17)

18 de janeiro de 2011

Esta manhã foi marcada pela visita do escritor António Torrado ao Jardim-Escola João de Deus do Olivais. Durante a sua visita, o autor contou algumas histórias e aproveitou para autografar os livros das crianças.

De seguida, as crianças regressaram à sala, realizaram as rotinas de higiene e foram almoçar.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data o autor António Torrado realizou uma visita ao Jardim-Escola.

Durante a visita, o autor contou algumas histórias de uma forma bastante dinâmica, o que fascinou as crianças.

De acordo com o Ministério da Educação (2008), “os encontros de crianças com os autores (...) podem ter um efeito muito positivo na aquisição ou consolidação do gosto pela leitura” (p. 15)

Este contacto com o autor foi bem aceite pelas crianças porque estas já estavam familiarizadas com alguns dos seus livros. O mesmo autor defende que “é aconselhável que o convidado seja autor de uma das obras trabalhadas, escolhendo-se preferencialmente entre as que suscitaram maior adesão das crianças” (p. 15).

21 de janeiro de 2011

A educadora começou por sentar as crianças no tapete e por contar uma história. De seguida, escolheu o material estruturado Cuisenaire para dar início ao Domínio da Matemática. Começou por explorar as características da caixa e construiu a escada com as peças, fazendo referência ao valor de cada uma e à importância da peça branca, visto que é esta peça que permite descobrir o valor de todas as outras.

Para se familiarizarem com este material, a educadora deixou que o explorassem livremente e que realizassem algumas construções.

Seguiu-se a aula de ginástica, as rotinas de higiene e o almoço.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta faixa etária, o material Cuisenaire é utilizado para identificar cores, tamanhos e a ordem das peças. Estas atividades permitem, de acordo com Caldeira (2009), “trabalhar a memória, a ordenação, o conceito da cor e do número” (p. 130).

A educadora salientou o valor da peça branca, dado que esta é considerada a peça padrão, a partir da qual se medem todas as outras. O valor de cada peça não foi abordado nesta aula, por este motivo, as crianças ao ordenarem as peças, fizeram-no apenas tendo em conta os tamanhos das mesmas.

A mesma autora refere que “as crianças ao ordenarem as peças por tamanhos e ao enumerarem as cores e valores numa escala ascendente ou descendente, podem consolidar as propriedades do número e até introduzir diversos conceitos.” (p. 132).

24 de janeiro de 2011

As professoras orientadoras da Prática Pedagógica fizeram uma visita ao Jardim-Escola e solicitaram aulas surpresa a alguns dos estagiários.

A educadora leu uma história e, posteriormente levou as crianças para a aula de ginástica.

Inferências/Fundamentação Teórica

Estas aulas, realizadas no âmbito da disciplina de Prática Pedagógica, têm com intuito avaliar de que modo o aluno estagiário leciona um tema e uma aula que não programou previamente. É importante que um professor saiba agir perante situações inesperadas porque estas ocorrem com frequência durante o seu percurso profissional.

As aulas surpresa são seguidas de uma reunião onde é feita uma reflexão sobre as mesmas. Zeichner (1993) defende que “o processo de compreensão e melhoria do seu ensino deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência” (p. 17).

25 de janeiro de 2011

Nesta manhã, foi solicitado à minha colega de estágio Carolina que desse uma aula surpresa com o material estruturado Blocos Lógicos. A mesma fez uma revisão das peças deste material fazendo referência às suas características.

Inferências/Fundamentação Teórica

Esta aula não correu da melhor forma porque, talvez devido ao visível nervosismo, a minha colega não conseguiu controlar corretamente o comportamento da turma, que não respondeu às solicitações da estagiária.

Com o decorrer da mesma, a minha colega ficou desanimada o que influenciou a sua prestação.

De acordo com Estanqueiro (2010), “é fundamental acreditar naquilo que se faz. Dando o seu melhor ao ensino, o professor dignifica o seu trabalho e influencia positivamente a motivação dos alunos”, favorecendo também a sua motivação.

28 de janeiro de 2011

Nesta data lecionei a minha 1.^a manhã de aulas no bibe amarelo. Comecei a aula com o Domínio da Matemática, no qual utilizei o material estruturado Blocos Lógicos e explorei os diferentes atributos do mesmo.

Na área de Conhecimento do Mundo, mostrei um modelo do planeta Terra a partir do qual expliquei que este era composto por vários continentes e na sua maioria por água. Em simultâneo, com o auxílio de uma apresentação de *powerpoint* com imagens, expliquei às crianças que o continente em que vivemos se denomina Europa e recorri às vivências das mesmas para dialogar sobre Portugal e a capital Lisboa.

Conclui a manhã de aulas com a leitura do livro *O monstro das festinhas*, da autora Carla Antunes.

Inferências/Fundamentação Teórica

A utilização de materiais manipuláveis é uma prática corrente nos Jardins-Escola João de Deus. Estes materiais facilitam e estimulam a aquisição, por parte da criança, de novos conhecimentos.

De acordo com Prado (citado por Caldeira, 2009, p.17), “os materiais didáticos, são instrumentos para a aprendizagem, pois são o meio através do qual a criança interage com o mundo exterior” e é esta interação que facilita o processo de aprendizagem.

O material utilizado no Domínio da Matemática foram os Blocos Lógicos, que permitem trabalhar diversos conceitos, entre eles, as cores, os tamanhos e as formas geométricas

De acordo com Moreira e Oliveira (2003), “os conceitos sobre as formas geométricas começam a formar-se durante o período pré-escolar e estabilizam por volta dos seis anos, sendo, por isso, oportuno trabalhar sobre formas entre os três e os seis anos de idade” (p. 45).

31 de janeiro de 2011

A manhã começou com a preparação das crianças para a aula de ginástica que se iria realizar mais tarde. A educadora pediu às crianças que se sentassem no tapete e contou uma história. Seguiu-se a aula de ginástica.

Ao regressarem, a educadora escolheu as palhinhas, material não estruturado, para dar a aula de Domínio da Matemática. Após a revisão das regras de comportamento, a educadora concretizou duas adições e, em simultâneo, alguns dos alunos foram ao quadro desenhar a quantidade de palhinhas pedida e associar o algarismo correto.

Inferências/Fundamentação Teórica

A educadora utilizou o material manipulativo já referido para trabalhar a contagem.

Castro e Rodrigues (2008) mencionam que “só através da criação de oportunidades em que se torne fundamental a contagem de objectos é que a criança vai sentindo a necessidade de conhecer os termos da contagem oral e relacionar os números.” (p. 17)

O facto de os alunos saberem a sequência numérica não quer dizer que tenham desenvolvido o sentido de número. Nesta atividade, a educadora promoveu a aquisição do sentido de número por parte das crianças.

A adição foi trabalhada de uma forma bastante simples. A educadora representou no quadro duas quantidades diferentes de palhinhas e ao solicitar a uma criança que as contasse de seguida, esta obteve o resultado da adição.

1 de fevereiro de 2011

Esta manhã foi lecionada pela estagiária Carolina. A minha colega começou por levar as crianças para a biblioteca, local onde leu o livro *Adivinha quanto gosto de ti*.

No Domínio da Matemática, escolheu o material estruturado 1.º Dom de Froebel para trabalhar as cores, a orientação espacial e a memória. Para concluir esta área, realizou um jogo que consistia em esconder uma das sete bolas e pedir a uma das crianças que, ao observar as bolas, identificasse a cor da bola escondida.

A seguir ao intervalo teve início a área de Conhecimento do Mundo. Nesta área as crianças tiveram que descobrir as peças de um puzzle e montá-lo, para descobrir qual o tema da aula. O tema da aula foi o movimento de translação, explorado através de uma representação deste movimento, com o auxílio de duas crianças escolhidas aleatoriamente.

Inferências/Fundamentação Teórica

O material utilizado pela minha colega Carolina para lecionar o Domínio da Matemática foi o 1.º Dom de Froebel. Este é um material “composto por seis pequenas bolas (...) nas seguintes cores vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Estas bolas estão dentro de uma caixa de madeira com a forma de um paralelepípedo” (Caldeira, 2009, p. 243).

Este material é essencialmente utilizado nesta faixa etária e permite trabalhar diferentes conteúdos e capacidades como, por exemplo, as cores, formas e desenvolver os sentidos e a lateralidade. Estes foram desenvolvidos ao longo da atividade realizada pela minha colega, na qual solicitou sempre a participação dos alunos para realizar tarefas como identificar as cores, colocar as bolas em lugares específicos e, por último, recordar onde estavam as peças escondidas e quais as suas cores.

4 de fevereiro de 2011

No início da manhã, as crianças ouviram uma história contada pela educadora e, de seguida, dirigiram-se para a aula de ginástica. Seguiu-se o recreio e o lanche da manhã.

Inferências/Fundamentação Teórica

Apesar de a aula de Ginástica não ter sido observada é de salientar a importância desta prática dado que, de acordo com Rabinovich (2007):

A Educação Física ocupa lugar importante entre as diferentes actividades inovadoras propostas às crianças da Educação Infantil, pois, actualmente, tais práticas possibilitam o desenvolvimento da cultura corporal, oferecendo oportunidades variadas, tais como: autonomia, segurança, domínio corporal e respeito às singularidades de cada criança (p. 27)

7 de fevereiro de 2011

Nesta data, pude assistir a uma aula programada e assistida pelas orientadoras da Prática Pedagógica. Esta aula foi lecionada pela estagiária Sara, no bibe azul A.

A estagiária começou com o Domínio da Matemática, na qual utilizou o material estruturado 3.º e 4.º Dons de Froebel, para realizar a construção da camioneta. De seguida, realizou uma situação problemática a partir de um material criado pela própria.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, fez a leitura preparatória de uma receita de batido de morango e, na Cartilha Maternal, fez a revisão da letra /m/. Concluiu a sua aula, na área de Conhecimento do Mundo, explorando as características do morango e mostrando o exemplar de um morangueiro.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os materiais utilizados no Domínio da Matemática foram o 3.º e o 4.º Dom de Froebel. A utilização conjunta destes dois materiais, de acordo com Caldeira (2009), permite “fazer construções e cálculos mais elaborados e complexos” (p. 277).

A construção realizada foi a camioneta, a partir da qual a estagiária partiu para uma situação problemática com um material manipulativo criado pela própria.

A mesma autora (2009, p. 15) defende que “o material manipulativo (...) constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem” através da manipulação de conceitos considerados abstratos.

8 de fevereiro de 2011

A minha colega de estágio Marisa iniciou a sua aula fazendo uma revisão dos atributos do material estruturado Blocos Lógicos. De seguida, solicitou a participação das crianças para, com as peças deste material, completarem um placar com uma imagem.

Na área de Conhecimento do Mundo explicou, através de uma história, o ciclo da água e realizou um trabalho de Expressão Plástica, que consistia em fazer a picotagem de gotas, que foram posteriormente utilizadas num móbile.

Na última área da manhã, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a estagiária fez a dinamização da leitura do livro *O patinho feio* e solicitou às crianças que, com imagens das personagens, completassem as ilustrações do livro.

Inferências/Fundamentação Teórica

Para concluir a área de Conhecimento do Mundo, a minha colega de estágio solicitou a participação das crianças para a elaboração de um projeto de expressão plástica, a construção de um móbile.

As crianças começaram por picotar algumas gotas de água, desenhadas pela estagiária em papel de lustro. Esta técnica implica o domínio da motricidade fina e permite desenvolver a responsabilidade no manuseamento do pico, utilizado nesta técnica.

A construção do móbile foi um projeto realizado com a participação de toda a turma. As Orientações Curriculares (1997) referem que “a interação das crianças durante as atividades de expressão plástica e a realização de trabalhos por duas ou mais crianças são (...) meios de diversificar as situações” (p. 64)

11 de fevereiro de 2011

A minha colega de estágio Carolina iniciou a sua manhã com o Domínio da Matemática, tendo escolhido o material não estruturado palhinhas para trabalhar a noção de número e a orientação espacial.

Na área seguinte, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a estagiária utilizou uma apresentação de *powerpoint* para contar a história *Dez numa cama*.

Concluiu a sua manhã com uma apresentação em *powerpoint*, a partir do qual fez a revisão do movimento de translação e explicou que é este movimento que origina as estações do ano, escolhendo depois dois alunos para representar o movimento de rotação e explicou que é este movimento que origina a alternância entre o dia e a noite.

Inferências/Fundamentação Teórica

A história *Dez numa cama* contada pela minha colega de estágio Carolina foi do agrado das crianças, que se mantiveram em silêncio e bastante concentradas no decorrer da mesma.

A estimulação à leitura é, de acordo com Gomes (2000), uma das responsabilidades do educador. Este autor defende que “continua a conhecer-se como insubstituível o papel dos educadores no desenvolvimento das competências de leitura e no incentivo ao gosto de ler” (p. 29)

As ilustrações do livro foram mostradas a partir de uma apresentação de *powerpoint* permitindo, desta forma, que todas as crianças as pudessem visualizar.

A importância da dimensão das imagens é salientada por Spodek e Saracho (1998) que referem que estas devem “ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças” (p. 335).

14 de fevereiro de 2011

Nesta data, lecionei a última manhã de aulas no bibe amarelo. Principiei com Domínio da Matemática, na qual contei uma história e, em simultâneo, solicitei aos alunos

que concretizassem, com o auxílio de imagens de astronautas, alguns cálculos que eram, posteriormente, representados no quadro.

Seguiu-se a área de Conhecimento do Mundo, que teve como principal objetivo explicar às crianças que vivemos no planeta Terra e que este se encontra no Sistema Solar. Solicitei a participação das crianças para a representação deste Sistema, em que cada aluno representava um planeta, no decorrer da qual fiz referência ao nome e a algumas características de cada um dos planetas.

Conclui a manhã lendo o livro *A que sabe a Lua*, tendo utilizado o suporte informático *powerpoint* para mostrar as ilustrações do mesmo.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Conhecimento do Mundo explorei o Sistema Solar, fazendo referência aos diferentes planetas que o constituem e ao Sol. Apesar de serem conceitos de difícil compreensão para esta faixa etária, as crianças demonstraram-se bastante atentas ao quererem participar no diálogo que estabeleci com as mesmas, fazendo várias perguntas.

Para concluir esta área e para que as crianças construíssem uma noção mais concreta do Sistema Solar, solicitei a participação das crianças para uma representação do mesmo. Algumas crianças vestiram os fatos dos planetas e do Sol e conforme eu ia chamando, estas deslocavam-se para a órbita do respetivo planeta.

Os autores Hohmann, Banet e Weikart (1984) defendem que:

(...) através da imitação as crianças em idade pré-escolar aprendem a representar com o seu próprio corpo e a sua própria voz aquilo que sabem sobre o mundo. A imitação é o início do «faz de conta» ou desempenho de papéis, em que as crianças integram uma série de imitações. (p.224)

15 de fevereiro de 2011

A estagiária Marisa lecionou, nesta data, a última manhã de aulas. Começou com o Domínio da Matemática, na qual utilizou o material estruturado Cuisenaire para fazer uma revisão dos valores das peças até à peça de valor cinco.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a minha colega leu a história *Sara, Tomé e o Boneco de Neve* exibindo, em simultâneo, as ilustrações do livro através de um *powerpoint*.

Concluiu a sua manhã com a área de Conhecimento do Mundo, na qual com o auxílio das crianças fez gelatina com o intuito de lhes mostrar os vários estados da água.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data é de salientar o modo como a minha colega de estágio Marisa demonstrou às crianças que a água pode existir em diferentes estados. Esta demonstração foi feita a partir da elaboração de uma gelatina.

Nas diferentes etapas desta receita, a água foi surgindo nos seus diferentes estados. Primeiro no estado líquido, ao ser adicionada ao pó da gelatina, depois em estado gasoso, quando estava ao lume, e por último em estado sólido, depois de a gelatina ser colocada no frigorífico.

Durante todo este processo, a minha colega foi solicitando a participação das crianças. Esta atitude estimula a aquisição de conhecimento por parte das crianças, aspeto que é defendido por Hohmann e Weikart (1997), ao referirem que “através da aprendizagem pela acção – viver experiências diretas e imediatas e retirar delas significado através da reflexão – as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo” (p. 5)

A realização de receitas é defendida por Felton-Collins e Peterson (1998) porque “proporciona a experiência na seriação ou compreensão de uma sequência de operações e acontecimentos (...) bem como na medição e compreensão das alterações que ocorrem na textura, dimensão, sabor” (p. 51)

18 de fevereiro de 2011

Esta foi a última manhã de estágio no bibe amarelo e no Pré-escolar. Durante este período de tempo os meninos tiveram aula de ginástica e posteriormente cerâmica.

Inferências/Fundamentação Teórica

A aula de cerâmica está inserida nas atividades extracurriculares e permite que os alunos tenham contacto com alguns materiais moldáveis. Segundo Sousa (2003, p. 255), a expressividade e criatividade natural das crianças é satisfeita “através da acção de modelar e de criar formas em materiais moldáveis”

O mesmo autor defende que com este tipo de atividades as crianças desenvolvem diversas capacidades e valores tais como “a ordem, a paciência, o asseio e a persistência” (p. 255).

1.4. 4.ª Secção

Esta secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 28 de fevereiro de 2011 a 4 de março de 2011 (semana de contacto com a realidade educativa). O

estágio foi realizado na sala do Bibe Amarelo A, a mesma da secção anterior, com a Educadora Cooperante Ana Freire.

1.4.1. Relato semanal

28 de fevereiro a 4 de março de 2011

Durante esta semana realizei a semana de Contacto com a Realidade Educativa, no bibe amarelo A.

Ao aproximar-se o Carnaval e a celebração do Dia do Pai, estes dias foram utilizados para a realização de atividades relacionadas com estas épocas festivas. As crianças decoraram algumas máscaras através da técnica digitinta, utilizando os dedos como carimbos para colorirem a máscara.

Seguiu-se a elaboração da prenda do Dia do Pai, que consistiu na decoração de uma moldura. As crianças fizeram um desenho a lápis na moldura e depois a educadora com a utilização de um pirógrafo gravou os desenhos na madeira.

As prendas depois de terminadas foram guardadas dentro de envelopes feitos a partir de folhas A3 que anteriormente tinham sido carimbadas, pelas crianças, com carimbos diversos.

Também durante este período de tempo, as crianças de ambos os bibe amarelo assistiram à dramatização de uma história feita pelos pais de um dos alunos. O último dia desta semana foi um dia de lazer no qual todas as crianças foram mascaradas.

Inferências/Fundamentação Teórica

As atividades relacionadas com o Carnaval são realizadas todos os anos e nas diferentes faixas etárias.

De acordo com Cordeiro (2008):

(...) as actividades temáticas são actividades que surgem todos os anos, e muito importantes, pois ajudam a criança a encontrar uma organização temporal, dando-lhes segurança. Este género de actividade pressupõe quase sempre o domínio da expressão plástica e as suas diferentes técnicas. (p. 375)

As atividades relacionadas com o Dia do Pai também se inserem neste tipo de atividades e, como é referido por Cordeiro (2008), restringiram-se essencialmente a atividades de Expressão Plástica.

Uma das técnicas utilizadas foi a digitinta, esta “é uma actividade de surpresa, dado que permite expandir enormemente a criatividade” (Cordeiro, 2008, p.373).

De acordo com o mesmo autor, “é uma boa oportunidade para desenvolver a motricidade grossa, através dos movimentos com os braços e mãos, e da motricidade fina, pelos movimentos com os dedos” (p.373).

Saliento o facto de os pais de um aluno se terem deslocado à escola para contar uma história. Marques (2001, p.28) defende que a colaboração entre os pais e a escola tem um impacto positivo na aprendizagem dos alunos. Esta interacção é também benéfica para os pais que, desta forma, melhoram as suas competências como educadores.

A história foi contada de uma forma bastante divertida e que implicou a colaboração de todos os alunos.

1.5. 5.ª Secção

Esta secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 14 de março de 2011 a 13 de maio de 2011. O estágio foi realizado na sala do 2.º Ano A, com a Professora Cooperante Sofia Guedes.

1.5.1. Caraterização da turma

A turma do 2.º Ano A do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais é composta por 29 crianças, 15 do sexo feminino e 14 o sexo masculino. Todas as crianças têm 7 anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

Existe apenas uma criança com dificuldades de aprendizagem e uma com alguns problemas comportamentais e de postura.

1.5.2. Caraterização do espaço

A sala destinada a esta turma possui duas portas, uma que dá acesso à biblioteca e outra que dá acesso ao exterior. As janelas são de grandes dimensões o que torna a sala bastante luminosa.

As mesas estão colocadas a pares e formam três filas. Estas estão direccionadas para um quadro de ardósia. Nas paredes são visíveis alguns quadros os esquemas alusivos a conteúdos temáticos já abordados. Numa das paredes estão colocados dois placares onde são colocados os trabalhos realizados pelos alunos.



Figura 5 – Sala de aula do 2.º Ano A

1.5.3. Horário

Quadro 5 – Horário do 2.º Ano A

	<i>Segunda-feira</i>	<i>Terça-feira</i>	<i>Quarta-feira</i>	<i>Quinta-feira</i>	<i>Sexta-feira</i>
9h - 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa
10h – 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h – 11h30	Recreio				
11h30 - 12h	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)
12h – 12h50	Matemática	Educação Física	Matemática	Língua Portuguesa	Estudo do Meio
13h - 14h30	Almoço				
14h30 - 15h20	Estudo do Meio	Língua Portuguesa	Formação Cívica	Expressão Plástica 14h30 – 15h45	Estudo Acompanhado
15h20 - 16h10	Área de Projecto	Inglês	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Arrumação de Trabalho
16h10 – 17h	Computadores	Estudo do Meio	Biblioteca	Música	Assembleia de Turma
17h	Lanche e Saída				

1.5.4. Rotinas

As rotinas realizadas pelo 2.º Ano, descritas em baixo, estão de acordo com as rotinas estabelecidas para o 1.º Ciclo do Jardim-Escola.

Zabalza (1998) reflete sobre a importância das rotinas, ao referir que estas “atuam como organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e

possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda, substituem a incerteza do futuro por um esquema fácil de assumir”. (p. 52)

Acolhimento

Este acontece no ginásio do Jardim-Escola até as 9h. Durante este período de tempo, as crianças que frequentam o 1.º Ciclo realizam alguns jogos e brincadeiras sob a orientação de um professor.

Hohmann e Weikart (1997) sustentam que “o tempo em grande grupo é importante porque dá às crianças um repertório de experiências comuns; constrói um sentido comunitário; encoraja a pertença ao grupo e a liderança”. (p. 409)

Higiene

As rotinas de higiene ocorrem antes e depois dos recreios e são sempre supervisionadas por um professor.

Recreio

O primeiro recreio ocorre entre as 11h e as 11h30 m. Neste período de tempo, as crianças fazem um pequeno lanche e brincam livremente.

Após o almoço, decorre o segundo recreio que pode ou não ser orientado pela professora.

Os autores Hohmann e Weikart (1997) defendem que:

(...) as brincadeiras de exterior levam a uma maior socialização, uma vez que os alunos se juntam para realizar o mesmo tipo de atividades, a uma representação criativa, a um desenvolvimento da linguagem e literacia, a uma iniciativa e a relações interpessoais, ao movimento, a música, a noção de espaço e de tempo. (p. 432)

1.5.5. Relatos diários

14 de março de 2011

Esta manhã teve início com a avaliação da leitura de números e a interpretação e análise de um pictograma, atividades inseridas na área curricular de Matemática.

Para concluir esta área, as crianças realizaram alguns exercícios sobre um pictograma dado pela professora.

Posteriormente, as crianças realizaram a cópia de um texto e um ditado.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização de ditados possibilita que o professor desenvolva nos seus alunos a ortografia e a caligrafia, a par da atenção e concentração.

Condemarín e Chadwick (1987) defendem que “o ditado favorece o aprendizado do vocabulário, proporciona uma prática ativa e estruturada na escrita de palavras em um contexto” (p. 184).

Este tipo de atividade é definido por Azevedo (2000), como uma atividade que envolve “uma atitude metalinguística, pois é necessário reestruturar de outra forma todo o saber linguístico até então adquirido. A transição da oralidade para a escrita não se faz de modo automático, nem o novo código se adquire de modo imediato” (p.42)

15 de março de 2011

A professora distribuiu uma proposta de trabalho de Língua Portuguesa que consistia em completar o poema “Alfabeto sem juízo” da autora Luísa Ducla Soares. De seguida, tendo o mesmo poema como modelo, os alunos criaram diferentes poemas.

Nesta data, os meninos receberam a visita da autora Maria Carolina Rosa. A autora leu alguns dos seus contos, respondeu às perguntas das crianças e, no final, autografou alguns livros.

Ao regressarem à sala, os alunos resolveram a prova de avaliação de situações problemáticas.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data, a professora optou por trabalhar o texto poético de uma forma que considere bastante positiva e estimulante. Começou por ler o poema “Alfabeto sem juízo” da autora Luísa Ducla Soares.

Franco (1999) refere que “é fundamental desenvolver iniciativas que confrontem as crianças com a linguagem poética, partindo (...) da relação sensorial com a realidade e do manuseio de textos que provoquem e alimentem a criatividade” (p. 70).

Após a leitura, desenvolveu uma atividade na qual os alunos tinham que criar poemas diferentes tendo com base o poema lido e não podendo alterar o início dos versos.

O mesmo autor defende que, por vezes, não é atribuída a estas atividades a devida importância e que é importante que o professor possa promover “a componente lúdica de que se podem investir certas atividades de prática da língua e de iniciação à poesia” (p. 61).

Para concluir esta atividade, alguns alunos tiveram a oportunidade de ler para a turma os poemas que tinham escrito. O autor referido anteriormente salienta a importância de alguns aspetos relacionados com esta exposição como, por exemplo:

O simples facto de tomarmos consciência da nossa voz – conhecer e apropriarmo-nos dos mecanismos que nos permitem modular os sons que produzimos e assumirmos o controlo dos seus efeitos nos que nos ouvem – e o podermos enfrentar a presença e atenção dos outros são elementos inestimáveis para o processo de descoberta do eu que influencia todo o desenvolvimento global da criança, fortalecendo de uma forma inequívoca a auto-estima, a confiança e a autonomia. (p. 70)

18 de março de 2011

A manhã teve início com a resolução de alguns trabalhos de Matemática que estavam em atraso.

Após o intervalo, os alunos assistiram a uma peça de teatro que tinha como tema a alimentação saudável e a amizade.

Já na sala, as crianças fizeram a leitura e interpretação de um texto e um ditado mudo.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data, saliento o facto de os alunos terem assistido a uma peça de teatro que realçou alguns conceitos importantes relacionados com a alimentação e a amizade.

O teatro na escola é definido por Sousa (2003), como um espetáculo que:

(...) no mesmo espaço de uma sala de teatro, com a sua plateia, palco e todo o seu equipamento – ou num espaço semelhante cedido pela escola, põe em cena (...) peças de teatro destinadas a proporcionar situações educacionais específicas aos diferentes escalões etários de um público infantil. (p. 82)

Ao transmitir a mensagem de uma forma lúdica esta é mais facilmente apreendida pelas crianças.

22 de março de 2011

A professora solicitou aos alunos que fizessem uma composição para a avaliação, primeiro no caderno de rascunho e só depois na folha da avaliação.

Ao regressarem do intervalo, as crianças resolveram alguns exercícios de Matemática e, de seguida, foram para a aula de ginástica. Durante este período de tempo, tivemos oportunidade de dialogar com a professora sobre as aulas que íamos lecionar.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero importante que os estagiários tenham oportunidade de dialogar com os professores titulares de turmas porque estes, como profissionais experientes, podem auxiliar-nos na preparação das nossas aulas e dar-nos mais segurança para a realização das mesmas.

Esta ideia é defendida por Neves (2007), que reflete sobre “a importância da cooperação entre todos os intervenientes diretos no exercício de supervisão, sendo necessário o permanente *feedback* dos supervisores para que o formando, integrado numa equipa de trabalho, vá descobrindo e desenvolvendo competências pessoais e profissionais” (p. 93).

25 de março de 2011

Os alunos realizaram avaliações de Estudo do Meio e de situações problemáticas. A professora começou por ler a prova de Estudo do Meio para que não existissem dúvidas durante a sua resolução.

Por sua vez, as situações problemáticas foram escritas no quadro e depois passadas para o papel e resolvidas.

Inferências/Fundamentação Teórica

A avaliação tem como objetivo “certificar as diversas aprendizagens e competências adquiridas pelo aluno” e “contribuir para melhorar a qualidade do sistema educativo, possibilitando a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento” (Despacho Normativo n.º 1/2005)

Os testes escritos são parte integrante da avaliação formativa. A avaliação formativa é definida, no mesmo despacho, como “a principal modalidade de avaliação do ensino básico”. Esta forma de avaliação permite que o professor obtenha “informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências” para que possa refletir e melhorar o seu método de trabalho.

28 de março de 2011

A minha colega de estágio Marisa iniciou a sua manhã de aulas com a área de Estudo do Meio. Nesta área, a minha colega apresentou um *powerpoint*, a partir do qual explicou quais os planetas que constituem o Sistema Solar e as características dos mesmos.

No intervalo de tempo dedicado à Língua Portuguesa, introduziu os conceitos de área vocabular e família de palavras.

Concluiu a sua manhã com a área de Matemática, na qual explicou a tabela de frequências, fazendo referência às regras de construção da mesma.

Inferências/Fundamentação Teórica

A área de Matemática foi aquela em que a minha colega teve uma melhor prestação. Durante este período de tempo solicitou a participação dos alunos para a construção de uma tabela de frequências e explicou as regras para a construção da mesma.

A realização deste tipo de tabela permite, de acordo com Ruas e Grosso (2004), que a análise de dados recolhidos “se faça de um modo mais eficiente” (p. 18).

A referida tabela foi elaborado com base em informações fornecidas pelas crianças da turma. Borràs (2001a, p. 334) considera importante que os alunos sejam incentivados a “recolher dados da realidade ou de fontes documentais para sua quantificação e classifica-

los e ordená-los” e que possam “realizar representações físicas e gráficas dos dados recolhidos e ordenados”.

Esta atividade foi do interesse das crianças porque o objeto de análise para a construção da tabela era a cor dos seus olhos.

1 de abril de 2011

Foi-me solicitado por uma das professoras orientadoras da Prática Pedagógica uma aula surpresa na área da Matemática com o material estruturado Cuisenaire. Esta teve como principal objetivo relembrar a representação e a leitura de números.

Inferências/Fundamentação Teórica

As aulas surpresa, parte integrante da disciplina de Prática Pedagógica, são seguidas de uma reunião realizada com os estagiários, as professoras titulares de turma e as professoras orientadoras da Prática Pedagógica.

As reuniões permitem que os alunos estagiários possam refletir sobre a sua prática e tomar conhecimento, após o diálogo com as supervisoras, de quais os aspetos em que se pode aperfeiçoar para se tornarem melhores docentes.

Tal como refere Zeichner (1993, p. 17):

(...) os formadores de professores têm a obrigação de ajudar os futuros professores a interiorizarem, durante a formação inicial, a disposição e a capacidade de estudarem a maneira como ensinam e de a melhorar com o tempo, responsabilizando-se pelo seu próprio desenvolvimento profissional.

É a partir desta reflexão que os futuros professores iniciam “o processo de compreensão e melhoria do seu ensino” (p. 17).

4 de abril de 2011

A minha colega de estágio Marisa lecionou nesta data a sua aula programada pela equipa da Prática Pedagógica. Iniciou com Língua Portuguesa, área na qual fez a leitura e interpretação do texto e explorou o grupo nominal e o grupo verbal.

Na área de Estudo do Meio, a partir de um planisfério incompleto, lembrou os diferentes continentes e oceanos que constituem o planeta Terra.

Concluiu com a área de Matemática, na qual trabalhou o conteúdo das frações com o material estruturado 5.º Dom de Froebel.

Inferências/Fundamentação Teórica

Para explorar o conteúdo de Matemática, as frações, a minha colega utilizou o 5.º Dom de Froebel.

Este material é composto por vinte e um cubos inteiros, três cubos partidos em dois meios e três cubos partidos em quatro meios. Devido à sua constituição, este material permite a exploração do conteúdo das frações de uma forma bastante acessível.

De acordo com Caldeira (2009, p. 302), “este material permite uma ampliação significativa dos conhecimentos das crianças sobre números racionais”.

Considero que este material poderia ter sido mais explorado pela minha colega, visto que o conteúdo da aula, frações, foi lecionado a partir de esquemas no quadro e não a partir do 5.º dom de Froebel, quando este permite trabalhar este conteúdo sem recurso a outros materiais.

5 de abril de 2011

Iniciei a aula com a área de Matemática, em que introduzi a noção de perímetro com o auxílio do material Geoplano. Comecei por explorar o material e explicar às crianças que o espaço existente entre dois “preguinhos” tinha a designação de unidade de comprimento. Solicitei às crianças que construíssem algumas figuras geométricas e que, com o auxílio de um fio de lã, medissem a linha fronteira da figura. De seguida, utilizaram uma régua para medir a lã, obtendo assim o perímetro da figura.

Na área seguinte, Língua Portuguesa, após a leitura e interpretação do texto “No museu dos comboios” relembrei algumas classes de palavras (determinantes, nomes e adjetivos) e, a partir de algumas frases, fiz a revisão dos grupos verbal e nominal.

Concluí a minha manhã de aulas com a área de Estudo do Meio, na qual solicitei aos alunos que a partir de letras móveis descobrissem qual o tema da aula: os meios de transporte. Dialoguei com as crianças sobre o tema e a partir dos seus conhecimentos e vivências preenchemos uma tabela com os diferentes meios de transporte, segundo o meio em que se deslocavam. Em simultâneo, solicitei a participação das crianças para que colocassem num cenário, previamente colocado no quadro, os diferentes meios de transporte nos meios em que estes se deslocavam.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Matemática utilizei, para introduzir o conceito de perímetro, o material estruturado Geoplano. Segundo Matos e Serrazina (1988, p. 14), este material possui como vantagens ser “um aparelho dinâmico, permitindo “desenhar” e “apagar” facilmente e possibilitando a aferição rápida de conjecturas” e possuir alguma mobilidade, o que permite “que os alunos se habituem a ver figuras em diversas posições”.

Comecei por dialogar com as crianças sobre alguns conceitos que considerei importantes para o conteúdo da aula e, de seguida, solicitei que construíssem algumas

figuras geométricas. Uma das figuras geométricas construídas foi o ponto de partida para a exploração do perímetro.

Este conteúdo foi trabalhado com recurso a um fio de lã e uma régua. Os alunos tinham como tarefa rodear a figura geométrica com o fio de lã e, de seguida, medir esse fio com a régua.

Devido ao facto de os alunos estarem com alguma dificuldade em medir o perímetro com o auxílio da lã, solicitei a colaboração de um aluno, que já tinha concluído a tarefa, para explicar aos colegas de que maneira tinha obtido o perímetro.

Alsina (2004, citada por Caldeira, 2009, p.411), menciona que é “importante fomentar a expressão oral e/ou gráfica acerca das acções realizadas pelas crianças e sobre as relações descobertas”. Desta forma, a restante turma compreendeu o que era pedido e realizou a tarefa na perfeição, não tendo dificuldade em realizar exercícios semelhantes, solicitados posteriormente.

8 de abril de 2011

Esta manhã foi da responsabilidade da minha colega de estágio Carolina. A minha colega iniciou a sua aula com uma simulação na qual os meninos eram cientistas da NASA. Na área de Língua Portuguesa, realizou a leitura e interpretação do texto e introduziu o conteúdo dos pronomes pessoais.

Na área de Matemática, introduziu o conceito de área através de um exercício no qual os alunos tinham que preencher um retângulo com quadrados de 1cm^2 .

A minha colega concluiu a sua manhã com a área de Estudo do Meio, na qual relembrou, a partir de um modelo, os movimentos de translação e de rotação.

Inferências/Fundamentação Teórica

Para introduzir o conceito de área, a minha colega de estágio Carolina utilizou um material elaborado por si que consistia em pequenos quadrados que foram utilizados para cobrir uma dada área (porta da nave espacial).

Considero que este material não tenha sido a escolha mais adequada visto se tratarem de quadrados demasiado pequenos que não se fixavam na área a cobrir. Por este motivo, os alunos demoraram bastante tempo para realizar esta tarefa, estando apenas a cobrir a área pretendida e não a adquirir a noção de área.

O material manipulativo, segundo Caldeira (2009, p. 15), “constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem.”. O seu uso tem como princípio básico “manipular objetos e “extrair” princípios matemáticos.

Por este motivo, é importante que como estagiários tenhamos consciência se os materiais que construímos vão ou não possibilitar a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos.

11, 12 e 15 de abril de 2011

Durante este período de tempo, devido às férias da Páscoa, as crianças não tiveram aulas, pelo que o tempo foi ocupado com várias atividades programadas e organizadas pelos estagiários.

Estas atividades englobaram jogos, *karaoke* e uma peça de teatro. Era da responsabilidade dos estagiários acompanhar os grupos de crianças nas diversas atividades.

Inferências/Fundamentação teórica

Estes foram dias de brincadeira para as crianças do Jardim-Escola. A preparação das mesmas e a elaboração dos materiais necessários requereu a colaboração de todos os estagiários

Spodek e Saracho (1998, p. 225) referem que “os professores quando planeiam uma brincadeira devem providenciar os recursos necessários” e “procurar meios de estimular o interesse e a imaginação das crianças” (p. 226).

O sucesso dos jogos e brincadeiras foi visível no entusiasmo e alegria das crianças ao participarem nos mesmos.

Jensen (2002) reforça esta ideia ao referir que “a maior parte das crianças aprecia os jogos de recreio” (p. 133).

2 de maio de 2011

No período de tempo destinado à área de Língua Portuguesa, os alunos realizaram uma composição.

Ao regressarem do intervalo, a professora escolheu o material Calculadores Multibásicos, para fazer alguns exercícios de leitura de números.

Inferências/ Fundamentação Teórica

Na área de Língua Portuguesa, a professora solicitou aos alunos a realização de uma composição.

Esta atividade é definida por Condemarín e Chadwick (1987) como um “processo de estruturar as palavras de acordo com um plano organizado, a fim de elaborar uma mensagem efetiva e geralmente gramatical, ou um trabalho artístico, quer seja oral ou escrito” (p. 209).

Para a realização da composição, a professora permitiu que os alunos escolhessem qual o tema da sua preferência de entre alguns temas escolhidos pela mesma. Deste modo a professora permitiu que os alunos fossem autónomos na escolha do tema e realização do trabalho.

Estanqueiro (2010) defende que “um dos objectivos essenciais da educação é promover a autonomia dos alunos no processo de aprendizagem” (p. 17).

3 de maio de 2011

A professora abordou pela primeira vez o infinitivo pessoal dos verbos.

Na área de Matemática, os alunos resolveram exercícios nos quais tinham que comparar números, utilizando os sinais de maior, menor e igual.

Posteriormente tiveram aula de ginástica.

Inferências/Fundamentação Teórica

A Educação Física (Expressão Físico-Motora) é parte constituinte do currículo para o 1.º ciclo do Ensino Básico e, por isso, está contemplada no horário desta turma.

Rabinovich (2007) salienta a importância desta prática ao referir que:

A Educação Física ocupa lugar importante entre as diferentes actividades inovadoras propostas às crianças da Educação Infantil, pois, actualmente, tais práticas possibilitam o desenvolvimento da cultura corporal, oferecendo oportunidades variadas, tais como: autonomia, segurança, domínio corporal e respeito às singularidades de cada criança. (p.27)

6 de maio de 2011

A minha colega de estágio Carolina começou a sua aula com um texto a partir do qual trabalhou o grupo móvel, fazendo referência às suas características.

Seguiu-se a área de Estudo do Meio, na qual foi abordada a classe das aves. A minha colega lembrou as características dos animais pertencentes a esta classe (bicos, penas e etc.), o seu habitat e o seu modo de reprodução. Concluiu esta área com uma experiência que tinha o objetivo de demonstrar as propriedades das cascas dos ovos.

Na área de Matemática, explicou a diferença entre circunferência e círculo e lembrou os conceitos de raio e diâmetro.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização de experiências permite estimular nas crianças o gosto por esta área de conhecimento e promover a aquisição de conhecimentos de uma forma interativa e lúdica.

A importância do envolvimento das crianças desta faixa etária em actividades deste tipo é salientada por Sá *et al.* (1996, citados por Martins *et al.*, 2007) ao referirem que:

(...) desde muito cedo, as crianças devem ser envolvidas em actividades práticas, laboratoriais e experimentais” para que possam “evoluir de um conhecimento manipulativo e meramente sensorial para o estabelecimento de relações de tipo causal e até para uma interpretação de tais relações. (p. 24)

Também Borràs (2001a) defende que é através da manipulação que se estrutura a aprendizagem, ou seja, que “para aprender é preciso tocar e experimentar, e só o podemos fazer com os elementos que estão ao nosso alcance” (p. 397).

A experiência que a minha colega realizou necessitava de materiais bastante acessíveis como ovos e vinagre, o que possibilitou que todas as crianças tivessem a oportunidade de a concretizar.

9 de maio de 2011

A minha colega Marisa começou a sua aula com a leitura de um texto sobre uma visita ao Jardim Zoológico. De seguida, solicitou a participação dos alunos para a interpretação do mesmo e abordou os constituintes da frase: sujeito e predicado.

Seguiu-se a área de Matemática, durante a qual utilizou o material estruturado Cuisenaire para concretizar o itinerário de uma menina até ao Jardim Zoológico.

Concluiu a sua aula com a área de Estudo do Meio, na qual simulou uma visita de estudo ao Jardim Zoológico, abordando as características de alguns animais aí existentes.

Inferências/Fundamentação Teórica

A leitura constitui uma prática diária para este ano de escolaridade e permite que os alunos desenvolvam e aperfeiçoem com mais eficácia esta capacidade.

Lopes (2006, p. 66) defende que “a leitura contribui para o enriquecimento do vocabulário e para a consolidação daquilo que já foi aprendido, reforçando (...) competências” e desenvolvendo o gosto pela leitura.

Nesta data, como a aula era da responsabilidade da minha colega de estágio Marisa, esta optou por fazer a leitura modelo do texto e só depois solicitou a leitura por parte das crianças.

Esta atitude é defendida por Borràs (2001a) que refere que “é aconselhável que (...) o docente leia primeiro o texto” dado que “o exemplo de uma boa leitura por parte do professor oferecerá estratégias claras a seguir pelo aluno (entoação, ritmo, ênfase e outras)” (p. 366).

A leitura é normalmente seguida de uma interpretação do texto, que permite que o professor perceba se os alunos conseguiram ou não perceber o texto.

10 de maio de 2011

Os alunos realizaram a avaliação sobre situações problemáticas.

Ao regressarem do intervalo, realizaram alguns exercícios de Matemática e depois tiveram aula de ginástica.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização de avaliações permite obter conclusões acerca do nível de conhecimento dos alunos sobre determinado conteúdo. O conteúdo avaliado nesta data foram as situações problemáticas.

Para Palhares *et al.* (2004, citados por Caldeira, 2009, p.106), os problemas são definidos como “uma situação para a qual não se dispõe, à partida de um procedimento que nos permita determinar a solução”. A mesma autora defende que a resolução de problemas é tida como um “conjunto de acções tomadas para resolver essa situação”.

As autoras Moreira e Oliveira (2003) consideram a resolução de problemas, “um meio de construção de conhecimento e, por isso, não deve ser entendida como mais um tópico a explorar, mas como um processo presente nas experiências a desenvolver com as crianças” (p. 62).

13 de maio de 2011

Iniciei a aula com a área de Estudo do Meio, em que expliquei o conceito de habitação. Referi que as habitações possuíam diferentes características consoante a zona do país onde se situavam, mostrei alguns exemplos de habitações típicas (Minho, Alentejo, Algarve e Madeira) e referi as vantagens de cada uma, de acordo com o local onde são edificadas.

Na área de Matemática, dividi os alunos em grupos e distribui a planta de uma casa a cada um. Os grupos tinham como função calcular as áreas das diferentes divisões e também de uma piscina, que depois tinham que colar no terreno da casa.

Conclui a aula com a área de Língua Portuguesa. Nesta área solicitei aos alunos que realizassem a leitura de um texto dramático, a partir do qual expliquei as características deste tipo de texto.

Após a explicação, os alunos fizeram a dramatização do texto utilizando adereços relacionados com o mesmo.

Inferências/Fundamentação Teórica

O conteúdo que explorei na área de Língua Portuguesa foi o texto dramático. As características deste tipo de texto foram transmitidas através de um esquema em *powerpoint*, para que fossem mais perceptíveis.

Estanqueiro (2010) defende que “uma exposição eficaz implica, entre outras condições, organização dos conteúdos, clareza de linguagem e recursos multimédia adequados” (p. 34).

Em simultâneo, dialoguei com os alunos sobre este conteúdo para ter uma melhor perceção dos conhecimentos dos mesmos. O autor (2010, p. 33) anteriormente referido considera que “o diálogo é considerado como a melhor estratégia de comunicação na sala de aula” e deve ser iniciado por uma exposição breve, dado que “quanto tempo menos o professor falar para os alunos, mais tempo lhe resta para falar com os alunos”.

A área de Língua Portuguesa foi concluída com uma pequena dramatização, realizada com a participação dos alunos. Com a realização desta atividade, os alunos demonstraram-se bastante motivados e alegres. Tal como o Ministério da Educação refere nas Metas de Aprendizagem, os alunos desta faixa etária devem ter oportunidade de explorar “as possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades”, “as possibilidades expressivas da voz” e participar “em práticas de jogo dramático, improvisação e representação”.

1.6. 6.ª Secção

Esta secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 16 de maio de 2011 a 5 de junho de 2011. O estágio foi realizado na sala do 1.º Ano B, com a Professora Cooperante Marta Gomes.

1.6.1. Caraterização da turma

A turma do 1.º Ano B do Jardim-escola João de Deus – Olivais é composta por vinte e sete crianças, onze do sexo feminino e dezasseis do sexo masculino. Todas as crianças têm seis anos de idade até ao dia 31 de dezembro de 2010.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.6.2. Caraterização do espaço

A sala do 1.º Ano B possui duas portas, uma de acesso ao exterior e outra de acesso ao salão do Jardim-Escola. As janelas são de grandes dimensões, o que confere muita luminosidade à sala.

As mesas existentes na sala estão dispostas em quatro filas e agrupadas em pares. Na parede para a qual as mesas estão viradas existem dois quadros de ardósia, entre os quais estão expostas as letras do alfabeto manuscrito.

Nas paredes são visíveis placares onde são afixados os trabalhos realizados pelos alunos.



Figura 6 – Sala do 1.º Ano B

1.6.3. Horário

Quadro 6 – Horário do 1.º Ano B

	<i>Segunda-feira</i>	<i>Terça-feira</i>	<i>Quarta-feira</i>	<i>Quinta-feira</i>	<i>Sexta-feira</i>
9h - 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h – 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h – 11h30	Recreio				
11h30 - 12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h – 12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Música	Educação Física
13h - 14h30	Almoço				
14h30 - 15h20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Área de Projecto	Computadores	Inglês
15h20 - 16h10	Estudo Acompanhado	Biblioteca	Formação Cívica	Expressão Plástica	Estudo do Meio
16h10 – 17h	Jogos de Matemática	Estudo Acompanhado	Estudo do Meio		Assembleia de Turma
17h	Lanche e Saida				

1.6.4. Rotinas

As rotinas realizadas pelo 1.º Ano estão de acordo com as rotinas estabelecidas para o 1.º Ciclo do Jardim-Escola.

1.6.5. Relatos diários

17 de maio de 2011

A manhã começou com a leitura, por parte das crianças, de alguns textos do livro de Língua Portuguesa. De seguida, a professora titular distribuiu uma proposta de trabalho, que consistia em construir frases simples e transformá-las em frases complexas.

Ao regressarem do intervalo, a professora leu a avaliação que tinha feito das cópias realizadas no dia anterior.

Posteriormente, os alunos realizaram algumas situações problemáticas explicadas pelas minhas colegas de estágio e por mim.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data, a professora leu a avaliação das cópias que os alunos tinham realizado no dia anterior. Considerei importante o facto de a docente dar os parabéns e elogiar os seus alunos, mesmo os que tinham tido alguns erros. Neste último caso, a professora reforçou que sabia que os seus alunos possuíam capacidade para corrigir os seus erros.

Agindo desta forma, a professora reforçou positivamente os seus alunos, motivando-os para atividades futuras.

Os autores Canavarro, Pereira e Pascoal (2001, p. 44) defendem que estes reforços promovem e consolidam o bom comportamento e “aumentam as probabilidades deste se manifestar novamente”.

Os mesmos autores referem que:

(...) o educador não deve partir do pressuposto que a criança tem o dever de se comportar bem e por isso não deve ser recompensada pelo seu bom desempenho. Os comportamentos adequados devem ser reforçados. O esforço é um instrumento fundamental da educação. (p. 44)

20 de maio de 2011

Nesta data, as crianças do 1.º A realizaram uma visita de estudo ao Mosteiro dos Jerónimos e à Torre de Belém. Em ambos os monumentos, a visita foi finalizada com histórias relacionadas com os descobrimentos.

Inferências/Fundamentação Teórica

As visitas de estudo são sempre um fator de alegria e entusiasmo por parte das crianças. A realização deste tipo de atividades permite aliar o ensino com o lúdico, porque promovem o processo de aprendizagem de uma forma não rotineira.

A importância destas saídas é salientada por Leal (2010), ao referir que:

(...) as saídas de estudo mostram (...) a utilidade do saber científico através de uma aprendizagem significativa. Torna-se tudo mais natural e fácil para os alunos quando algo lhes diz alguma coisa. Dando o conhecimento (...) através do exemplo do quotidiano torna a aprendizagem mais próxima e acessível” (p. 19).

Durante o decorrer desta visita os alunos demonstraram-se bastante atentos às explicações das guias e, por vezes, partilharam alguns dos seus conhecimentos sobre os monumentos visitados.

24 de maio de 2011

Iniciei a manhã com a área de Língua Portuguesa, em que solicitei aos alunos que lessem um texto. A partir do mesmo, realizei algumas perguntas de interpretação e relembrei o conceito de sílaba tónica.

De seguida, expliquei que, consoante a posição da sílaba tónica, as palavras podem ser classificadas como esdrúxulas, graves e agudas. Para concluir esta área solicitei às crianças que agrupassem, no quadro, algumas palavras de acordo com a posição da sílaba tónica.

Na área de Estudo do Meio, apresentei as várias etapas do ciclo da água fazendo referência aos seguintes fenómenos: evaporação, condensação, precipitação e infiltração. Referi também que a água se pode apresentar nos estados líquido, gasoso e sólido.

Para concluir a manhã, já na área de Matemática, utilizei o material estruturado Calculadores Multibásicos, para trabalhar a leitura de números.

Inferências/Fundamentação Teórica

O ciclo da água é um conteúdo abordado nos diferentes anos de escolaridade, embora com diferentes graus de complexidade. Para a abordagem deste conteúdo optei por envolver os alunos na atividade. Esta consistia em construir o ciclo da água, quer no quadro quer na mesa, com recurso a diversos materiais, em simultâneo à explicação.

O facto de ter abordado o tema, já familiar, de uma forma diferente e de ter envolvido os alunos nesta tarefa teve como consequência o aumento da atenção e a obtenção de um papel ativo, por parte dos alunos, o processo de aprendizagem.

Tal como o Ministério da Educação (2004) refere, “as aprendizagens diversificadas apontam para a vantagem, largamente conhecida, da utilização de recursos variados que permitam uma pluralidade de enfoques dos conteúdos abordados” (p. 23).

27 de maio de 2011

A professora iniciou a manhã com a leitura do texto “O coelho orelhudo”, após a qual solicitou às crianças que o lessem em voz alta e respondessem a algumas questões acerca do mesmo. De seguida, realizaram a cópia do referido texto e um ditado.

Foi solicitado, por uma das orientadoras de estágio, uma aula surpresa à minha colega Marisa. Esta aula, inserida na área de Matemática, teve como objetivo rever a leitura e representação de números com o material estruturado Calculadores Multibásicos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Língua Portuguesa, a professora optou por trabalhar o mesmo texto de diferentes formas. Primeiro solicitou aos alunos que realizassem a cópia do texto lido.

As autoras Condemarín e Chadwick (1987, p. 182) conferem importância à realização da cópia porque esta permite à criança conhecer as “características específicas da linguagem escrita”, “praticar as destrezas caligráficas” e “favorece a familiaridade da criança com diversas modalidades de estruturação das palavras nas frases e orações”.

De seguida, a docente realizou o ditado de uma parte do texto.

As autoras mencionadas em cima citam Gipe (1980) que considera que, em relação à cópia, o ditado “apresenta um maior nível de dificuldade para o aluno, devido a que este carece de representação gráfica do conteúdo: só tem sua representação auditivo-verbal”. (p.165)

Saliento o facto de a professora ter pedido em primeiro lugar a realização da cópia e só depois o ditado. Esta ordem de acontecimentos permitiu que o texto (oral e escrito) fosse do conhecimento dos alunos, o que permitiu que estes dessem menos erros.

A realização deste tipo de atividades permite que os alunos desenvolvam a caligrafia e a ortografia.

30 de maio de 2011

A minha colega de estágio Carolina lecionou nesta data a aula programada pela equipa da Prática Pedagógica. Começou por solicitar às crianças que lessem um texto que tinha como tema o coelho, posteriormente fez a leitura do mesmo e realizou algumas perguntas de interpretação.

Na área de Matemática, as crianças tinham que resolver situações problemáticas para conseguirem fazer corresponder cada peça do tangram ao espaço correspondente, de modo a construir a imagem de um coelho.

Concluiu com a área de Estudo do Meio, na qual fez uma “magia” para transformar a imagem do coelho, feita com o tangram, num coelho real. Ao mesmo tempo que foi percorrendo a sala para mostrar o coelho, referiu as características deste animal.

Inferências/Fundamentação Teórica

O material utilizado pela minha colega de estágio foi o tangram, este é composto por cinco triângulos, um quadrado e um paralelogramo

Santos (2008, citado por Caldeira, 2009) reflete sobre este material ao referir que o tangram:

(...) possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio. Cada vez mais presente nas aulas de matemática, as formas geométricas que o compõem, permitem que os professores vejam neste material a possibilidade de inúmeras explorações. (p. 391)

A Carolina utilizou o referido material para a construção da figura do coelho. Para além desta construção, este material é utilizado para a construção de diversas formas, tais como “figuras geométricas, animais, objectos e figuras abstractas” (Caldeira, 2009, p. 398)

31 de maio de 2011

A minha colega de estágio Marisa começou a manhã de aulas com a área de Língua Portuguesa. Distribuiu um texto sobre os movimentos do planeta Terra, solicitou às crianças que lessem o mesmo e realizou algumas perguntas de interpretação. O conteúdo explorado foi a família de palavras,

Na área de Matemática, a minha colega introduziu o conceito de hora e solicitou a algumas das crianças que fossem representar determinadas horas num relógio desenhado numa tela. Concluiu esta área com uma proposta de trabalho.

Na última área, Estudo do Meio, a Marisa lembrou os movimentos de rotação e de translação do nosso planeta. Para uma melhor compreensão dos alunos, utilizou uma maquete que representava estes movimentos.

Inferências/Fundamentação Teórica

O conteúdo explorado pela minha colega de estágio foi os movimentos do planeta Terra. Este conteúdo já era do conhecimento das crianças e, por esse motivo, já possuíam alguns conhecimentos sobre o mesmo.

É importante que o professor tenha em consideração os conhecimentos já adquiridos pelos seus alunos. Borràs (2001a) defende que “as crianças chegam à escola com um determinado nível de conhecimentos, adquiridos através da própria experiência (...) o meio social não lhes é desconhecido, apenas é necessário que lhes abramos novas fronteiras” (p. 395).

Durante a aula foi visível o interesse das crianças pelo tema, dado que apresentaram diversas questões.

Esta área foi concluída com uma pequena dramatização, na qual, três alunos representaram o planeta Terra, o Sol e a Lua.

O Ministério da Educação (2004), no documento da Organização Curricular e Programas, menciona que “a variedade e a riqueza de sugestões, a nível do imaginário, devem ser características das situações propostas para explorar as possibilidades expressivas do corpo” (p. 77).

3 de junho de 2011

A manhã começou com a habitual leitura individual de textos. Em seguida, realizaram uma proposta de trabalho em Língua Portuguesa, com o intuito de trabalhar os seguintes conteúdos: sinónimos e antónimos, tipos de frase, classe dos nomes e classificação quanto à sílaba tónica.

Ao regressarem do intervalo, a professora realizou revisões para a prova de avaliação que se iria realizar.

Posteriormente, os alunos dirigiram-se para a aula de ginástica.

Inferências/Fundamentação Teórica

Devido à realização de uma prova de avaliação no dia seguinte, a professora decidiu aproveitar para fazer a revisão dos conteúdos que seriam avaliados.

Esta prática foi de extrema importância porque permitiu que os alunos vissem esclarecidas as suas dúvidas, o que lhes conferiu mais segurança para a realização da mesma.

Ferreira e Santos (1994) defendem que a realização de revisões é “de extrema importância para a retenção de conteúdos adquiridos”.

Dado que estes alunos se encontram no 1.º ano de escolaridade, a realização de provas de avaliação é uma prática recente que pode dar origem a sentimentos de nervosismo e ansiedade. Por este motivo, considerei uma boa opção a professora ter feito a referida revisão.

6 de junho de 2011

As crianças realizaram a prova de avaliação de Língua Portuguesa

A minha colega de estágio Carolina iniciou a manhã de aulas com a área de Língua Portuguesa. Solicitou às crianças que lessem um texto criado por si chamado “O cravo Arco-íris” e fez a revisão de alguns conteúdos já lecionados pela professora titular da turma.

No período dedicado à área de Matemática, a estagiária Carolina pediu a participação dos alunos para a resolução de algumas situações problemáticas. Primeiro, com a utilização do material estruturado Calculadores Multibásicos e depois através de uma proposta de trabalho.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Matemática, a minha colega de estágio Carolina solicitou que os alunos realizassem algumas situações problemáticas com o material estruturado Calculadores Multibásicos.

Caldeira (2009) defende que “as crianças necessitam de uma grande quantidade de experiências informais com situações problemáticas e com a linguagem, antes do ensino explícito e do trabalho com símbolos, no domínio das operações” (p. 85).

Também Fonseca *et al.* (2008) sustentam esta ideia ao referir que “o educador/professor tem de lhes apresentar muitas situações problemáticas, não lhes dar resposta de imediato e deixá-los encontrar o caminho da resposta” (p. 66).

O material estruturado utilizado facilita a compreensão das operações necessárias para a resolução das situações problemáticas porque permite a concretização das mesmas de uma forma observável.

7 de junho de 2011

A minha aula assistida e programada pelas professoras orientadoras da Prática Pedagógica teve início com a leitura, por parte dos alunos, de um texto denominado “A reunião dos animais”. De seguida, fiz a leitura modelo do texto e realizei algumas perguntas de interpretação do mesmo.

Para que as crianças descobrissem qual o tema da área de Estudo do Meio distribuí um *puzzle* a cada um. Utilizei um *powerpoint* para explorar as principais características da rã e as diferentes fases de crescimento. Em simultâneo, mostrei exemplares deste animal nas diferentes fases de crescimento.

Conclui a minha aula com a área de Matemática, na qual distribui o material Cuisenaire, para que os alunos construíssem um itinerário da rã até aos restantes animais, ao mesmo tempo que este era construído no quadro.

Inferências/Fundamentação Teórica

A aula lecionada nesta data foi uma das aulas que mais me agradou lecionar, talvez pelo facto de eu me encontrar bastante motivada e ansiosa para a mesma.

Iniciei-a com a leitura do texto que tinha selecionado e solicitei a algumas crianças que o lessem em voz alta. A leitura, tal como defende Lopes (2006) “contribui (...) para o enriquecimento do vocabulário e para a consolidação daquilo que já foi aprendido” (p. 66)

A passagem desta área para a seguinte, Estudo do Meio, foi feita de uma forma subtil. Comecei por explicar que iríamos falar sobre um dos animais presente no texto e que, para descobrir qual seria, teriam que construir um puzzle que revelaria o animal em questão. Desta forma, pretendi que os alunos estivessem concentrados e empenhados na tarefa de revelar o animal, despoletando a sua motivação para a área seguinte.

De acordo com Custódio (2003, p. 1), “se conseguirmos criar (...) um ambiente propício ao «acto de adivinhar», o divertimento e a boa disposição reinarão de maus dadas com a atenção, a concentração e a memorização”.

Na área de Estudo do Meio, explorei a classe dos anfíbios partindo do exemplo da rã. O tema foi abordado a partir de um diálogo com os alunos, no qual recorri aos seus conhecimentos sobre o assunto. Em simultâneo, permiti que os alunos observassem alguns exemplares deste animal nas suas diferentes fases de desenvolvimento.

Esta demonstração foi do agrado das crianças que, bastantes curiosas e atentas, observaram nestes animais as características que eu tinha referido anteriormente.

A área de Matemática foi também relacionada com a rã, dado que os alunos, com base nas minhas indicações tinham que construir um itinerário que a levasse aos outros animais.

O material utilizado para a elaboração do itinerário foi o Cuisenaire que, de acordo com Caldeira (2009), “foi concebido principalmente como instrumento de investigação e descoberta nas mãos dos alunos” (p. 127).

De acordo com Moreira e Oliveira (2003, citados por Caldeira, 2009, p.173), a descoberta de caminhos permite que as crianças desenvolvam a sua visualização espacial.

14 de junho de 2011

Este foi o dia escolhido para uma aula dos estagiários do 2.º ano. A estagiária Carla começou a aula, inserida na área de Estudo do Meio, com o visionamento de um filme a partir do qual abordou o conteúdo dos vulcões, fazendo referência aos constituintes do vulcão, tipos de lava e de erupção. Concluiu a sua aula com uma atividade experimental, que consistiu em simular uma erupção.

O estagiário Mário lecionou uma aula explorando o tema: os sismos. Começou por mostrar um vídeo que ilustrava um maremoto e introduziu as noções de maremoto e terramoto, fazendo referência aos termos hipocentro e epicentro. O estagiário realizou um simulacro, tendo referido anteriormente os cuidados a ter antes, durante e depois de um sismo.

Inferências/Fundamentação Teórica

Esta foi uma manhã ocupada na totalidade por aulas de estagiários. A realização destas aulas permite que, como futuros docentes, os estagiários tenham noção do que implica preparar e lecionar uma aula tendo em conta todos os fatores externos como o comportamento dos alunos e o interesse pelos conteúdos abordados.

Estas aulas estão inseridas no âmbito da disciplina de Prática Pedagógica. Esta é definida por Peterson (2003), como “uma actividade planificada, sistematizada, faseada e consciente que o aluno realiza sob a orientação do professor formador com vista à «aquisição de hábitos, habilidades e competências» conducentes ao exercício docente” (p. 67).

17 de junho de 2011

As crianças realizaram trabalhos de Expressão Plástica que tinham como objetivo esculpir uma barra de sabão azul e branco. Em simultâneo, eu e as minhas colegas de estágio auxiliámos a professora da sala a pintar os cenários para uma exposição a realizar no Jardim-Escola.

Inferências/Fundamentação Teórica

A Expressão Plástica é parte integrante do currículo elaborado pelo Ministério da Educação para o 1.º ciclo do Ensino Básico.

Segundo o Ministério da Educação (2004), “a manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade” (p. 89).

A atividade de Expressão Plástica consistiu em moldar e esculpir uma barra de sabão. As atividades de modelagem devem ser praticadas com frequência dado que, de acordo com o mesmo documento, “o prazer de ir dominando a plasticidade e a resistência dos materiais leva, progressivamente, os alunos a utilizá-los de forma pessoal, envolvendo-se numa actividade criadora” (p. 90).

Após a elaboração destes trabalhos, pude constatar que ficaram bastante originais, sendo todos expostos na sala de aula.

20 de junho de 2011

Comecei a aula a explicar às crianças que, neste dia, iam ser astronautas em treino e como tal iriam ter um “computador” (cartolina dobrada ao meio com uma mica colada) para trabalhar.

Na área de Língua Portuguesa, pedi a alguns alunos que fizessem a leitura de um texto e realizei algumas perguntas de interpretação do mesmo. Algumas das palavras do texto estavam a negrito e foi a partir das mesmas que expliquei a classe dos determinantes.

Seguiu-se a área de Estudo do Meio, na qual simulei uma viagem à Estação Espacial Internacional. A partir de uma apresentação de powerpoint mostrei algumas imagens desta estação às crianças e dialoguei sobre as principais características desta estação e quais as principais funções de um astronauta.

Concluí com a área de Matemática, na qual tinha que abordar as características de alguns sólidos geométricos (esfera, cone e cilindro). De modo a relacionar esta área com as restantes, expliquei que os sólidos eram objetos não identificados, que tinham sido encontrados no espaço, e os alunos, como astronautas, tinham que preencher um “relatório de investigação” no qual tinham que referir o nome e as características de cada sólido.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero que o conteúdo que explorei na área de Língua Portuguesa não foi feito da maneira mais correta. No decorrer da explicação tive perceção de que os alunos não estavam a compreender o conteúdo lecionado.

Em diálogo com a professora titular de turma percebi que poderia ter preparado os materiais para esta área de uma forma diferente e mais perceptível.

Cunha (2008, p. 81) considera importante que o professor ajude o estagiário a “extrair significado da sua experiência prática”

Quer os aspetos mencionados pelo professor sejam positivos ou negativos, a sua intenção é sempre que o aluno estagiário melhore a sua prestação em aulas futuras.

21 de junho de 2011

A estagiária Carolina iniciou a manhã de aulas com a área de Língua Portuguesa, na qual realizou uma composição coletiva, relacionada com o verão, a partir de três imagens exibidas numa apresentação de powerpoint.

Seguidamente realizaram uma experiência que consistia em desvendar, com anilina azul, uma mensagem escrita com uma vela.

A minha colega concluiu a sua aula com a área de Matemática, durante a qual solicitou aos alunos que realizassem algumas situações problemáticas inseridas numa história contada pela mesma.

Inferências/Fundamentação Teórica

A atividade realizada na área de Língua Portuguesa foi uma composição colectiva. Esta foi elaborada a partir de imagens visíveis numa apresentação de PowerPoint.

Esta atividade permitiu que os alunos expressassem livremente diversas ideias e opiniões com os colegas. De acordo com Fonseca (1992, citada por Azevedo, 2000), “antes de se chegar ao texto livre, é preciso criar condições para que se manifeste a necessidade de expressão pessoal” (p. 87).

A mesma autora (1992) defende que “antes da escrita individual deve vir a escrita colectiva, a reescrita, a escrita com motivações funcionais específicas, com um destinatário, com um objetivo e «a escrita com meio de aprendizagem, assumida por alunos e professor, como exercício, como treino, como simulação” (p. 87).

28 de junho de 2011

Nesta data, realizei com as crianças uma pequena atividade. Comecei por ler a história *O nabo gigante* a partir da qual fiz um ditado gráfico, corrigido no quadro com o auxílio dos alunos.

O tempo restante foi utilizado para ajudar a professora titular de turma a organizar alguns dossiês.

Inferências/Fundamentação Teórica

A história *O nabo gigante* é um conto tradicional russo recolhido por Alexis Tolstoi. Neste livro, é visível a abundância de ilustrações, que segundo Diogo (1994),

“possui um papel crucial, representando, num plano inicial, um importante factor de selecção e de definição do (des)gosto em face de uma obra, ou até de (des)motivação para a sua leitura” (p. 42).

Partindo da história, dei diversas indicações para que os alunos realizassem um ditado gráfico. Este consiste em desenhar alguns elementos na quantidade pedida e no local indicado. Esta atividade permite trabalhar a orientação espacial e também a noção de quantidade.

1, 4 e 8 de julho de 2011

Devido à aproximação do final do ano letivo, estes dias foram utilizados para que as crianças fizessem alguns jogos e pudessem brincar.

Inferências/Fundamentação Teórica

A brincadeira é uma atividade natural das crianças, que permite desenvolver diversas capacidades e destrezas.

De acordo com Cordeiro (2010):

(...) nos momentos de brincadeira livre, a criança (...) tem a oportunidade de escolher a atividade que mais lhe agrada. Estas tomadas de decisão vão fomentar a autonomia e uma crescente autoestima. A brincadeira livre é uma atividade rica e reveladora do empenho da criança, em construir a sua personalidade. (p. 376)

1.7. 7.ª Secção

Esta secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 27 de setembro de 2011 a 18 de novembro de 2011. O estágio foi realizado na sala do 2.º Ano A, com a Professora Cooperante Marta Gomes.

1.7.1. Caracterização da turma

A turma do 2.º Ano A do Jardim-escola João de Deus – Olivais é composta por vinte e nove crianças, doze do sexo feminino e dezassete do sexo masculino.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens. É um grupo muito agitado e alguns alunos revelam grandes dificuldades ao nível da concentração.

1.7.2. Caracterização do espaço

A sala destinada a esta turma possui duas portas, uma que dá acesso à biblioteca e outra que dá acesso ao exterior. As janelas são de grandes dimensões o que torna a sala bastante luminosa.

As mesas estão colocadas a pares e formam três filas. Estas estão direcionadas para um quadro de ardósia. Nas paredes são visíveis alguns quadros os esquemas alusivos a conteúdos temáticos já abordados.

Numa das paredes estão colocados dois placares onde são colocados os trabalhos realizados pelos alunos.



Figura 7 – Sala de aula do 2.º Ano A

1.7.3. Horário

Quadro 7 – Horário do 2.º Ano A

	<i>Segunda-feira</i>	<i>Terça-feira</i>	<i>Quarta-feira</i>	<i>Quinta-feira</i>	<i>Sexta-feira</i>
9h - 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa
10h – 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h – 11h30	Recreio				
11h30 - 12h	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)
12h – 12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Educação Física	Música	Estudo do Meio
13h - 14h30	Almoço				
14h30 - 15h20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Música	Estudo do Meio	Estudo do Meio
15h20 - 16h10	Educação Física	Experiências	Expressão Plástica 15h45 – 17h	Inglês 15h30 – 16h30	Estudo Acompanhado
16h10 – 17h	Formação Cívica	Biblioteca: No âmbito de Língua Portuguesa		Área Projeto	Assembleia de Turma
17h	Lanche e Saída				

1.7.4. Rotinas

As rotinas realizadas pelo 2.º Ano estão de acordo com as rotinas estabelecidas para o 1.º Ciclo do Jardim-Escola.

1.7.5. Relatos diários

27 de setembro de 2011

No início da manhã, a professora trabalhou a divisão através de um jogo e solicitou aos alunos que realizassem algumas divisões, no quadro e no lugar. Em seguida, realizaram algumas situações problemáticas e alguns terminaram trabalhos em atraso.

A seguir ao intervalo, a professora distribuiu algumas palavras pelos alunos com o intuito de que estes as agrupassem no quadro, de acordo com a posição da sílaba tônica. Explicou que, consoante a posição da sílaba tônica, damos o nome de esdrúxula, grave e aguda. Posteriormente registaram no caderno os conteúdos lecionados.

Inferências/Fundamentação Teórica

O algoritmo da divisão é algo que não é facilmente apreendido pelos alunos. Considerei a forma como a professora explicou esta operação bastante perceptível e acessível aos alunos.

A seguir à explicação, a professora solicitou aos alunos que resolvessem algumas divisões, proporcionando assim uma melhor compreensão do modo de resolução desta operação.

Segundo o Ministério da Educação (s.d.), no Currículo Nacional, “o domínio de um algoritmo, a utilização de uma fórmula (...) entre muitos outros procedimentos, são destrezas úteis que se adquirem com prática desde que não seja descurada a sua compreensão e a sua integração em experiências matemáticas significativas” (p. 56).

30 de setembro de 2011

A manhã teve início com a área curricular de Matemática. Nesta área, a professora lembrou os diferentes tipos de retas (reta, semi-reta e segmento de reta) registados de seguida no caderno, com o auxílio de uma régua.

Posteriormente, resolveram algumas questões e exercícios sobre esta temática e realizaram um desenho no qual tinham que utilizar figuras geométricas.

Na área de Língua Portuguesa, os alunos fizeram a leitura, interpretação e cópia de um texto.

Inferências/Fundamentação Teórica

De acordo com o Ministério da Educação (2004), as crianças que frequentam o 2.º ano de escolaridade devem ser capazes de “comparar as seguintes figuras planas: quadrado, rectângulo, triângulo e círculo” e “fazer composições com as figuras geométricas”.

Numa conjugação destes dois objetivos, a professora solicitou aos alunos que realizassem um desenho em que utilizassem as diferentes formas geométricas.

O mesmo documento, da autoria do Ministério da Educação, refere que “a utilização de materiais e instrumentos na construção e desenho de modelos geométricos permitirão muitas descobertas e desenvolverão as capacidades de relacionar, classificar e transformar” (p. 179).

Estas atividades, que permitem explorar o espaço e as formas, apelam “à criatividade e sentido estético das crianças e respondem à sua natural e progressiva procura de equilíbrio e harmonia” (Ministério da Educação, 2004, p. 179)

3 de outubro de 2011

A manhã começou com um breve diálogo sobre o fim de semana. De seguida, as crianças leram o texto “O lobo e a cabra” e realizaram, com o auxílio da professora, a interpretação do mesmo.

Na área de Matemática, as crianças realizaram alguns exercícios nos quais trabalharam as noções de dúzia, dezena e etc.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero importante salientar que a educadora utilizou algum tempo para dialogar com as crianças sobre as atividades do fim de semana. Estes momentos permitem o fortalecimento da relação entre professora e alunos para que estes sintam a atenção e importância dada ao que estão a relatar.

A importância destes momentos é realçada por Abrantes (2003), ao defender que estes permitem desenvolver, nos professores e alunos, “relações de grande abertura e proximidade, nas quais se partilham experiências e emoções e se investe intensamente” (p. 101). O mesmo autor (2003) defende que as relações estabelecidas entre o professor e os alunos possuem um papel decisivo no sentido que estes atribuem à escola.

4 de outubro de 2011

Algumas das crianças terminaram trabalhos em atraso e os restantes colegas realizaram uma proposta de trabalho de Língua Portuguesa sobre a frase, a não frase e a sílaba tónica.

Ao regressarem do intervalo, resolveram exercícios sobre os tipos de linhas e as distâncias.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta sala é perceptível que alguns dos alunos possuem algumas dificuldades de aprendizagem e, por esse motivo, necessitam de um acompanhamento mais rigoroso.

Tal como refere Pacheco (1999), “a personalização da aprendizagem requer do professor uma acomodação aos ritmos de aprendizagem dos alunos, tendo como pressuposto o seguinte: os alunos mais lentos necessitam de mais tempo para aprender” (p. 169).

A existência de estagiárias na sala é um fator positivo porque permite auxiliar a professora no apoio a estas crianças.

Neste data, eu e as minhas colegas ficámos sentadas perto de alguns destes alunos para os podermos ajudar na conclusão de alguns trabalhos em atraso.

7 de outubro de 2011

Com o meu auxílio e das minhas colegas, os alunos leram, individualmente, um texto do livro de Língua Portuguesa. Conforme acabavam de ler, iam terminar trabalhos que tinham em atraso.

Depois do intervalo, a professora fez a leitura de um texto e solicitou aos alunos que fizessem a cópia do mesmo; esta tinha como objetivo ser a avaliação de cópia. Posteriormente, fizeram um *origami* em forma de borboleta, o qual utilizaram para enfeitar a folha da cópia.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização de cópias é uma atividade que ocorre com alguma regularidade e é importante que os professores vão introduzindo diferentes aspetos para que esta não se torne um atividade monótona.

Nesta data, a professora solicitou aos alunos que, para enfeitar a folha da cópia, fizessem um *origami*. Este é definido por Robinson (1999), como “a arte de dobrar papel para produzir figuras abstractas ou decorativas que parecem reais” (p. 6). O *origami* construído pelas crianças foi uma borboleta, que posteriormente, colaram na

folha da cópia. Foi visível o gosto dos alunos ao observar o seu trabalho concluído e decorado.

10 de outubro de 2011

A professora iniciou com a área de Matemática, na qual utilizou o material estruturado Calculadores Multibásicos para trabalhar a representação e leitura de números. Por vezes, a professora solicitou a alguns dos alunos que ditassem números para os colegas representarem.

Após o intervalo, os alunos elaboraram uma composição a partir de uma sequência de imagens ordenada pelos mesmos.

Inferências/Fundamentação Teórica

A escrita é uma prática diária para as crianças desta faixa etária e, por este motivo, é dever do professor diversificar as atividades tornando-as mais interessantes e lúdicas. Nesta data, a professora distribuiu algumas imagens, a partir das quais os alunos deveriam escrever uma composição.

Cavacas *et al.* (1991) defendem que “a leitura de imagens é um processo simples, acessível a todos os indivíduos, já que não implica a inteligibilidade exigida pela língua mas apenas a percepção sensorial” (p. 126).

A tarefa de colocar por escrito o que as imagens relatavam tornou-se uma tarefa um pouco mais difícil para as crianças.

11 de outubro de 2011

As crianças terminaram trabalhos de Matemática em atraso e resolveram algumas operações matemáticas.

No período de tempo dedicado à área de Língua Portuguesa, a professora fez a revisão da classe dos nomes e distribuiu aos alunos uma proposta de trabalho sobre esta classe de palavras.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização de propostas de trabalho é uma prática a que a professora por vezes recorre para consolidar matéria dada. Este tipo de atividade permite, para além de exercitar o conteúdo abordado, desenvolver a linguagem escrita e a ortografia.

14 de outubro de 2011

A minha colega Marisa começou a aula com a área de Matemática, na qual construiu um pictograma. Explicou as regras para a construção do mesmo e solicitou

aos alunos que resolvessem algumas operações com o objetivo de descobrirem a quantidade de dentes apanhados pela fada dos dentes em cada semana.

Na área de Estudo do Meio, apresentou um *powerpoint*, a partir do qual abordou os dois tipos de dentição, os tipos de dentes e as suas funções. Para concluir esta área construiu um modelo de uma boca, com o auxílio das crianças.

A Marisa concluiu a manhã com a área de Língua Portuguesa. Solicitou aos alunos que lessem um texto que não tinha sinais de pontuação e a partir do mesmo explicou as funções dos diversos sinais de pontuação. Cada criança tinha a imagem de um sinal de pontuação, ou a sua definição, e era solicitada a sua participação durante a explicação.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Matemática, a estagiária Marisa explorou o pictograma. Este gráfico é definido por Grosso e Ruas (2000) como “um gráfico semelhante ao gráfico de barras, mas que utiliza imagens alusivas ao estudo que está a ser feito” (p. 38). O gráfico foi sendo construído com a colaboração dos alunos que, para saber a quantidade de dentes apanhados pela fada, tiveram que realizar alguns cálculos mentais.

Tal como refere o Ministério da Educação (2004), “no 1.º Ciclo dever ser dada especial importância ao cálculo mental. A criança deve habituar-se, desde o início, a considerá-lo como o primeiro dos recursos a utilizar para obter um resultado” (p. 171).

Na área de Língua Portuguesa, a minha colega fez a leitura de um texto sem pontuação para que os alunos tivessem a perceção da importância dos sinais de pontuação no texto.

A importância dos sinais de pontuação é salientada por Cavacas *et al.* (1991), que menciona que “a pontuação contribui para a eficácia da comunicação que se estabelece entre o autor e o leitor comum. Pontuar significa para o autor orientar a leitura que irá ser feita do seu texto” (p.254).

18 de outubro de 2011

A manhã teve início com a área de Matemática, na qual os alunos resolveram algumas situações problemáticas. Conforme terminavam, deslocavam-se ao quadro para resolver algumas operações. Ainda inserida nesta área, as crianças realizaram a avaliação de tabuadas.

Ao regressarem do intervalo, as crianças realizaram uma proposta de trabalho para consolidação de conteúdos de Língua Portuguesa.

Inferências/Fundamentação Teórica

O conhecimento da tabuada permite que os alunos consigam resolver com mais rapidez e eficácia as operações da divisão e da multiplicação, por esse motivo, é importante que este conteúdo seja trabalhado e avaliado com regularidade.

Se um conteúdo for abordado com regularidade, a aquisição do mesmo é facilitada. Esta ideia é confirmada por Marques (2001), que reforça que “a prática e o treino corresponde a uma metodologia essencial na consolidação dos conhecimentos, na aplicação de conhecimentos a novas situações e na superação das dificuldades de aprendizagem” (p. 104).

21 de outubro de 2011

Nesta manhã foi-me solicitada, pelas professoras orientadoras da Prática Pedagógica, uma aula surpresa. Esta teve como objetivo explicar a regra dos nove fora, utilizando o material estruturado Calculadores Multibásicos. Comecei por ditar dois números para que os alunos os representassem e realizassem a sua adição dos mesmos.

Expliquei aos alunos que, para verificar se a operação estava correta, teriam que fazer grupos de nove peças, independentemente da sua cor, e retirá-los.

A minha colega de estágio Marisa também lecionou uma aula surpresa, mas na área de Língua Portuguesa. Esta consistiu na leitura e interpretação de um texto.

Inferências/Fundamentação Teórica

Lecionei uma aula surpresa, solicitada por uma orientadora da Prática Pedagógica, que consistiu em explicar a regra dos nove na adição com o material Calculadores Multibásicos.

Esta regra consiste em retirar grupos de nove peças, quer das parcelas (em conjunto) como do total, até ser impossível formar grupos de nove peças. O resultado da operação é considerado correto se “a quantidade de peças que ficar na 1.^a e 2.^a placas, for a mesma do resultado” (Caldeira, 2009, p. 212)

Considero que nesta aula não obtive um bom desempenho porque cometi o erro de tomar como certo que os alunos já sabiam realizar esta prova. Por este motivo, comecei por explicar como se estivesse a rever e não a introduzir um novo conteúdo.

24 de outubro de 2011

A manhã teve início com a leitura do texto “A avó Agualela”. Os alunos responderam a algumas perguntas de interpretação e de conhecimento explícito da língua. Após o intervalo, a professora fez um ditado.

Já na área de Matemática, a professora realizou, recorrendo a material alternativo, revisões sobre as frações e solicitou às crianças que resolvessem alguns exercícios para a consolidação da matéria.

Inferências/Fundamentação Teórica

A leitura é uma prática que é realizada todos os dias ao início da manhã. Na maioria das vezes esta é feita de uma forma individualizada, ou seja, a professora, eu e as minhas colegas vamos circulando pela sala para ouvir a leitura de todos os alunos. Esta prática permite que se obtenha maior noção das dificuldades de cada aluno e permite também tirar algumas conclusões sobre o desenvolvimento desta competência.

Sim-Sim (2006) reflete sobre esta competência ao referir que “a leitura é uma competência que não se desenvolve espontaneamente, mas que requer uma aprendizagem consciente por parte de quem lê” (p. 141).

A mesma autora (2006) considera que “ensinar a ler deve ser uma das prioridades (...) de todos os docentes, na medida em que qualquer que seja a disciplina, a leitura vai sempre estar presente” (p. 99).

25 de outubro de 2011

As crianças realizaram a prova de avaliação de Língua Portuguesa e, ao terminarem, concluíram trabalhos em atraso.

Na área de Matemática, a professora utilizou o material estruturado Cuisenaire, para relembrar os seguintes conteúdos: leitura e representação de números. Trabalhou também as noções de dobro, metade, triplo e terça parte.

Os alunos realizaram uma proposta de trabalho que tinha como intuito utilizar as peças do Cuisenaire para desenhar uma simetria.

Inferências/Fundamentação Teórica

O material estruturado Cuisenaire, como já referi anteriormente, permite lecionar diversos conteúdos. Neste dia, este material foi utilizado pela professora para relembrar a leitura e representação de números.

A representação, com o Cuisenaire, de números superiores a dez unidades permite à criança, de acordo com Caldeira (2009), “compreender o conceito de número e o valor da posição no sistema indo-árabe de numeração” (p. 157).

Para concluir esta área, com recurso ao mesmo material, os alunos realizaram a simetria de algumas imagens. A realização de simetrias permite trabalhar a orientação espaço-temporal. De acordo com o Ministério da Educação (2004), as

crianças desta faixa etária devem ser capazes de “desenhar figuras simétricas (...) escolhendo um eixo de simetria” (p. 181).

28 de outubro de 2011

Nesta data lecionei durante a manhã no 2.º ano. Comecei com a área de Língua Portuguesa, após a leitura e interpretação do texto, introduzi as regras de translineação, através de um jogo. As crianças tinham que reconstruir frases retiradas do texto numa folha ampliada, previamente colada no quadro.

No período de tempo dedicado à área de Estudo do Meio apresentei um powerpoint e realizei uma exploração do mapa-mundo solicitando às crianças que identificassem o continente Europeu e Portugal. De seguida, coloquei no quadro um mapa de Portugal e abordei os seguintes temas: pontos cardeais, arquipélagos da Madeira e dos Açores e a localização de locais importantes (onde vivem, onde passam as férias e onde nasceram).

Concluí com a área de Matemática, solicitando às crianças que, com o material estruturado 5.º Dom de Froebel, realizassem a construção da casa. Com o auxílio de algarismos móveis, os alunos tiveram que realizar situações problemáticas ditadas por mim.

Inferências/Fundamentação Teórica

O material utilizado na área de Matemática, 5.º Dom de Froebel, como já referi anteriormente, possibilita a realização de diversas construções. A construção que solicitei aos alunos foi a da casa, bem conseguida pela maioria dos alunos.

A partir desta construção, solicitei aos alunos que resolvessem algumas situações problemáticas, com o recurso a algarismos móveis.

De acordo com o Ministério da Educação (s.d.), “os materiais manipuláveis de diversos tipos são, ao longo de toda a escolaridade, um recurso privilegiado como ponto de partida ou suporte de muitas tarefas escolares, em particular das que visam promover actividades de investigação e a comunicação matemática entre os alunos” (p. 57).

Estes materiais constituem um meio para atingir um fim, a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos.

31 de outubro de 2011

Devido a este ser um dia que antecipava um feriado, a professora titular da turma fez roulement e não esteve presente. Os alunos presentes neste dia foram colocados na sala do 2.º ano B com a respetiva professora titular.

Os alunos de ambas as turmas realizaram alguns exercícios dados pela professora e, à medida que terminavam, iam para o recreio.

Neste dia as crianças almoçaram um pouco mais cedo e voltaram para o recreio.

Inferências/Fundamentação Teórica

Como referi anteriormente, este foi um dia de roulement. Por este motivo, considero não ter observado práticas merecedoras de reflexão.

4 de novembro de 2011

A minha colega de estágio, Carolina, iniciou a aula com a área de Língua Portuguesa. Começou com a leitura de um texto relacionado com o dia das bruxas e fez algumas perguntas de interpretação. As perguntas de interpretação estavam escondidas na sala e foram descobertas através de um jogo.

Na área de Matemática, construiu um relógio, com o auxílio dos alunos, e explicou como ver as horas. Solicitou a alguns alunos que fossem representar no relógio determinadas horas, enquanto os colegas realizavam o mesmo exercício numa proposta de trabalho.

No período de tempo dedicado à área de Estudo do Meio, a minha colega relembrou a roda dos alimentos e os grupos constituintes da mesma. Para concluir, distribuiu uma proposta de trabalho na qual os alunos tinham que montar a roda dos alimentos a partir de recortes anteriormente distribuídos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula lecionada pela minha colega de estágio Carolina, a agitação da turma foi aumentando até se tornar difícil estabelecer a ordem. Penso que a minha colega a dado momento deveria ter interrompido a aula e reforçado a ideia de que as regras de comportamento da sala têm que ser cumpridas, referindo nomeadamente algumas delas.

A referência às regras de comportamentos, de acordo com Canedo (2002, citado por Pires, 2003), permite à criança “compreender a razão da existência das regras sociais, prevendo as consequências dos seus atos e permitindo ao aluno agir com independência e com responsabilidade” (p. 8).

Também Freitas e Freitas (2003) salientam a importância das regras ao mencionar que o professor deve “definir com rigor um conjunto de regras e ensinar os alunos a respeitá-las e cumpri-las (...) para que os resultados sejam os melhores” (p. 8)

8 de novembro de 2011

As crianças fizeram a descrição de uma imagem distribuída pela professora. De seguida, realizaram uma proposta de trabalho sobre o plural dos nomes.

Após o intervalo, a professora relembrou as noções de hora, minuto e segundo e relacionou-as. Referiu também os quartos de hora e que uma hora possuía quatro quartos de hora.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data, a professora optou por reforçar algumas noções (hora, minuto e segundo) que não ficaram bem explícitas na aula anterior. De seguida solicitou que, numa proposta de trabalho, os alunos representassem as horas a que realizam determinadas rotinas.

Estanqueiro (2010) defende que “os alunos aprendem melhor quando conseguem ligar os novos conteúdos às aprendizagens anteriores e à realidade concreta em que se inserem” (p. 34).

Considero esta uma prática positiva porque permite colmatar as lacunas de conhecimento dos alunos.

14 de novembro de 2011

Nesta data, eu e a minha colega de estágio Carolina lecionámos em conjunto. A área de Língua Portuguesa foi lecionada por mim e consistiu na leitura de um texto alusivo aos cinco sentidos e num jogo, semelhante ao jogo do bingo, com o intuito de rever os conteúdos de Conhecimento Explícito da Língua já lecionados.

Na área de Estudo do Meio, a minha colega Carolina relembrou os cinco sentidos e os órgãos sensoriais associados a cada sentido. De seguida, realizou um jogo no qual os alunos tinham que utilizar os órgãos dos sentidos para identificar sabores, sons e objetos.

Inferências/Fundamentação Teórica

A área de Língua Portuguesa, lecionada por mim, incluiu a leitura de um texto sobre os cinco sentidos e um jogo. Com este jogo, realizei uma revisão dos conteúdos desta área, lecionados anteriormente.

Ao realizar esta revisão sob a forma de um jogo pretendi que fosse feita de uma forma lúdica e que incentivasse os alunos a partilhar os seus conhecimentos. Spodek e Saracho (1998, p. 215) defendem que este tipo de brincadeiras possui como

principal objetivo a aprendizagem, ou seja, “servem um propósito pedagógico, ao mesmo tempo em que se mantém sua função de satisfação pessoal”.

Esta ideia é reforçada por Piaget (1971, citado por Neto, 2003), que refere que “o jogo, como processo de assimilação, tem uma função de exercitação e extensão do aprendido, bem como de consolidação de algo já experimentado” (p. 232).

15 de novembro de 2011

A minha colega de estágio Marisa lecionou uma aula na área de Matemática, na qual explorou as frações através de um material composto por cinco círculos, de cores diferentes, divididos de diferentes formas (inteiro, meios, terços, quartos e quintos).

Realizou alguns exercícios nos quais fez a revisão dos conceitos de numerador e de denominador e estabeleceu relações entre diferentes frações que representavam a mesma quantidade (frações equivalentes).

Concluiu com uma proposta de trabalho para consolidar o conteúdo dado e com um jogo de dominó.

Inferências/Fundamentação Teórica

O conteúdo explorado pela minha colega de estágio Marisa foi as frações. Explicado a partir de um material bem elaborado (círculos divididos de diferentes formas), a que todos os alunos tinham acesso.

Este material permitiu que as crianças percebessem com eficácia este conteúdo visto que tiveram a possibilidade de concretizar.

Para concluir a aula, a estagiária realizou um jogo semelhante ao dominó, no qual as peças representavam frações sob a forma de imagem e de expressão numérica. Apesar de ser um jogo bem pensado, não possibilitou um jogo contínuo dado que a determinada altura nenhum dos alunos tinham a peça que possibilitava continuar o jogo.

Ribeiro e Ribeiro (1990) salientam a importância do professor organizar o ensino e estabelecer “estratégias ou métodos, actividades ou situações de aprendizagem, seleccionando meios e materiais que facilitem a consecução dos objectivos em vista” (p. 433).

É importante que, como estagiários, verifiquemos se os materiais estão construídos de forma correta para que tudo corra conforme planeado.

1.8. 8.ª Secção

Esta secção diz respeito ao momento de estágio que decorreu no período de 21 de novembro de 2011 a 27 de janeiro de 2012. O estágio foi realizado na sala do 4.º Ano A, com a Professora Cooperante Alice Neto.

1.8.1. Caraterização da turma

A turma do 4.º Ano A do Jardim-escola João de Deus – Olivais é composta por vinte e duas crianças, seis do sexo feminino e dezasseis do sexo masculino. Todos têm oito/nove anos de idade.

Esta turma está bem integrada na dinâmica do Jardim-escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.8.2. Caraterização do espaço

A sala do 4.º Ano está localizada no 1.º andar do Jardim-Escola. Esta possui uma porta que dá acesso às casas-de-banho e à escada de acesso ao exterior.

A maioria das mesas está agrupada a pares e formam quatro filas. Estas estão direccionadas para um quadro interativo. Na sala existe também um quadro de ardósia que não é utilizado regularmente.



Figura 8 – Sala de aula do 4.º Ano A

1.8.3. Horário

Quadro 8 – Horário do 4.º Ano A

	<i>Segunda-feira</i>	<i>Terça-feira</i>	<i>Quarta-feira</i>	<i>Quinta-feira</i>	<i>Sexta-feira</i>
9h - 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h - 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h - 11h30	Recreio				
11h30 - 12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h - 12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Experiências
13h - 14h30	Almoço				
14h30 - 15h20	Educação Física	História	Estudo do Meio	Música	Matemática
15h20 - 16h10	Expressão Plástica 15h45 - 17h	Biblioteca: No âmbito de Língua Portuguesa	Inglês 15h30 - 16h30	Estudo do Meio	Estudo Acompanhado
16h10 - 17h		Estudo do Meio	História	Área Projeto	Assembleia de Turma
17h	Lanche e Saída				

1.8.4. Rotinas

As rotinas realizadas pelo 4.º Ano estão de acordo com as rotinas estabelecidas para o 1.º Ciclo do Jardim-Escola.

1.8.5. Relatos diários

21 de novembro de 2011

A professora titular de turma lembrou os tipos de sujeito (simples, composto e nulo) através de um apontamento, escrito no quadro, que os alunos depois passaram para o caderno. De seguida, realizaram a leitura de um texto.

Ao regressarem do intervalo, a professora reuniu as duas turmas do 4.º ano para a atribuição de personagens para a festa de natal.

Inferências/Fundamentação Teórica

Ao iniciar o estágio nesta sala reparei que esta já possuía um quadro interativo. Este quadro permite uma série de potencialidades que permitem otimizar o ensino e aliá-lo às novas tecnologias.

As novas tecnologias são consideradas, por Mena *et al.* (1996, citados por Botelho, 2009), como “mais um recurso pedagógico, que o professor deve utilizar, pois

vai desenvolver uma nova linguagem (reúne informação gráfica, sonora, textual e visual) e um novo ambiente social”.

Este quadro permite aceder com facilidade a internet permitindo a realização de pesquisas ou o visionamento de imagens e filmes.

Por estes motivos, é importante que os professores façam recursos das novas tecnologias diariamente porque, tal como reforça Estanqueiro (2010), “um professor competente utiliza recursos variados, incluindo recursos multimédia para motivar os alunos e reforçar as suas mensagens” (p. 37).

22 de novembro de 2011

A manhã começou com a leitura e interpretação do texto “Nos jardins do mar”. A professora realizou algumas perguntas, nas quais fez a revisão de alguns conteúdos gramaticais: tipos e formas de frase, classificação quanto à sílaba tónica, classificação quanto ao número de sílabas, classe dos nomes, classe dos adjetivos e classe dos verbos.

Posteriormente, realizaram um ditado do texto lido anteriormente.

A professora ensinou como calcular o perímetro do círculo e fez referência à origem do .

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Matemática a professor introduziu um novo conteúdo: o perímetro do círculo. Durante a sua explicação, quando fez referência ao à origem do , um dos alunos demonstrou interesse em participar.

A professora permitiu que o aluno explicasse qual a origem do e o aluno em questão explicou corretamente a origem deste número.

A atitude da professora é valorizada por Estanqueiro (2010) que defende que “a participação dos alunos nas aulas aumenta o seu interesse”.

Esta ideia é defendida também por Morgado (1999) que refere que “a participação dos alunos nas aulas é algo fortemente valorizado e que importa potenciar em termos pedagógicos” (p. 42).

Foi visível a satisfação do aluno ao poder partilhar com os colegas os seus conhecimentos sobre este conteúdo.

25 de novembro de 2011

Visto que iam realizar a prova de avaliação de Língua Portuguesa, a professora fez revisões dos conteúdos nos quais os alunos sentiam mais dificuldades. Realizou também revisões dos conteúdos de Estudo do Meio e História de Portugal.

Após o intervalo, os alunos ensaiaram as canções para a festa de natal.

Inferências/Fundamentação Teórica

As canções estão sempre inseridas na festa de natal e, são ensaiadas pelas crianças, com frequência e com algum tempo de antecedência.

De acordo com o Ministério da Educação (2004):

A prática do canto constitui a base da expressão e educação musical no 1.º ciclo. É uma actividade de síntese na qual se vivem momentos de profunda riqueza e bem-estar, sendo a voz o instrumento primeiro que as crianças vão explorando. (p.66)

O envolvimento das crianças em práticas deste tipo permite, de acordo com Borràs (2001b), desenvolver a “capacidade de escutar; favorecer o desenvolvimento da memória e a sensibilidade (...) favorecer a capacidade criativa e imaginativa (...) desenvolver a capacidade de expressão e comunicação” (p. 530).

28 de novembro de 2011

Nesta data, os alunos realizaram a prova de avaliação de Língua Portuguesa. A professora titular de turma distribuiu a prova e fez a leitura da mesma. Em simultâneo, eu e as minhas colegas de estágio ajudámos nos preparativos para a festa de natal.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data, eu e as minhas colegas estivemos ocupadas a elaborar os fatos para a festa de natal e, por esse motivo, considero que não é relevante fundamentar esta prática.

2 de dezembro de 2011

Este foi um dia de roulement pelo que as duas turmas de 4.º ano estiveram juntas na sala do professor Hugo. O professor fez a revisão de alguns conteúdos de Matemática para a prova que se realizaria na semana seguinte.

No período de tempo dedicado ao Clube de Ciências, os alunos fizeram uma experiência relacionada com espelhos e lentes.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante o clube de ciências, o comportamento dos alunos não foi o mais correto e sendo sempre caracterizado por uma grande agitação e falta de respeito para com o professor responsável por esta área. Este facto levou a que o professor não conseguisse concluir a sua aula.

O professor responsável pela turma, ao regressar à sala, repreendeu os alunos de uma forma que eu não considere a mais correta. É certo que os professores devem repreender os seus alunos quando estes não se comportam corretamente mas não é necessário fazê-lo de uma forma demasiado brusca.

Esta ideia é reforçada por Estanqueiro (2010), referindo que “o professor deve repreender os comportamentos incorretos, com bom senso e coerência, de acordo com a situação” (p. 68).

Também Carter (1995, citado por Vieira, 2005) defende que “os professores devem responder ao comportamento inadequado dos alunos com um estilo assertivo, em vez de responderem passivamente ou de uma forma hostil” (p. 57).

5 de dezembro de 2011

Neste dia, teve lugar a realização da prova de avaliação de Matemática do 1.º período.

Após o intervalo, as crianças realizaram um exercício no qual tinham que situar uma ação no tempo e no espaço. No final da manhã, a professora realizou um ditado.

Inferências/Fundamentação Teórica

A atividade de Língua Portuguesa tinha como intuito elaborar um pequeno texto, no qual descrevessem a imagem que estavam a observar e a localizassem no tempo e no espaço.

De acordo com o Ministério da Educação (2004, p. 153), os alunos do 4.º ano de escolaridade devem ser capazes de “experimentar múltiplas situações que desenvolvam o gosto pela escrita” e “localizar a acção no tempo e no espaço”.

A atividade desenvolvida nesta data permitiu alcançar os objetivos acima referidos.

6 de dezembro de 2011

A professora fez a revisão do conteúdo de Matemática: números complexos e incomplexos.

Na área de Língua Portuguesa, realizaram a correção da prova de avaliação. Eu e as minhas colegas de estágio elaborámos alguns dos fatos para a festa de natal.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização da correção da prova permite que os alunos tenham melhor perceção dos seus erros e possam refletir sobre os mesmos.

Segundo Perrenoud (citado por Ferreira, 2007), o aluno ao pensar sobre aquilo que fez, “reflete sobre o porquê de o ter feito e sobre o caminho que está a seguir para que cumpra os critérios de avaliação estabelecidos, numa lógica de gestão própria dos seus projetos, dos seus progressos, das estratégias face às tarefas e aos obstáculos” (p. 108).

Também Estanqueiro (2010) aborda o tema da correção ao referir que esta “ajuda o aluno a identificar os seus progressos e as suas dificuldades” e a “verificar o que fez bem e o que fez mal” (p. 95).

9 de dezembro de 2011

Devido à aproximação da data da festa de natal, a manhã foi dedicada aos preparativos para a mesma.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data foi-me solicitado pela professora Manuela que, juntamente com outras estagiárias, embrulhássemos alguns presentes, a serem posteriormente oferecidos às crianças do Jardim-Escola na festa de natal.

Esta prática, apesar de não desenvolver nenhuma aprendizagem, permite que os estagiários tenham melhor perceção dos preparativos necessários para a realização da festa de natal

12 de dezembro de 2011

As crianças realizaram a avaliação de operações.

A seguir ao intervalo, a professora introduziu o conteúdo das interjeições e distribuiu uma proposta de trabalho para consolidação da matéria.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data, o conteúdo abordado na área de Língua Portuguesa foram as interjeições. Estas constituem uma classe de palavras que possuem a função de expressar emoções.

Após a explicação, os alunos tiveram oportunidade de realizar uma proposta de trabalho relacionada com o conteúdo abordado. Esta permitiu que os alunos consolidassem a matéria e que a professora tivesse a perceção do conhecimento adquirido pelos alunos.

13 de dezembro de 2011

Os alunos realizaram fichas de avaliação de Língua Portuguesa e de Matemática.

Nesta data, estive grande parte do tempo ausente da sala de aula, por estar a auxiliar nos preparativos para a peça de teatro que os alunos iriam representar na festa de natal

Inferências/Fundamentação Teórica

Este foi mais um dia em que me dediquei à preparação de alguns acessórios indispensáveis a festa de natal como, por exemplo, os cenários.

Com a aproximação da data da festa de natal, tornou-se visível o entusiasmo e ansiedade dos alunos. De acordo com Aguera (2008), “as festas e celebrações constituem atos extras, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a autoestima, a colaboração e a integração das crianças” (p. 73)

16 de dezembro de 2011

Devido a este ser o último dia de aulas antes das férias de natal, foi utilizado para o término de trabalhos em atraso. Os alunos sem trabalhos em atraso, realizaram uma cópia.

Inferências/Fundamentação Teórica

O clube das ciências constitui uma prática que ocorre todas as semanas. Durante o período de tempo ocupado por este clube, os alunos fazem diversas experiências e aprendem diferentes conteúdos, sempre orientados por um professor desta área.

O ensino das ciências permite, segundo Craidy e Kaercher (2001), “a interacção com diferentes materiais, a observação e o registo de muitos fenómenos, a elaboração de explicações (...) a construção de conhecimento e de valores pelas crianças” (p. 163).

Tal como refere o Ministério da Educação (s.d.), no currículo nacional, o professor é responsável por “proporcionar aos alunos oportunidades de se envolverem em aprendizagens significativas (...) que lhes permitam desenvolver capacidades instrumentais cada vez mais poderosas para compreender, explicar e actuar sobre o Meio de modo consciente e criativo” (p.62).

3 de janeiro de 2012

Os alunos iniciaram a manhã com a resolução de uma proposta de trabalho de revisão sobre os sólidos geométricos. A professora lembrou alguns conceitos que os alunos não recordavam.

De seguida, resolveram alguns exercícios sobre a área do triângulo e o perímetro do círculo.

Na área de Língua Portuguesa, a professora ensinou quais as regras para a elaboração de uma carta e solicitou aos alunos que escrevessem uma carta.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Língua Portuguesa, a professora explicou as regras utilizadas para escrever uma carta. Desta forma, permitiu que os alunos conhecessem um novo tipo de texto.

Colomer e Camps (2002, p. 68) defendem o contacto com diferentes tipos de texto permite desenvolver o conhecimento sobre as características do texto escrito e exercitar a habilidade de leitura.

Também o Ministério da Educação (2004) refere que as crianças desta faixa etária devem “experimentar diferentes tipos de escrita, com intenções comunicativas diversificadas, requeridos pela organização da vida escolar e pela concretização de projectos em curso” (p. 153).

6 de janeiro de 2012

No início da manhã, a estagiária Inês, da antiga licenciatura, realizou um ditado.

Posteriormente, os alunos realizaram a avaliação de composição. Esta foi feita com base numa imagem e em algumas palavras que, obrigatoriamente teriam que constar, na composição.

No período de tempo dedicado ao clube de ciências, os alunos responderam por escrito a um questionário sobre a Tapada de Mafra, local que iriam visitar na semana seguinte.

Inferências/Fundamentação Teórica

Ao distribuir o inquérito, o professor responsável por este clube, pretendia obter informações sobre os conhecimentos destas crianças sobre o local que iriam visitar e os animais que aí existem.

É importante que os professores se questionem sobre o que os seus alunos sabem ou não, para que estes possam partilhar os seus conhecimentos e ter um papel ativo na construção do seu saber.

9 de janeiro de 2012

A professora fez o ditado do texto “Uma árvore especial”. Ainda na área de Língua Portuguesa, os alunos leram o texto “De olhos no mar” e a professora elaborou algumas perguntas de interpretação.

No período dedicado à área de Matemática, as crianças fizeram a correção do trabalho de casa.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os conteúdos aprendidos na escola necessitam de ser exercitados e consolidados e, por este motivo, alguns professores enviam trabalhos para casa. Estes trabalhos possuem como principal objetivo permitir que os alunos interiorizem e consolidem os conteúdos abordados na sala de aula.

Rochetta (s.d., citado por Simões, 2006) confirma esta ideia ao referir que os trabalhos de casa permitem “reforçar, pela prática individual, aquilo que é aprendido na escola” e são “essenciais para a aquisição de hábitos de estudo” (p. 85).

Também Epstein (s.d., citado por Simões, 2006) reflete sobre a importância do trabalho de casa ao defender que “a aprendizagem não pode ser reduzida à simples receção de informação nas «aulas», pelo que se torna necessário rever em casa a matéria abordada, através de exercícios estimulantes e acessíveis” (p. 87).

10 de janeiro de 2012

Foi-me solicitado por parte de uma das professoras orientadoras da Prática Pedagógica uma aula surpresa na área de Língua Portuguesa. Esta tinha como objetivo relembrar a função sintática predicativo do sujeito. Comecei por pedir aos alunos que lessem um texto e fiz algumas perguntas de interpretação. De seguida, relembrei os tipos de verbos (principais, auxiliares e copulativos) e expliquei que os verbos copulativos exigiam o predicativo do sujeito para a frase fazer sentido. Solicitei a colaboração dos alunos para que ditassem algumas frases e fizessem a sua análise sintática, de modo a compreenderem em que situações é utilizado o predicativo do sujeito.

A minha colega de estágio, Carolina, também lecionou uma aula surpresa mas na área de Matemática. Esta aula teve como objetivo a resolução de situações problemáticas, propostas pela minha colega, a resolver com a divisão.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data lecionei a minha última aula surpresa. Estas aulas, como já referi anteriormente, fazem parte da disciplina de Prática Pedagógica e constituem momentos nos quais somos responsáveis pela turma o que permite antever o nosso futuro como docentes.

De acordo com Alarcão e Roldão (2008, p. 33) “a formação inicial e as perspectivas do exercício profissional futuro (...) constituem-se como momentos de consolidação ou aprofundamento das motivações para abraçar a profissão e de compreensão do que envolve ser professor”.

13 de janeiro de 2012

Os alunos realizaram a leitura e interpretação escrita do texto “O espantalho guardião”. Após o intervalo, decorreu o Clube de Ciências durante o qual os alunos aprenderam o que era um vulcão, os diferentes tipos de lava e de erupção. De seguida, o professor distribuiu alguns exemplares de rochas vulcânicas para que os alunos as pudessem observar.

A aula foi concluída com uma experiência que tinha como objetivo exemplificar uma erupção.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta turma, por aquilo que pude observar, a interpretação de textos é realizada oralmente. Nesta data, a professora adotou uma estratégia diferente e solicitou aos alunos que respondessem por escrito às questões do texto.

A linguagem escrita é uma competência essencial para o dia a dia, por este motivo o professor deve recorrer a atividades que permitam desenvolvê-la.

Este facto é reforçado por Sim-Sim (2007) que refere que “ a utilização da linguagem escrita é imprescindível na vida quotidiana. Torna-se, por isso, indispensável saber (...) escrever de forma eficiente para a realização de muitas atividades diárias” (p. 5).

16 de janeiro de 2012

A minha colega de estágio Marisa lecionou uma aula surpresa solicitada por uma professora orientadora da Prática Pedagógica. Esta tinha como objetivo introduzir a noção de perímetro, com o material estruturado Cuisenaire visto que este conteúdo era desconhecido dos alunos.

De seguida, dirigimo-nos à reunião onde iriam ser avaliadas as aulas surpresa da manhã. Esta ocupou o resto da manhã.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data, foi solicitado a minha colega de estágio Marisa que lecionasse uma aula surpresa com o objetivo de abordar o conceito de volume.

Talvez devido ao nervosismo, que este tipo de aulas provoca, a estagiária começou a aula de uma forma um pouco confusa e, no decorrer da mesma, não conseguiu direcionar os alunos de modo a alcançar o objetivo da aula.

Considero que esta aula não foi lecionada da melhor forma dado que, a estagiária em momento algum explicou o conceito de volume.

Após o término da aula tive oportunidade de dialogar com a minha colega sobre o seu desempenho, o que permitiu que refletisse sobre a aula e se apercebesse das suas falhas (Zeichner, 1993, p. 21).

17 de janeiro de 2012

A minha colega de estágio Carolina Sousa lecionou na área de Matemática com o material estruturado 5.º dom de Froebel. Começou por ensinar uma nova construção aos alunos, idealizada por si e, a partir da mesma, realizou algumas situações problemáticas.

A meio da aula, as crianças dirigiram-se ao ginásio para assistir a uma peça de teatro, com o tema a higiene oral e a alimentação equilibrada.

Ao regressarmos à sala, eu e as minhas colegas de estágio fomos chamadas para assistir a aulas surpresa que decorriam no 3.º ano.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta data, saliento a prestação da minha colega de estágio Carolina na aula extra que lecionou. Esta aula, inserida na área de Matemática, consistiu na realização de duas construções realizadas com o 5.º dom e na resolução de situações problemáticas.

As construções realizadas com este material foram da autoria da minha colega, demonstrando criatividade da sua parte. Considero importante que o professor possua capacidades de modo a inovar as estratégias de ensino.

Reis (2008, p. 160) considera a criatividade “uma das principais capacidades que todo o ser humano possui e que deve ser fomentada, para enfrentar o imprevisto” e as suas necessidades futuras.

Durante toda a aula foi visível o entusiasmo e alegria da estagiária e o envolvimento e motivação dos alunos para realizar o que lhes era solicitado. A forma como decorreu esta aula levou a que os alunos estivessem totalmente envolvidos, demonstrando um comportamento correto e participativo.

20 de janeiro de 2012

Os alunos do 3.º e 4.º ano realizaram uma visita de estudo à Tapada Nacional de Mafra. Esta teve início com uma visita guiada, durante a qual o guia explicou alguns aspetos importantes sobre o local.

Depois do almoço, a visita foi concluída com uma caça ao tesouro, cujo objetivo era verificar se as crianças tinham apreendido as explicações dadas sobre a Tapada Nacional de Mafra.

Inferências/Fundamentação Teórica

Neste dia, os alunos do 3.º e do 4.º ano tiveram oportunidade de visitar a Tapada de Mafra, visita de estudo organizada pelo professor do clube de ciências.

As visitas de estudo são consideradas por Monteiro (1995) como “uma das estratégias que mais estimula os alunos, dado o carácter motivador que constitui a saída do espaço escolar” (p. 188).

Estas podem ocorrer em diversos locais como “parques naturais, zonas de paisagem protegida e locais classificados, jardins e parques urbanos (...) museus, monumentos (...) podendo por isso decorrer em locais abertos ou fechados” (Almeida, 1998, p. 51)

Monteiro (1995) refere também que este tipo de iniciativas “constitui uma situação de aprendizagem que favorece a aquisição de conhecimentos, proporciona o desenvolvimento de técnicas de trabalho, facilita a sociabilidade”

Os conhecimentos adquiridos durante esta visita foram avaliados de uma forma lúdica, através de um jogo, realizado por equipas, no qual os alunos tinham que responder a diversas questões e participar em algumas atividades.

O jogo foi motivador e levou a que as crianças demonstrassem um espírito de grupo, mais competitivo, em relação às outras equipas.

23 de janeiro de 2012

A Marisa iniciou a manhã de aulas com a área de Língua Portuguesa. Realizou a leitura e interpretação do texto. Introduziu as palavras homónimas através de um diálogo com os alunos.

Na área seguinte, a minha colega introduziu o conceito de volume a partir de uma experiência na qual colocou um cubo dentro de um recipiente com água e referiu que o espaço ocupado pelo cubo representava o seu volume. Os alunos tinham um cubo transparente, o qual preenchiam com cubos menores, para poderem calcular o volume do primeiro.

Na área de Estudo do Meio, ensinou que existem diferentes serras em Portugal. Através de cálculos simples, os alunos descobriram a altitude de cada serra e colocaram, num mapa as imagens das serras nos distritos corretos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero que a aula lecionada pela minha colega correu da melhor forma e que os materiais elaborados permitiram a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos embora deva salientar que, na área de Matemática, as palavras e os números não eram suficientemente visíveis.

Penso que a colega poderia ter recorrido ao quadro interativo, pelo simples facto de este permitir uma boa visualização por todos os alunos.

A observação das aulas de outras colegas permite uma reflexão sobre as suas práticas, considerando os seus aspetos positivos e negativos, com a finalidade de melhorar o desempenho.

A observação realizada, de acordo com Estrela (s.d., citado por Pacheco, 1995), permite “compreender e identificar fenómenos, aprender relações sequenciais e causais, ser sensível às reações dos alunos, pôr problemas e verificar soluções (...) situar-se criticamente face aos modelos existentes, realizar a síntese entre a teoria e a prática” (p. 142).

27 de janeiro de 2012

Iniciei a manhã de aulas com a área de Língua Portuguesa, na qual solicitei aos alunos que lessem o texto “A lenda da Serra da Estrela”. De seguida, pedi aos alunos que revelassem um código para descobrirem qual o tema da aula. Expliquei o que eram as palavras homógrafas e pedi às crianças que completassem e escrevessem algumas frases utilizando palavras homógrafas.

Na área seguinte, Matemática, relembrei as medidas de área e introduzi as medidas agrárias, fazendo referência às equivalências existentes entre estas medidas.

Concluí a aula da parte da tarde com a área de Estudo do Meio. Para esta área apresentei um *powerpoint* e dialoguei com as crianças sobre os diferentes tipos de relevo existentes em Portugal.

Inferências/Fundamentação Teórica

Esta foi a última aula que dei enquanto estagiária do 4.º ano e, na minha opinião, foi uma aula bem conseguida.

Esta aula foi sempre caracterizada por uma interação com os alunos, de modo a que estes estivessem sempre interessados e motivados. De acordo com Estanqueiro (2010), “dando o seu melhor ao ensino, o professor dignifica o seu trabalho e influencia positivamente a motivação dos alunos” (p. 32)

Na área de Matemática, deparei-me com o facto de um dos alunos não saber o significado de uma palavra, por este motivo, solicitei que o aluno consultasse o dicionário. Nesta faixa etária, os alunos já devem ser capazes de consultar o dicionário sem o auxílio do professor.

Estanqueiro (2010) defende que “é tarefa do professor oferecer instrumentos que permitam ao aluno assumir gradualmente a responsabilidade pela sua aprendizagem” (p. 18).

A minha aula foi interrompida para dar lugar ao Clube de Ciências. Neste dia, os alunos apresentaram, por grupos, experiências escolhidas por si. Considero que o trabalho em grupo favorece a cooperação, o respeito e a aquisição de regras de trabalho.

O autor (2010), anteriormente referido, defende que “num clima de cooperação, de partilha de saberes e experiências, todos ganham, aprendendo juntos e construindo relações de tolerância, respeito, confiança e apoio mútuo” (p. 22). Por estes motivos, é dever do professor promover atividades que requeiram o trabalho de grupo.

Capítulo 2 – Planificações

Descrição do capítulo

Este capítulo tem como objetivo abordar o tema da planificação. Comecei por elaborar uma fundamentação teórica sobre o tema em questão, fazendo referência à sua definição, importância e objetivos. Refleti também sobre o modelo T de planificação, devido a este ser o modelo de planificação utilizado por estagiários e docentes nos Jardins-Escola João de Deus.

Segue-se a apresentação de planos de aula, das diferentes áreas curriculares da Educação Pré-Escolar (Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Conhecimento do Mundo) e do 1.º Ciclo do Ensino Básico (Matemática e Estudo do Meio), devidamente fundamentados.

Os planos de aula destinados ao Pré-Escolar correspondem a uma aula lecionada ao Bibe Amarelo A, no dia 14 de fevereiro de 2011. Os restantes planos de aula são referentes a uma manhã de aulas lecionada no 2.º ano A, no dia 5 de abril de 2011.

2.1. Fundamentação teórica

Para Zabalza (1994), a planificação consiste em “converter uma ideia ou um propósito num curso de acção” (p. 47). De acordo com este autor, a ação do professor tem como base a planificação e é a partir desta que o docente desenvolve a sua atividade prática.

Por sua vez, Vilar (1998) defende que a planificação é um meio a partir do qual se otimiza a prática educativa. O mesmo autor refere também que:

(...) a planificação não pode ficar reduzida à formulação de uns tantos objetivos, enumeração e ordenação de determinados conteúdos programáticos, previsão de prazos, etc., processos que são, aliás indevidamente, muitas vezes assumidos como se fossem a própria planificação. (p. 5)

A planificação é uma atividade dos docentes e de acordo com Clark e Peterson (citados por Zabalza, 1994), esta pode ser tida como uma atividade mental interna do professor, na qual o centro das atenções está no pensamento do professor.

Para Zabalza (1994), a planificação tem como função principal “transformar e modificar o currículo para o adequar às características particulares de cada situação de ensino.” (p. 54).

Ao planificar, o docente reflete em alguns aspetos como, por exemplo, para quê ensinar e como o fazer. Deve também ponderar em como deve proceder para averiguar se houve ou não aprendizagem. Os autores Clark e Yinger (citados por

Zabalza, 1994, p. 48), referem que existem três razões pelas quais os professores planificam:

- Satisfazer as suas necessidades pessoais como, por exemplo, a ansiedade e a incerteza, de forma a ficarem mais confiantes no seu trabalho;
- Determinar os objetivos a alcançar para que possam saber quais os materiais e atividades que devem organizar e a sua duração;
- Organizar estratégias de atuação para descobrir a melhor forma de organizar os alunos, começar as atividades e realizar a avaliação.

Para Rey e Santamaría (citados por Vilar, 1998), a planificação pode ser definida consoante a sua duração, amplitude, âmbito e características. Ao definir a planificação segundo a sua duração, esta pode ser classificada da seguinte forma:

- Planificação a longo prazo: quando se destina a períodos superiores a cinco anos.
- Planificação a médio prazo: quando se destina a um período superior a um ano e inferior a cinco.
- Planificação a curto prazo: quando se destina a um período não superior a um ano.

Também Damião defende que as planificações podem ser de diversos tipos consoante os diferentes momentos do processo de ensino/aprendizagem. Para este autor, as planificações a longo prazo “têm como ponto de referência directa o programa e organizam longos períodos de ensino” (p. 64). É a partir das planificações a longo prazo que são estruturadas as planificações a médio prazo, que organizam períodos de média duração como, por exemplo, um período escolar.

Por fim, as planificações a curto prazo são estruturadas a partir das planificações a médio prazo e estruturam períodos de ensino de curta duração como, por exemplo, uma aula. Para que exista flexibilidade e uma evolução no decorrer da situação de ensino, os professores devem articular os diversos tipos de planos tal como referem Borko e Shavelson (citados por Damião, 1988)

Quando planificam, os professores dedicam a maior parte do tempo a decidir o que vão ensinar, preparar estratégias e atividades e dedicam uma menor parte do seu tempo aos objetivos da planificação.

De acordo com Vilar (1998, p. 15), a atividade de planificar não pode ser encarada como estática porque como constitui um instrumento que recai sobre a realidade não pode ser definitivo.

Para Zabalza (1994), os professores com menos experiência têm tendência a elaborar os seus planos com base em modelos já conhecidos e a fazê-lo de uma forma muito pormenorizada (planificações diárias) por outro lado os professores mais experientes dão mais importância à evolução do que aos resultados a obter no final de cada aula.

Os docentes ao planificar podem fazê-lo com base em diversos modelos de planificação. O modelo de planificação utilizado nos Jardins-Escola João de Deus é designado por Modelo T e foi desenvolvido pelo Dr. Martiniano Pérez.

De acordo com este autor (s.d.), o desenho curricular de aula possui como elementos básicos as capacidades/destrezas, os valores/ atitudes, os conteúdos e os procedimentos/métodos. É a disposição destes elementos que permite atribuir a este modelo a designação de Modelo T, conforme se pode observar no quadro x.

Pérez (s.d.) refere que este modelo tem a forma de um T duplo, no qual o primeiro T inclui os conteúdos (lado esquerdo) e os procedimentos/métodos (lado direito) e o segundo T engloba as capacidades/destrezas e os valores/atitudes.

Para Pérez os conteúdos ou conhecimentos englobam as unidades de aprendizagem que devem ser adquiridas ao longo do ano. Estes conhecimentos são transmitidos através de métodos ou procedimentos que são entendidos pelo autor como “formas de fazer, para serem aprendidas no curso escolar.” (p. 40)

O mesmo autor define ainda as capacidades como “objetivos fundamentais cognitivos que queremos desenvolver.” (p. 40). No que se refere aos valores estes são tidos como objetivos afetivos que também se pretendem desenvolver.

Desta forma, o mesmo autor refere que “de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar.” (p. 40).

Quadro 9 – *Planificação baseada no Modelo T*

Jardim-Escola João de Deus	
Plano de aula	
Faixa etária:	Nome:
Duração:	Ano:
Educadora:	Número:
Data:	
Conteúdos	Procedimentos/Métodos
Competências	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
Material:	

2.2. Planificações em quadro do Pré-escolar

2.2.1. Planificação da área de Conhecimento do Mundo

Quadro 10 – Planificação da área de Conhecimento do Mundo

Jardim-escola João de Deus – Olivais

Plano de Atividade

Faixa etária: 3 anos Duração: 30 minutos Educadora: Ana Freire Data: 14 de fevereiro de 2011	Estagiária: Ana Rita Filipe N.º 5 Turma: MPE1C
---	---

Área: Conhecimento do Mundo	
Conteúdos	Procedimentos
Sistema Solar	- Sentar as crianças em semicírculo; - Relembrar o tema trabalhado na aula anterior (planeta Terra); - Explorar uma imagem em que está representado o Sol e o Planeta Terra; - Explicar o que é o Sol e o Sistema Solar; - Representar, com o auxílio das crianças, o Sistema Solar e todos os seus Planetas.
Capacidades — Destrezas	Valores — Atitudes
Socialização Ser capaz de dialogar; Ser capaz de conviver. Expressão Oral Compreender; Expressar ideias.	Cooperação Saber colaborar; Saber partilhar. Respeito Saber ouvir; Saber conviver.
Material: Fatos de planetas.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem

(Este plano pode ser sujeito a alterações)

Este plano de aula baseia-se no Modelo T apresentado anteriormente. Esta planificação referente a uma aula da área de Conhecimento do Mundo ocorreu no dia 14 de fevereiro de 2011 e teve cerca de 30 minutos de duração. O principal conteúdo trabalhado foi o Sistema Solar.

Inferências/fundamentação teórica

Sentar as crianças em semicírculo

Optei por dispor as crianças em semicírculo para que todas pudessem observar o que iria acontecer naquele espaço.

Segundo as Orientações Curriculares (1997), o educador deve interrogar-se “sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização”. Ao organizar o espaço, o educador expressa as suas intenções educativas, ou seja, o que tenciona trabalhar ou explorar (p. 37).

Relembrar o tema trabalhado na aula anterior (planeta Terra)

Antes de iniciar a aula, aproveitei para apelar aos conhecimentos dos alunos sobre o planeta Terra, dado que este tema já tinha sido abordado por mim numa outra aula destinada a este bibe.

De acordo com as Orientações Curriculares (1997), o docente deve ter em conta os saberes que as crianças já possuem e utilizá-los como ponto de partida.

Explorar uma imagem em que está representado o Sol e o planeta Terra

Comecei por mostrar uma imagem, em *PowerPoint*, e solicitar às crianças que identificassem o que estava representado, e partilhando os seus conhecimentos sobre o Sol e o planeta Terra, com os restantes colegas.

A área de Conhecimento do Mundo é tida, nas Orientações Curriculares (1997, p. 80), como uma sensibilização às ciências que possui como objetivo introduzir “aspectos relativos a diferentes domínios do conhecimento humano” adequados a esta faixa etária.

A utilização do *PowerPoint* foi uma forma de captar a atenção das crianças utilizando os meios audiovisuais para tornar esta temática mais apelativa para as crianças. As novas tecnologias são formas de linguagem com as quais as crianças contactam diariamente e, por este motivo, a utilização dos meios informáticos pode ser, de acordo com as Orientações Curriculares, “desencadeadora de variadas situações de aprendizagem” (p. 72).

Explicar o que é o Sol e o Sistema Solar

Através de um diálogo com os alunos expliquei que o Sol é uma estrela de grandes dimensões que fornece luz e calor ao nosso planeta. Referi também que para além do planeta Terra existem outros planetas e que o conjunto de todos os planetas forma o Sistema Solar. Tal como está referido nas Orientações Curriculares (1997):

A capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre as crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar. (p. 66)

Representar, com o auxílio das crianças, o Sistema Solar e todos os seus planetas

Conforme fui referindo cada planeta e as suas características mais importantes, caracterizei alguns alunos com fatos que representavam os vários planetas. Para concluir esta área, dispus as crianças de maneira a que cada planeta estivesse na sua órbita e o Sol no meio, representando assim o Sistema Solar. Segundo as Orientações Curriculares (1997):

A expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com os outros que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais. Na interacção com outra ou outras crianças, em actividades de jogo simbólico, os diferentes parceiros tomam consciência das suas reacções, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não-verbal. (p. 70)

2.2.2. Planificação do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Quadro 11 – Planificação do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Jardim-escola João de Deus – Olivais

Plano de Atividade

Faixa etária: 3 anos Duração: 30 minutos Educadora: Ana Freire Data: 14 de fevereiro de 2011	Estagiária: Ana Rita Filipe N.º 5 Turma: MPE1C
---	---

Área: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	
Conteúdos	Procedimentos
• Estimulação à leitura	• Sentar as crianças em semicírculo; • Ler a história e dialogar com as crianças sobre a mesma.
Capacidades — Destrezas	Valores — Atitudes
• Expressão Oral Comunicar; Relacionar. • Socialização Compreender; Expressar ideias.	• Cooperação Saber colaborar; Saber partilhar. • Respeito Saber ouvir; Saber conviver.
Material: Fatos de planetas.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem

(Este plano pode ser sujeito a alterações)

Este plano de aula baseia-se no Modelo T apresentado anteriormente. Esta planificação referente a uma aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita ocorreu no dia 14 de fevereiro de 2011 e teve cerca de 30 minutos de duração.

Inferências/fundamentação teórica

Sentar as crianças em semicírculo

Optei por manter as crianças sentadas em semicírculo dado que ia contar uma história e esta foi a disposição que considerei mais correta para que todos pudessem observar as ilustrações do livro, que foram exibidas através de uma apresentação de powerpoint.

De acordo com as Orientações Curriculares (1997, p. 38), os docentes devem refletir permanentemente sobre a “funcionalidade e adequação do espaço e as potencialidades educativas dos materiais” de forma a adaptarem a organização da sala às necessidades da turma.

Ler a história e dialogar com as crianças sobre a mesma

Li a história *A que sabe a lua*, interagindo com as crianças ao realizar perguntas sobre a mesma, como por exemplo o que iria acontecer e quantos animais estavam presentes na ilustração. Terminei a história com um breve diálogo em que as crianças disseram que sabor podia ter a lua e se podíamos ou não alcançá-la.

Segundo Spodek e Saracho (1994), “ouvir histórias ajuda as crianças a desenvolverem padrões sofisticados de linguagem e as motiva a experimentarem com a sua própria linguagem oral e escrita” (p. 245).

2.3. Planificações em quadro do 1.º Ciclo do Ensino Básico

2.3.1. Planificação da área de Estudo do Meio

Quadro 12 – Planificação da área de Estudo do Meio

Jardim-escola João de Deus – Olivais

Plano de Atividade

Faixa etária: 6 anos Duração: 50 minutos Professora: Marta Gomes Data: 7 de junho de 2011	Estagiária: Ana Rita Filipe N.º 5 Turma: MPE1C
--	---

Área: Estudo do Meio	
Conteúdos	Procedimentos
• Classe dos anfíbios - o A rã	- o Distribuir um puzzle por cada aluno para que descubram o animal que será o tema da aula. - o Apresentar um PowerPoint e dialogar com as crianças sobre as principais características deste animal. - o Mostrar alguns exemplares deste animal.
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
• Socialização Ser capaz de dialogar; Ser capaz de se relacionar. • Classificação Identificar; Distinguir.	• Tolerância Ser bom ouvinte; Ser capaz de compreender. • Cooperação Saber colaborar; Saber ser recetivo.
Material: puzzles, powerpoint e exemplares de rãs.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem

(Este plano pode ser sujeito a alterações)

Inferências/fundamentação teórica

Distribuir um puzzle por cada aluno para que descubram o animal que será o tema da aula

Comecei por distribuir, a cada aluno, um envelope que continha as peças de um puzzle. Ao montarem o puzzle, os alunos descobriram o tema da área de Estudo do Meio. Esta estratégia foi pensada com o intuito de estimular o interesse dos alunos para o tema da aula.

Segundo Roldão (1995), “aprender implica sempre estar interessado e aprender, haver alguma identificação afectiva de quem estuda com o tema de estudo, gerando-se uma genuína curiosidade que tem a ver com o significado que o assunto assume para o aluno.” (p. 33)

Apresentar um PowerPoint e dialogar com as crianças sobre as principais características deste animal

O PowerPoint foi o suporte informático a partir do qual explorei o conteúdo escolhido para esta aula, a rã. Recorri aos conhecimentos que as crianças já possuíam sobre o tema, visto ser um conteúdo de interesse para crianças desta faixa etária.

De acordo com o Programa do 1.º Ciclo, referido por Roldão, ao chegarem à escola as crianças “possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da vida” (p. 43). Estes saberes vão sendo adquiridos no contacto com o meio ambiente e é função do professor valorizar os mesmos para que os alunos possam realizar “aprendizagens posteriores mais complexas”.

Mostrar alguns exemplares deste animal

Durante a explicação, circulei pela sala e mostrei aos alunos frascos que continham exemplares vivos deste animal nas diversas fases de crescimento.

2.3.2. Planificação da área de Matemática

Quadro 13 – Planificação da área de Matemática

Jardim-escola João de Deus – Olivais

Plano de Atividade

Faixa etária: 6 anos Duração: 30 minutos Professora: Marta Gomes Data: 7 de junho de 2011	Estagiária: Ana Rita Filipe N.º 5 MPE1C
--	---

Área: Matemática	
Conteúdos	Procedimentos
- Itinerários - Cuisenaire	- Distribuir o material de matemática Cuisenaire. - Relembrar as regras de utilização deste material. - Distribuir uma proposta de trabalho. - Explicar que, de acordo com as minhas indicações, vão ter que construir um itinerário para que a rã chegue aos outros animais.
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
Raciocínio Lógico Ser capaz de relacionar; Ser capaz de aplicar. Classificação Observar; Concretizar.	Respeito Saber ouvir; Saber falar. Responsabilidade Ser empenhado; Ser cumpridor.
Material: Cuisenaire e folha com itinerário.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem

(Este plano pode ser sujeito a alterações)

Inferências/fundamentação teórica

Distribuir o material de matemática Cuisenaire

O material estruturado Cuisenaire foi o material seleccionado para a aula lecionada com base neste plano. Segundo Caldeira (2009, p. 126), este material é de “fácil manipulação e diferentes” permitindo assim “estimular a criatividade e a experimentação”.

Vale (2000, citada por Caldeira, 2009, p. 127) considera importante que os professores/educadores conheçam as potencialidades dos materiais manipulativos e refere que “a aprendizagem é mais eficaz, significativa e duradoura quando os alunos utilizam essas ferramentas, pois permite interagirem uns com os outros, reflectindo e comunicando entre si as suas experiências.”

Relembrar as regras de utilização deste material

Ao distribuir o material lembrei as regras essenciais ao manuseamento deste material como, por exemplo, só mexer nas peças quando solicitado por mim e não brincar com as mesmas.

Arends (1995) refere que “...as regras e os procedimentos para várias actividades da sala de aula devem ser ensinados aos alunos como qualquer outro tópico.” (p. 95)

Distribuir uma proposta de trabalho

A proposta de trabalho consistia numa folha quadriculada na qual, com as peças deste material, os alunos tinham que construir o itinerário.

Moreira e Oliveira (2003, citados por Caldeira, 2007, p. 173) referem que “quando a criança realiza tarefas (encontrar caminhos), está a treinar a sua capacidade de visualização espacial.”

Explicar que, de acordo com as minhas indicações, vão ter que construir um itinerário para que a rã chegue aos outros animais

A construção do itinerário foi feita peça a peça e os alunos iam descobrindo as mesmas ao resolverem cálculos mentais simples, ditados por mim.

Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação

Descrição do capítulo

Este capítulo centra-se na avaliação, um dos aspetos fundamentais do ensino, e tem início com a fundamentação teórica do tema. Esta fundamentação inclui a definição do conceito de avaliação, os diversos tipos de avaliação, a avaliação na Educação de Infância e no 1.º Ciclo do Ensino Básico e as suas finalidades.

Posteriormente encontram-se quatro dispositivos de avaliação aplicados no decorrer do estágio, dois referentes ao Pré-escolar e dois referentes ao 1.º Ciclo. As áreas curriculares do ensino Pré-Escolar são o Conhecimento do Mundo, o Domínio da Matemática e do 1.º Ciclo são a Língua Portuguesa e a Matemática.

Para cada dispositivo de avaliação foi realizada a descrição dos parâmetros e critérios referindo a cotação atribuída a cada um, sob a forma de um quadro. Os resultados de cada dispositivo surgem depois inseridos numa grelha de avaliação, a partir da qual foi elaborado um gráfico de resultados que permite concluir o desempenho do grupo na realização dessa atividade.

3.1. Fundamentação teórica

A avaliação é um elemento regulador da prática educativa que permite ao educador/professor recolher informações e tomar decisões adaptadas às necessidades e capacidades dos seus alunos.

De acordo com o Conselho Nacional de Educação, a avaliação tem como principal função “ajudar a detectar as dificuldades de aprendizagem, os desajustamentos no processo educativo e possibilitar que seja proporcionado a cada aluno o programa de estudos mais adequado.” (p. 31)

O Ministério da Educação, no Despacho Normativo n.º 1/2005, de 5 de janeiro, estabelece para a regulação da avaliação, os seguintes princípios:

- Consistência entre os processos de avaliação e as aprendizagens e competências pretendidas;
- Utilização de técnicas e instrumentos de avaliação diversos;
- Primazia da avaliação formativa com valorização dos processos de autoavaliação regulada e sua articulação com os momentos de avaliação sumativa;
- Valorização da evolução do aluno;
- Transparência e rigor do processo de avaliação, através da clarificação dos critérios adotados;
- Diversificação dos intervenientes no processo de avaliação.

De Landsheere (citado por Bartolomeis, 1999, p. 37) refere que a avaliação possui três funções:

- Função de prognóstico, porque permite ter conhecimento de quais são os conhecimentos dos alunos e se estes se encontram no nível ao nível pretendido;
- Função de mediação, porque possibilita um controle das aquisições e posteriormente uma avaliação dos progressos do aluno;
- Função de diagnóstico, porque faculta informação ao docente para que este saiba porque é que determinada aprendizagem não se realizou ou quais os conteúdos, materiais ou técnicas que o aluno não domina.

Dada a importância do conceito “avaliação” é importante referir o porquê de avaliar. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução.”

Brown *et al.* (2000, p. 31) referem que a realização da avaliação é justificada pelos seguintes motivos: motivar e classificar os alunos, possibilitar a progressão dos alunos, dar ao professor/educador uma perceção sobre o modo como ensina.

Sendo a avaliação um elemento integrante e regulador da prática educativa, pretende-se que com a sua realização sejam alcançados determinados objetivos ou finalidades. Estas finalidades são descritas na Circular n.º 4/2011 como sendo as seguintes:

- Contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação que permita ao educador regular a atividade educativa;
- Refletir sobre os efeitos da ação educativa de modo a estabelecer a progressão das aprendizagens;
- Recolher dados para monitorizar a eficácia das medidas educativas definidas no Programa Educativo Individual;
- Promover e acompanhar processos de aprendizagem, tendo em conta a realidade do grupo e de cada criança, favorecendo o desenvolvimento de competências e desempenhos;
- Envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta, que lhe permita tomar consciência dos progressos e das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando;

— Conhecer a criança e o seu contexto tendo em vista a adequação do processo educativo.

O processo de avaliação ocorre nos vários ciclos de ensino e, por isso, é adequado a especificidade de cada um.

Tal como pode ser lido na Circular n.º 4/2011, a avaliação na Educação Pré-Escolar é essencialmente formativa e ocorre de uma forma contínua. Esta tem como objetivo que o aluno tenha consciência dos conhecimentos que já adquiriu, das dificuldades que vai tendo e de como as vai ultrapassando.

A avaliação no Pré-Escolar é considerada uma tarefa complexa e uma das mais importantes no processo educativo da criança. Esta implica a recolha e a análise de toda a informação que o educador consiga recolher partindo de situações pedagógicas, com o objetivo de fazer escolhas que melhorem a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

De acordo com o Despacho n.º 50/2005, a avaliação no 1.º Ciclo do Ensino Básico é da responsabilidade do professor, do conselho de docentes, dos órgãos de gestão da escola e da administração educativa. Neste ciclo de ensino são adotados três tipos de avaliação: a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa.

Tal como refere o Despacho Normativo n.º 6/2010, de 19 de fevereiro, da autoria do Ministério da Educação:

A avaliação diagnóstica conduz à adoção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projeto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional. Pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo quando articulada com a avaliação formativa.

De acordo com o mesmo autor, esta forma de avaliação pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo em articulação com a avaliação formativa. A avaliação diagnóstica permite a adequação do projeto curricular de turma para que a integração escolar do aluno seja facilitada.

Por outro lado, a avaliação formativa, principal forma de avaliação do ensino básico, esta modalidade “assume carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem, recorrendo a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, de acordo com a natureza das aprendizagens e dos contextos em que ocorrem” (Despacho Normativo n.º 6/2010, de 19 de fevereiro).

A avaliação formativa permite a obtenção de informação acerca do desenvolvimento das aprendizagens com o intuito de melhorar os processos de trabalho. Esta é da responsabilidade de cada professor, em diálogo com os alunos e em colaboração com outros docentes.

Segundo o Despacho Normativo n.º 6/2010, de 19 de fevereiro, “a avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular”.

Ribeiro (1990, citada por Leite, p. 26) afirma que “a avaliação sumativa corresponde, pois, a um balanço final, a uma visão de conjunto relativamente a um todo sobre que, até aí, só haviam sido feitos juízos parcelares”

No 1.º Ciclo, a avaliação sumativa ocorre no final de cada período e no final de cada ano letivo e distingue-se dos dois tipos anteriormente referidos ao nível da intenção e dos objetivos. Este tipo de avaliação é da responsabilidade do professor titular de turma, em articulação com o conselho de docentes e tem como objetivo informar os alunos e os encarregados de educação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e tomar decisões sobre o percurso escolar do aluno.

Para os dispositivos de avaliação selecionados, foi utilizada uma escala baseada na escala de Likert. Esta permite que os alunos sejam avaliados quer qualitativamente quer quantitativamente.

Quadro 14 – Escala de avaliação

Avaliação qualitativa	Avaliação quantitativa
Fraco	0 a 2,9 valores
Insuficiente	3 a 4,9 valores
Suficiente	5 a 6,9 valores
Bom	7 a 8,9 valores
Muito Bom	9 a 10 valores

Concluindo, a avaliação é um processo indispensável ao ensino/aprendizagem porque é esta que o regula para que sejam feitas alterações e obtidas melhorias ao nível da aquisição de conteúdos e conhecimentos por parte dos alunos.

3.2. Dispositivo de avaliação de Conhecimento do Mundo

A proposta de trabalho de Conhecimento do Mundo (apresentada em anexo) foi realizada pelo Bibe Azul A, no dia 30 de novembro de 2010. A referida turma é composta por 27 alunos e estavam todos presentes na data de realização desta atividade.

3.2.1. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Identificação dos constituintes da planta: pretende-se que o aluno seja capaz de identificar e legendar corretamente os constituintes da planta (raiz, caule, folha, flor e fruto).

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Legendou corretamente cinco constituintes da planta.
- Legendou corretamente quatro constituintes da planta.
- Legendou corretamente três constituintes da planta.
- Legendou corretamente dois constituintes da planta.
- Não legendou corretamente nenhum dos constituintes da planta.

3.2.2. Grelha de critérios e cotações

Quadro 15 – Grelha de critérios e cotações da atividade n.º 1

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Identificação dos constituintes da planta	Legendou corretamente cinco constituintes da planta.	10	10
	Legendou corretamente quatro constituintes da planta.	8	
	Legendou corretamente três constituintes da planta.	6	
	Legendou corretamente dois constituintes da planta.	4	
	Legendou corretamente um constituinte da planta.	2	
	Não legendou corretamente nenhum dos constituintes da planta.	0	
TOTAL			10

3.2.3. Grelha de avaliação da atividade n.º 1

Quadro 16 – Grelha de avaliação da atividade n.º 1.

Questão:	1	Total
Parâmetros:	Identificação dos constituintes da planta	
Cotações:	10	
Número do aluno		
1	8	8
2	6	6
3	8	8
4	8	8
5	6	6
6	10	10
7	10	10
8	6	6
9	4	4
10	8	8
11	10	10
12	10	10
13	10	10
14	8	8
15	4	4
16	10	10
17	8	8
18	10	10
19	10	10
20	10	10
21	10	10
22	8	8
23	4	4
24	8	8
25	8	8
26	6	6
27	10	10
Média por questão:	8,1	8,1

3.2.4. Descrição da grelha de avaliação

A grelha de avaliação da atividade n.º 1 informa que, dos vinte e sete alunos que realizaram a atividade, três alunos obtiveram classificação negativa e vinte e quatro alunos obtiveram classificação positiva.

Esta proposta tinha como principal parâmetro a identificação dos constituintes da planta. Deste modo, através da observação da grelha é possível concluir que onze alunos identificaram os cinco constituintes da planta, nove alunos identificaram apenas quatro constituintes, quatro alunos identificaram três constituintes e três alunos identificaram apenas dois constituintes da planta.

3.2.5. Apresentação dos resultados da atividade n.º 1 em gráfico

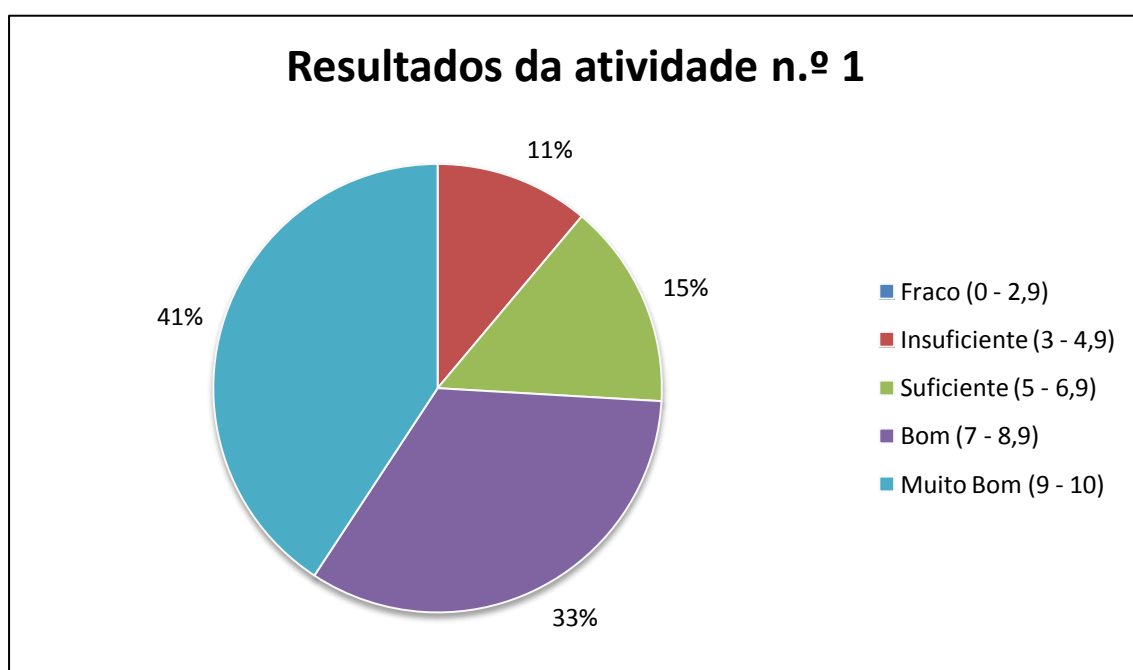


Figura 9 – Gráfico com o resultado da atividade n.º 1

3.3.6. Análise do gráfico dos resultados da atividade n.º 1

O gráfico de resultados da atividade n.º1 informa que de um total de vinte e sete alunos (100%), 41% tiveram Muito Bom, 33% tiveram Bom, 15% tiveram Suficiente e 11% dos alunos tiveram Insuficiente.

De modo a melhorar o desempenho dos alunos com classificação Insuficiente poderia relembrar os constituintes da planta e solicitar a colaboração dos alunos com mais dificuldades para legendar o esquema no quadro.

3.3. Dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

A proposta de trabalho do Domínio da Matemática foi realizada pelo Bibe Azul A, no dia 7 de dezembro de 2010. A referida turma é composta por 27 alunos e estavam todos presentes na data de realização desta atividade.

3.3.1. Descrição dos parâmetros e critérios

Identificação da noção de número: pretende-se que o aluno tenha a noção da quantidade que é representada por um determinado algarismo.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Desenhou quatro tartarugas;
- Desenhou três tartarugas;
- Desenhou duas tartarugas;
- Desenhou uma tartaruga;
- Não desenhou nenhuma tartaruga.

Orientação espacial: pretende-se que o aluno perceba os conceitos de exterior e interior. Foram estabelecidos os seguintes critérios:

Desenhou tartarugas no interior do lago

- Desenhou duas tartarugas;
- Desenhou uma tartaruga;
- Não desenhou nenhuma tartaruga.

Desenhou tartarugas no exterior do lago

- Desenhou duas tartarugas;
- Desenhou uma tartaruga;
- Não desenhou nenhuma tartaruga.

3.3.2. Grelha de critérios e cotações

Quadro 17 – Grelha de critérios e cotações da atividade n.º 2

Parâmetros	Critérios			Cotações
1. Identificação da noção de número	Desenhou cinco tartarugas.		5	5
	Desenhou quatro tartarugas.		4	
	Desenhou três tartarugas.		3	
	Desenhou duas tartarugas.		2	
	Desenhou uma tartaruga.		1	
	Não desenhou nenhuma tartaruga.		0	
2. Orientação espacial	Desenhou tartarugas no interior do lago	Desenhou duas tartarugas.	2	5
		Desenhou uma tartaruga.	1	
		Não desenhou nenhuma tartaruga.	0	
	Desenhou tartarugas no exterior do lago	Desenhou três tartarugas	3	
		Desenhou duas tartarugas.	2	
		Desenhou uma tartaruga.	1	
		Não desenhou nenhuma tartaruga.	0	
	TOTAL			

3.3.3. Grelha de avaliação da atividade n.º 2

Quadro 18 – Grelha de avaliação da atividade n.º 2.

Questão: Parâmetros: Cotação:	1		Total
	Noção de número	Orientação espacial	
	5	5	10
Número do aluno			
1	4	4	8
2	5	5	10
3	4	4	8
4	5	5	10
5	3	3	6
6	5	5	10
7	5	5	10
8	5	5	10
9	5	5	10
10	5	5	10
11	2	2	4
12	4	4	8
13	3	3	6
14	4	4	8
15	5	5	10
16	4	4	8
17	2	2	4
18	4	4	8
19	5	5	10
20	5	5	10
21	5	5	10
22	5	5	10
23	3	3	6
24	5	5	10
25	1	1	2
26	3	3	6
27	5	5	10
Média por questão:	7,9		7,9

3.3.4. Descrição da grelha de avaliação da atividade n.º 2

A grelha de avaliação da atividade n.º 2 informa que, dos vinte e sete alunos que realizaram a atividade, três alunos obtiveram classificação negativa e vinte e quatro obtiveram classificação positiva.

Esta proposta tinha como parâmetros a identificação da noção de número e a orientação espacial. Deste modo, através da observação da grelha é possível concluir que, no 1.º parâmetro, catorze alunos desenharam cinco tartarugas, seis alunos desenharam quatro tartarugas, quatro alunos desenharam três tartarugas, dois alunos desenharam apenas duas tartarugas e apenas um aluno desenhou uma tartaruga.

No que diz respeito ao 2.º parâmetro, Orientação Espacial, catorze alunos desenharam duas tartarugas no interior e três tartarugas no exterior do lago, seis alunos desenharam duas tartarugas no interior e duas tartarugas no exterior do lago, quatro alunos desenharam duas tartarugas no interior e apenas uma no exterior do lago, dois alunos desenharam duas tartarugas no interior do lago e um aluno desenhou apenas uma tartaruga no exterior do lago.

3.3.5. Apresentação dos resultados da atividade n.º 2

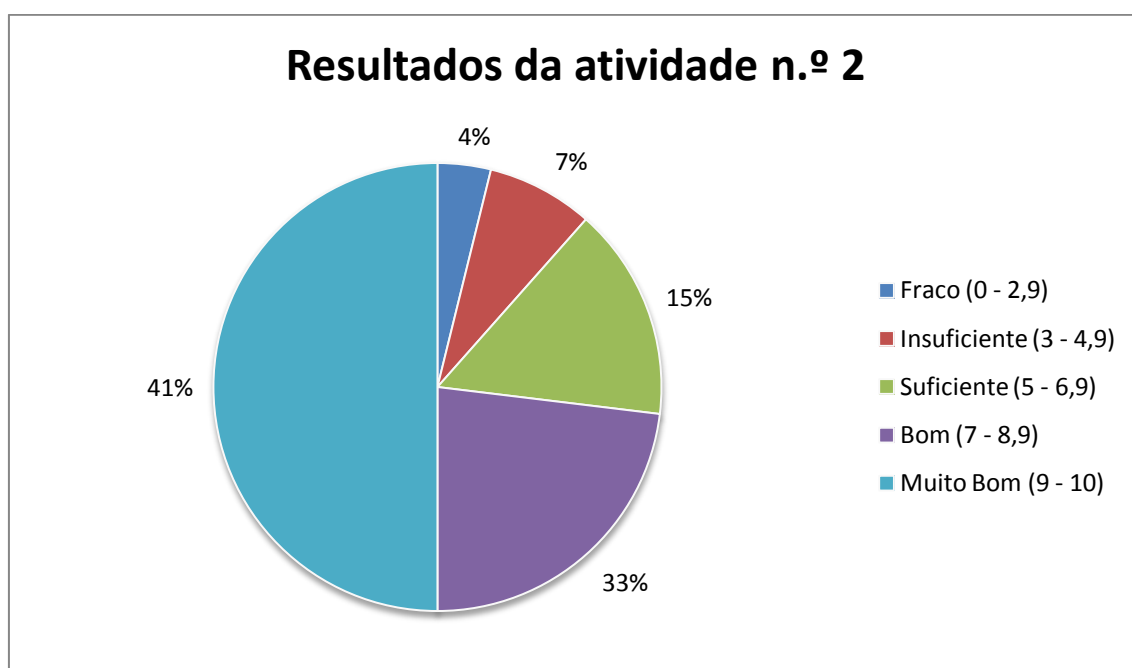


Figura 10 – Gráfico com o resultado da atividade n.º 2.

3.3.6. Análise do gráfico dos resultados da atividade n.º 2

O gráfico de resultados da atividade n.º 2 informa que de um total de vinte e sete alunos (100%), 41% tiveram Muito Bom, 33% tiveram Bom, 15% tiveram Suficiente, 7% tiveram Insuficiente e 4% dos alunos tiveram Fraco.

3.4. Dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa

A proposta de trabalho da área de Língua Portuguesa foi realizada pela turma 1.º B, no dia 24 de maio de 2011. A referida turma é composta por 27 alunos e estavam todos presentes na data de realização desta atividade.

3.4.1. Descrição dos parâmetros e critérios

Identificação da sílaba tónica: pretende-se que o aluno leia as palavras e circunde a sílaba tónica de cada uma.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Identifica a sílaba tónica em 6 palavras;
- Identifica a sílaba tónica em 5 palavras;
- Identifica a sílaba tónica em 4 palavras;
- Identifica a sílaba tónica em 3 palavras;
- Identifica a sílaba tónica em 2 palavras;
- Identifica a sílaba tónica em 1 palavra;
- Não identifica nenhuma sílaba tónica.

Classificação de palavras quanto à sílaba tónica: pretende-se que o aluno classifique as palavras de acordo com a posição da sílaba tónica (esdrúxula, grave ou aguda) e as escreva no local correto.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

Classifica como palavra esdrúxula

- Classifica corretamente 2 palavras;
- Classifica corretamente 1 palavra.

Classifica como palavra grave

- Classifica corretamente 2 palavras;
- Classifica corretamente 1 palavra.

Classifica como palavra aguda

- Classifica corretamente 2 palavras;
- Classifica corretamente 1 palavra.

3.4.2. Grelha de critérios e cotações

Quadro 19 – Grelha de critérios e cotações da atividade n.º 3

Parâmetros	Critérios			Cotações
1. Identificação da sílaba tónica	Identifica a sílaba tónica em 6/5 palavras.		4	4
	Identifica a sílaba tónica em 4/3 palavras.		3	
	Identifica a sílaba tónica em 2 palavras.		2	
	Identifica a sílaba tónica em 1 palavra.		1	
	Não identifica nenhuma sílaba tónica.		0	
2. Classificação de palavras quanto à posição da sílaba tónica	Classifica como palavra esdrúxula	Classifica corretamente 2 palavras.	2	6
		Classifica corretamente 1 palavras.	1	
		Classifica corretamente 0 palavras.	0	
	Classifica como palavra grave	Classifica corretamente 2 palavras.	2	
		Classifica corretamente 1 palavra.	1	
		Classifica corretamente 0 palavras.	0	
	Classifica como palavra aguda	Classifica corretamente 2 palavras.	2	
		Classifica corretamente 1 palavra.	1	
		Classifica corretamente 0 palavras.	0	
TOTAL				10

3.4.3. Grelha de avaliação da atividade n.º 3

Quadro 20 – Grelha de avaliação da atividade n.º 3.

	1		Total
	Identificação da sílaba tónica	Classificação de palavras quanto à posição da sílaba tónica	
	4	6	10
Número do aluno			
1	4	6	10
2	4	6	10
3	4	4	8
4	4	5	9
5	4	0	4
6	3	4	7
7	4	6	10
8	4	6	10
9	4	6	10
10	4	6	10
11	4	6	10
12	4	6	10
13	4	6	10
14	4	6	10
15	4	6	10
16	4	6	10
17	3	0	3
18	4	5	9
19	4	6	10
20	4	6	10
21	4	5	9
22	4	6	10
23	2	2	4
24	4	6	10
25	4	6	10
26	4	6	10
27	4	6	10
Média por questão:	9		9

3.4.4. Descrição da grelha de avaliação da atividade n.º 3

A grelha de avaliação da atividade n.º 3 informa que, dos vinte e sete alunos que realizaram a atividade, três alunos obtiveram classificação negativa e vinte e quatro alunos obtiveram classificação positiva.

Esta proposta tinha como parâmetros a identificação da sílaba tónica e a classificação de palavras quanto à sílaba tónica. Deste modo, através da observação da grelha é possível concluir que, no 1.º parâmetro, vinte e quatro alunos identificaram a sílaba tónica em 6/5 palavras, dois alunos identificaram a sílaba tónica em 4/3 palavras e apenas um aluno identificou a sílaba tónica numa palavra.

No que diz respeito ao 2.º parâmetro, dezanove alunos classificaram corretamente seis palavras, três alunos classificaram corretamente cinco palavras, dois alunos classificaram corretamente quatro palavras, um aluno classificou corretamente apenas duas palavras e dois alunos não classificaram corretamente nenhuma palavra

3.4.5. Apresentação dos resultados da atividade n.º 3 em gráfico

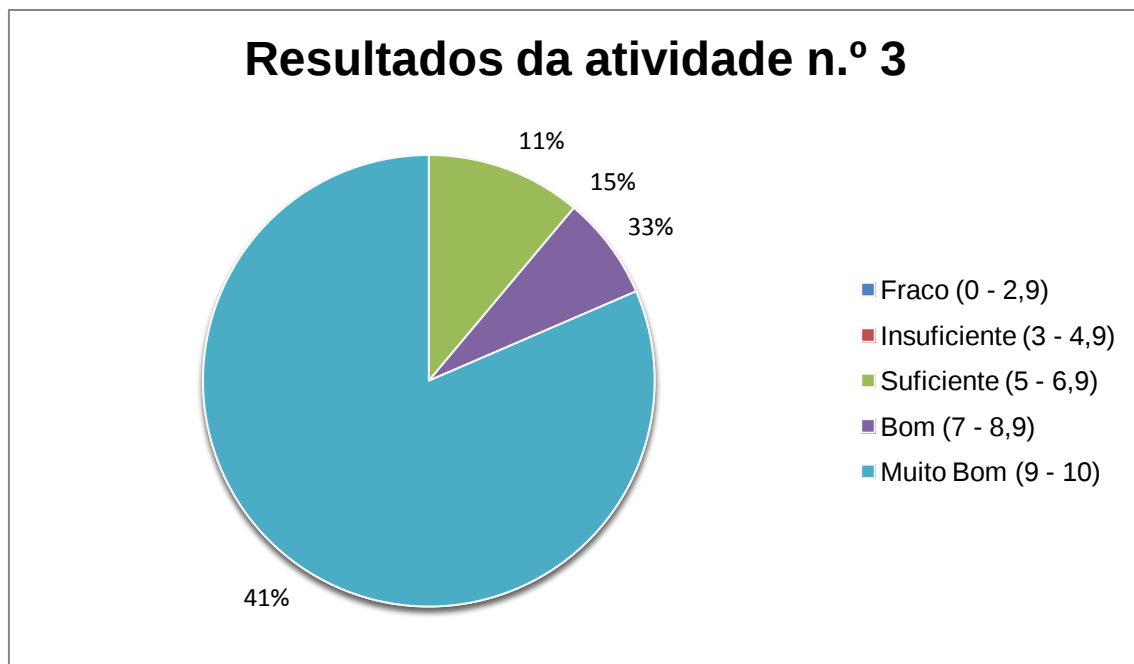


Figura 11 – Gráfico com o resultado da atividade n.º 3.

3.4.6. Análise do gráfico dos resultados da atividade n.º 3

O gráfico de resultados da atividade n.º 3 informa que de um total de vinte e sete alunos (100%), 41% tiveram Muito Bom, 33% tiveram Bom, 0% tiveram Suficiente e 11% dos alunos tiveram Insuficiente.

3.5. Dispositivo de avaliação de Matemática

A proposta de trabalho da área de Matemática foi realizada pela turma 1.º B, no dia 24 de maio de 2011. A referida turma é composta por 27 alunos e estavam todos presentes na data de realização desta atividade.

3.5.1. Descrição dos parâmetros e critérios

Conhece as ordens que constituem um número: pretende-se que o aluno seja capaz de identificar o algarismo de ordem 1.

- Identifica e pinta de verde o algarismo de ordem 1;
- Não identifica o algarismo de ordem 1.

Tem noção do valor do algarismo inserido no número: pretende-se que o aluno identifique os algarismos de maior valor absoluto e relativo.

- Identifica e pinta de amarelo o algarismo de maior valor absoluto;
- Não identifica o algarismo de maior valor absoluto;
- Identifica e pinta de azul o algarismo de maior valor relativo;
- Não identifica o algarismo de maior valor relativo.

Conhece as classes e as ordens que constituem um número: pretende-se que o aluno identifique os algarismos das unidades de milhares e das centenas de unidades.

- Identifica e pinta de encarnado o algarismo das unidades de milhares;
- Não identifica o algarismo das unidades de milhares;
- Identifica e pinta de cor de laranja o algarismo das centenas de unidades;
- Não identifica o algarismo das centenas de unidades.

Realiza a leitura do número por classes: pretende-se que o aluno seja capaz de realizar a leitura do número por classes.

- Refere duas classes que constituem o número;
- Refere uma classe que constituiu o número;
- Não refere nenhuma classe que constitui o número.

Realiza a leitura do número por ordens: pretende-se que o aluno seja capaz de realizar a leitura do número por ordens.

- Refere as cinco ordens que constituem o número;
- Refere apenas quatro ordens que constituem o número;
- Refere apenas três ordens que constituem o número;
- Refere apenas duas ordens que constituem o número;
- Refere apenas umas das ordens que constituem o número;
- Não refere nenhuma das ordens que constituem o número.

3.5.2. Grelha de critérios e cotações

Quadro 21 – Grelha de avaliação da atividade n.º 4.

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Identificação das ordens que constituem um número	Identifica e pinta de verde o algarismo de ordem 1.	1	1
	Não identifica o algarismo de ordem 1.	0	
2. Aplicação da noção do valor do algarismo inserido no número	Identifica e pinta de amarelo o algarismo de maior valor absoluto.	1	2
	Não identifica o algarismo de maior valor absoluto.	0	
	Identifica e pinta de azul o algarismo de maior valor relativo.	1	
	Não identifica o algarismo de maior valor relativo.	0	
3. Conhecimento das classes e as ordens que constituem um número	Identifica e pinta de encarnado o algarismo das unidades de milhares.	1	2
	Não identifica o algarismo das unidades de milhares.	0	
	Identifica e pinta de cor de laranja o algarismo das centenas de unidades	1	
	Não identifica o algarismo das centenas de unidades.	0	
4. Realização da leitura do número por classes	Refere duas classes que constituem o número.	2	2
	Refere uma classe que constitui o número.	1	
	Não refere nenhuma classe que constitui o número.	0	
5. Realização da leitura do número por ordens	Refere as cinco ordens que constituem o número.	3	3
	Refere apenas quatro ordens que constituem o número.	2.4	
	Refere apenas três ordens que constituem o número.	1.8	
	Refere apenas duas ordens que constituem o número.	1.2	
	Refere apenas uma das ordens que constituem o número.	0.6	
	Não refere nenhuma das ordens que constituem o número.	0	
TOTAL			10

3.5.3. Grelha de avaliação da atividade n.º 4

Quadro 22 – Grelha de avaliação da atividade n.º 4.

	Critérios					Total
	Identificação das ordens que constituem o número	Aplicação da noção de algarismo	Conhecimentos sobre as classes e ordens do número	Realização da leitura de números por classes	Realização da leitura de números por ordens	
	1	2	2	2	3	
Número do aluno						
1	1	1	2	2	3	10
2	1	2	2	0	0	5
3	0	2	2	2	3	9
4	1	2	2	2	3	10
5	1	2	2	2	3	10
6	1	0	2	2	3	8
7	1	2	2	2	3	10
8	1	2	2	2	3	10
9	1	2	2	2	3	10
10	1	2	2	2	3	10
11	1	2	2	0	0	5
12	1	0	2	2	3	8
13	1	2	2	2	3	10
14	0	0	0	2	3	5
15	1	2	2	2	3	10
16	1	2	1	0	3	7
17	1	1	2	2	3	9
18	1	2	2	2	3	10
19	1	2	2	0	0	5
20	1	2	1	2	3	9
21	1	1	2	2	3	9
22	1	2	2	2	3	10
23	1	2	2	2	3	10
24	1	2	2	2	3	10
25	1	2	2	2	0	7
26	1	2	2	2	3	10
27	1	2	2	2	3	10
Média por questão:	0.93	1.66	1.85	1.70	2.55	8.74

3.5.4. Descrição da grelha de avaliação da atividade n.º 4

A grelha de avaliação da atividade n.º 4 informa que, dos vinte e sete alunos que realizaram a atividade, vinte e sete alunos obtiveram classificação positiva.

Esta proposta tinha como parâmetros a identificação das ordens do número, a aplicação da noção de algarismo, os conhecimentos sobre as classes e ordens, a realização da leitura de números por classes e por ordens.

No 1.º parâmetro, vinte e cinco alunos identificaram o algarismo de ordem 1 e dois alunos não o identificaram. No 2.º parâmetro, vinte e um alunos identificaram os algarismos de maior valor absoluto e relativo, três alunos identificaram apenas um desses algarismos e três alunos não identificaram nenhum dos algarismos.

No 3.º parâmetro, vinte e quatro alunos identificaram o algarismo das unidades de milhares e o das centenas de unidades, dois alunos identificaram apenas um destes algarismo e um aluno não identificou nenhum dos algarismos.

No 4.º parâmetro, vinte e três alunos realizaram a leitura do número por classes e quatro alunos não realizaram a referida leitura.

Por último, no 5.º parâmetro, vinte e três alunos realizaram a leitura do número por classes e quatro alunos não realizaram a referida leitura.

3.5.5. Apresentação dos resultados da atividade n.º 4 em gráfico

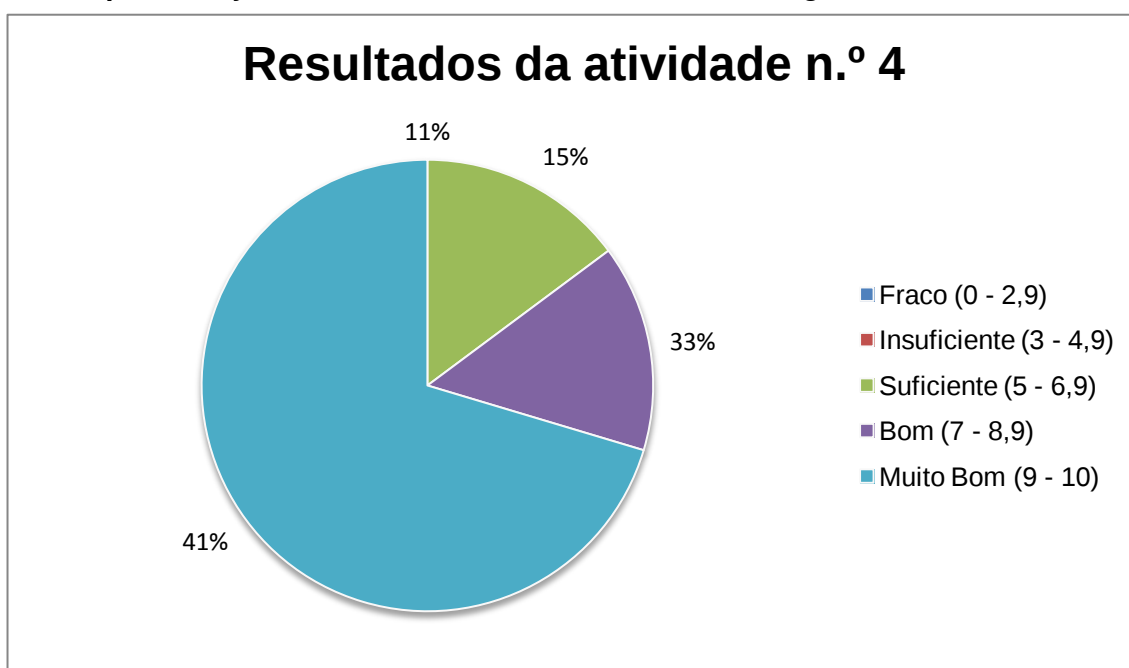


Figura 12 – Gráfico com o resultado da atividade n.º 4.

3.5.6. Análise do gráfico dos resultados da atividade n.º 4

O gráfico de resultados da atividade n.º 4 informa que de um total de vinte e sete alunos (100%), 41% tiveram Muito Bom, 33% tiveram Bom e 15% tiveram Suficiente.

Reflexão Final

1. Considerações Finais

Com a conclusão deste relatório chega ao final uma etapa da minha vida realizada na Escola Superior de Educação João de Deus.

Este percurso foi repleto de aprendizagens significativas que, como profissional, sempre terei em conta, e que como pessoa serão sempre bases de vida e princípios orientadores para o futuro.

O curso, que agora termino, permitiu-me aprofundar e adquirir novos conhecimentos e aplicá-los durante o estágio profissional. Da mesma forma o estágio profissional, exigido neste curso, proporcionou-me o contacto com crianças de diferentes faixas etárias e professores com diferentes métodos de ensino, o que me possibilitou conhecer diferentes realidades educativas.

A prática possui, sem dúvida, um papel de destaque, dado que é neste campo que, como estagiários, podemos experimentar a, tal como defende Loughram (s.d., citado por Flores e Simão, 2009), “se os alunos futuros professores sentirem genuinamente o que é ensinar e aprender através de experiências autênticas, há maior probabilidade de encararem a situação de uma forma (...) mais significativa” (p.27).

Com este curso aprendi, para além de todos os conteúdos teóricos, que existem diversas formas de ensinar e que estas podem constituir práticas estimulantes e motivadoras quer para os professores, quer para os próprios alunos.

Estas vivências, a par com a necessária reflexão sobre as mesmas, promovem a construção de saber e a aquisição de novas metodologias, assim como o melhoramento das já praticadas, devendo estas ser sempre acompanhadas, ao longo da vida profissional, de novas e enriquecedoras acções de formação quer na obtenção de novos conhecimentos e práticas profissionais, quer no âmbito do enriquecimento cultural e intelectual.

Concluo, referindo que a pesquisa, essencial para a redação deste relatório, e as experiências que vivi durante este curso, vão ser essenciais para o meu futuro como docente, por me terem fornecido meios e conhecimentos que me permitem proporcionar um ensino eficaz.

2. Limitações

Uma das limitações que considero importante referir é o facto de o estágio ser realizado sempre no período da manhã, o que impede a observação de algumas áreas curriculares como, por exemplo, História de Portugal. Por este motivo, os relatos são na sua maioria referentes a aulas de Língua Portuguesa ou Matemática.

O modo como é feito o empréstimo dos livros também não favorece a consulta dos mesmos, porque muitas vezes os livros não são devolvidos dentro do prazo o que impede a consulta dos mesmos por outros colegas. Penso que deveriam existir exemplares apenas para consulta, deste modo existia sempre a possibilidade de consultar os livros na escola.

Apesar de a Escola Superior de Educação possuir uma vasta e diversificada coleção de livros, houve algumas temáticas que exigiram a deslocação a outras bibliotecas.

3. Novas Pesquisas

Como professores é importante que tenhamos consciência da importância de nos mantermos atualizados e em constante pesquisa e formação. Com a conclusão desta etapa não pretendo terminar de estudar e de investir na minha formação porque um docente em constante pesquisa promove uma melhor aquisição de conhecimentos por parte dos seus alunos.

Uma área que prende a minha atenção e que tenciono estudar e aprofundar é a de Necessidades Educativas Especiais, porque cada vez mais, existem crianças com essas necessidades integradas no jardins de infância e nas escolas de 1.º Ciclo.

Considero que uma intervenção precoce nesta área, ao nível do Pré-Escolar, através de um acompanhamento próximo destas crianças, permitirá o desenvolvimento cognitivo das mesmas, bem como a integração das mesmas num ensino considerado eficaz e que lhes permita uma melhor vida futura.

Referências Bibliográficas

Abrantes, P. (2003). *Os sentidos da escola. Identidades juvenis e dinâmica de escolaridade*. Oeiras: Celta.

Abreu, I. & Sequeira, A. P. & Escoval, A. (1990). *Ideias e histórias. Contributos para uma educação participada*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: Editores ASA.

Aguera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância: actividades rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras.

Alarcão e Tavares (2003). *Supervisão da prática pedagógica – uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. (2.^a ed.). Coimbra: Edições Almedina.

Alarcão, I. e Roldão, M. (2008). *Supervisão – um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Lisboa, Mangualde: Edições Pedagogo. Almeida, A. (1998) *Visitas de estudo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Alonso, L., & Roldão, M. (Ed.). (2005). *Ser professor do 1.º ciclo: construindo a profissão*. Coimbra: Edições Almedina.

Arends, R. I. (1999). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw - Hill de Portugal Lda.

Azevedo, F. (2000). *Ensinar e aprender a escrever através e para além do erro*. Porto: Porto Editora.

Bartolomeis, F. (1999). *Avaliação e orientação: objectivos, instrumentos, métodos*. Lisboa: Horizonte.

Borràs, L. (2001a). *Os docentes do 1.º e do 2.º ciclos do ensino básico – áreas curriculares I – Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio*. Setúbal: Marina Editores.

Borràs, L. (2001b). *Os docentes do 1.º e do 2.º ciclos do ensino básico – áreas curriculares II – Educação Visual e Plástica, Educação Musical, Educação Física, Educação Cívica, Eixos Transversais*. Setúbal: Marina Editores.

Borràs, L. (2002). *Manual da educação infantil: recursos e técnicas para a formação no século XXI*. Setúbal: Marina Editores.

Botelho, A. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal*. Dissertação de Doutoramento inédita. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Braga, F. (2001). *Formação de professores e identidade profissional*. Coimbra: Tipografia Lousanense.

Brown, S., Race, P., & Smith, B. (2000). *Guia da avaliação*. Lisboa: Editorial Presença.

Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Canavarro, J. M. P.; Pereira, A. I. F. e Pascoal, P. (2001) *Diferenciação Pedagógica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Castro, J. e Rodrigues, M. (2008). *Sentido de número e organização de dados*. Lisboa: Ministério da Educação.

Colomer, T., & Camps, A. (2002). *Ensinar a ler ensinar a compreender*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.

Condemarín, M. e Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Artes Médicas

Cordeiro, M. (2009). *O livro da criança*. Lisboa: A esfera dos Livros.

Craidy, C., & Kaercher, G. (2001). *Educação infantil - Para que te quero?* Porto Alegre: Artmed Editora.

Cunha, A. C. (2008). *Ser professor – bases de uma sistematização teórica*. Braga. Casa do Professor

Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes - como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais: Pergaminho

Custódio, L. (2003). *Adivinhas no jardim-de-infância*. Porto: Ambar.

Damas, E. Oliveira, V. Nunes, R. & Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática: guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal.

Damião, M. H. (1996). *Pré, inter e pós acção. Planificação e avaliação em pedagogia*. Coimbra: Livraria Minerva Editora.

Despacho Normativo n.º1/2005, de 5 de janeiro.

Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação*. Lisboa: Editorial Presença.

Felton-Collins, V. Peterson, R. (1998). *Manual de Piaget para os professores e pais*. Lisboa: Instituto Piaget.

Ferreira, C. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Ferreira, M. e Santos, M. (1994). *Aprender a ensinar, ensinar a aprender*. Porto: Edições Afrontamento.

Fonseca, A., Silva, A., Guimarães, A., Novo, C., Rocha, D., Cardona, M., Pagarete, M. & Marques, P. (2008). *Aprender e ensinar no jardim-de-infância e na escola*. Chamusca: Edições Cosmos.

Franco, J. (1999). *A poesia como estratégia*. Porto: Campo das Letras.

Freitas, L., & Freitas, C. (2003). *Aprendizagem cooperativa*. Porto: Edições ASA.

Gomes, J. A. (1996). *Da nascente à voz. Contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Caminho.

Hohmann, M., Banet, B., Weikart, D. (1984). *A criança em acção*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian

Hohmann, M., Weikart, D. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens. Um guia para pais e educadores*. Porto: Asa Editores, S.A..

Lopes, J. (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em jardim-de-infância*. Porto: ASA Editores.

Magalhães, V. (2008). *A Promoção da Leitura Literária na Infância: Um Mundo de Verdura a não Perder*. In O. Sousa & A. Cardoso (ed.). *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais; p. 55-73.

Manzano, M. G. (1988). *A criança e a leitura*. Porto: Porto Editora.

Martins, I., Veiga, M., Teixeira, F., Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F., & Pereira, S. (2009). *Despertar para a ciência actividades dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: Ministério da Educação.

Matos, J. e Serrazina, L. (1988). *O geoplano na sala de aula*. Editora: Associação de Professora de Matemática.

Ministério da Educação (2008) *Orientações para actividades de leitura educação pré-escolar*. Mem Martins: Ministério da Educação

Ministério da Educação (2004). *Organização curricular e programas. Ensino básico – 1.º Ciclo* (4.ª ed.). Mem Martins: Ministério da Educação

Ministério da Educação (2002). *Currículo nacional do ensino básico – competências essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Monteiro, M. (1995). *Intercâmbios e visitas de estudo*. In A. D. Carvalho (Org.). *Novas metodologias em educação*. Porto: Porto Editora.

Moreira, D. & Oliveira, I. (2003) *Iniciação à matemática no jardim-de-infância*. Lisboa: Universidade Aberta.

Moreira, D., Oliveira, I. (2004). *O jogo e a matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.

Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Lisboa: Editorial Presença.

Neto, C. (2003). *Jogo & desenvolvimento da criança*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana Edições.

Nóvoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.

Pacheco, J. A. B. (1995). *Formação de professores*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.

Pérez, M. R. (s.d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem e de ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Peterson, P. D. (2003). *Professor do ensino básico – Perfil e formação*. Lisboa: Piaget.

Pires, J. P. (2003). *Educar para os valores*. Tese de Mestrado Inédita. Lisboa: Texto Editora.

Quivy, R. & Campenhout, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rabinovich, S. B. (2007). *O espaço do movimento na educação infantil. Formação e experiência profissional*. São Paulo: Phorte Editora.

Reis, M. P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de doutoramento inédita. Málaga: Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Ribeiro, A. C., & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação de ensino- aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Robinson, N. (1999). *Enciclopédia do origami*. Lisboa: Dinalivro.

Roldão, M. C. (1995). *Estudo do meio no 1.º ciclo. Fundamentos e estratégias*. Lisboa: Texto Editora.

Ruas, B. M. & Grosso, C. (2004). *Estatística e combinatória e probabilidades*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Ruivo, I. (2009). *Um novo olhar sobre o método da leitura João de Deus*. Tese de Doutoramento inédita. Universidade de Málaga. Departamento Didático da Língua e da Literatura da Faculdade de Ciências da Educação.

Santos, A. S. (1999). *Estudos de psicopedagogia e arte*. Lisboa: Livros Horizonte.

Severino, M. A. (2007). *Supervisão em educação de infância: supervisores e estilos de supervisão*. Évora: Editorial Novembro.

Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: ASA Editores.

Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação - música e artes plástica*. Lisboa: Instituto Piaget.

Spodek, B. & Saracho O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Teberosky, A., Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever - uma proposta construtiva*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Vieira, H. (2005). *A comunicação na sala de aula*. Lisboa: Presença.

Vilar, A. M. (1998). *O professor planificador* (3.ª ed.). Porto: Edições Asa.

Zabalza, M. A. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola* (2.ª ed.). Rio Tinto: Edições Asa.

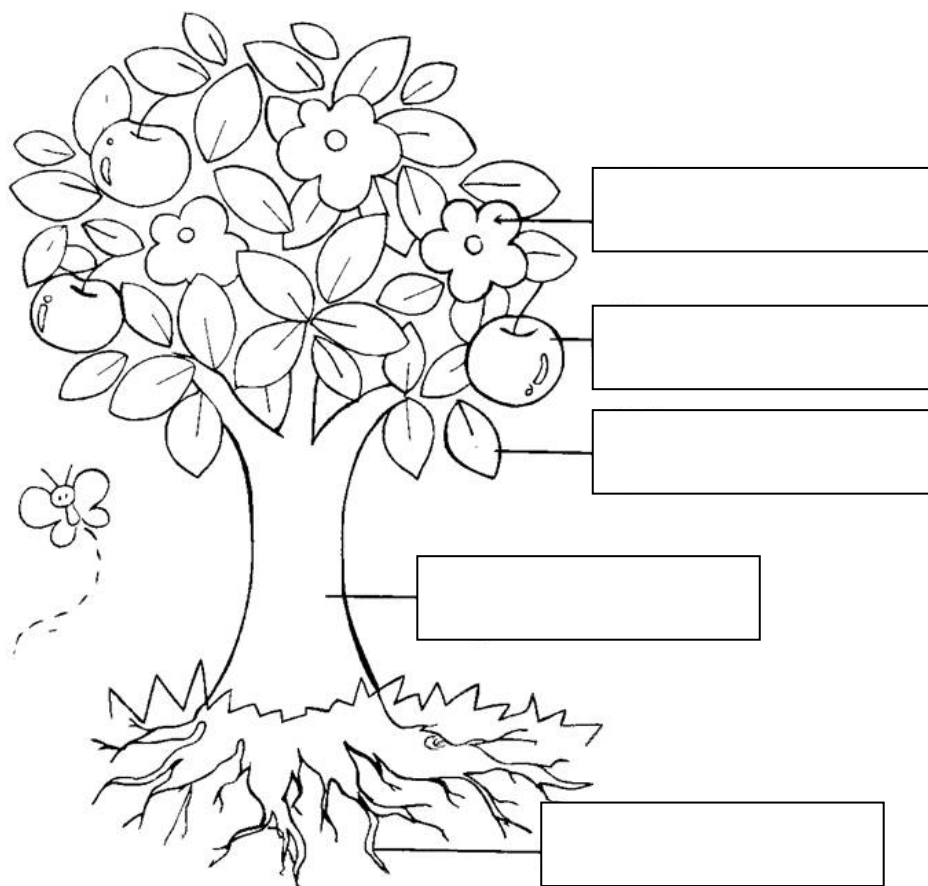
Zabalza, M. A. (1998). *Didáctica da educação infantil*. Rio Tinto: Edições Asa.

Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores. Ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

Anexo A – Proposta de trabalho de Conhecimento do Mundo

Conhecimento do Mundo

- o Faz a legenda das partes que constituem da planta



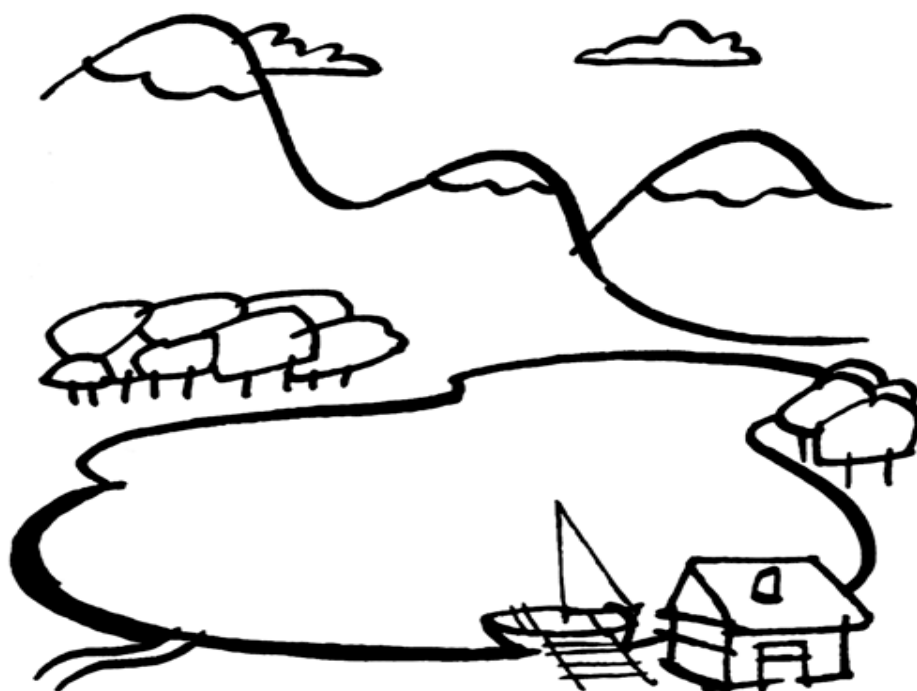
Nome: _____ Data: _____

Proposta de trabalho elaborada pela estagiária Ana Rita Filipe MPE1C

Anexo B – Proposta de trabalho do Domínio de Matemática

Matemática

- o Desenha três tartarugas no interior do lago e duas tartarugas no exterior do lago.



Nome: _____ Data: _____

Proposta de trabalho elaborada pela estagiária Ana Rita Filipe MPE1C

Anexo C – Proposta de trabalho de Língua Portuguesa

Jardim-Escola João de Deus - Olivais
Proposta de trabalho - Língua Portuguesa
1º Ano

Nome: _____ Data: ____/____/____

Sílaba tónica - é a sílaba que é pronunciada com mais intensidade.

Ex.

ca	mi	sa
----	----	----

 → Última sílaba
 ↓
 Penúltima sílaba
 Antepenúltima sílaba

Esdrúxulas	Graves	Agudas
Palavras em que a sílaba tónica é a antepenúltima sílaba.	Palavras em que a sílaba tónica é a penúltima sílaba.	Palavras em que a sílaba tónica é a última sílaba.

1. Escreve as seguintes palavras de acordo com o grupo a que pertencem.

salgada	sábado	fábrica	carteira	índice
verdade	livros	excursão	apareceu	sentar

Esdrúxulas

Graves

Agudas

Anexo D – Proposta de trabalho de Matemática

Jardim-Escola João de Deus - Olivais

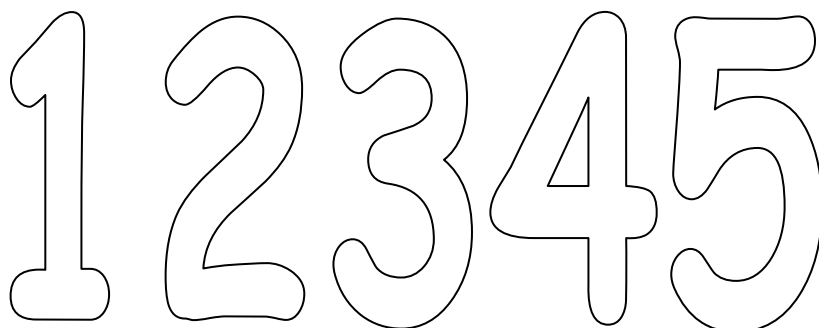
Proposta de trabalho - Matemática

1º Ano

Nome: _____ Data: ____/____/____

1. Pinta:

- De amarelo o algarismo de maior valor absoluto.
- De azul o algarismo de maior valor relativo.
- De verde o algarismo de ordem 1.
- De encarnado o algarismo das unidades de milhares.
- De cor-de-laranja o algarismo das centenas de unidades.



2. Escreve a leitura do número 12345:

- Por classes: _____

- Por ordens: _____

Proposta de trabalho elaborada pela estagiária Ana Rita Filipe MPE1C

